

MD Magno



Comunicação e Cultura na Era Global

NOVAMENTE
editora

MD Magno

***COMUNICAÇÃO E CULTURA
NA ERA GLOBAL***

Seminário 1997



NOVamente
editora

NOVAMENTE
editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2005 © MD Magno

Preparação do texto
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Amaury Fernandes, Ana Paula Sampaio e Raphael Carneiro

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176c

Magno, M.D. 1938 -

Comunicação e cultura na era global / M. D. Magno ; [preparação de texto: Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros]. – Rio de Janeiro : Novamente, 2005.

408 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87727-12-5

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Silveira Junior, Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

*“ O maior prêmio digno de um filósofo
ainda é uma taça de cicuta”.*

SAMUEL RAWET

AGRADECIMENTO:

aos que me deram este livro:

Aristides Alonso

Nelma Medeiros

Patrícia Coelho

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Rosane Araujo

Sumário

1. *AGNUS DEI*

Considerações sobre comunicação, cultura e globalização a partir do problema da modernidade – Apresentação das bases conceituais da Nova Psicanálise – Esclarecimento sobre a idéia de transcendência imanente.

15

2. ALEI / REVIRÃO

Explicação do *princípio de catoptria* – Construção topológica do Revirão – Revirão como modelo de operação da mente – Apresentação dos registros de recalque: Originário, Primário e Secundário – Recalque como princípio de entendimento da cultura.

35

3. A ORDEM IMPLÍCITA

Dinâmica do recalque a partir do Revirão – Recalque Originário como possibilidade de reviramento – Recalque Primário e Secundário como impossibilidade modal de reviramento – Primário é modelo para as formações do Secundário – Secundário: possibilidade de transcrição do Primário – Ordem implícita dos recalques como hierarquia entre os registros Primário, Secundário e Originário.

55

4. O CREODO CULTURAL I

Decantação do Secundário produz neo-etologia – Ordem implícita dos recalques impõe creodo cultural ou caminho obrigatório – Introdução à teoria dos Cinco Impérios – No Primeiro Império (d'AMÃE) Primário é referência sintomática de vinculação – No Segundo Império (d'OPAI) passagem de Primário a Secundário é referência sintomática de vinculação – No Terceiro Império (d'OFILHO) Secundário é referência sintomática de vinculação – Interdição do incesto é invenção do Neolítico.

71

5. O CREODO CULTURAL II

No Quarto Império (d'OESPÍRITO) passagem do Secundário ao Originário é referência sintomática de vinculação – Fundação de Quarto Império é fundação de Modernidade – Características do Quarto Império – Quinto Império (do AMÉM) tem como referência o Originário – Questões sobre *destemporalização* no Quarto Império.

89

6. OESPÍRITO, AMÉM

Fundamento místico do pensamento e experiência de eternidade – Questões sobre autonomia e independência – Exame da oposição holismo x individualismo – Proposição de soberania da Idioformação (*individuholismo*) – Ética e política segundo a Nova Psicanálise.

107

7. ESTRATOS DE FORMAÇÕES CULTURAIS

Distinção entre renúncia na sociedade de castas e indiferença – Proposição dos *Estratos das Formações* – Estrato Recalque explica creodo antrópico – Estrato Pulsão (Haver desejo de não-Haver) define sexualidade – Sexo da Morte, Sexo do Haver, Sexo Consistente e Sexo Inconsistente – Questão dos estilos (Maneiro, Clássico e Barroco) a partir dos sexos.

125

8. OS SEXOS DO HAVER

Crítica aos conceitos de falo e castração – Apresentação das fórmulas quânticas de Lacan – Redução dos conceitos de falo e castração à ALEI Haver desejo de não-Haver – Retomada dos sexos a partir d’ALEI.

145

9. O ESTRATO NOSOLÓGICO

Etrato nosológico decorre da ordem implícita – Ampliação do conceito de fixação – Entendimento vetorial das formações segundo a ordem implícita – Neurose é movimento estacionário de vetorização – Aspectos da dinâmica do recalque na neurose.

163

10. NOSOGRAFIA

Retomada da neurose a partir dos graus de reificação – Fundação mórfica: positividade genérica do polimorfismo – Morfose é movimento progressivo de vetorização – Ordem da morfose implica vontade de legiferação – Distinção entre perversidade e perversão – Averso da perversidade é fobia – Psicose é movimento regressivo de vetorização – Hiper-recalque como terceiro grau de reificação – Apresentação da *tanatose* e da *psicossomática*.

181

11. O ESTRATO ALTER/EGO

Nota sobre o verbete *Brésil* do *Dictionnaire de la Psychanalyse* – Estrato *Alter/Ego* é consideração da comunicação entre formações por efeito de hiperdeterminação – Homogeneidade e heterogeneidade nas formações do Haver – Perguntas e respostas sobre temas desenvolvidos no primeiro semestre do seminário.

201

12. O GLOBO DA MORTE

Globalização como tentativa de apagamento de fronteiras e recrudescência sintomática – Creodo cultural é consideração sintomática das emergências – Globalização como

abstração é emergência de Quarto Império – Para psicanálise movimento de indiferenciação suscita recrudescência das formações – Diagnóstico da insuficiência neo-liberal em globalizar o mercado.

221

13. COMO-ÚNICA-AÇÃO

Transformática situa Nova Psicanálise como teoria genérica da comunicação ou metapsicanálise – Conceito de *transa* ou *transação* é princípio de entendimento dos processos de vinculação – Vínculo Absoluto ou Originário; vínculos secundários (suspensivo e neo-etológico); vínculos primários – Redução de transferência, transa e comunicação à idéia de *Transe*.

241

14. TRANSAR: TRANSIR

Acepções do verbo transir – Entendimento topológico do transir – Transa é Revirão – Transa entre formações suspende embargo das resistências – Definição de *informação*, *consciência*, *conhecimento* e *sabedoria*.

257

15. A RESPIRAÇÃO D'OESPÍRITO

Comentários sobre o Simpósio *Comunicação e Cultura na Era Global* (12 e 13 SET) – Condições de instalação do Quarto Império e seus embargos – Dois problemas para a contemporaneidade: sustentação da palavra dada e regime da paranóia – Entendimento do caso Aimée como paranóia de auto-afirmação.

275

16. SOLITARIEDADES I

Vínculo Absoluto e regime de *solitariedade* como referência para as vinculações – Crítica à concepção de imperativo na ética – Ética da Nova Psicanálise é encaminhamento progressivo ao Cais Absoluto – Análise da junção de Kant com Sade na tese lacaniana sobre ética.

293

17. SOLITARIEDADES II

Análise da máxima lacaniana “não abrir mão de seu desejo” – Hipótese do fundamento psicótico do enunciado legal – Reconhecimento e suspensão de morfose e psicose n’ALEI Haver desejo de não-Haver – Referência da psicanálise é o *analista*.

311

18. “BRASIL, MOSTRA TUA CARA” I

Considerações sobre a recrudescência cultural – Entendimento da cultura brasileira a partir dos estratos – Estrato pulsão e hipótese do Brasil maneirista.

329

19. “BRASIL, MOSTRA TUA CARA” II

Estrato recalque e vocação brasileira para Quarto Império – *Macunaísmo* é elemento maneiro da cultura brasileira – Análise da sintomática “querer levar vantagem em tudo” – Equivalência entre capital e pulsão: economia pulsional.

341

20. “BRASIL, MOSTRA TUA CARA” III

Estrato Alter/Ego e *heterofagia* da sintomática brasileira – Síndrome do Mazombo como face negativa da heterofagia – Descrição das vertentes obsessiva e histérica do mazombismo – Heterofagia e mazombismo: caráter nosológico nacional – Exemplos de afirmação da sintomática brasileira: Villa-Lobos, Guimarães Rosa, Glauber Rocha.

357

21. “BRASIL, MOSTRA TUA CARA” IV

Retomada do Estrato nosológico: neurose, morfose e psicose – Estrato nosológico e base sintomática (heterofagia/mazombismo) – Distinção entre

base sintomática e sua apropriação nosológica – “Jeitinho” brasileiro é sintoma maneiro – Reiteração da tese sobre o Maneirismo.

373

22. CONCLUSÃO

Resumo das questões apresentadas no seminário – Indicações para uma teoria generalizada da comunicação – Discussão sobre comunicação entre os registros Primário e Secundário.

387

ENSINO DE MD MAGNO

403

COMUNICAÇÃO E CULTURA
NA ERA GLOBAL
Seminário 1997

1

AGNUS DEI

Na página 17 do livro intitulado *La Guerre du Goût*, A Guerra do Gosto (Paris: Gallimard, 1996) – título bem a propósito de desconfundir com o abominável mau gosto da Guerra do Golfo –, Philippe Sollers faz uma instigante citação: “Em 1945, Sartre recebia de Heidegger a estranha carta seguinte: *‘Trata-se de apreender em sua maior seriedade o instante presente do mundo, de conduzi-lo à palavra sem levar em conta o espírito de partido, as correntes, a moda e os debates de escola – a fim de que se desperte enfim a experiência decisiva na qual possamos aprender com que profundidade abissal a riqueza do ser se abriga no nada essencial’*. (...) Estaria Heidegger louco? Não, que se saiba”. Estamos, então, diante da mesmíssima proposição.

O Seminário que começa hoje está nascendo sob o signo da *Dolly*. Não é o signo do *carneiro*, mas o da ovelha, a ovelha-clone – de quem todos falamos e sobre a qual, aliás, não há novidade alguma. Nem entramos ainda este ano no signo de *áries*, que começa daqui a pouco e que é aliás aquele que inicia verdadeiramente o “ano astrológico” com seus augúrios mais ou menos fatais. Mas a ovelha, de qualquer modo, é irmã do carneiro, esse de onde vem o nome do *aríete* com que se arrombam algumas portas, a do ano por exemplo, por causa das porradas que o carneiro costuma dar com sua testa. Então, como exergo de todo este Seminário, coloquei o título do capítulo de hoje: *Agnus Dei*. Nós outros, que temos ou tivemos o hábito de frequentar certo cristianismo,

sabemos que isto significa *Cordeiro de Deus*. Antes dele, havia mesmo o famoso Bode Expiatório que, aliás, tinha função idêntica. Jesuscristinho, tadinho, foi aquele que veio para ficar no lugar do bode expiatório. Então, como o bode é uma figura tida por feia e sensual, substituíram-no pelo Cordeiro de Deus, que também era desde então um animal bem adequado para sacrifícios. Já o era para Jeová, no Velho Testamento. Em alguns momentos da liturgia cristã é comum que o padre diga: “*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis! Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo, tende piedade de nós!*” Vejam, então, onde ia chegar o cordeiro de Deus, se é que não seja o cordeiro do diabo, na medida em que, atualmente, os jornais – coniventemente com a imbecilidade obscurantista da maioria, como sóe acontecer – estão apavorados com o aparecimento de um clone, um clonezinho de ovelha, um clone do Cordeiro de Deus.

Como vemos, cada vez mais nos aproximamos da essencial possibilidade, de nossa espécie, de exercer, juntamente com o que queríamos outrora chamar de “natureza”, sua plena artificialidade. Ou seja, de ser absolutamente natural em sua loucura de criação. Digo que começamos sob o signo da Dolly justamente porque espero que ela nos ajude a tirar os pecados do mundo. Observem que a clonagem conseguida pelo artifício imediato do Secundário – isto que chamam de simbólico – é um fator de enriquecimento e de libertação, apesar do que dizem os alarmados com a situação. Afinal de contas, com isto já teremos conseguido de uma vez por todas livrar a sexualidade da obrigatoriedade da reprodução e, portanto, de todo e qualquer pecado dito original. O sexo, afinal de contas, pelo menos a partir de agora, sob o signo da Dolly, é tão somente nada mais que... um brinquedo, a sexualidade passando a ser pura ‘brincanagem’, como costume dizer. Veremos as consequências que isto terá. Pergunto eu se os alarmados com a reprodução clonada, no fundo no fundo não estarão com medo mesmo é da sexualidade assim desencadeada.

Como vêem, o título do Seminário deste ano é *Comunicação e Cultura na Era Global*. Muito contemporâneo, muito na moda, muito adequado. Gostaria de lembrar àqueles que me acompanham de longa data que a maior

parte do que direi este ano já foi apresentada em Seminários anteriores. Pouca coisa será nova, pois estou arrebanhando os desenvolvimentos teóricos que fiz durante esse tempo num conjunto de conceitos, temas e processos para aglomerá-los em torno da idéia de Comunicação e Cultura na Era Global. Durante nosso percurso retomarei os conceitos que já apresentei no passado, mas que poderão parecer novidade para quem toma conhecimento agora. O que nos interessará – é claro que passando pelas opiniões geradas neste fim de século e pelo tumulto que vem acontecendo em torno da modernidade desfigurada como pós-modernidade – é o que ocorre por aí nisso que chamamos de Cultura. Como estamos na Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem a palavra Comunicação, que é fundamental, por exemplo, em poderosos filosofemas contemporâneos em busca da idéia de uma ‘democracia’ da argumentatividade que pudesse resolver as nossas questões. E há a tal Era Global, que fingimos saber o que é, cuja vigência pretendemos estar acompanhando nos processos de disseminação do mercado aberto. Nossa questão será pensar um pouco a respeito da situação contemporânea e nos perguntar o que terá a psicanálise – evidentemente que aquela que patrocino – a dizer sobre esta ocasião, sobre o que está acontecendo, sobre o que pode acontecer ou o que se supõe virá a acontecer. Trata-se, portanto, mais uma vez, de debater sobre o que é a tal modernidade.

O que será para nós a modernidade? Qual será, para este momento que chamam de pós-moderno, o conceito de modernidade que aí possa vigorar? Será o mesmo a que outros autores, outras posições teóricas ou meramente opiniáticas, possam querer atribuir? Em primeiro lugar, para nós, *modernidade* não é *modernismo*. Este – que é certa postura de fabricação, de produção, dentro da chamada modernidade – já acabou, não há a menor dúvida. O modernismo terá começado, quem sabe, junto com os tempos chamados modernos. Veremos, durante nosso percurso, o que os autores supõem caracterizar a modernidade e o modernismo, mas, no que diz respeito à pós-modernidade e à crítica da cultura contemporânea e dos processos comunicacionais de hoje, há um denominador comum, um ‘consenso’, pelo menos quanto à idéia de moder-

nismo como sendo um *vanguardismo*. Ou seja, o que caracterizaria sobretudo o modernismo é a idéia de que o importante é que se produza o novo. Todos correm atrás de fazer algo que nunca foi feito. É justamente isto que a tal pós-modernidade põe em derrocada uma vez que tudo está misturado de cambulhada e já não se procura o novo, ou pelo menos não *apenas* o novo, se não mesmo uma grande mistura de tudo que há por aí, inclusive algum *novo* eventual. E pior, alguns autores ficam alarmados com processos vigorosos de movimentos retrô, de fuga para o passado, para o que estava ‘lá atrás’ na carreira da cultura. Donde certos racismos, certos integrismos religiosos, políticos, morais, etc.

Tudo isto, como sabem, baseado na derrocada definitiva da suposição de haver fundamentos filosóficos, religiosos, lógicos, ou quaisquer outros, para o que o século XX ainda vinha expondo como produção essencial da espécie. Não que os tais ‘fundamentos’ tenham caído por agora. Há séculos que não vão bem das pernas. O que acontece hoje é que se toma noção pública de que eles não estavam lá, de que eram meras conjecturas de alguns filósofos, religiosos, cientistas, moralistas, etc. A ciência se dá conta de que não há epistemologia garantidora de nenhum de seus processamentos, e tudo parece desembocar no grande movimento de um certo ‘democratismo’ que intenta, de todas as formas, arranjar um jeito de ‘fundamentar’ as possibilidades do futuro numa espécie de ‘consenso’ que poderia ser conseguido mediante não se sabe o quê. E existem filósofos da maior seriedade, pensadores da maior potência, tentando este caminho.

Se o modernismo – sobretudo no sentido de vanguardismo, de futurismo – não se agüenta mais, terá terminado, a modernidade – seja lá o que isto for e que tentaremos definir durante nosso encaminhamento –, esta, parece que jamais foi conseguida. Nossa posição é a seguinte: a modernidade jamais efetivamente se instalou. Então, o que chamamos hoje de pós-moderno talvez seja apenasmente a expansão, de modo algum concebida plenamente, da visão moderna, no sentido, quem sabe, da instalação definitiva de uma modernidade que se deseja e que ainda não se conseguiu. *Jamais Fomos Modernos* – este, aliás, é o título de um livro do jovem Bruno Latour, que vocês devem conhecer

e consta da bibliografia que lhes foi distribuída. Não é no mesmo sentido dele que estou dizendo que não conseguimos a modernidade. Ele o diz por outros motivos, mas efetivamente concordo com ele que jamais fomos modernos. Temos sido modernos e modernistas, mas modernos acho que ainda não conseguimos ser.

Se temos a intenção de falar durante este período sobre **Comunicação e Cultura na Era Global**, devemos definir um pouco estes termos. Há várias abordagens para eles segundo os vários autores, como veremos. Vai aqui hoje apenas uma provocação e uma abertura. Do ponto de vista do nosso uso específico dentro deste teorema psicanalítico, **defino CULTURA como sendo pura e simplesmente o modo de existência da espécie humana**. Assim, não a tomaremos do ponto de vista culturalista específico, seja em qualquer nível de antropologia, do ponto de vista estrutural ou da alta cultura assim chamada enquanto *produção* de material... cultural (quase que eu disse *bélico*). Onde há indivíduos agrupados desta espécie, isso se chama cultura. Definição de **Comunicação** – vamos ver se conseguimos chegar a ela a partir de nosso trabalho. Chegar, não como novidade, pois terminei o Seminário do ano passado indicando o lugar específico de uma teoria generalizada da comunicação para o fim do século, a que chamei de **Transformática**. E o que seria a tal **Era Global**? É esta que estamos vivendo, segundo os melhores entendidos, que supõem que o que a caracteriza é a repentina facilitação do apagamento das fronteiras. Não achei definição mais abrangente do que esta para o que se passa na cabeça, segundo tenho notícia, da maioria daqueles que a definem: há uma repentina facilitação do apagamento das fronteiras, das divisórias. Isto é o que dizem, e não o que acho. O que acho que realmente caracteriza a era global é sim certa facilidade de apagamento das fronteiras, mas em franco confronto com a recalcitrância em sustentá-las, por aqueles mesmos que propugnam pelo tal apagamento das fronteiras. Há uma recalcitrância em sustentar essas fronteiras a todo custo, a qualquer preço... onde e quando interessa sustentá-las, é claro. Há um grande movimento de aparência de apagamento das fronteiras, sobretudo no mercado – por exemplo, Chirac está aí fazendo

gracinhas para Fernando Henrique; se fosse Mitterand, seria diferente... Mas a tentativa de apagamento das fronteiras é sempre sustada justo no ponto exato onde isso se tornaria... revolucionário (desculpem o termo, que hoje é tido por gagá). É sustada antes ainda que isso se torne um passe para uma ordem inteiramente nova (de verdade). Que as esquerdas se preocupem e se apavorem com a tendência de ausentar-se do Estado como sustentação da sua sobrevivência como grupo de esquerda, tudo bem. Só que não precisam se assustar nem um pouco, pois, de modo algum, ninguém fará isso que elas temem. Não há interesse algum de Estado algum em ausentar-se para além dos interesses da situação de mercado global que existe hoje. Do contrário, não veríamos nos jornais nenhum susto, declarado através de papéis exarados até mesmo como documentos de governo, com a pobrezinha da Dolly. Fosse uma intenção aberta de minimizar radicalmente o Estado e borrar o máximo possível as fronteiras, por que estaríamos assustados com o ‘mercado’ dos clones? Então, a coisa não é bem assim. Era global é esta em que estão facilitados os apagamentos das fronteiras, mas justamente na qual a recalcitrância em sustentar as fronteiras é, evidentemente, enorme. É uma espécie de reação, de resistência à análise, à dissolução, ao apagamento das fronteiras justamente nos pontos onde tal dissolução enfraqueceria notavelmente e talvez de uma vez por todas as posturas fortemente ordenadas (pelo menos) da cultura ocidental. Estão aí, portanto, alguns caminhos para começarmos a pensar as definições desses termos.

Se quisermos tomar alguns autores poderosos, grandes autores da literatura contemporânea, poderíamos – desculpem o escatológico da apresentação – pensar em coisas como: Saramago, no *Ensaio sobre a Cegueira* (São Paulo. Cia. das Letras, 1996, p.133), onde temos a definição de cultura segundo os assustados com a destruição que se está fazendo do planeta. Não que ele tenha parado ali para definir a cultura, mas onde encontrei o seguinte trecho: “Não é só o estado a que rapidamente chegaram as sentinas, antros fétidos, como deverão ser, no inferno, os desaguadoiros das almas condenadas, é também a falta de respeito de uns ou súbita urgência de outros que, em pouquíssimo tempo, tornaram os corredores e outros lugares de passagem em retretes que

começaram por ser de ocasião e se tornaram de costume”. Comunicação? Por acaso, peguei um livro de Beckett que todos conhecem, *Malone Morre* (São Paulo: Brasiliense, 1986, p.13): “O essencial é comer e cagar. Prato e penico, penico e prato, estes são os dois pólos da vida”. Vocês vêem onde estamos. Isto é, sem falar em era global, o que poderíamos tomar como definição em pleno acordo com aqueles que acham e reclamam da destruição do planeta e do rebaixamento da cultura. Parece que a maioria está em pânico.

No papel de comentário sobre o Programa de Seminário que lhes distribuí, fiz algumas perguntas que podem nos orientar um pouco durante o percurso deste semestre quanto ao que será a tal modernidade:

Você acha que o que constitui a modernidade é o fato de que o homem vai se pensar como a fonte de suas representações e de seus atos, como seu fundamento (aquilo que freqüentemente se chama de sujeito), ou ainda como seu autor? É aí que nasce a modernidade? É isso a modernidade? Será que essa idéia de sujeito – que temos trabalhado tanto, tantos autores, tantas ‘teses de doutorado’ – ainda serve para alguma coisa? Para alguma coisa que sirva? Que serve para alguma coisa, é claro que serve. Serve para se fazerem teses de doutorado, por exemplo. Quero saber se ainda serve para alguma coisa que sirva. E a idéia de autor, como fica? Fica no registro das propriedades autorais lançadas no mercado, ou isso é mesmo alguma coisa?

De repente começa-se a falar outra vez, a reclamar de novo o Humanismo. Não se pode ligar a televisão sem ter alguém dizendo que é preciso retornar ao humanismo. Então, devíamos saber o que é isso e se também serve para alguma coisa. O tal humanismo é o quê? Segundo alguns autores, é a valorização da *autonomia*. E os mesmos que valorizam a autonomia como aquilo que define o humanismo fazem questão de dizer que não são individualistas, pois individualismo para eles é algo abominável, não é a valorização da autonomia, e sim a valorização da *independência*. É claro que estas palavras servem para qualquer coisa, mas vamos tentar situar um pouco. Então, será que essa oposição ainda serve para alguma coisa? Eles dizem que autonomia é... auto-nomia, é claro. Ou seja, que o indivíduo – o sujeito, a pessoa, sei lá o

quê – governa sua própria vida, seus próprios atos, entretanto inserido num processo humanístico. Vocês vêem que a frase fica rebarbativa, e não conseguimos sair dela. É o processo humanístico de reconhecimento de valores humanos. Quais sejam, não faço a menor idéia, mas eles apresentam um elenco.

O que você acha da seguinte afirmação?: “Enquanto que a noção de autonomia admite perfeitamente a idéia de submissão a uma lei ou a uma norma, uma vez que elas são livremente aceitas (o esquema contratualista exprimindo precisamente essa submissão a uma lei que se escolheu para si mesmo), o ideal de independência, tendencialmente não se conforma mais com uma tal limitação do Eu e visa, pelo contrário, a afirmação pura e simples do Eu como valor imprescritível”. Ou seja, o indivíduo, dentro da idéia de independência, não se conforma a essa limitação de lei ou de norma que estaria limitando os movimentos da sua eudade – podem falar em subjetividade, singularidade, o termo que quiserem –, e esta independência caracterizaria o individualismo. Então, individualismo: pura e simples afirmação do Eu. Autonomia: obediência a leis e regras compostas como uma norma e que foram aceitas livremente. Mas aceitar livremente é constar da idéia de lei que o fato de você desconhecer a lei não o exime da punição. É no mínimo da ordem do engraçado supor que uma lei ou uma norma sejam aceitas livremente, quando são aceitas porque **têm** que ser aceitas, se não, você entra na porrada e vai preso. Em caso de eu fazer a suposição de que uma lei ou uma norma foi aceita por mim livremente, isto pode ser, no máximo, entendido como minha palavra dada *entre pares* agoraqui. Mesmo assim o termo ‘livremente’ fica um pouco prejudicado, pois não sei que limites mais ou menos neuróticos de minha constituição me impõem essa aceitação e esse aval para a minha palavra. Vejam, então, que ficamos numa posição difícil entre essas questões do individualismo e do humanismo, da independência e da autonomia.

Será que a modernidade surgiu culturalmente com a irrupção do tal humanismo e filosoficamente com o advento da tal subjetividade? É o que alguns dizem. Se a modernidade é ela própria a emergência cultural do humanismo filosófico da subjetividade, então estamos mal, pois subjetividade, no mínimo, é

plural, múltipla e, na melhor das hipóteses, não serve para nada, é um conceito que se pode abolir. O humanismo, se ele depende da idéia de autonomia em contraposição à independência dos individualistas, esta autonomia está difícil de ser conseguida, a não ser por consenso num determinado momento, numa determinada situação, onde a patota esteja de acordo a respeito de algo. E se esse consenso for aquele capaz de definir, para uma modernidade possível, uma idéia de democracia, teremos que a democracia é necessariamente o governo do demo, pois qualquer um que ocasionalmente venha mesmo a **pensar** dentro de um escopo como esse, está condenado ao linchamento, no máximo e, no mínimo, ao ostracismo. Como vamos pensar isto e sair dessa?

Outro problema grave e sério é: como lidar com a possibilidade de uma **transcendência imanente**? Para grande parte daqueles que caraminholam a respeito da modernidade – portanto, da comunicação e da cultura nesta era global –, o problema mais importante da pós-modernidade seria o da transcendência imanente. Ou seja, como declarar e garantir alguma ética quando se reconhece que não há transcendência alguma? Que tudo está no jogo da imanência? E como, no jogo da imanência, achar uma transcendência imanente, cá dentro, que possa lhe oferecer base para alguma ética? E ética é o quê? Estou dizendo uma palavra da qual não fazemos a menor idéia. Está-se falando do quê quando se fala em ética? Ou seja, como, no interior da imanência – que, no entanto, não oferece nenhuma transcendência que a fundamente ou que seja referência absoluta e externa –, ainda se pode pensar nalguma **normatividade** capaz de limitar os movimentos da individualidade? Vocês acham que é possível pensar uma transcendência no interior mesmo da imanência? Então, como vai o social? Vai bem? Obrigado? Vocês sabem que, **no esquema que intitulei Pleroma coloca-se uma transcendência imanente, mas há um detalhe, essa transcendência, que é imanente, absolutamente não tem conteúdo**. Ela não diz o que fazer. **Nada obriga** – como costume dizer.

Então como fica a Comunicação nestes tempos de Globalização? Como fica a Cultura? Para onde vai? Nestes tempos de Globalização...

Sobre estas coisinhas é que vamos tentar conversar durante este ano. Para isto, para termos com o que operar, preciso re-introduzir dois ou três conceitos que são específicos deste campo de operação. O aparelho teórico que utilizo e que utilizarei na consideração desses temas, é um aparelho que não pode não ter nascimento senão no seio da psicanálise. Fora dela, ele não se possibilitaria. No entanto, não é o mesmo que as ‘psicanálises’ em exercício na comunidade consensual estão fazendo vigorar por aí.

Trata-se de um aparelho que, em última instância, atravessando o percurso inteiro da suposta história da psicanálise, resolve reconhecer que, como ossatura, como esqueleto de todo o aparelho psicanalítico tal como dantes inventado e depois retomado até agora pelas mais brilhantes cabeças, não há senão algo que poderíamos tomar como verdadeiro axioma, embora inserido na carne dos processos que existem, que é o que se chamou de Pulsão, de *Trieb* no alemão de Freud, e que em português se chama Tesão. A ossatura de toda a teoria psicanalítica não é senão a idéia de Tesão, a qual, atravessada em todos os seus encaminhamentos teóricos, práticos e clínicos – em Freud na última instância do seu processo de demonstração e retomado assim no pensamento rigoroso, de época, de Jacques Lacan –, vem se mostrar como sendo possível de ser apelidada de Pulsão de Morte. Só porque aí entrou a palavra ‘morte’, isto fez com que muita gente delirasse coisas incríveis. Mas isto se deve simplesmente a que tesão é um troço que há no sentido do gozo: é um troço que procura apagar-se, sumir-se num gozo. É só isto que quer dizer Pulsão de Morte. Então, o que quer que haja por aí – nós, inclusive – se movimenta segundo a energia constante, a *konstante Kraft* de Freud, que há (no universo e para nós) e que, quando gruda em alguma coisa – e isto vive grudado, porque não vive sozinho –, dá um tesão que pretende esvair-se num gozo.

Quando o tesão é enorme, só pode aspirar a um gozo enorme. Se é um Tesão Absoluto, só pode aspirar a um Gozo Absoluto. Mas o que se descobre é que o movimento pulsional, que busca sempre um gozo de alguma coisa – gozo é: exercício, uso, gasto, consumo, dispêndio, de algo –, se o considerarmos absoluto, teremos que imaginar um Gozo Absoluto que o resolva. Que o resolva

no quê? No seu sumiço absoluto. Um tesãozinho particular resolve-se com um consumozinho de energia particular, com uma gozadinha. Mas se imaginarmos um Tesão Absoluto, ele só se resolveria com um Gozo Absoluto. E um Gozo Absoluto acabaria com todo e qualquer tesão, não é? E é justamente o que não há. Não há Gozo Absoluto. Ainda que se imagine o universo por inteiro no esforço pulsional de gozar definitivamente, ele não encontrará esse gozo, pois justamente o que não há é a Morte, aquele apelido da Pulsão. Ou seja, não há morte em lugar algum do grande aparelho que chamam de Universo (e que chamo de Haver, com tudo que há dentro dele). A segunda lei da termodinâmica, que Freud usou para constituir o conceito de Pulsão de Morte, quebrou a cara, pois, nos tempos contemporâneos, verifica-se que esse troço não acaba assim. Apesar de qualquer possível Big Bang que houvera existido em algum momento, essa coisa parece que vai inflar e desinflar e que não sumirá jamais. Então, estamos de volta a uma postura muito mais oriental – como no pensamento chinês, seja ele búdico ou anterior –, que é a idéia de que Nada ainda é muita coisa, de que Nada é só uma neutralidade, mas aquilo se move, se mexe, e daí pode sair muita coisa, quer dizer, pode sair Tudo. Isto é o que há de conceito no pensamento cosmológico contemporâneo, por exemplo. Então, para além de um Nada que é indiferenciante, que é a neutralidade do Haver, que pode voltar a ser outra coisa; para além de que o Universo pode explodir à vontade, virar energia pura e depois se condensar de novo, virar coisas de novo; para além do Nada, da indiferenciação energética, ainda teríamos que pensar não-Haver nem mesmo Nada, o que absolutamente não-Há. É, portanto, uma idiotice ficarmos perguntando – que nos desculpem os nossos queridos Leibniz e Heidegger – por que há o Haver e não antes o não-Haver. Porque é óbvio, como está dito no seu nome, que **o não-Haver** não há.

Trata-se então desse ciclo de Pulsão, de movimentos do Tesão, da energia se aplicando, conseguindo gozos, mas jamais conseguindo o Gozo Absoluto. Onde, **não há Morte**. Não há experiência de passar para um Outro lado, onde já se gozou de uma vez por todas. É claro que inventamos – os ocidentais são craques nisto e os orientais também já fizeram bastante – todo tipo de idéia,

mais ou menos religiosa, mais ou menos filosófica, para dizer que um dia a gente vai morrer, passar para o Outro lado, gozar de vez e ficar contemplando o rosto de Deus. Isto é que seria uma transa, o resto é brincadeira. Mas só falam dessa experiência de cá de dentro da imanência, do lado de cá do Haver que, aliás, não tem outro lado. Do lado de “lá”, nunca ninguém disse nada, pois mesmo quando dizem que voltaram para falar pela boca de alguém, é do lado de cá que está a tal boca que fala. Nunca pude conhecer nem reconhecer nenhuma boca transcendente para dar nela o beijo definitivo desse gozo do transcendente. Temos, então, um grande aparelho, que, no movimento do gozo infinito, não consegue fazer mais do que retornar: querer passar para um Gozo Absoluto, quebrar a cara e voltar... e receber seus prêmios de consolação, que são os pequenos gozos, os pequenos dispêndios de energia, os pequenos relaxamentos que conseguimos e que logo-logo já não valem mais quase nada. Assim, todo o aparelho teórico que desenvolverei aqui começa com esta estorinha da Pulsão e vai terminar nela mesma, no mesmíssimo e inarredável Tesão.

Podemos escrever – não é nenhuma fórmula matemática, pois não é assim que a matemática funciona, embora alguns autores insistam em que é matêmico – como anotação simplificada, como estenografia do que acabei de dizer, e para ficar como lembrete ou marca resumida, que, juntamente com o que quer que haja, com todo o Haver, queiramos ou não, estamos submetidos à seguinte lei férrea que como estenograma e para torná-la um conceito específico eu a anoto como $ALEI = A \blacklozenge \tilde{A}$, como axioma de base de tudo que possamos pensar. Já que falei no Tesão, na Pulsão como princípio de todo o movimento de energia, esse Tesão, então, onde quer que apareça, seja em Deus, em nós ou nas plantas, não pode aparecer senão como submetido à ALEI impositiva e radical de que: há (A) desejo (\blacklozenge) de não-Haver (\tilde{A}). Não sou daqueles que ainda está dependurado no ‘desejismo’ lancinante e delirante que acompanhou os últimos movimentos do século XX que se estertora. Esse negócio de ‘desejo’ está muito mal contado no pensamento terminal do século XX, seja em Lacan, em Deleuze, em quem for. É preciso repensar isso. A palavra ‘desejo’ aí comparece só para dizer que há **Tesão** em não-Haver. E ALEI é esta.

Por que então digo: **Haver Tesão em não-Haver**? Porque o princípio do movimento da energia, onde quer que compareça, não é senão o movimento pulsional querendo gozar, ou seja, querendo sumir de si mesmo. Em última instância, como **Tesão Absoluto**, o Haver por inteiro deseja não-Haver. Isto está inscrito nos pensamentos religiosos e filosóficos os mais vastos e profundos, inclusive no desejo desesperado, enunciado por muitos e nitidamente por Nietzsche, de que era muito melhor que não estivéssemos jamais por aqui. É no mínimo um saco! Agora que estamos, não tem mais jeito. Não adianta nem dizer que não se pediu para nascer, pois agora... é tarde. O que se quer? A Paz Absoluta de não-Haver, de gozar definitivamente e ficar para sempre em paz. Mas, meus caros, é justamente o que não há. Se ALEI é essa que estou lhes apresentando, não há descanso, estamos condenados eternamente ao movimento do Tesão. Portanto, não precisamos ficar elogiando nenhum desejismo, pois não somos pessoas que devamos desejar porque é bonito, ou porque é moralmente melhor, mas sim porque não há outro jeito, porque disto não há nenhuma saída. Só há é isto para fazer. Quanto a isto, vocês vêem que estou na contracorrente do último pensamento do século XX, isto é, do penúltimo pensamento que pintou por aí.

Lacan, meu querido mestre, como sabem, enunciou a preciosidade de que o estatuto ético que a psicanálise pode oferecer ao mundo era o de o sujeito 'não abrir mão do seu desejo'. Embora brilhando como sempre, só podia estar brincando, pois este só é o nosso estatuto ético porque não há mesmo nenhuma saída. Portanto, não é nem um fundamento ético. É o de que se parte para qualquer intencionalidade ética possível, já que simplesmente não é mesmo possível a alguém abrir mão do seu desejo. Quisera eu que não-Haver houvesse para que eu abrisse mão do meu desejo. O possível é negociar, fingir: virar neurótico, estúpido, imbecil... ou artista, cientista, filósofo, etc. e tal. Mas infelizmente não há nada para negociar. Estamos a Isso condenados eternamente, simplesmente porque não há morte, **a morte não há**. Só morrem os outros, não sei se já notaram. Quando um outro morre e que, por isso, queira me parecer que sofri uma perda – pois posso também achar que só saí ganhando e dar uma

festa, mesmo que disfarçada, em homenagem por exemplo –, isto me faz um rombo. Ou seja, não devo confundir **morte** com o sentimento daquilo que Freud chamava de **castração**, o que, aliás, é um péssimo nome, pois não se trata de cortar a piroca de ninguém. É simplesmente que alguma coisa, para mim, não está disponível como dantes estivera. Em termos do Haver genérico de que estou falando, se ALEI for considerada como sendo aquela que diz **Haver desejo de não-Haver** e nela está embutido o não-Haver, cujo próprio nome diz que ele não há, então o desejo funciona no sentido de um Impossível. Não se vai jamais chegar lá, mas é assim que ele funciona. E justamente assim o **Impossível** se torna a **Causa** de todos os movimentos do **Tesão**. Mas, ao mesmo tempo, sem nenhuma modificação no escopo mesmo da ALEI, sofre-se imediatamente uma **Quebra de Simetria** radical. Isto porque a simetria buscada pelo movimento dos tesões, ou do Tesão Absoluto que deseja o seu Outro radical, impõe que o Haver deseja a radicalidade de seu Outro absoluto, que só pode ser o não-Haver, e não havendo não-Haver, o Haver quebrou a cara, ou seja, há quebra de simetria. Não se encontra outro lado porque outro lado não há: o “lado”, é um só.

É a isto que Freud chamava de *castração*. Ele não sabia, coitadinho, pois eu não o tinha ensinado, mas ele, desde sempre, embutiu no conceito de castração a idéia de que a metáfora de certas operações sobre corpos em algumas culturas primitivas, ou mesmo de certos desejos de mutilação na mitologia grega – caso de Urano, de Cronos – lhe serviram apenas como mero exemplo mitológico de uma lógica peculiar. Isto na medida em que os ódios individuais de crianças (de todas as idades) comparecem como vontade de mutilação do outro, mas retornam sobre aquele que teve essa vontade como possibilidade de sua própria mutilação por imposição de uma força maior. Então, deixemos essas bobagens que são metáforas que nascem dentro das culturas e dentro dos corpos para pensar que é uma coisa simples: quebra radical de simetria porque Haver exige o seu Outro radical, o qual, não havendo, Haver quebra a cara e retorna para os gozos possíveis no seu próprio seio, na sua própria “interioridade” (entre aspas pois não há nada do ‘lado de fora’, pois não

há “lado de fora” onde ‘há’ justamente... o não-Haver). Então, estamos diante da força radical, da imposição radical, à qual estamos submetidos inexorável e indefastavelmente, de que estamos no arrastão do movimento de um Tesão que encontra gozos – entre os quais várias perdas, que são também gozosas, infelizmente ou felizmente –, mas que não teremos a Paz definitiva de alcançar o Outro lado e de lá morarmos na contemplação de um Gozo Absoluto que simplesmente não virá.

- Pergunta – *Nesse raciocínio, não precisamos do outro?*

Estamos sempre de volta ao **mesmo**. Dentro desse mesmo, porque o Haver bateu no seu limite e se espatifou, o que temos é uma fractalidade radical. Digamos que a integridade neutra do Haver espatifou-se e temos a fractalidade e todas as possibilidades que aí estão. E isso vai, vai e vai... até, quem sabe, implodir de novo, segundo alguns cosmólogos contemporâneos. Isto, para falarmos em cosmologia, mas, para falarmos no Haver enquanto pura estrutura ‘mental’, podemos reconhecer que, em não encontrando outro lado em que possamos sumir gozosamente, espatifamo-nos também numa fractalidade radical do lado de cá. E é o que temos para viver. Vamos corrigir a frase: é o que há para **nos** viver. É, portanto, o contrário: estamos mergulhados no mesmo e, dentro desse mesmo, encontrando parcialidades que alteram, dão regime de alteridade, a uma outra coisa que em última instância é a mesma. Esta quebra de simetria, este espatifar-se, é o que podemos chamar de Recalque Originário, no sentido da tradição do Recalque Originário de Freud, mas dentro da nossa visada. Por que estou chamando assim esse acontecimento? O que foi recalcado aí? E pelo quê? O que foi recalcado não foi o Tesão, pois este vai continuar vigorando do mesmo modo, mas sim o atingimento do seu alvo. Aquilo que ele desejava não há, então, a constituição plerômica sofre uma quebra de simetria e há um recalque. Temos que recalcar nosso desejo de não-Haver para conseguir desejar outros badulaques menores. O “maior”, não vamos ter – isto é que é o Recalque Originário.

Deixo para falar da próxima vez sobre os outros aparelhos de recalque, o Primário e o Secundário. Estes conceitos são importantes, pois vocês verão como organizarei a idéia de constituição de cultura e de modernidade sobre esses aparelhos. E veremos que não há modernidade mesmo nenhuma por aqui.

- P – *Nisso tudo, acho que não se trata de nenhum processo de conscientização, de nenhuma intelectualização.*

Você acha que não? Então isto é a verdade absoluta? Virei Deus? Não. Isto é apenas um aparelho teórico. Certamente que nascido de uma vasta e longa experiência de travessia, teórica e clínica, inclusive de afetos, etc. Mas se decantou num aparelho teórico, que é o máximo que posso oferecer. Isso, então, é A Verdade, mas só porque Eu quero. Não estou autorizado por nenhum Deus.

- P – *Você disse que se recalca o desejo de não-Haver?*

Não. É preciso saber que a coisa aí fica indecível. Nesse lugar, o movimento desejante sofre uma porrada, um baque. Esse baque faz parte do conceito de recalque desse aparelho? Pode fazer, mas o que eu disse foi que não é o **desejo** que fica recalcado, e sim o **desejado**, por impossível. Ou seja, no plano do desejo, do movimento, da pulsão, do tesão, o que é recalcado é a insistência, pelo menos imediata ou temporária, ainda que por um átimo, nesse alvo. Há que renunciar instantaneamente ao alvo. Então estamos por um pouco no regime da indecibilidade, pois o movimento só funciona enquanto Haver desejo de não-Haver, e ele continua nisto, mas tomou um tranco, porque seu alvo não há, e teve então que se desviar, para que?, para continuar a desejá-lo. Chamemos **esse acontecimento** de Recalque Originário. Pouco importa que possamos situar que o recalcado é o não-Haver, ou que é o movimento, ou que é o alvo, ou que é o atingimento, pois, como consequência desse **acontecimento**, fica momentaneamente evidente – se não como mera impressão de que não há passagem pois não há como fugir da ALEI, então se continua – um inatingimento, e um retorno necessário, obrigatório. E **esse acontecimento é o Recalque Originário.**

- P – *Você poderia falar um pouco mais sobre o conceito de transcendência imanente?*

Para ter algum fundamento no que quer que se aja dentro da vida, outrora se supunha que se tinha que constituir alguma coisa que escapasse radical e definitivamente do próprio meio. Houve um tempo em que se tinha um referente chamado Deus. Inventou-se um ser transcendente – ou seja, lá fora, completamente fora das mumunhas da interioridade do mundo – e Ele garantia e, até mais, determinava o que se deveria fazer para sermos corretos aqui dentro. É claro que havia uns intermediários, os atravessadores, que se constituíam em igrejas, filosofias, etc. Pagava-se ao atravessador para que nos dissesse como o transcendente queria que agíssemos. Enquanto não só se acreditou nisto, mas também se requereu esse tipo de construção como fundamento da correção da nossa existência – e esta foi uma requisição feita de cá de dentro –, uma vez colocado o transcendente, estávamos salvos, pois de lá emanava toda e qualquer instrução a respeito da correção do nosso jeito. Ora, vivemos uma época em que ninguém... ouçam a frase tola que eu ia dizer, que ‘ninguém acredita mais’, quando estão aí as Igrejas do Reino de Deus para provar o contrário... mas pessoas que pensam, digamos esse pensamento corrente da filosofia, das ciências, etc., não reconhecem mais transcendência de qualquer espécie. É tudo aqui dentro mesmo, temos que resolver entre nós. Ora, se é tudo aqui, como disse, isso é fractal, ou é multiplicidade. São tantas as partes... Qual delas é a verdadeira que determine como devemos nos comportar? É o que temos que pensar: ou não há possibilidade de uma transcendência imanente, quer dizer, de alguma coisa daqui de dentro que possamos alevantar e afirmar que serve para gerir um pouco todo o resto. Ou isto não há, e então como fazer? Como é que algo daqui de dentro vai poder funcionar como se fosse lá de fora? Esse algo seria a tal transcendência imanente dos filósofos. O que estou dizendo é que não há transcendência alguma, pois se houvesse, segundo ALEI do movimento do Pleroma, ele seria o não-Haver, seria o barato total, e nunca mais haveria mais nada. Pronto, não se fala mais nisso. Vamos acabar com a Universidade também, graças a Deus, e não se precisa de mais

nada disso. Mas isto infelizmente não existe. A universidade vai continuar e vocês vão fazer o doutorado. O que há é que estamos mergulhados até aqui nesta joça.

Questão crucial deste final de século: será possível uma transcendência imanente? Mostrarei a vocês que ninguém até agora nos apresentou uma transcendência imanente sustentável. Suponho ter apresentado uma – que não serve para nada quanto à estrita determinação comportamental, pois não tem conteúdo, mas pode nos orientar sobre alguma coisa neste campo. Então, minha pretensão é sugerir que o meu aparelho é o melhor para a nossa época. Como sabem, só existem aparelhos de época. Não adianta, hoje, alguém continuar freudiano ortodoxo pois o tempo de Freud passou. E, embora tão rápido, o de Lacan também. E não pensem que Freud pensou para sempre, que Lacan pensou para sempre. Algumas estruturas podem ser válidas durante muito tempo, às vezes por muitos séculos, mas o pensamento genérico de Freud é um pensamento judeu do século XIX. O de Lacan é um pensamento cristão terminal, tão cedo e ele já é uma velharia. Eles pensaram magnificamente e produziram teorias segundo os retratos dos seus tempos. Mas temos que continuar pensando, em caso de pensamento, não dá para se viver de herança. Eu mesmo tenho a pretensão de introduzir um modelo que me parece mais compatível com o momento que estamos atravessando. Se não tivesse esta pretensão, não estaria aqui, estaria em casa, ou na praia, ou em negócios mais rentáveis.

• *P – E a Dolly, o fato de a sexualidade passar a ser desvinculada da reprodução?*

Vocês se lembram que o aparelho kojéviano – digo kojéviano porque é uma espécie de Dolly fabricada na cópula laboratorial de Hegel com Heidegger e que deu como filhotes Lacan, Bataille, e outros –, que é um aparelho importante na montagem de Lacan, põe a conjunção inarredável da sexualidade com a morte? A morte como algo que há e, pior, acoplada, por via de reprodução, à sexualidade. Isto agora já era. Assim como “Nome do Pai” é só uma injeção que se dá em psicótico quando ele está muito pirado. Não servem mais para nada.

- P – *Você disse que o medo da imprensa é o medo da sexualidade.*

Quando vemos nos jornais um Fernando Henrique dando declarações a respeito, temos que lembrar que ele não é qualquer bobo, não nasceu ontem, tem que fazer alguma coisa para segurar essa barra. O Papa tem que imediatamente dizer ‘pelo amor de Deus, não!’ Vai dar Galileu de novo, mas é assim mesmo. Mas nós outros, segundo as ferramentas que temos, perguntamos: o que está acontecendo? Que as pessoas se dêem conta ou não, está acontecendo que foi mexido o núcleo de uma questão que há séculos está garantida por uma série de enunciados religiosos, filosóficos, científicos, etc. Todos estão em pânico porque, se a reprodução foi desvinculada da sexualidade, e agora, como fica? E não é apenas o pessoal que acaso esteja no poder que está interessado em saber como dominar os movimentos das massas e dos indivíduos. São essas próprias pessoas, pois o que vão fazer com o pecado que tinham curtido durante tanto tempo? É uma faca de dois gumes: se a sexualidade for liberada ‘excessivamente’, elas ficarão perdidas. Vão gozar por onde? Não saberão mais como se goza. Quem sabe ficarão esfregando o dedão no assoalho... Vão pirar. É grave.

- P – *Mas cinco pessoas iguais é muito pirante também.*

Cinco, acho pouco. Por que não cinco mil...

- P – *O ser humano é único e, de repente, pode ser feito em série...*

Não pode. Uma das coisas que a psicanálise pode vir a provar é que **não existe clone humano**. Clone humano jamais vai existir. Você pode sonhar fazer cinco mil Brad Pitt, mas cada um terá seu próprio nome. A clonagem psíquica não existe. Pelo menos, ainda. Deixemos para o ano 5000. Aí, talvez, se possa clonar psiquicamente.

- P – *A revista Time colocou na capa: ‘Poderá haver um novo você’...*

Jamais por enquanto. Isto só existe em família cristã que tem filho gêmeo. Ficam tão assustados que as crianças ficam em pânico para o resto da vida. Pensam que são os mesmos. Não são. Ou conseguem uma bela distinção de saída ou ficam pirados o resto da vida sem saber quem são. Mas é porque só vêem o retrato externo. É o que está acontecendo nas revistas. Aquelas duas

ovelhas iguaizinhas, e não sabemos mais qual desejamos comer, ou qual haveremos de simplesmente... sacrificar... Como disse, *agnus dei*.

13/MAR

2

ALEI / REVIRÃO

Da vez anterior, tivemos uma introdução geral que enfocava o tema do semestre, ao mesmo tempo que retomava alguns conceitos básicos do teorema que utilizo como competentes para aplicação e entendimento de nosso desenvolvimento. Situei para vocês: a questão da Pulsão, em última instância denominada ‘de Morte’, desde Freud; a questão da ALEI, *Haver desejo de não-Haver* (que se estenografa $A \blacklozenge \tilde{A}$ ou A/\tilde{A}), e suas conseqüências inarredáveis – por exemplo, em primeiro lugar, pelo fato de não-Haver não haver, a quebra de simetria que se instala imediatamente com a concepção da ALEI. É o surgimento daquilo que poderia ser o mais abstrato de suas colocações, que Freud havia pensado com o nome de *castração*, utilizando uma metáfora de sítio corporal para o entendimento dessa simples quebra de simetria, por impossibilidade, inscrita na própria constituição da ordem do Haver.

Para dar continuidade ao tema, precisamos ainda retomar os conceitos básicos decorrentes desta colocação. Digamos que o conceito mais importante de nosso aparelho teórico é aquele que decorre necessariamente do movimento da ALEI, escrita como *Haver desejo de não-Haver*, que é o de **Revirão**. Coloquei-o há alguns anos, utilizando um termo bem brasileiro e ao mesmo tempo inspirado no começo se não no fim, sei lá onde, do *Finnegans Wake* de James Joyce. Termo este que também houvera sido retomado por Glauber num livro chamado *Riverão Sussuarana*. Já que em Joyce a coisa retorna pelo lugar onde começou e também promete uma nova leitura, quem sabe até com

interpretação oposta, quis traduzir seu *riverrun* por Revirão: uma coisa que revira, que vira ao contrário, que dá uma cambalhota. O Revirão, que aqui se torna um conceito preciso, é necessária consequência d' ALEI. Se não há Morte, se o não-Haver não há, se não há passagem para *outro* lado, o movimento se extenua contra uma parede indepassável, seu próprio limite, e retorna para ('dentro' do) seu próprio campo. O simples fato de haver retorno do movimento pulsional, de não haver saída para ele, de ele não encontrar esgotamento num 'fora' que não há para o campo do Haver, já significa a quebra de simetria que instala o que Freud pensava como castração, ao mesmo tempo que nos impõe a idéia de um reviramento ao contrário, um avessamento enantiomórfico, como se fosse uma reversão pelo avesso diante de um espelho. Por quê? Pelo simples fato de que se buscava o simétrico radical do Haver, enantiomorficamente radical, que só pode ser o não-Haver. Em não havendo não-Haver, isso revira para 'dentro', ao contrário da sua intenção de passagem. E só isto já constitui um reviramento pelo avesso.

Então, é de se perguntar: uma vez que a tese é de que não há outro lado, que tudo está para o mesmo lado 'de cá', por que o Haver, na sua radical imanência, sem ter nenhuma transcendência que o extrapole, pode tomar um não-Haver que não há e que não está nem 'lá fora', pois não há nenhum fora, como **o seu atrator**, como algo que **causa** seu movimento? Justamente porque o princípio da ALEI é o princípio de simetria: o Haver procura o seu simétrico. Este é seu princípio intrínseco. Chamo-o de Princípio de Catoptria, pois resulta no entendimento da catoptria intrínseca do Haver. *Katoptron*, em grego, é 'espelho'. Ou seja, o movimento do Haver é um movimento que vai, no mesmo sentido do espelho, em busca de seu enantiomorfo, de seu simétrico por catoptria. Como sabem, simetria por catoptria se chama enantiomorfismo, que é uma simetria específica, em avessamento, como se vira uma luva pelo avesso. Nossa imagem no espelho é o avesso enantiomórfico da que temos do lado de cá. Já tratei disto há tempo em Seminários antigos.

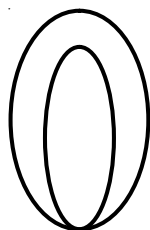
Haver desejo de não-Haver implica, então, quebra de simetria, e portanto no conceito freudiano de castração, retomado e reduzido à sua abstração de

quebra de simetria. Implica também, necessariamente, que há uma catoptria funcionando como princípio ‘interno’ do Haver. Quando dá de cara com a parede da sua própria ‘internalidade’, porque não há outro lado, *Isso* que há se fractaliza, espatifa-se numa miríade de pedaços, que se quebram em pedaços, que se quebram em pedaços... Está aí repetido, no seio do próprio Haver, o movimento das oposições no seu estilhaçamento. Assim como Haver é oposto a não-Haver, que não há, o estilhaçamento ‘interno’ desencadeia uma enxurrada de oposições. Nossa fantasia na constituição deste teorema é essa, de que isso se fractaliza. Não é o único pensamento contemporâneo que propõe a fractalização do Haver. Vocês podem ler, por exemplo, um maluco genial, um filósofo francês contemporâneo chamado François Laruelle que, embora desenvolvendo um pensamento diferente do meu, também pretende afirmar essa fractalidade do Haver.

Estamos acostumados, através da história do pensamento, seja no Ocidente, no Oriente, por via filosófica, religiosa, sensitiva, ou mística, a entender que é da vocação da mente humana, se não do Haver em sua plenitude – o que chamo de Pleroma –, a invocação permanente das oposições, o que endoidece filósofos e pensadores há milênios. Assim como encontramos na própria realidade o balanço permanente dessas oposições: claro/escuro, preto/branco, dia/noite, sim/não, etc. Nossa mente fica muito freqüentemente atordoadada por essa indecisão. Aqueles que praticam alguma clínica mais privada, como a de consultório, e que já lidaram com algum obsessivo mais ou menos grave, hão de lembrar como ele padece preso a essa discussão interna e eterna entre os dois lados da mesma questão. E ele bem lá no meio, sem saber se mora lá ou cá; como já lhes disse, obsessivo é aquele que mora na casa em frente: quando vai para casa, percebe que a sua casa é a que fica em frente, então, ele vai para casa, e então percebe que sua casa é a que fica em frente, então, etc., etc... Obsessivos não são melhores nem piores do que nós, só são um pouco mais exagerados. De tal maneira que nossa obsessividade pessoal inclui esses fenômenos de balanceamento das oposições e, às vezes, em certas crises pessoais, isso acontece com veemência excessiva. Por outro lado, qualquer histórica de

grande potência saberá nos explicar perfeitamente que, se não há a bela solução da síntese entre essas oposições, que ela histórica daria, existe pelo menos um movimento dialético na tentativa de entendimento do movimento oposicional. Basta tomarmos um belo exemplo de histórica: Hegel. Lacan o qualificou de “a mais sublime das históricas”. Fico na dúvida: se a mais sublime é Hegel ou se é Lacan. De qualquer modo, o diagnóstico foi feito...

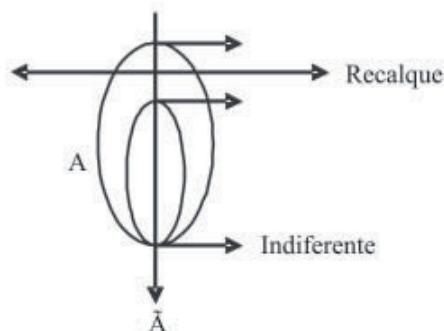
Essa coisa tem perseguido as mentes mais afortunadas do mundo, inclusive no Ocidente, que tiram daí teoremas fabulosos. Por exemplo, o teorema hegeliano da dialética: tese, antítese e quiçá uma síntese, a qual evidentemente não virá. Então, entendendo ALEI – o processo de quebra de simetria, a insistência da catoptria, portanto a insistência dos movimentos dialéticos de oposição, etc. –, constituo o conceito de Revirão que vai desenhado, anotado, segundo uma forma geométrica muito usada hoje:



Vocês vêem que a linha tem uma sobreposição, cruza sobre si mesma. Ela é chamada de Oito Interior na topologia combinatória. (Não tratarei disso longamente aqui, pois, em vários textos meus, estas questões já estão desenvolvidas. Há, por exemplo, um longo trabalho de desenvolvimento sobre a Banda de Moebius e a topologia do oito interior no Seminário de 1979, *O Pato Lógico*). É, portanto, o Revirão que represento assim e que se anota bem sobre essa formação geométrica chamada Oito Interior. Chama-se assim porque se vocês fizerem por exemplo um oito de elástico e o dobrarem para dentro, dará nisso. A linha que passa por baixo, no desenho, está interrompida, mas podemos imaginá-la sobreposta à outra, pois, justamente, ela passa no lugar onde ela

nasce. Isto é, o lugar onde nasce essa linha com condições de suportar os conceitos que queremos que ela suporte é sobre a superfície unilátera de uma Banda de Moebius, a qual, como sabem, é uma superfície em torção, cuja característica essencial, em radical diferença para com as faixas euclidianas – um pedaço de cilindro, por exemplo –, é não ter duas faces, mas apenas uma. Percorremos a superfície por inteiro e não encontramos nenhum outro lado, tudo ali é unário. Ela tem uma só face com uma só margem, cada margem tem uma só borda e os pontos sobre ela se tornam praticamente, segundo os matemáticos, não orientáveis. Eu, prefiro dizer que esses pontos são **bífidos**, ou seja, posso dizer que estão girando para o lado que eu quiser, pois sempre poderão estar girando para um ou para outro, pouco importa.

O interessante é que, quando faço um percurso longitudinal sobre essa faixa – chamada cinta ou banda de Moebius... Gosto de chamá-la de **contrabanda**, que é o apelido que Lacan lhe dera, pois essa superfície, supostamente segundo uma cabeça euclidiana, faz o contrabando de uma face para outra, o que não é verdade, pois ela não tem duas faces, mas uma só. De qualquer modo, ela não deixa de fazer o tal contrabando, pois se fizermos um percurso longitudinal sobre sua superfície, voltaremos ao ponto de partida sem encontrar nenhuma outra face e teremos construído, com nosso percurso, a forma do tal oito interior. O oito interior é, então, a linha que traça o nosso movimento sobre uma contrabanda, percorrendo-a longitudinalmente e retornando ao mesmo ponto de partida. É a figura geométrica que vai aparecer como linha única e que podemos até (não necessariamente) escrever sobre a superfície plana fingindo um aparelho euclidiano. Não o é, pois o ponto que lá está é sobreposição, e não o conceito euclidiano de um ponto único que é interseção de dois. Ele cruza por baixo e por cima, tem uma linha em cima e outra embaixo, as quais não correm no mesmo ponto, na mesma face, ou na mesma região da face única, pois cada uma se cruza numa região aparentemente oposta da mesma face. O oito interior com esta figuração e com algumas introduções que aí faço é, portanto, **o que chamo de Revirão**:



Como vêem, escrevi o oito interior sobre o plano do quadro negro e passei essa linha reta (\downarrow) por cima para indicar que o ponto ali é bífido. Segundo os matemáticos, ele é não-orientável e portanto não-orientado. Isto, no sentido que me interessa, é dizer que ele é **neutro**, quer dizer, **indiferente**. Se o chamarmos de branco ou de preto, para ele dá na mesma. Então, esse ponto que aí aparece na sobreposição ali desenhada, em qualquer lugar dessa superfície posso destacá-lo e dizer que ele é absolutamente neutro, indiferente. Assim, se eu puder – e posso, pois, supostamente quero dizer que a estrutura de nossa mente é assim – indiferenciar as oposições, fico neutro, para mim tanto fez como tanto faz, e posso atingir e visitar momentos de indiferenciação. E isto é justamente o oposto dos racismos, pois fazer oposição aos racismos não é tomar o partido oposto, porque este também é racista. É simplesmente dizer: estou cagando (desculpem a expressão, mas ela vira termo técnico em psicanálise).

Estão aí, portanto, distinguidos esses dois pontos. Dizer isto, aliás, é uma bobagem, pois são o mesmo quando estão situados na contrabanda. Mas eu lhes disse que a linha é o desenho, o rastro, de nosso percurso sobre a contrabanda, longitudinalmente voltando ao ponto de partida, então, agora, se a cortarmos segundo esse percurso, veremos que ela não se transforma em duas, já que é unilátera e uniface. A contrabanda, na verdade, se estrutura como um único corte, um corte que a terá retirado – melhor dizer no futuro anterior – de uma superfície sem borda chamada gorro cruzado, mitra ou asfera. E então, se lhe passarmos outro corte, repetindo o primeiro, o que acontece é que ela per-

derá todas as suas características de diferenciação para com uma superfície euclidiana, como, por exemplo, uma faixa cilíndrica. Ou seja, quando cortada, ela comparecerá como uma única faixa, no entanto, agora, deixando de ser unilátera para passar a bilátera. E quando passa a bilátera segundo este último corte, acontece que aqueles pontos não-orientáveis, os pontos bífidos, desaparecem e todos os pontos agora passam a ser orientáveis. Eles passam a ser passíveis de anotação como opostos (+/-), pois se um está numa face, a ele corresponde um outro que está noutra face. Resumindo, ao passo que na contrabanda enquanto tal nenhum ponto pode estar em face oposta alguma, pois estão todos na mesma face e com a bifididade e a neutralidade de podermos considerá-los para a direita ou para a esquerda, uma vez que se opera a contrabanda por um corte cirúrgico, ela desaparece e resta uma banda euclidiana bilátera com todas as oposições agora inscritíveis.

Nossa mente é decerto estruturada como uma contrabanda. Ela recorta o mundo e, de tanto recortá-lo, guarda em sua memória o mundo recortado. Assim, ficamos com a impressão errônea de que somos – como o bom obsessivo aposta – um amontoado de oposições – que as históricas intentam resolver com a síntese hegeliana. A estrutura da mente é, pois, a nosso ver, essa estrutura de corte. Portanto, é unilátera. Mas com ela recortamos o mundo e ficamos com a impressão de que os recortes que operamos – e que, às vezes, o mundo opera para nós, já que espontaneamente claro/escuro, noite/dia, etc., comparecem –, essas oposições, é que são a estrutura da mente. A mente mantém, sim, como **resto** das suas operações, essas oposições, mas ela opera segundo um corte que, repetido, nos recorta o mundo. Corte este que é unário, unilátero, uniface. Por isso, quero representar com o que chamo de Revirão – que é a projeção sobre uma superfície plana do oito interior, o qual é o percurso do corte sobre a contrabanda – todo esse aparelho que se movimenta para nós entre o quê? Agora, representarei – não mais sobre a contrabanda, nem mesmo sobre o oito interior da contrabanda, mas sobre o oito interior projetado sobre este plano do quadro negro (o que faz diferença como representação) – a bifididade dos pontos na superfície unária e também a oposição operada pelo

corte (\leftrightarrow). Não-cortado, é indiferente; cortado, é oposição. Mas pensarei esse movimento para lá e para cá, indo e vindo: o que quer que se coloque tem oposto. Isto é o que enlouquecia o pobrezinho do Hegel e todo mundo antes e depois dele. Ou seja, para o que quer que se coloque, é possível um oposto, nem que esse oposto seja simplesmente dizer: não-isso. Não é preciso nem um nome adequado para o oposto verdadeiro, pois basta dizer branco/não-branco.

Vocês se lembram de toda a história do estruturalismo, que viveu dessa brincadeira de fazer oposições. Donde um Lévi-Strauss e mesmo um Lacan... Tudo se coloca de maneira opositiva, entretanto, nosso aparelho psíquico, enquanto processo de Revirão, não encontrará jamais uma síntese para essa oposição. Mas sim que o que ele pode fazer é o contrário: suspender as oposições e se refugiar na neutralidade, na indiferença quanto às oposições ‘internas’ ao Haver (pois, afinal, não existem as ‘externas’). Então, o que quer que haja no campo do Haver propõe um oposto. Entretanto, tenho a condição de – pelo menos, através de um tratamento mental, psíquico –, aqui e ali, chegar a poder suspender essas oposições radicalmente. Nem que seja só no nível do mental.

Se ALEI é Haver desejo de não-Haver, se isto é um Princípio de Catoptria que resulta na estrutura do Revirão, então podemos dizer que quando estamos freqüentando as diferenças que, afinal, resultam em oposições (não esquecer que o estruturalismo se esteia nessa nossa possibilidade de escrever qualquer diferença como oposição), e se posso encarar o que quer que haja como, no mínimo, uma dupla que se constitui em oposição, podemos também suspender essa oposição. Só que, quando a suspendemos e ficamos indiferentes às oposições ‘internas’ do meu mundo, ou melhor, do Haver, caímos na pior, ou senão na melhor – que é simplesmente cair no ponto de bifididade, de indiferença, de neutralidade, desde onde se exaspera para nós a diferença radical, que não é mais aquela entre claro/escuro, preto/branco, sim/não, mas sim a diferença que está originalmente escrita na ALEI, aquela entre Haver e não-Haver. Então, o que digo é que o que quer que esteja dentro da formação desse oito interior inscrito aí no quadro negro chama-se Haver (A). Para o que quer que haja funcionamos assim. No que suspendemos a oposição interna, chega-

mos a um ponto desse mesmo Haver onde o que se exaspera para mim é a pergunta que inferniza por exemplo a obra de Heidegger: por que há o Haver e não antes o não-Haver? Ou seja, o que estou fazendo aqui? Ninguém me consultou. Me colocaram aqui para quê? O que tenho a ver com isso? Eis o inferno que aporrinha a vida dos pensadores. Ou seja, só quando indiferenciamos tudo é que ficamos desesperados diante da questão de que, com ou sem diferenças, com ou sem oposições, não temos escapatória desse Haver que se opõe a um não-Haver (Ã) desejado, dessa Guerra que se opõe a uma Paz desejada e impossível de ser conseguida. Quando deixamos de ser estúpidos, certamente ficaremos no mínimo exasperados, se não ficarmos efetivamente angustiados.

O lugar mesmo da angústia, lugar onde ela se define com clareza, é esse onde, mesmo indiferenciando as oposições do mundo, justamente aí, notamos que estamos metidos num Haver sem escapatória e na nossa oposição para ‘antes eu não tivesse nascido’ (A/Ã). O que, como sabem, é impossível, pois são poucos os que conseguem isto, segundo a famosa piada de Freud.

Assim, em continuidade ao que disse da vez anterior, gostaria de recomendar-lhes que lesem o *Homo Hierarchicus*, de Louis Dumont, e *L'Ère de l'Individu: contribution à une histoire de la subjectivité*, de Alain Renaut, citados na bibliografia que lhes distribuí. Como disse, estou definindo cultura como modo mesmo de existência desta espécie. Isto é grave, pois a cultura é essa coisa toda que acontece conosco por aqui, inclusive nossa angústia. Então, para entender essa tal cultura, terei que tirar sérias conseqüências do que lhes apresentei hoje e da vez anterior. Se a estrutura funciona assim, se é esta a formação Originária para nós, o que se passa em conseqüência disso? Ora, se o ápice da nossa vocação, se a última instância do nosso movimento é no sentido de querer não-Haver, de atingimento de um Gozo Absoluto, de uma Paz Absoluta, que a rigor não poderíamos curtir, pois seria não-Haver – mas é a suposição que fazemos, de que a Paz Absoluta está onde o Haver cessa –, se isto é verdadeiro, então, qualquer coisa a menos do que essa impossível passagem para o não-Haver é um negócio ruim. Donde, o pessimismo radical da

psicanálise... que acaba se transformando, por necessidade interna, num otimismo radical. Parece paradoxo, mas não é. O funcionamento de um pessimismo radical acaba devolvendo um otimismo radical, pois não há saída. Então, qualquer coisa menos do que conseguir não-Haver é menos, pois não é bem aquilo que estávamos esperando.

Chamemos, agora, de Originário (Or) pura e simplesmente – e que tem a ver com o que podemos chamar de Recalque Originário (ROr) – o acontecimento, tanto faz se fasto ou nefasto, da **quebra de simetria** porque o não-Haver não há. Já lhes disse que Recalque Originário, ou Castração, é em princípio como traduzimos o simples fato de não se poder passar para outro-lado, que não há. É uma decepção, isto se chama castração, perdemos o nosso desígnio, e é aí nesse acontecimento que mora o tal Recalque Originário que Freud jamais conseguiu muito bem explicar. Segundo o teorema que lhes apresento, isto se explica como o acontecimento de se querer passar para um lugar que não há, sofrer-se decepção e ter que se contentar com o lado de cá mesmo. Como se diz no popular, não tem Tu, vai tu mesmo. Mas a coisa é um pouco mais grave, pois se concebermos assim o embasamento estrutural da psicanálise, como hoje quero fazer, o conceito de Recalque toma uma amplitude e uma força radicais. Então, se meu movimento se realizaria no atingimento do que é o direcionamento da Pulsão – ir a não-Haver –, se isto é impossível, se ALEI escreve que, mesmo sendo impossível será requisitado para sempre, se isto constitui essa perda, esse Recalque Originário, o que quer que sobre do lado de cá – porque isso se estilhaçou, se fractalizou nesse Haver que está por aí – é bem menos do que essa consecução que não se obteve. Se eu estiver na minha possibilidade de indiferenciação, exasperado no desejo de atingir o Gozo Absoluto, estarei na indiferença radical para o que quer que aconteça como oposições aqui ‘dentro’ onde habitamos no Haver. Mas se isso se estilhaça, se fractaliza, acontece que fico então submetido ao que resulta justamente do corte daquela face unária. Fico submerso no seio das oposições, e mais, o que não for esse nível de última instância não só fica submerso pelas oposições como se torna, necessariamente, apenas um dos lados da oposição. Não se

pode ser crioulo e lourinha ao mesmo tempo, fica difícil; bem que se gostaria, mas é impossível, pelo menos modalmente, por enquanto. Passa-se, então, ali onde indiquei com a seta bidirecionada (\leftrightarrow), um processo que devo chamar, no sentido mais genérico, de recalcamento, pois na fractalização, por impossibilidade de sustentação de uma indiferença, a contrabanda recortada fica com dois lados. Ou bem isto ou bem aquilo. A sexualidade instalada nos corpos é careta. Assim como todas as oposições. Vocês se lembram do René Magritte, que passou a vida pintando quadros onde tentava androginizar o espaço. Uma situação noturna com o sol no céu, ou vice-versa, por exemplo. Mas sabemos que aquilo é uma representação que separa dois opostos como um oito interior pode fazer, e que não nos dá a *coincidentia oppositorum* sonhada por Nicolau de Cusa, a qual jamais será obtida neste estado de oposições. Não há coincidência de opostos. O andrógino é um sonho de neutralidade, ou de onipotência.

Ora, então surge aí uma coisa terrível para nós outros que somos uma espécie esquisita, enlouquecida, que temos um corpo semelhante ao de qualquer macaco, com variações mínimas, mesmo do ponto de vista genético. E isto, tanto do ponto de vista da semelhança com o macaco, quanto, sobretudo, de que as aparentes diferenças entre os humanos dependem de minúsculas gotículas de informação, um quase nada. E pior, temos uma mente com a competência de revirar o que quer que pinte, de requerer o impossível – justamente, o não-Haver –, e vivemos, não se sabe por que, com essa mente aprisionada dentro desse macaco inteiramente idiota. Um macaco marcado por inteiro, que tem uma anatomia excessivamente limitada, tanto do ponto de vista dos detalhes – de cor, de forma, de textura, de temperatura, do nosso corpo –, como, sobretudo, no que toca aos movimentos de transgressão que possamos querer fazer, que devemos querer fazer, e temos querido fazer. Do contrário, estávamos na selva até hoje. Então, essa coisa que não sei o que é, esse macaco, vamos chamá-lo de Primário, de Registro do Primário (1Ar). Estou chamando assim essa coisa construída aí, que apareceu aí espontaneamente e que chamam de Natureza (que não faço a menor idéia do que seja). Isto é o Primário, isto nos foi dado, é o que topamos primeiro.

Do ponto de vista dos saberes contemporâneos, já que existe uma Genética bastante desenvolvida, com a teoria dos cromossomos, etc., poderíamos dizer, como gosto de fazer, que esse boneco, Primário, é constituído, composto, conforme alguma coisa que chamo de Autossoma. Chamo ‘auto’ porque é esse corpo que se reproduz por si mesmo, através de automatismo genético, etc. Mas, de algum tempo para cá, alguns cientistas na área dos comportamentos animais e humanos, inventaram um vasto campo de trabalho chamado Etologia, que não pode deixar de reconhecer que, ainda que embutido nesse mesmo autossoma, podemos distinguir algo que gostaria de chamar de Etossoma. Ou seja, em algum lugar aí há algo, parecido com programas computacionais – os detalhes não são da nossa conta, mas leio os etólogos e vejo que, acompanhando as espécies, pelo menos as que chamamos de vivas, podemos reconhecer que, para além ou junto com a construção autossomática do bonequinho ser assim ou assado, há lá uma programação comportamental qualquer (mais ou menos elástica, grandiosa ou refinada) –, que dá àquela espécie certo comportamento. Então, estudam-se as espécies e pode-se fazer o rol dos seus movimentos comportamentais. Mas isto é muito difícil com a espécie humana, embora exista algo como a Etologia Humana procurando, para alguém de tudo isso que vemos borbulhando na cultura, o que possa ser inscrito para a nossa espécie como seu comportamento original do ponto de vista do Primário. Aí, encontraríamos afinal uma ética da besta de uma vez por todas. Seria interessante descobrir isto, pois, certamente, por debaixo de todas as coisas que pensamos que são produções estritamente culturais, deve ter muita coisa do macaco que somos.

Então, para além do Autossoma aqui do boneco que vos fala, deve existir um Etossoma, inteiramente subvertido, é claro, mas talvez apreensível em muitos pontos. É subvertido pelo quê? Pelo fato de que esta espécie é doida. Ou seja, comporta a loucura do Revirão, que chamo de Heterossoma. Não se sabe por que esta é a única espécie conhecida até agora – nada impede que venhamos igualmente a conhecer por aí uns ETs no futuro – que porta essa maquininha de loucura que, quando se encontra embutida no Primário do bone-

co, eu a chamo de seu Heterossoma. E talvez existam muitas coisas desse tipo de Etossoma. Se, por exemplo, seguirmos a cabeça de um Sheldrake, que está citado na nossa bibliografia, veremos que ele não consegue provar coisa alguma até hoje, mas que, no entanto, sendo um cientista sério, criador da hipótese da *causalidade formativa*, acha que a genética será incapaz de dar conta de toda a formação de um ser vivo e muito menos de um ser humano. Isto porque, para além do aparelho genético que inclui o etossoma comportamental, existe o que ele chama de um princípio morfológico dentro do Haver, o qual dirige as coisas mediante uma complicação dos diabos que parece mais uma grande ressonância mórfica no interior do universo. Vamos supor que haja algo assim. Então, haveria também aí um Morfossoma ou coisa desta ordem. O que interessa é que o boneco, na sua constituição primária, está pojado de formações inteiramente caretinhas, fechadas, com seus *locks* informacionais, com uma série enorme de formações que são a nossa organicidade interna, e mais a externa, nossos aparelhos vitais, as escrituras etológicas certamente estão aí.

Mas o que quero achar é que, por causa do aparelho de Revirão que, por algum motivo, nossa espécie porta (as outras espécies vivas que conhecemos não o portam) gerou-se por conseqüência um Registro sobreposto ao Primário, que é o que quero chamar de Registro Secundário (2Ar). Surge, então, um Secundário que é aproximadamente isso que ultimamente na cultura psicanalítica chamou-se de Simbólico. Ou seja, é todo o aparelho que temos de, sem ir necessariamente à construção corporal no nível do Primário, manipular de maneira estritamente postiça, como Artifício não mais Espontâneo como a chamada Natureza, mas sim como Artifício Industrial (é claro que humano), manipular o mundo com esse aparelho informacional, ou simbólico, ou o nome que quiserem dar. Suponho que haja esse aparelho de **reviramento** porque, sobre um certo Primário bastante aberto, no entanto bem trancado, ele aí se instalou, aquilo se degradingolou, o que resultou nesta nossa espécie louca. Mas por que a espécie não parece tão louca quanto é? Justamente porque esses Registros, o Primário e o Secundário, vão se decantando em formações prenhas. Sobretudo, o Primário é um aparelho tão decantado que basta

pensarmos que só temos dois braços, e não cem como gostaríamos, para nos darmos conta disso. Não nascemos com rodas nem com asas... É mediante um registro Secundário que temos condições de elaborar essa diferença para conosco mesmos, de exigir que tenhamos rodas, asas, etc., que não temos, e de fazer intervenções no Primário, intervenções de nível tecnológico, que resultam no que costumo chamar de Próteses.

Mas, continuando, é porque nossa vocação é Originária (Or), porque temos o Primário de base e o Secundário que surge e se decanta a partir do Primário e acaba se estabelecendo como certo congelamento, por causa disso, todos esses aparelhos se tornam, necessariamente, aparelhos de recalque. Ou seja, em função de nossa disponibilidade originária, tudo que se forma no Primário é recalcante para nós (R1Ar). Com isso, quero dizer, por exemplo, que é um absurdo que a minha mão tenha apenas cinco dedos. Haja buracos para eu tapar só com cinco dedos! Tanto é que, por vocação e movimento secundários, pode-se inventar aparelhos esquisitíssimos e ginásticas estranhíssimas para esses parques cinco dedos e se tornar um exímio tocador de teclados. São próteses as mais loucas para contestar a mão enquanto recalcante das infinitas possibilidades. O que quer que apareça está recalcando, oprimindo o que se possibilita desde o Originário (ROr). Porque nos acostumamos com a boçalidade dos recalques, não nos lembramos disso, nos apaixonamos pela boçalidade corporal e não percebemos que ela está nos oprimindo por via de recalque. Do mesmo modo, o Secundário, que é apenas uma disponibilidade de entrar em movimentos mentais de reviramento, não tem outra coisa para se assentar senão esse Primário mesmo disponível e começa, como gostam de dizer os estruturalistas, a metaforizar as formações do Primário. Assim, o Secundário, quando aparece, não pode aparecer e se manifestar senão como formação recalcante (R2Ar). Quando estou falando português, por exemplo, não estou falando inglês. O português é um sintoma, e o inglês é bem outro. São formas de recalcar o *valetudo* poético da linguagem.

Portanto, para bem entender nossa situação no mundo, ou seja, nosso modo de existir como cultura, é preciso antes entender o que – a meu ver,

espantosamente – nenhum pensamento dantes, nem mesmo o da psicanálise pregressa, até às vésperas do ano de 1986, quando apresentei isto, entendeu. Ou seja, que tudo isso é recalcante; que todas as formações são recalcentes. Freud foi brilhante, descobriu movimentos e aparelhos de recalque, mas não se deu conta de que, **segundo nossa vocação Originária**, tudo é opressor, tudo é recalcante. Graçasadeus, é claro. Termino a frase dizendo isto porque, se não fosse assim, seríamos inteiramente doidos, não teríamos nenhum movimento de parada, nenhuma possibilidade de mexer em nada, de construir coisa alguma. Isto porque só podemos construir na passagem de formações para formações, de aparelhos recalcentes para aparelhos recalcentes. Esta é nossa glória e nossa estupidez. Isto modifica inteiramente todo o aparelho psicanalítico e, a meu ver, traz uma luneta nova para se enxergar o mundo, pois, por mais que nos apaixonemos por determinada formação corporal ou cultural, no sentido geral, lingüístico, artístico, musical, etc., temos que nos lembrar de que se trata de uma limitação. A única maneira de poder curtir uma formação recalcante numa boa, seria se fizéssemos um trabalho mental capaz de nos deixar, diante de tal formação, isentos de **aderência**. Ou seja, que aquilo não funcionasse no nível sintomático estritamente, mas que pudéssemos curtir sua virtude sintomática sem esquecer que existimos na nossa espécie, isto é, na especificidade mesma da espécie em que existimos, como aquela para o qual tudo isso é mera formação, dada nossa referência específica à hiperdeterminação. Podemos indiferenciar de tudo e viver a **exasperação** entre a indiferença de tudo isso e a diferença radical: que o avesso disso é, sim, requisitado, mas que não virá.



Ora, todo o trabalho prático, clínico, da psicanálise é no sentido de entender esta formulação como algo que nos é interno e de ajudar a nos exerci-

tar no sentido de podermos visitar aquele ponto de indiferenciação para retornar pelo menos sem sermos tolos radicais. Um pouco tolos, tudo bem, *ma non troppo*. Este é o trabalho da clínica. E por incrível que pareça, o movimento de partir desse Primário grotesco, movimentar um Secundário um pouco talvez menos grotesco, porque mais maneável – movimentação esta que nos permite até retornar ao Primário e produzir próteses modificadoras desse Primário –, uma vez que o movimento é no sentido do Originário, de independência e de indiferenciação radical, isto não é senão aquilo que, pelas vias mais retas ou mais tortas, mais esquisitas, os místicos tentaram nos ensinar durante milênios. Por isso, já disse e repito que o estatuto da psicanálise é místico. Lacan supunha que era ético, mas é místico porque a cura se faz no mesmo movimento de afastamento das oposições internas do Haver, no sentido da radical indiferenciação. Só que por vias completamente diferentes dos flagelos e exercícios espirituais dos místicos do passado.

Diante dessa questão, do Primário, do Secundário e do Originário; da virtude recalcante do Primário, do Secundário e do Originário enquanto Recalque Originário; diante da cultura, o modo de haver, o modo de existência, desta espécie; diferentemente da maioria dos pensadores e autores contemporâneos, a psicanálise não precisa ficar alarmada, pois entende que o processo é assim mesmo. É isto que vamos discutir durante algum tempo a respeito da tal cultura e da tal comunicação. Custa caro, dá prejuízos enormes, há fatalismos terríveis, mas é assim mesmo. Por outro lado, também não é preciso ficar deslumbrado. A psicanálise pretende mostrar que temos possibilidade de viajar, **nem deslumbrados nem alarmados**, mas o mais **lúcidos** possível, entendendo o processo contemporâneo que põe à flor da pele os movimentos que o psiquismo promoveu no seio do Haver. Então, nem deslumbrados, nem alarmados, nem obscurantistas – pois acaba que os alarmados terminam por colocar algum obscurantismo em ação –, e nem tampouco com ufanismos intelectuais. Lucidez, precisão, distância e serenidade seriam melhores para nós. Veremos, certamente já a partir do próximo encontro, que dos níveis de recalque, dos registros de nossa espécie – Originário, Primário e Secundário –, podemos tirar a idéia

de um certo **creodo cultural**, ou melhor, um **creodo antrópico**. Creodo é um termo introduzido por René Thom, o criador da *Teoria das Catástrofes*, que significa ‘caminho obrigatório’. Ou seja, algumas circunstâncias forçam determinado caminho, e não se pode passar de um ponto para outro sem seguir determinados caminhos que são impostos por alguma formação constitutiva. Então, digo que isto me oferece a possibilidade de pensar um creodo cultural e que a tal cultura se encaminha necessariamente do nível Primário para o Originário.

- Pergunta – *Poderíamos dizer que sua colocação leva a uma certa indiferença em relação às coisas do mundo? Em que lugar, então, fica a questão do afeto, do sentimento, dos envolvimento com as coisas que estão aí?*

Podemos ter a má impressão, à primeira vista, antes ainda de nos aprofundarmos – com o tempo veremos que não é bem assim –, de que estou convocando as pessoas a serem indiferentes. Isto é *impossível*, ninguém consegue *permanecer* indiferente. Se estou aqui, o tempo todo estou tomando partidos, escolhendo entre oposições, ou seja, estou no vigor da minha ação no mundo. Isto se chama: uma **política**. Como é que vivo, convivo, etc. Aí estou fazendo opções. O que a psicanálise pode é fazer com que eu, mediante um certo processo, retorne à minha experiência de Originário. Todos já a tiveram de algum modo, mas ela está em amnésia. É preciso fazer a anamnese dessa experiência que está silente em cada um de nós. Podemos, então, mediante o exercício analítico, retornar ao reconhecimento dessa nossa origem e, sobretudo, aprender a visitá-la com mais frequência. Viver permanentemente nela, é impossível. Se permanecer indiferente, morrerei, talvez de fome. Na seqüência do Seminário, veremos isto melhor, mas já que você está perguntando vamos eliminar essa angustiazinha do desconhecimento. Posso passar ou, pelo menos, posso desejar que grande parte da humanidade venha a passar a ser do tipo de gente que, ao invés de aplicar imediatamente suas razões sintomáticas sobre o mundo, faça o que Freud preconizou, que se possa substituir um juízo neurótico,

perverso ou psicótico, pelo que ele chamava de **juízo foraclusivo**, *Urteilsverwerfung*. Na verdade, é uma suspensão de juízo, um juízo que seja a suspensão indiferenciada de um caso para, depois, na política do mundo, às vezes, se ter até necessidade de aderir a determinada coisa, mas sabendo que essa adesão foi um voto momentâneo, uma decisão *ad hoc*, que nós não *somos* aquilo.

O que aconteceu com o reconhecimento da derrocada, do naufrágio radical dos fundamentos em nossa época? Os fundamentos não naufragaram agora, já estavam a pique, mas há disto hoje um reconhecimento efervescente. O que acontece é que esse reconhecimento, quanto à maior parte da humanidade, tem sido inconsciente. E isto resultou em fugas para trás, e não em passos para a frente. Essas fugas retrô não são senão cada um lutar mais ferrenhamente por sua posição e por sua maneira de julgar, ambas sintomáticas. Donde todos os racismos violentos, os integrismos, as guerras de fúria interna, de pequenas diferenças, que estão por aí grassando. Teremos que ultrapassar isto, não sei como. Mas é só isto que está acontecendo. Não tendo feito o exercício de caminhar até nossa vocação Originária, à suspensão, e depois dizermos ‘tudo bem, há diferença, mas podemos organizar isto sem nos aplicarmos sintomaticamente’, isso aí é o que ocorre: racismos, guerras, integrismos, fundamentalismos, etc., são nada mais nada menos do que aplicação de sintomas grotescos e grosseiros sem nenhuma reflexão a respeito da possível indiferença a seu respeito. Trata-se, então, dessa visita ao Cais Absoluto, à indiferença, pois jamais poderemos viver na indiferença, porque é impossível. Mas saberei muito bem, por experiência de indiferença, por **referência** à indiferença, que, quando alguém diz algo diferente de mim, esse algo é possível.

- P – *Você pode falar mais sobre a cultura seguir um caminho necessário de percurso ou de trajeto? Ele é ou tem que se tornar necessário? Dentro da sua construção, como você vê essa necessidade?*

O caminho é necessário enquanto caminho. Não há outro, pois a disponibilidade é essa. Se temos uma vertente orográfica, se cair água sobre ela, de chuva, por exemplo, a água seguirá por um caminho necessário. Mas só se cair água, se não, não seguirá. Neste sentido é que chamei de **creodo antrópico** o movimento de Registro para Registro. Do ponto de vista ético, lógico, etc., tenho insistido no fato de que **nada obriga**, nada é kantiano nesta minha construção. O movimento da ética da psicanálise é no sentido do Originário, mas nada obriga seguir este sentido, não há aí nenhum imperativo. Entretanto, se alguém caminhar, será por esse caminho. É isto o **creodo**. Temos aparelhos culturais – chamados, no plural, de culturas – que parecem que pararam de caminhar. Como a nossa cultura, por exemplo, que está num período de franca estagnação se não mesmo de imbecilidade. Ou senão está andando para trás. Mas se algum dia voltar a caminhar, quero supor que só pode ser (necessariamente) no sentido do Primário para o Secundário e depois para o Originário, pois tem sido assim e parece que não pode ser de outro jeito. Nasce-se macaco, copia-se decalcadamente o macaco nas culturas primitivas, vai-se introduzindo acrescentamentos secundários, e, quero supor, se esses acrescentamentos se exacerbarem, se tornarem cada vez mais abstraídos e mais abstraentes, conseguiremos conviver cada vez mais próximos da referência ao Originário. Creodo é isso. E vai se estampar na cultura pela razão de que nascemos macaco de carbono. Gostaria de encontrar uns ETs por aí que não fossem da ordem do carbono para saber qual é o creodo lá deles. Certamente que seu creodo é também do Primário para o Secundário e depois para o Originário. Só que o Primário deles talvez seja outro.

- P – *Você atribui essas paradas sintomáticas ao Recalque?*

Ao enorme peso dos Recalques Primário e Secundário, ajudados todos (e porque são ressonâncias dele) pelo Recalque Originário.

20/MAR

3

A ORDEM IMPLÍCITA

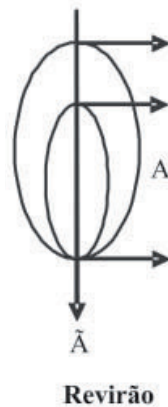
Falávamos dos registros de assentamento das formações do Haver, Primário, Secundário e Originário. Como disse, o Primário são as formações que costumamos chamar de ‘naturais’ (prefiro chamar de ‘espontâneas’) que, no caso de nossa espécie, se referem a todo o ambiente em que vivemos, mas sobretudo à nossa própria construção corporal, ao biótico, que está impregnado de informações não só diretamente do nível genético como também, no próprio interior da formação complexíssima chamada corpo humano, da ordem de uma forma de programação comportamental. Nas espécies ditas inferiores, a Etologia cada vez mais se dá conta da existência de uma programação que, embora com certa elasticidade, é bastante rígida, fixada. No caso da espécie humana, a maneira de vivermos em cultura, as formações mais para o Secundário que chamamos assim, começam a empanar as formações primárias e não temos nenhuma nitidez a respeito de um programa comportamental. Isto, ainda que os etólogos continuem procurando destrinchar, no seio de formações muito complexas, de comportamentos os mais variados, a possibilidade de encontrar alguns elementos tipicamente etológicos, ou, quem sabe, inscrições etogramáticas que nascem junto com a formação primária. Seja pelo que for, por um excesso de complexidade em sua formação primária ou mesmo porque porta a maquininha esquisita que chamo de Revirão, a espécie é a única conhecida que desenvolve o que poderíamos chamar de aparelho Secundário, que é um aparelho de formações languageiras. Então, não se comportando estritamente segun-

do um etograma, um programa qualquer, embutido em sua construção biótica, ela, para além disso, produz essa vasta formação que ocupa a superfície do planeta e que chamamos de Cultura, em geral. A ordem do Secundário é, portanto, esta construção simbólica, representacional, que resulta na massa enorme de artefatos, artifícios, produzidos pela espécie. A estes, chamo de **artifícios industriais**, e aos outros, que chamam de ‘naturais’, chamo de **artifícios espontâneos**. Nossa espécie, então, além dos artifícios espontâneos que a tal natureza distribui por aí, prolifera em artifícios industriais, começa a inventar coisas desde a fala, a língua, a linguagem, e se manifesta nas mais diversificadas formações.

O Secundário é próximo do que algumas escolas de pensamento têm chamado de Simbólico. Ou seja, um campo que se pode manipular com certa independência em relação ao Primário. Podemos fazer altas manipulações secundárias sem nenhuma intervenção direta no Primário, mas é também através e mediante o campo Secundário que fazemos as manipulações do Primário que nos sejam possíveis. Alguns autores chegam a dizer que a espécie humana, de algum tempo para cá, parou em suas possibilidades de formações evolutivas, parou de passar por grandes mutações genéticas, diferentemente de outras espécies que parecem sofrer mutações ainda, mas que, de certo modo, ela começou a produzir exteriormente essas mutações. Ao invés de algumas formações genéticas se transformarem no próprio corpo da espécie, esta como que virou ao contrário. Virou sua produção pelo avesso e, permanecendo com a mesma estrutura biológica, transfigura o mundo ao redor e também sua própria corporeidade, produzindo mediante o aparelho secundário. É o caso da tecnologia, por exemplo. Não temos rodas genéticas, mas produzimos rodas industriais que acrescentam as nossas possibilidades corporais de movimento, etc. Então, o Secundário seria o vasto campo de formações que extrapolam o regime das formações primárias, que são manipuláveis em separado, independentemente delas, e mediante as quais se pode também intervir diretamente no Primário. Essas intervenções, sejam em que nível for, apenas no nível do Secundário ou vazando no Primário, chamo-as de Próteses. A espécie produz

próteses puramente secundárias, ou próteses secundárias acopladas com primárias, ou às vezes próteses que, em seu resultado final, são estritamente primárias.

Hoje, gostaria de falar da existência, segundo nossa concepção, de uma verdadeira ordem que está implícita a esse conjunto de registros. O registro do Originário a que me refiro é a estrutura – que apenas a nossa espécie portaria em funcionalidade própria – que chamo de Revirão, como coloquei da vez anterior.



Esta máquina, esta competência da espécie, é o resultado do processo Originário, que é aquele que depende do funcionamento do que chamo de ALEI, Haver desejo de não-Haver, $A \blacklozenge \tilde{A}$. Ou seja, a coisa se possibilita como um processo de Revirão que poderá ser sustado aqui e ali. Então, se nossa competência específica é a de podermos abstrair e revirar o que quer que apareça diante de nós, a toda e qualquer afirmação, seja o surgimento de um elemento da natureza ou a afirmação de uma idéia, de uma tese, poderemos dizer o contrário. Somos uma espécie que, diante do dia claro, colocamos a idéia de noite, em contraposição à idéia de dia. Uma vez então que porta essa competência, que é seu registro máximo de distinção, a espécie seria aquela que funciona em sua singularidade como a que, se mantivesse esse aparelho em funcionamento perene, vigoroso, estaria sempre no procedimento de indiferenciar o que quer que

aparecesse diante dela. Estaria no procedimento de estar inteiramente (a palavra não é muito boa, mas vamos usá-la assim mesmo) livre diante do aparecimento de toda e qualquer formação. Ela não estaria subdita a imposição alguma de qualquer formação que comparecesse. É talvez este o que poderemos chamar de aparelho psíquico por excelência, a alma da espécie, que outras espécies vivas não portariam.

Entretanto, este aparelho não está só, não é o único a funcionar, não está livre para funcionar como quiser. É um aparelho que, no seio das espécies animais, parece ter emergido dentro de um aparelho biológico que é semelhante a qualquer outro das chamadas espécies superiores, dos primatas, por exemplo. Ora, é dentro dessa construção biológica que surge esse aparelho de indiferenciação, assim como é dentro desse mesmo aparelho que – talvez por complexificação do próprio aparelho, ou porque há essa maquininha, ou seja, porque surgiu esse espelho interior, essa máquina de avessamento – resultou o aparelho Secundário, isso que chamamos linguagem e que resulta, entre outras coisas, na produção das línguas sintomáticas que falamos. Seja o que for que aconteça, esse aparelho máximo de nossa performance é pressionado a funcionar de maneira lateralizada pelos aparelhos inferiores, digamos assim. A construção biológica de nosso corpo e o modo de formação dos aparelhos em funcionamento nesse corpo não são disponíveis para toda e qualquer possibilidade. Esses aparelhos são demarcados, lateralizados. Quando determinado órgão diz *sim* a determinada coisa, está, juntamente com este *sim*, dizendo *não* ao que não é essa coisa, ao oposto da coisa a que diz *sim*. Tanto é que certos desequilíbrios exagerados das formações biológicas resultam facilmente em deterioração e morte, em perecimento do aparelho.

Então, o Primário, que vem desenhado com toda a lateralidade que o Haver comporta no seu momento aqui e agora de existência – quando agora é dia, não é noite; a noite, quando surgir, certamente expulsará o dia, etc. –, essas formações lateralizadas exercem um poder de limitação, se não mesmo de amputação, sobre a nossa possibilidade de reviramento constante. Assim, mesmo que possamos ter a disponibilidade mental, digamos, de revirar à vontade no

Secundário – o que também não é verdadeiro, pois não reviramos tão à vontade aí –, no regime daquilo que temos que respeitar em relação ao Primário, somos cerceados, limitados, bloqueados, lateralizados pela decantação das formações primárias. A isto é que, correspondente ao nível Primário (1Ar), chamo de Recalque Primário (R1Ar). Assim como chamei de Recalque Originário (ROr) o acontecimento do funcionamento mesmo da ALEI, Haver desejo de não-Haver, de não ser possível passar a não-Haver, de quebrar-se a simetria exigida pelo aparelho. É o funcionamento da possibilidade de reviramento constante para tudo que fica abaixo da exigência do não-Haver (que, este, é impossível). Ou seja, tudo que fica abaixo do Impossível Absoluto, de que não é possível não-Haver, tem a possibilidade de reviramento ou, pelo menos, nossa maquininha mental lhe propõe a possibilidade de reviramento. Ora, essa disponibilidade fica cerceada, limitada, efetivamente *recalcada*, pela massa de decantações primárias. O **Recalque Primário** é, então, toda e qualquer formação espontânea que, no campo do Haver, limita os nossos processos libérrimos de avessamento, de contestação, disponíveis pela maquininha do Revirão (Or). Como vêem, o Recalque Primário está no nível da própria *physis*, e não apenas da estrutura psíquica.

Por outro lado, queiramos ou não, mesmo que o macaco especialíssimo que somos porte a possibilidade de reviramento, o modelo das formações outras que não a Originária é o próprio registro do Primário. É a formação oferecida de graça pela espontaneidade do Haver, que chamamos ‘natureza’, que é o modelo de todas as outras formações. Então, mesmo quando, apoiados no Originário, na possibilidade de reviramento, conseguimos um funcionamento mental no Secundário (2Ar) capaz de revirar com a facilidade que o Primário não oferece, mesmo ali são formações que vão se decantando e seguem necessariamente o modelo do próprio Primário. As formações simbólicas não são senão (se quisermos usar uma palavra tão preferida pelos estruturalistas, por Lacan inclusive) metáfora, a qual é algo que persegue a nossa mente desde o conceito de *mimesis* na Grécia. Ou seja, é a nossa relação mimética com a disponibilidade natural das coisas. O Secundário, então, mesmo sendo uma

máquina de anotação, de transferência puramente representacional, se quisermos assim, do que acontece no campo do Haver, ele se modela segundo as características que estavam disponíveis, dadas, pelo Primário. Então, também se organiza em formações simbólicas, em formações metafóricas, em formações tão sintomáticas, para usar o termo certo, quanto as formações Primárias, só que são sintomas de natureza secundária. São formações que mais ou menos se compõem e tentam se fechar para sustentar a sua própria configuração. Assim como uma célula fecha a sua configuração num verdadeiro cadeado informacional que rejeita as diferenças para sustentar a célula viva, também as formações Secundárias têm a tendência de se cristalizar, de se fechar em sintomas que expulsam os sintomas opostos. Isto para se sustentarem em sua existência no que são modeladas em metaforização dos próprios elementos do Primário.

Então, estamos cercados, afogados, em processos de Recalque. O Recalque Originário nos expulsa apenas da possibilidade da Paz Absoluta ou do Gozo Absoluto de nada mais haver, mas os aparelhos que estão oferecidos aí pela própria natureza são recalcentes desse movimento e resultam no segundo aparelho, o Secundário, o simbólico, que também se cristaliza, se fecha e também é recalcante do aparelho Originário. Temos, então, aí, o **Recalque Secundário (R2Ar)**. Assim, nossa existência é o jogo – será infinito certamente das possibilidades de desbragamento e de liberdade radicais com o fato de serem quase que inteiramente recalçadas pela grande massa tanto das formações primárias, sejam elas autossomáticas ou etossomáticas que eventualmente estejam por aí, quanto pela enorme massa das próprias formações secundárias, herdeiras dessa massa primária. Como vêm, não é fácil, pois se mantivéssemos nossos movimentos específicos, nossa disponibilidade de revirar e indiferenciar à vontade, talvez perecêssemos logo de saída. Como, então, sustentar o boneco biológico, que é todo regradinho, todo marcadinho, todo recalcadinho, e mesmo como sustentar um reconhecimento no seio das formações chamadas de simbólicas, culturais, sem um mínimo de rosto para cada uma delas?

A liberdade plena, o poder absoluto de revirar também seria nefasto se funcionasse inteiramente ou antes ainda que os recalques se decantassem. Por outro lado, no interesse da sobrevivência – que prezamos até quando não sabemos que prezamos –, a nossa disponibilidade infinitamente grande fica inteiramente recalcada por todas essas formações. Loucamente, a mente varia, como se diz, mas não posso levar junto com os movimentos da mente todos os movimentos da própria mente, pois grande parte deles está inteiramente funcionando debaixo de processos recalcentes muito vigorosos, e menos ainda as formações extremamente pesadas, duras, do Primário. É só acompanharmos a história de um movimento qualquer da espécie no sentido de contradizer o que lhe foi dado espontaneamente para vermos isso. Por exemplo, não temos asas, olhamos os pássaros e ficamos com inveja. Quanto tempo o homem ficou invejando, fazendo gestos mágicos, para ver se voava? Foram milênios e milênios até chegar um dia em que, depois de se quebrar quinhentas vezes por imitar diretamente a forma das aves, ele consegue inventar o avião. Foi ontem. Recentemente. Em nível de Primário pelo menos, isto é um desrecalcamento. O retorno do recalcado no nível do Secundário forçando determinado desejo, uma vontade de voar, se quiserem, e, por outro lado, todo um processo lento que precisou de um enorme aparelho civilizacional para chegar à invenção da ciência moderna, a tudo que a cultura tem de mais complexo hoje em dia, para, na utilização dessa vasta formação, conseguir fazer com que se levantasse vôo como os pássaros. Não exatamente como eles, mas se levanta vôo. A asa delta, por exemplo, que é uma coisa tão boba, embora não levante mas ‘caia’ vôo, só veio a aparecer depois do avião, depois que se entendessem os movimentos aéreos...

Basta imaginarmos o trabalho da espécie durante todos esses milênios para vermos o quê? A luta das forças recalcentes. Nossa visão da estrutura dos recalques passa a entender as formações recalcentes e recalçadas num **campo de batalha**, num **campo de forças**. Ou seja, não é apenas uma coisinha da ordem simbólica que se instala e faz um recalque, e sim um campo de forças onde alguma formação só está recalcada e só permanece recalcada

porque uma grande massa de forças recalcentes insiste veementemente. É claro que o recalque vaza de algum modo e cria um sintoma neurótico – o que é parecido mas não a mesma coisa que um sintoma espontâneo, pois, este, posso qualificá-lo diferente –, mas antes dessa formação neurótica, ele vaza como retorno do recalcado. Tanto é que precisa vir a neurose para segurar. O recalcado, então, retorna de algum modo e começa a coçar no interior da estrutura. E desrecalcar esse retornado de algum modo – pois quando retorna, retorna um rabinho, um dedinho que faz cócegas, mas o recalcado que está por trás desse dedinho é enorme – só é possível se, efetivamente, operarmos num vasto e longo processo de luta contra as forças recalcentes. É preciso, mediante o aumento do poder das forças recalçadas e de seus aliados, suspender o poder das forças recalcentes para se conseguir suspender um recalque. Isto do mesmo modo que acontece na vida política. É uma luta de poder que se instala para nós no mundo, seja para o indivíduo seja para a espécie em geral.

A vasta formação de Recalque Primário não é senão uma grande formação que luta por sua sobrevivência. Isto porque é vencedora. Se não o fosse, não estava no poder. As forças animalescas de sobrevivência estão no poder, aglutinarão todas as forças aliadas que conseguirem e lutarão contra seu desaparecimento. Entretanto, porque somos co-movidos acidentalmente, eventualmente, pela maquininha que é o Originário, de vez em quando o Secundário ‘maluquece’. E no que fica maluquinho, exige como formação secundária uma coisa que não está disponível. Ou seja, pressionado pelo Originário, vaza no Secundário alguma coisa, e ele começa a ficar com a cabeça cheia de caraminholas, a querer coisas que não parecem possíveis, disponíveis. Separemos, então, os níveis da possibilidade. Quando escrevo que Haver é desejo de não-Haver, este não-Haver é impossível absolutamente, pois o não-Haver não há. É a castração originária, não tem jeito. Também, se tivesse jeito, não estaríamos aqui falando: o não-Haver haveria em lugar do Haver. Mas o não-Haver não há e é bobagem perdermos tempo com isso. Assim, essas formações tão sólidas, tão fortes, tão presentes – formações vencedoras, recalcentes das outras que não estão aqui agora –, por sua força de recalçamento do que

não está disponível nelas, criam o que podemos chamar de impossíveis modais. Por exemplo, quero voar. É impossível, dou a volta por todos os lados, continua sendo impossível. Mas se não desistir – pois impossível absoluto só há um –, se insistir no que quero, quem sabe se um dia não consigo as condições políticas, as forças necessárias, para derrubar a impossibilidade modal que está me pressionando? A impossibilidade modal de voar foi derrubada pela espécie.

Ora, a vida da espécie, enquanto existir, sempre foi e sempre será a luta perene entre as grandes resistências, que são as forças recalcantes primárias e secundárias, e as pequenas (ou grandes) loucuras que exigem o que é (pelo menos agora) impossível. E pior, só o exigem porque exigem o Impossível Absoluto, o qual não chegará nunca, pois estamos subditos à ALEI de desejar o Impossível. E é claro que só sobrevivemos até aqui porque as forças recalcantes são muito superiores. Se não, a loucura geral nos teria eliminado a todos. Mas como o corpo exige certas coisas, certos gostos, certos prazeres, a sobrevivência, freqüentemente fazemos concessões a esses prazeres e gostos e continuamos sobrevivendo... e não se sabe muito bem onde fica o limite, a fronteira, de nossa imbecilidade. Por que digo isto? Porque, num certo momento, pode ser imbecil eu não lutar contra um recalque, deixar de ter um gozo, ou seja, atingir um poder qualquer, porque não lutei contra um recalque. Mas, em outro momento, pode ser imbecil eu não ceder um pouco ao recalque para não estourar com tudo. É, portanto, um duro e difícil trabalho de diplomacia, de transa política, entre as formações na sua relação com o processo nosso mais de ponta que é o processo de reviramento. Então, não se trata meramente de ser prafrentex e ter que derrubar todos os recalques, pois se os derrubarmos todos, vamos morrer. Como tampouco temos que ficar abrindo mão do que queremos quando pressionados pelas pequenas loucuras que nos vêm da intervenção do Originário, pois, lutando bastante, pode ser possível sem nenhum perecimento. Esta é a grande dificuldade. Se pudéssemos pensar em termos nietzscheanos, seria uma grande saúde, uma disponibilidade enorme que, utilizando o aparelho de reviramento, teríamos para negociar e para, o tempo todo, fazer uma boa política com as forças recalcantes e as recalcadas.

Daí que estou falando em certa ordem implícita que existe para nós no seio das formações. Uma ordem implícita na ordem mesmo dos registros que portamos. Se o dado espontaneamente for a construção primária, mesmo que – em nosso caso, por excesso de complexidade – porte a construção Originária do que resulte a possibilidade da grande construção do Secundário, o modelo, o dado espontaneamente, é a formação primária que a espécie recebeu. E toda a formação agoraqui do Haver, que é uma formação vasta primária e que está lateralizada neste momento. O universo por inteiro, neste momento, está lateralizado. Um dia, pode revirar, passar de positivo a negativo, não se sabe, mas esta formação está estabilizada. Portanto, é uma força vencedora recalcante das forças opostas. Mas se nossa especificidade enquanto espécie é o Originário, a possibilidade de reviramento, estamos sempre em dívida para com esse movimento. O fato de sua absoluta disponibilidade talvez nos matar não significa que não seja nossa especificidade, mesmo porque o reviramento não vai ficar francamente disponível nunca, pois as forças primárias e secundárias estão lá fazendo lastro. Dentro do quadro efetivo, real – no sentido de realista –, da nossa existência, o fato é que o lastro primário não vai embora, podem desistir, o lastro secundário vai pesar também sempre, não se dissolverá e nossa especificidade, diante dessa luta, é insistir no Originário para, cada vez mais, conseguirmos o poder de deslizamento, de criação, de acrescentamento das possibilidades para além das disponíveis agoraqui no Primário e no Secundário.

O Primário que nos ofereceram também não está por inteiro, e sim lateralizado. Nossa configuração corporal, tentamos o diabo em relação a ela. Em nosso século, já inventamos a cirurgia plástica, não sei quantas próteses, mas é muito pouco porque não revira efetivamente. Não sabemos se, no futuro, vai-se inventar uma maquininha em que se revira mesmo, troca-se mesmo de forma de cabelo, de cor, essas bobagens, mas que são reviramentos dentro do Primário. Poder-se-á trocar de sexo. Todos que quiserem, é só entrar na maquininha e trocar. Hoje, um, amanhã, outro... Tudo isso que nossa loucura possa querer sonhar e não é possível modalmente. Então, nossa situação de fato, efetiva, é que estamos lastreados por uma massa enorme de Recalques Primá-

rios, uma massa enorme de Recalques Secundários e nossa espécie, até a visita do ET, é a única que porta a possibilidade de Revirão. E esta é a nossa especificidade, a nossa chance de criação, a nossa chance de liberdade. Ou seja, de conquista de poder, de conquista de gozo. Chamo a isto de ordem implícita que existe de fato no seio dessas formações porque o lastro começa pesando no Primário. Com a intervenção do processo de reviramento, conseguimos um outro registro onde os pesos vão se articular, os recalques vão começar a funcionar, as formações vencedoras vão se juntar e vencer outras que não estão disponíveis, mas aí já é bem mais fácil, pois inventamos um registro onde podemos sonhar, como se diz, delirar desvairadamente o que quisermos. Isto, desde que não sejamos impedidos por Recalques Secundários, que são aqueles que estão tratados na psicanálise desde os tempos de Freud. O máximo que entrou na teoria freudiana, por exemplo, de Recalque Primário, no meu sentido, foi a idéia de ‘predisposições’, que Freud nunca explicou o que fosse, pois, efetivamente – com grave defeito, a meu ver –, a psicanálise tem tratado só do Secundário. É preciso nos lembrar de que, por trás das formações secundárias, estão as primárias, que foram metaforizadas para o Secundário. Por exemplo, o tipo de metáfora mais evidente, mais premente, que talvez faça mais pressão sobre nossa espécie no nível Secundário, é justamente a do transporte de uma impossibilidade modal que há no Primário para uma pseudo-impossibilidade no Secundário, mas aí nomeada proibição, interdição. No nível do Primário encontramos barreiras efetivas, pois aí a coisa só muda se, mediante um longo percurso, fizermos uma prótese qualquer capaz de mudar a situação. No nível do Secundário, não. Se, por exemplo, o menino quer casar com mãe, nada impede a não ser uma proibição exarada no nível secundário e que finge ser a impossibilidade que há no Primário. Mas no Primário as impossibilidades são concretas ainda que modais. Nossa espécie, então, limita e produz recalques no nível do Secundário *imitando* a impossibilidade do Primário.

Quando todo bom neurótico diz: “Intelectualmente acho que está certo, mas não consigo”, o “não consigo” é o conjunto das forças recalcentes que ele tem que demolir para poder deixar solto o Secundário. Uma formaçãozinha

dentro de sua cabeça fez com que entendesse, mas daí a derrubar todas as formações que estão fazendo barreira para ele atingir aquilo e derrubar secundariamente é outra história. Todas elas estão fingindo que são formações primárias, que são impossibilidades. Então, quando diz “não consigo”, ele está simplesmente evitando derrubar formações com as quais quer contar para outras coisas. Vejam que há uma safadeza aí no meio. O neurótico é meio safado. A neurose é safada. Ele percebe que, se derrubar essas formações, atinge o que está recalcado e deixa solto, mas se derrubá-las poderá estar fazendo um mau negócio em outra área. É só isso o “não consigo”. Ele quer fazer bom negócio total. Até podia. Poderia dizer: “Dane-se, fico solto e, quando precisar dessas formações, pego-as de volta”. Mas não é o que faz. Ele acredita que, se afastá-las, nunca mais poderá contar com elas. Mas pode.

O que me interessava por hoje era mostrar-lhes que há uma ordem implícita. Uma vez que o espontâneo oferece a grande formação primária e que ela é metaforizada no Secundário, tudo isso, apesar da grande possibilidade da espécie que é o reviramento, faz com que fiquemos mais ou menos subditos a esse caminhozinho:



Nossa história não é completamente solta nem colocada em qualquer ordem, há uma verdadeira hierarquia que é forçada pela própria disponibilidade do Haver. Primeiro, vem o Primário, depois, o Secundário para, depois, atingirmos a disponibilidade do Originário. Começarei a desenvolver isto da próxima vez com o nome já mencionado aqui de **creodo cultural**. Por causa dessa ordem implícita de Primário para Secundário e para Originário, todas as grandes formações da história da humanidade, em qualquer momento por onde passa, passa por ele. Não estou falando história no sentido estritamente cronológico, mas sim que qualquer grupo humano necessariamente passará por esse encaminhamento. Ou não. Ficarão estagnado no meio. Ou terá longos períodos de estagna-

ção. Ou, pior, ficará com medo e correrá para atrás, tentará voltar no caminho. Tudo isto tem sérias consequências. Então, a partir da ordem implícita que suponho encontrar em nossos movimentos, da próxima vez falaremos do creodo cultural e de como funciona.

• Pergunta – *Você pode falar mais sobre essa ordem do Primário ao Originário?*

Não existe aí nenhum imperativo categórico, moral ou físico. Ou seja, não há nada que realmente obrigue a espécie humana ou o indivíduo humano a ir lá. Daí a dificuldade de se fundar uma ética garantidora de seus movimentos. Até posso dizer que a ética da psicanálise que proponho é a de aproximação do Originário, mas nada obriga a isto a não ser meu voto de que esta ética tenha sucesso, pois, do ponto de vista da história da humanidade, nada obriga. Tanto é que encontramos grupos humanos inteiramente anquilosados, paralisados, em determinadas regiões. Ou mesmo, no próprio seio da civilização ocidental, encontramos graves movimentos de retrocesso, de querer fugir da sua, digamos, vocação de cada vez maior poder de libertação e querer voltar para o seio da disponibilidade ‘natural’.

• P – *Ao mesmo tempo, numa cultura, há um movimento de tentativa de disponibilização e outro de retrocesso?*

Encontramos isto com frequência no espaço e no tempo. Ou acontecendo ao mesmo tempo, no mesmo momento, ou sucessivamente. Com evidência, não vemos a humanidade se encaminhando inexoravelmente para o Originário. O que vemos são pessoas, grupos de pessoas e talvez a espécie inteira na face do planeta correndo um pouco para a frente, ficando assustada e correndo para atrás. Lá, acha que é uma grande merda e todos correm para a frente. Ou, se não, paralisam... É isso a tal da História.

• P – *Em arte, há vários artistas fazendo a exibição do corporal mesmo. São trabalhos ligados à morte, ao corpo. Um exemplo disso é a exposição feita nos Estados Unidos, há uns dois anos, de um artista que tinha uma doença incurável. A exposição era ele mesmo exibindo seu corpo numa cama cheia de soro, de remédios...*

É uma estética.

- P – *Há outro, um artista inglês, que exhibe vacas, bezeros em formol, numas caixas de vidro. É aí o regime do Primário?*

A partir do momento que ponho uma vaca dentro da galeria, mesmo que a vaca fosse eu, já não tenho nenhuma espontaneidade. Há um ato qualquer. Quem inaugurou isso foi Marcel Duchamp, que fez um ato que veio a dizer que o que quer que um da espécie humana faça é Arte. Isto porque é um ato de uma espécie que é assim. O que foi bandalhado é o conceito de arte. Hoje em dia, quando se entra num lugar, um museu, uma galeria, e se vê uma exposição, está-se diante do quê? De um ato político de um grupo ou de um indivíduo que resolveu regionalizar o conceito de arte. Só isso. Se fizermos a coleção de tudo que está aqui dentro, de todos os aparelhos... Vestimos essas roupas, colocamos óculos, arrumamos o cabelo, por causa de quê?: Arte. Tudo se articulou de alguma maneira. **Arte é articulação e mais nada.** Foi o que Duchamp veio demonstrar. O que quer que se chame de arte hoje em dia – diferentemente até do que se pode chamar de ciência, sem discutir o que ela seja – é um ato político de designação de determinada formação como artística para fulano ou beltrano.

- P – *Há o trabalho de outro artista que expôs quatro caixinhas de iogurte numa galeria, mas eu queria chamar a atenção para o aspecto da artistificação do corpo...*

O corpo entra aí como lata de iogurte ou mictório, tanto faz. É o aparelho, o objeto que o artista resolveu articular. E é interessante que os artistas comecem a tomar seu próprio Primário como material para incluir numa exposição.

- P – *Fica parecendo que se prioriza mais esse aspecto do que a representação...*

Não gosto do conceito de representação, mas fiquemos com ele para não brigarmos. Não há possibilidade de se fazer nenhum ato, nenhum gesto, sem intervenção desse processo. Os regimes não vivem separados, como veremos melhor adiante. Você já viram, por exemplo, um cavalo se expondo como

objeto de arte? Nós pegamos o cavalo e o colocamos lá. Não existe nenhuma espécie conhecida por nós que faça o ato de dizer ‘eu sou uma obra de arte’ – aliás, sou mesmo, não tenho a menor dúvida, custou muito caro para fazer. Quando se diz, então, que algo é obra de arte, existe aí um ato, uma decisão, um modo de exposição, alguma coisa, que o funda como: Arte. Foi preciso estabelecer a política de seu reconhecimento por alguns ou por todos, pela maioria ou pela minoria. E há um grupo que diz: “Também digo que isso é arte. Quer ver como acho que é arte? Dou cinco mil, dez milhões de dólares, qualquer coisa, para dizer que é arte. E crio inclusive uma economia drástica e dramática em torno dessas maluquices que vocês fazem”. Há que, no percurso, ficar solto no Secundário. Qualquer um está mais ou menos artistificando a sua vida o dia inteiro. É claro que existem alguns muito potentes, umas pessoas não só muito potentes artisticamente como dedicadas a isso. Investem grandes massas de tempo, de trabalho, etc., em ficar pensando certa questão dentro da situação contemporânea, por exemplo, para urgir uma solução através de determinado arranjo de formas, de sons, disso e daquilo, para falar dessa questão. Outros até investem, se dedicam, mas não conseguem nada porque são estúpidos mesmo. Hoje, não temos como distinguir o que é do que não é arte a não ser por um ato... político. Não estou dizendo que arte e política sejam a mesma coisa, e sim que, mediante um ato político de designação, isolo regionalizadamente determinada coisa e digo que é a arte do meu tempo.

É o mesmo problema das ciências. O que é ciência? É uma luta peregrina. Há até aqueles que dizem que ela é o mero resultado da política. Mas talvez não seja, pois também, quando isolo determinados fenômenos artísticos e, mediante um investimento qualquer, uma formação política, consigo decidir junto com alguns que aquilo é arte de hoje, aquilo só o é politicamente porque foi antes articulado. O difícil é dar conta dessa articulação, de seu nível, de seu valor, de sua complexidade, do novo ou não dessa articulação. Ou de um processo de abrangência, pois hoje em dia a coisa é extremamente vasta. No campo da ciência, eu já disse, por exemplo, em vários Seminários, que tudo é conhecimento. Pronto, escolhambe! o campo da epistemologia. Mas, mesmo

que o que quer que se diga seja da ordem do conhecimento, há aí articulações específicas, valores localizados, regionais, etc. A crise maior que a humanidade está passando em relação a isso é que estamos saindo de um período em que tudo parecia estar nas prateleiras, e no qual se sabia que isso aqui é arte, que aquilo ali a epistemologia diz que é ciência. Então, estava todo mundo muito bem situado, à vontade, no meio dos edifícios, passeando pela rua: aqui é a escola de Belas Artes, ali é a de Medicina... De repente, zoneou o campo todo, pois os rótulos foram tirados, os objetos foram tirados das prateleiras e temos hoje que estabelecer juízos o tempo todo, sem parar. Isto é muito cansativo, eu sei, mas esta é a fase pela qual estamos passando. Temos que estabelecer juízos o tempo todo, e não esquecer que **os valores que são apresentados como os maiores são decorrência de um ato político**. Se estivermos fora da patota de tal ato político, teremos que engolir o que está na televisão, por exemplo. Isto porque eles querem assim e podem querer, pois o canal é deles e não nosso. Pensar que ficamos aliviados das maiores lutas políticas porque o muro de Berlim caiu, é um engano, pois agora está muito pior. Se você não quer ser um pacóvio alienado o dia inteiro tem que, o tempo todo, ficar pensando que atitude vai tomar diante de alguém cheio de agulhas dizer 'sou uma obra de arte'. Quero ou não que seja? Ou quero que o outro artista seja o melhor? Como fazer?

03/ABR

4

O CREODO CULTURAL I

Falávamos da vez anterior da ordem implícita. Com o que, queríamos qualificar o que está empacotado dentro da formação do Haver como um todo, ou da outra formação, semelhante à primeira, que consideramos ser a da nossa espécie. Na ordem implícita é mostrado que, se constituído o Primário como sendo as formações espontaneamente oferecidas, nesta ocasião que aí está de aparecimento do Haver em suas formações menores, inclui-se, no entanto, diferenciadamente a formação que chamo de Secundário, a qual é a responsável pela possibilidade de transcrição do Primário para o Secundário. É o lugar onde se maneja – com menor intervenção, mas diretamente nas formações – o que quer que se possa manejar da maneira que é concebida como simbólica. Por último, e no entanto aquilo que mais define a nossa condição específica, teríamos o Originário, que é o fato de ter aparecido, no cerne mesmo do Primário, seja pelo motivo que for, por maior ou menor complexidade ou sabe-se lá o quê, a maquininha que chamo de Revirão, a qual é responsável por nossa possibilidade em aberto. Falamos também das decantações das formações que, para aquém da possibilidade extremada do Originário, implicam uma quantidade enorme de coagulações, decantações que são recalcantes das possibilidades não emergentes. Falamos, então, de forças recalcantes e de forças recalcadas. E lembramos que todos os acontecimentos, as possibilidades efetivas do que quer que queiramos fazer funcionar, dependem das forças em jogo na vasta

guerra, na polêmica, na agonística entre as forças recalcantes e as forças recalcadas tentando, de algum modo, o seu retorno.

Nossa maquininha específica chamada Revirão é aquela justamente que a nós outros possibilita, pelo menos no nível Secundário com maior facilidade – embora também se invada o Primário com produções protéticas primeiro organizadas no Secundário, que, em seguida, podem invadir o Primário quando há condições e poder para isso –, toda e qualquer articulação muito para além do que está disponível por aí. Chamei, então, de ordem implícita o lastro, o peso, do Primário, dada sua espontaneidade e sua, digamos, força maior na generalidade do Haver. O Primário se impõe em primeiro lugar como força superior, força recalcante portanto, e tem permitido certos movimentos no Secundário, o qual, por ser uma espécie de mimese ou de metáfora do Primário, também se coalesce, se decanta, em fortes formações recalcantes. Aliás, costumo dizer que a massa secundária, quando se decanta, por exemplo, nisso que é a cultura que está aí – como já disse, **cultura é o modo de existência da nossa espécie** –, é o que chamo de **neo-etológico**. Isto justamente porque, dada sua repetição intensiva e extensiva, costuma ser uma força recalcante da maior potência e que, embora não seja idêntica, imita o etológico que é dado espontaneamente no Primário, como, por exemplo, as formações etológicas dos animais. Por isso, digo que, uma vez produzido, o Secundário imediatamente tende a se coalescer na massa forte, recalcante, que é o neo-etológico, e que poderíamos mesmo chamar de **neo-zoológico**. Não costumamos funcionar com muita frequência no regime da invocação do Originário, da hiperdeterminação, tentando sempre desanuviar o campo do Secundário e intervir criativamente no campo do Primário. Muito pelo contrário, uma vez que alguma coisa é criada, ela o é no nível do Secundário, pode extravasar, invadir, o Primário, mas imediatamente se torna conhecida, sabida, entra no campo da cultura e passa a ser, de novo, uma força habitual, por isso neo-etológica.

Por isso mesmo temos grupos humanos inteiros configurados de acordo com o modo de formação cultural, de uma formação modal na cultura onde as pessoas daquela formação se supõem ser aquilo que é aquela formação

recalcante das outras possibilidades. Como os grupos não acontecem iguais, os antropólogos costumam tentar dar conta daquele Secundário, descrevê-los, nessas coisas que chamamos de cultura, sejam primitivas ou não. Mas o que estão descrevendo são formações secundárias decantadas como neo-etológicas, mais nada. Algo foi inventado em determinado momento, tornou-se patrimônio de determinado grupo e o grupo está, portanto, determinado, sobredeterminado – antigamente chamavam de identificação, mas não vejo motivo para isto –, por aqueles tipos de formações que estão ali disponíveis. Isto, além de ter sido sobredeterminado pelo que é da ordem do Primário. Então, o grupo vai pensar que é o quê, se não aquilo que é o costume do seu funcionamento? A menos que, aqui e ali, um ou outro se sinta invadido ou faça recurso ao Originário, ponha tudo sob a perspectiva da estranheza e comece a querer pensar aquilo tudo. Onde, podemos – sem entrar no assunto agora – dizer que **pensar efetivamente**, para além dos cálculos da mera veridicidade do que acontece nos campos do Primário e do Secundário, **é recorrer ao Originário, à hiperdeterminação, é indiferenciar e estranhar o campo das formações modais dentro do Haver.**

Estamos falando sobre a ordem implícita, que é rebarbativa, repetitiva, em função do lastro majoritário do Primário, do lastro também de grande potência do Secundário e da rara emergência do Originário. (Este, o mais freqüentemente, lá está em amnésia. O trabalho da psicanálise é justamente tentar a anamnese, a rememoração daquilo). É preciso lembrar que essas decantações, mesmo decantadas, dividem-se em formações recalcadas e formações recalcentes. As formações recalcadas estão implícitas lá em algum lugar, mesmo no nível do que chamamos Natureza e não sabemos em que prazo isso virará sozinho. Mas quando conseguimos alguma empolgação do Originário, conseguimos lhe dar um prazo, invadir o Primário e fazer algumas modificações. Esse tipo de decantação constitui, então, uma ordem implícita com formações majoritárias, potentes, de investimento maior, outras de investimento menor, até à raridade do Originário.

A hipótese da Nova Psicanálise a respeito das conseqüências imediatas da ordem implícita é de que, uma vez que essa ordem se impõe – é o que está aí na realidade, a realidade é isso –, todos os empreendimentos de nossa espécie não têm como não passar por esse caminho e não cumprir esse périplo: não têm como não passar e não cumprir, se é que se movimentam. Daí, eu tomar emprestado o conceito de **creodo** da teoria das catástrofes, de René Thom, para aplicar aqui. Isto porque, se há movimento, o caminho pelo qual se passa é esse, não há outro. O sentido, aí, é o de que, se há encaminhamento, se há movimento, este será o ‘caminho obrigatório’, dado que a ordem implícita é essa. Isso tem resultado numa espécie de movimento que se repete por todas as formações culturais, por todas as formações antropológicamente observadas, historicamente anotáveis. Quer me parecer que nossa espécie, no que se movimenta quanto à sua organização social, política, econômica, etc., percorre esse caminho. E o percorre não necessariamente em concomitância de todas as suas manifestações. Ela pode, num determinado campo de manifestação, estar mais adiantada, e noutro, mais atrasada. Às vezes, pequenos grupos ou indivíduos dentro do grupo podem dar saltos. Então, quanto às grandes formações, às macroformações sociais – que estão nos interessando este ano quando abordamos as questões da Cultura e da Comunicação em seu seio, para, depois, sobretudo pensarmos um pouco a respeito da nossa época, a chamada Era Global –, é preciso saber que o modo de existência da espécie, que é como estou definindo a cultura, se movimenta segundo essa ordem e esse périplo obrigatórios e que, portanto, o que quer que haja de processo comunicacional em seu seio depende da instalação da cultura num desses momentos.

Ora, poderíamos chamar de colegas, de irmãos, ou de sei-lá-o-quê, qualquer formação que houvesse no seio do Haver que portasse um Primário, um Secundário e o Originário. Ou seja, se encontrássemos qualquer tipo de modo de Haver portando essas três seções, esses três modelos, estaríamos diante de alguém que é colega. Isto não obrigaria que essas formações para-humanas, semelhantes ou que seriam o famoso ‘próximo’ daquela besteira do ‘amai-vos uns aos outros’, fossem as únicas. Embora não conheçamos nenhu-

ma outra, as fábulas são plenamente variadas nesse sentido. Por exemplo, os autores escrevem: “No tempo em que os bichos falavam...” Estamos procurando irmãos em outras espécies. Ou, quem sabe, no tempo em que os animais falarão? Isso, aliás, é bobagem porque os animais já estão falando. Somos nós. O que importa é que, para pensar a ordem implícita, temos que nos desprender da configuração que temos para oferecer. Somos animais, mamíferos, ditos da escala superior dos vertebrados, formações carbono, onde aconteceu que a maquininha de reviramento começou a funcionar. Vejam que faço uma inversão do processo. As outras teorias costumam achar que são as formações animais que tiveram um processo evolutivo. Eu, acho que é uma formação biológica que, não se sabe por quê, deu um tilt – pode ser o ato de criação divina – e aquilo começou a funcionar em reviramento. Dado que começou a funcionar assim é que se possibilitou o aparecimento do Secundário. A tendência das pessoas é achar que é uma máquina biológica onde o Secundário começou a aparecer, complexificou-se tanto que surgiu a possibilidade de reviramento total no Originário. Para mim, o Originário de nossa espécie é que é originário. Por causa disto, a coisa começou a funcionar meio loucamente e então veio, metafórica ou mimeticamente, o tampão do Secundário cobrir esse buraco. Isto porque tinha disponível a massa do Primário para ser copiada, metaforizada. Mas poderíamos, quem sabe, um dia, encontrar por aí uma espécie cujo Primário nada tenha a ver com o nosso. Pode ser na base do silício, pode ser de lata ou, quem sabe, pode ser uma produção futura da humanidade que vai conseguir se transpor para dentro de uma máquina. Os computadores maravilhosos que temos hoje são umas bobagens, umas crianças. Eles ainda hão de crescer e, quando ficarem grandinhos, não sabemos do que serão capazes. Ninguém pode, hoje, jurar que, daqui a alguns séculos, não consigamos ter transportado inteiramente a ordem da nossa espécie para dentro de um aparelho qualquer. Por exemplo, um aparelho que viaje no universo, uma nave interplanetária. Não serão humanos de carne que vão viajar, mas serão humanos de matéria plástica, por exemplo. Temos o mau hábito de achar que somos tão maravilhosos e que isso não se daria fora da carne. Mas se o fôssemos e a carne fosse tão mara-

vilhosa quanto pensamos, não estaríamos abusando dela como fazemos, até comendo-a no almoço. Seria algo de uma nobreza tal que não ousaríamos tocar. Retornaria para ela o sagrado.

No nível do Secundário, já estamos acostumados a ver algumas diferenças. Encontramo-nos, por exemplo, com outro grupo humano que fala uma língua que não é a nossa. Lá em seu isolamento antropológico, fundou, fez surgir, uma língua qualquer que nada tem a ver com a nossa, ou tem muito pouco, ou é de outro ramo. Os lingüistas gostam de pensar que terá havido uma língua única no começo, mas acho isto uma bobagem, pois se deixarmos gente solta, não tenho a menor dúvida de que, em algum lugar, aparecerá uma língua. Em nossa espécie, acontece que somos esses bichos de base carbono, biológicos, etc., e quando percorremos o creodo de Primário a Secundário tentando alcançar o Originário – e isto tanto no nível de cultura, de social, quanto no nível individual ele é percorrido segundo as formações disponíveis para a espécie. Não há outra maneira. Então, o tipo de formação vencedora, que é a nossa corporeidade... Aliás, se somos assim é porque esse tipo venceu, seja pelo motivo que for, não necessariamente porque é melhor ou mais competente. Pode ter sido um acidente, pois os dinossauros acabaram acidentalmente. Assim como a humanidade venceu não se sabe por quê, mas é o que há aí disponível e é a única espécie que conhecemos capaz desse périplo por inteiro. E o tem percorrido de certo modo. Se não nas grandes formações antropológicas, pelo menos alguns indivíduos, pequenos grupos, conseguem correr até lá. Mas conseguem fazer o percurso a partir da base biótica que somos, a qual, dentro do creodo do Primário para o Secundário e para o Originário, começa a impor também as suas formas. Afinal de contas, é a forma vencedora e impõe que o fenômeno de surgimento e de percurso dos indivíduos desta espécie se dê segundo as formações vencedoras. Não há como não ser assim. É a imposição recalcante das formas disponíveis, das formas que aí estão.

Ora, parece então que, diretamente, no nível do Primário, antes de mais nada, a carne se reconhece, se entende, se modeliza, se transmite, na carne. Parece que aquele ser mais ou menos estapafúrdio que é um ser primá-

rio, inteiramente demarcado, mas movimentado por uma maquininha louca, que é o Revirão do Originário, vai se pegar onde já está pegado, onde as formas recalcantes impõem de começo as formações que lá estão, que são as formações da carne, e não imediatamente as formações secundárias. Isto porque estas vão nascer, surgir, em função do movimento da maquininha originária de Revirão, como metaforização, mimetização do Primário. Por isso, coloco o Originário na frente. No seio mesmo do Primário, temos a maquininha enlouquecedora que abre para qualquer coisa, mas não ficamos enlouquecidos porque estamos lastreados pelo Primário. No entanto, as invasões da maquininha originária começam a nos possibilitar a produção do Secundário mimetizando o Primário. A primeira coisa que o Secundário faz é imitar o que é oferecido pelo Primário. Quando as formações humanas se organizam, estão lá já socialmente, são uns bichos meio loucos, que, de vez em quando, se assustam com fantasma porque a maquininha originária funciona. Ela dá um susto neles, e aí inventam uma coisinha para segurar o fantasma. Essa coisinha que inventam é uma formação secundária, um exorcismo, um gesto obsessivo que ficam fazendo, por exemplo, para a lua que os assustou por parecer metade sol. A coisa começa entre a formação fixada e a loucura, e, no meio, arranjam um tampão mimetizando um Primário que não têm, geralmente algo que não portam. Ou seja, assustaram-se com fantasma, a carne nada tem a dizer a respeito de fantasma, que é um enlouquecimento do Primário produzido pelo Originário, então inventam um troço qualquer para colocar no lugar: um nome, um xingamento, um deus...

De começo, então, parece que é observado em todas as formações humanas que a primeira coisa que um grupo, uma formação cultural (no sentido de: modo de existência da espécie), faz é referir-se ao Primário. Podemos tomar estudos antropológicos, religiosos, literários, lendas, fábulas, mitos, e veremos que a primeira coisa que se faz é reduzir o susto a uma semelhança com o Primário, a uma indicação do próprio Primário. Mesmo quando aquilo é narrado no nível Secundário – pois não poderia sê-lo de outro modo –, as indicações são no Primário. Por isso, a aparência de ordem mágica nas tribos primitivas. Isto simplesmente porque narram no Secundário movimentos que

estão referidos ao Primário. Jamais nenhuma sociedade conhecida, de saída, inventou um deus abstrato. É sempre algum deus concreto, concretizado, imitado da ordem do Primário. Por exemplo, o Jeová original dos judeus era um vulcão que ficava arrotando, berrando, chamuscando, esbravejando chamas. Então, inventaram um deus... que deu no que deus... Assim, um grupo, determinada formação cultural, em sua primeira instância cultural, tem como referência o Primário. Não estou dizendo que esse grupo, ou quem esteja nesse lugar, funcione só no Primário, tanto é que, se tem língua, formações culturais, ele foi de algum modo sacolejado pelo Originário e produziu coisas no Secundário. Estou dizendo sim que sua referência é primária. Quanto a tudo que lhe acontece – como, por exemplo, um grande solavanco do Originário que faz com que ele tenha que produzir um texto, uma fábula, uma coisa qualquer –, suas referências correm para o Primário. Ou seja, ele se refere ao Primário antes de mais nada. Então, quando qualquer formação cultural tem como referência o Primário, chamo a isso de Primeiro Império. É uma brincadeira que tiro de Fernando Pessoa, que tem seus Cinco Impérios.

Vou falar agora dos **Cinco Impérios**. O Primeiro Império, tal como vemos acontecer no nível da pesquisa antropológica, ou, pelo menos, como sonho dos antropólogos, das pessoas em geral e de outras formações intelectivas, sempre nos pareceu ser o Império da Mãe. Então, numa palavra só, para qualificar a genericidade do artigo, digo que é o Império d'AMÃE. Digo isto porque, na ordem da cultura ocidental e de outras culturas, há esses sonhos de que a primeira referência é materna. Fala-se mesmo que deve ter havido uma época, certo momento qualquer, em que a referência cultural era aos corpos ou aos humanos femininos. Pelo menos do ponto de vista da anotação da reprodução, da existência dos corpos que vão surgir, poderíamos dizer que essa *arché* é matrilinear, as linhagens serem referidas à mãe. Acontece também de se sonhar com a existência num passado remoto de um grande matriarcado, de que eram as mulheres que mandavam. Mulheres, uma ova, pois o nome é matriarcado, ou seja, era o império das mães. Isto porque, do ponto de vista do indivíduo que acabava de nascer, de sua inclusão como existência no seio de um grupo social,

de uma cultura, sua referência certamente era ao outro de dentro do qual saiu. Até segunda ordem, até que a Dolly se divulgue com toda presteza e explosão que certamente virão um dia, as pessoas saem de dentro de outras. É mais ou menos isto, e com as metáforas disto, como as incubadeiras, etc. Mas se imaginarmos no nível da pobreza protética de formações bastante primitivas, as pessoas notam que fulano saiu de dentro de fulano que saiu de dentro de fulano... Sempre se saiu de dentro de alguém. E esse alguém de onde se saiu de dentro chama-se Mãe. Então, você quem é? 'Sou filho da mãe'. Ia ser o quê? Sou filho de tal mãe. É a isto que estou chamando de Primeiro Império.

Este **Primeiro Império** resulta antropológicamente no Império d'AMÃE não porque seja a mãe o importante, e sim porque a referência que se têm é diretamente no Primário, que é dado espontaneamente. O Primário é mais diretamente dado, pois as referências desse mesmo indivíduo, além de antropológicamente, em termos de organização social, serem em cima da mãe, são também em cima da chamada Natureza. Suas referências diretas são ao Primário. Os acontecimentos se dão no Secundário, mas imediatamente aquilo é rebatido e referido a alguma coisa do Primário. No nível da existência de cada um, de sua origem, ele vem de dentro da mãe. Então, o sonho que a humanidade tem tido de que terá havido um matriarcado não é necessariamente que, por sua referência vir do Primário, portanto de dentro da mãe, é ela quem manda. As mães podem não mandar lhufas dentro do grupo social e os homens podem ter o poder por algum motivo. Se não por nada, porque as mulheres estavam muito pesadas com suas barrigas e eles aproveitaram para tomar o poder enquanto elas estavam carregando peso. Então, a *arché* do matriarcado não implicaria o domínio social das mulheres, mas a referência da existência de cada um ao Primário que se revela, se expõe, se mostra através das mães. É claro que, se isto é referência, as mães devem ter-se aproveitado para ter certo poder bastante ponderável nesse momento, pois, afinal de contas, os homens que teriam feito a reprodução não fizeram lhufas. Encontramos uma série de tribos primitivas que nem acredita que os homens participem da reprodução, mas apenas abrem um buraco para os deuses entrarem. Aliás,

é a verdade, pois quem entra são os deuses, os espermatozóides. Não participamos da reprodução, jogamos os deuses e os deuses concretos é que fazem a reprodução. Vejam, então, que a referência era estritamente primária e, por consequência de ser assim, era estritamente materna. É a isso que chamo de Primeiro Império e acho que é por aí que se começa necessariamente.

Eis senão quando, uma revolução acontece. Revolução esta que é: de tanto ser acossado pelo Originário e, portanto, proliferar o Secundário – o blá-blá-blá, as anotações, as línguas, as falas, os poemas, os mitos, as histórias –, tudo isso começa a proliferar de tal maneira que alguns têm a brilhante idéia de que alguma coisa deve se sustentar meio puxada por essa ordem secundária. Se não estritamente por ela, mas que ela tenha alguma importância no processo de referência. Esta é uma revolução cultural importantíssima, à qual chamo de **Segundo Império**. Ele acontece quando a referência deixa de ser estritamente ao Primário e passa a ser ainda ao Primário mas na sua passagem para uma certa força do Secundário. Não é uma referência estrita ao Secundário, mas ainda ao Primário, no entanto sendo invadida pelo Secundário. Certos elementos do Secundário começam a comparecer como referência para além da referência primária. Colocarei aí alguma coisa como modelo, o que não significa que tenha sido inventada só aí – embora tenha sido inventada aí também – ou que historicamente nasça aí. Na história que temos mais próxima, a ocidental judeu-cristã, encontramos isto tipicamente na fundamentação da emergência do pensamento judaico. Encontraremos também em outros lugares, outras regiões. Basta estudarmos, por exemplo, as formações orientais na Índia que veremos a mesmíssima coisa, com outro teatro mas com o mesmo modelo. O que acontece no Segundo Império é que a mãe continua a entrar como referente, mas agora posto por tabela. É o momento de invenção dessa coisa que até hoje chamamos de Pai.

Nomeei o Segundo Império de, numa palavra só, Império d’OPAI. A invenção do pai passa pela desconfiança, suposição ou achado ocasional em qualquer tribo, qualquer lugar, qualquer formação cultural, de que aquele filho novo foi produzido pela cópula da mãe com determinado homem. Em primeiro

lugar, eles podem descobrir que isto não é coisa de Deus, mas de que, quando os homens copulam com as mulheres, isto é o que faz os filhos. Pode acontecer de encontrarmos momentos tribais em que todos os homens se consideram pais dos filhos, pois não sabem quem foi: um grupo de homens é o grupo de pais daquelas crianças, pois foram os que comeram aquelas mulheres, e não outros. Mas a coisa vai se refinando de tal maneira que passa a ser o controle de quem comeu quem, em que hora, e de quem é o filho de quem. Então, inventar o pai sem nenhuma prova biológica – pois só agora, final do século XX, é que, por via genética, temos uma prova de que o pai é tal, com um erro percentual talvez mínimo –, a conjectura disso, faz com que a cultura comece a isolar os indivíduos e separar os momentos. É a invenção de um computadorzinho que, juntamente com alguns historiadores, acho que foi inventado no Neolítico. Quem sabe até se por observação da reprodução dos animais que, nesse momento, estavam sendo tratados no nível da produção organizada? Estava-se saindo do modelo da mera caça depredatória do ambiente e organizando a reprodução dos pom-binhos, das vaquinhas, das cabrinhas, etc. Ou seja, começa-se a observar que, se tal vaca está presa com tal touro, o bezerro só pode ser dele. Monta-se, então, todo um aparelho científico daquele momento. E, dentro desse computador, inventa-se o conceito de Pai. É o conceito de alguém que, por um expediente que não funciona sem o Secundário, que jamais funcionou para nenhum animal... Separando-se nós outros, nenhum outro animal, entre eles, faz idéia do que seja paternidade. Eles sabem que a cadela está de barriga cheia, que os filhotes saem dali e acabou. É preciso o aparelho secundário começar a funcionar **como referência** para que se faça um processo laboratorial com vacas, cabras, etc., de maneira a dizer que, quanto à espécie humana, dada a arrumação laboratorial feita com base nas minhas potências secundárias, há indícios de que o mais provável é que eu seja o pai da criança que tal mulher colocou para fora. Isto é que é a invenção da paternidade.

Os homens, então, começam a ser considerados envolvidos na produção do filhote. E mais, qual deles? Para isto, é preciso um aparelho secundário, mas que designe não quem é o pai, e sim quem é o pai do filho da mãe. Ou seja,

não é uma invenção plena da paternidade, pois esta veio por via simbólica, é estritamente uma formação do Secundário, mas vai-se continuar a pespegar a paternidade – que, repetindo, só pode ter sido inventada por via secundária – na sua referência primária do Império anterior. Isto é que é invenção do pai. Ele é inventado quando um expediente qualquer, produzido por via secundária, designa no Primário quem é o pai do filho daquela mãe. Então, o pai enquanto tal é apenas o pai do filho da mãe. Sozinho, ele não é nada. Mesmo porque a mãe é observada parindo: um grupo de testemunhas, de vigilantes, pode acompanhar aquele feto para não trocá-lo com outro, para marcá-lo com ferro em brasa, com alguma coisa, e afirmar que ele é filho dali. O pai, ninguém sabe dizer como é. O melhor que se pode fazer é, por exemplo, dizer para a mãe que, se trepar com outro, morrerá apedrejada por todos no meio da praça. É uma forma horrível de morrer. Então, tem-se aí um pouco de garantia – muito pouco, mas tem-se – de que ela não dará para outro. É preciso entendermos que as leis, mediante atuações que incidem sobre o Primário – porque dói, é pedrada, mata, etc. –, vão forçar que aquele Secundário seja garantido. Isto é, pois, a invenção do pai: o reconhecimento do filho da mãe, mediante o cara.

Quero supor, então, que qualquer formação cultural emergente começa pelo Primeiro Império, o Império d'AMÃE, e passa ao Império d'OPAI, que é aquele que continua a ter como referência o Primário, no entanto agora como que organizado pelo Secundário. Por isso, o pai só tem nascimento secundário. Não que seja estritamente secundário no começo, e sim que é secundário na vigilância do Primário. A referência é ao Primário, enquanto observável pelo Secundário. Digamos então que, essencialmente, originariamente, primitivamente, em nossa cultura ocidental, o que o judaísmo trouxe de novidade foi isto. Em outros lugares, foram outros grupos, com outros nomes, que trouxeram a mesma invenção. Mas está marcado bem claro, com todos os rituais de marcação, no cerne da lei judaica, que o pai é o pai do filho da mãe. E mais, uma vez que o pai é uma emergência que vem pelo Secundário, imediatamente cria-se a sua grande metáfora, que é um deus cada vez mais próximo de ser um deus único, um bloco não só culturalmente monolítico como monoteísta. Estou apontando o

judaísmo porque é da nossa cultura e é refinadíssimo. Já é invenção, em última instância, de um deus único, simbólico, etc., mas que diz que é deus dos judeus, os outros que se danem, pois a paternidade aí é a do filho da mãe. Se não for filho da minha tribo, quero que morra, é inimigo, é gentio, é um merda. E Deus há de me dar forças para acabar com ele e ficarmos só nós. Toda vez que o pai funciona no nível do seu próprio Império, ele é o racista. Quem não é filho da mãe, não é judeu. E temos isto que se perpetua como sintoma. Encontramos hoje em dia famílias absolutamente racistas, para as quais quem não for da família querem que se dane. No máximo, serve para negociar e, se encher o saco, é melhor morrer mesmo, e vamos ver se o matamos. Isto está aí até hoje: essas formações vão ficando decantadas como formações sintomáticas poderosas.

O próximo passo é uma revolução estrondosa na história da humanidade, seja onde for que tenha acontecido primeiro. É a criação do **Terceiro Império**, que é o abandono da referência ao Primário. Isto custou muito sangue, muita morte, muita guerra. É um Império com referência estrita no Secundário. É claro que não é hegemônico, pois outros sintomas do Primeiro Império que ficaram para trás continuam lá. Mas houve o ato criativo, genial, de inventar-se um Império referido só ao Secundário. A referência não deve ser primária nem mesmo como passagem, nem mesmo como referência a um Secundário que define o Primário como referente maior, mas sim apenas ao Secundário. Em nossa história cultural, podemos reconhecer aí o que chamo de Império d'OFILHO, que, no caso pós-judaico, não é senão o cristianismo. Efetivamente, o cristianismo é uma revolução em relação ao que se tinha antes. Não é por menos que os romanos não achavam nada de mais no tal Jesus Cristo. Não viam por que matá-lo, pois, sem fazer comentário ou nomear através dele, eles, com sua herança bárbara cruzada com os gregos, etc., já reconheciam bastante bem o Terceiro Império. Tanto é que tinham um processo de adoção, pelo pai, de algum filho qualquer mediante um ato jurídico da maior simplicidade. Eles não estranharam nada, pois o que o tal Jesus fez foi algo que os romanos já tinham assimilado há muito tempo.

No entanto, se houve algum Jesus Cristo, e façamos de conta que houve, vamos encontrar, numa certa situação de Segundo Império, uma revolução violenta, que foi dizer que não é possível provar para os gentios que o pai – sobretudo esse designado enquanto tal, esse pai simbólico, Deus, se quiserem, que não é senão o nome da instância secundária que está aplicando sua vontade sobre o Primário –, se ele é um só, no entanto é só nosso. Se pensarmos no nível estritamente secundário, se Deus é um só, Ele o é para qualquer um. Então, Ele é pai de todos, e não só dos judeus. Por isso, há aquela coisa de amar os inimigos, etc. É a tentativa de demonstrar que, se minha referência é estritamente secundária, todos os da minha espécie – e mais tarde aparece um São Francisco para dizer: de qualquer espécie, qualquer folha, qualquer árvore –, são irmãos. Foi um passo gigantesco. Afora o ‘amai-vos uns aos outros’ e ‘todos são irmãos’, o lugar mais brilhante é, no Novo Testamento, o momento em que, diante de um ato correto do ponto de vista jurídico, que é o apedrejamento de uma adúltera, Jesus Cristo diz que não pode, que está errado: qual de vocês não cometeu pecado? Qual pecado? O mesmo. Que pode ser um adultério simplesmente em relação ao Secundário, e não ao Primário, pois, em nossa cabeça, a gente come quem quiser. Então, adúlteros são todos. Ele diz, portanto, que essa lei não pode valer dentro da revolução que é o Império d’OFILHO. Ou seja, a referência é que qualquer um é filho do mesmo pai. E isto é inaceitável por quem está mais para trás, por quem supõe que a paternidade designa a mãe do seu filho. Tanto é que as idéias dele só foram vigorar no Império Romano. Sem um imperador adequado, num momento propício, aquilo não vingava. Tanto é que, até hoje, é um império romano. Afinal de contas, o Vaticano é o quê? O que sobrou do Império Romano.

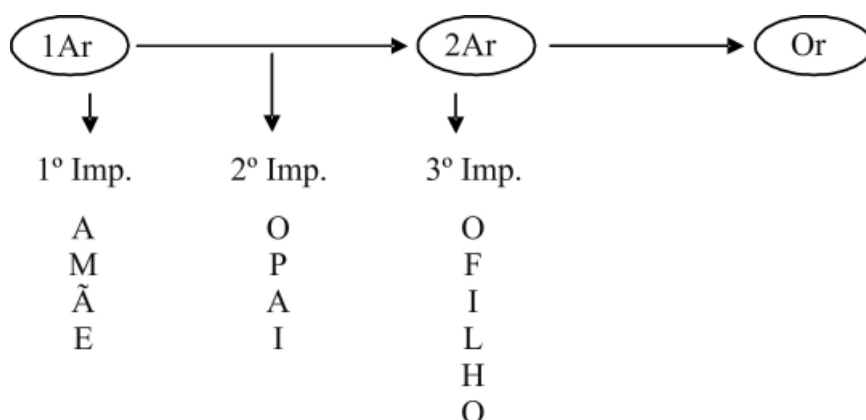
Então, quando dizemos que o que vale é o filho, estamos metidos até o gogó no **Terceiro Império**. Mas como o Secundário só existe como metáfora, como mimese, ele sozinho não é nada. Dizer alguma coisa não é coisa alguma, pois o nível metafórico exige que se faça uma pega em alguma formação que já está lá, seja ela primária ou secundária. Assim, porque o Secundário, referido sozinho a ele, exige uma pega metafórica e portanto tem um rabo preso no

passado – toda metáfora tem o rabo preso, não pode não ter –, por isso, o filho ficou valendo para qualquer um. Mas quem é qualquer um, se o filho foi determinado no Secundário? É qualquer um que participe desse Secundário. Então, só se reconhece como Secundário participável a palavra do Pai. No Terceiro Império, d'OFILHO, que começou na nossa história pelo cristianismo, são todos iguais, todos filhos do mesmo Pai, segundo a sua palavra. Isto porque quem não segue a palavra do Pai, não é gente. É, portanto, um racismo mais brando. Mas é uma grande revolução. Os infiéis são aqueles que não ouvem a palavra do pai certo. Quem é o pai certo? Se o pai é estritamente simbólico, o pai certo é aquele que tem o poder de se dizer porta-voz do Outro. É o Império do porta-voz. Quem é o Papa? É o pontífice maior, o sumo pontífice. Pontífice é o fabricante da ponte. Quem faz a ponte entre o que está aqui embaixo e o pai único que está não-sei-onde? Antigamente era lá em cima. Este é que é o porta-voz.

Então, no Império d'OFILHO, todos são filhos do mesmo pai. A mãe não entra aí. Tanto é que a Maria continuava virgenzinha. É necessário que haja virgem Maria, se não a mãe entra de novo no jogo. Ou seja, o Espírito Santo meteu o feto lá dentro, como se faz hoje com a Dolly. O Espírito Santo foi o primeiro. No entanto, aquilo não alterou a virgindade de Maria, pois ela precisa ser virgem, e isso nada tem a ver com sexo. Foi usado assim porque interessava na dominação dos povos. O que há de importante aí é que a mãe não entra mais no jogo. O pai ficou com inveja da mãe e queria parir sozinho. Em não podendo, colocou um feto lá dentro e depois pegou para ele: “Este é meu filho dileto. Este é o meu filho. Meu. Só meu”. A mãe não serve para nada. É apenas o vaso da planta. Portanto, é virgem e nada tem a ver com isso. Vemos diversas vezes no Novo Testamento que o próprio rapaz dizia: Essa senhora serviu, foi útil, mas nada tenho a ver com ela. Virgem Maria, mito da Nossa Senhora, isto é século XIII, é invenção política posterior, pois, num momento de valorização das mulheres pelos trovadores, etc., foi preciso arrumar uma mulherzinha. Então, colocou-se a mãe do cara... e colou. Foi a Xuxa do Império Romano. E deu muita grana, mais do que a Xuxa. Tanto é que ela deu

um passo gigantesco: deixou de ser a mãe do homem e passou a ser a mãe de Deus. O jeitinho que tiveram que dar foi dizer que ela não era mãe de Jesus Cristo, e sim mãe do Outro. Aí sujou, voltou para o Primário de novo. O sintoma do pai pintou brabo de novo. É assim, isso vai e volta. É o retorno da recalcada.

Ainda restam dois Impérios para falarmos depois.



• Pergunta – *Como situar a interdição do incesto aí?*

Já tratei disso outras vezes, mas é bom lembrar agora. **A interdição do incesto** vem junto com o Segundo Império. É invenção do Neolítico. É o computadorzinho que se inventou para poder salvaguardar a paternidade, apesar de observada segundo as formações do Primeiro Império, do Primário. É algo que vem se sustentando porque virou sintoma. Só por isso. Será que ainda é necessária hoje em dia? É um sintoma que ficou. No périplo que se faz do creodo cultural, vai sobrando um lixo sintomático, cultural, enorme. Quando falo do neo-etológico e da massa de recalque que persiste como resto no Secundário, é o tal neo-etológico, é o neo-bicho. O bicho se acostumou com a interdição do incesto. Então, já não é mais o computador do momento da grande invenção, da grande revolução, do Império d’OPAI, mas virou um sintoma das pessoas de tanto repetir. Se for dito que agora pode-se comer a mãe, que não tem problema, as pessoas entram em pânico, pois é um sintoma, uma interdição, uma limitação neurótica delas. Não estou dizendo nem sim nem não. Resta

saber se temos condições de pensar a validade ainda disso. É claro que a validade cultural existe, pois está repetida aí. Tirar esse sintoma não vai ser mole. Não sei nem se é necessário. Mas fica muito esquisito quando alguma coisa hoje escapa da interdição, até por acidente, e não se tem condições de massacrar umas pessoas porque elas, por acidente, romperam uma interdição que não serve para nada. Outro dia, apareceu na televisão um casal de irmãos. Felizmente, eles acharam um grupo social que os aceitou. Ninguém tem nada com isso, os filhos estão direitos, com saúde, etc. Deram a maior sorte, pois se fosse em Diadema, onde os policiais espancaram e mataram as pessoas, eles estavam fu... Iriam, no mínimo, morrer linchados... pela polícia e pela comunidade. Ambos iriam se *irmanar* contra eles.

Do ponto de vista psicanalítico, estamos lidando com sintomas graves, decantadíssimos, neo-etologia braba. No entanto, é preciso ter a maior cautela. Mas se faço um percurso analítico, como veremos depois, não podemos estar presos nisso. Por exemplo, há anos atrás pedi que lessem um estudo de Jacques Ruffié, do Instituto Pasteur, onde ele quer mostrar que interdição do incesto talvez tenha a ver com grandes grupos. Trata-se de biologia populacional. Ou seja, se, num grupo, todos partirem para o incesto, o nível de defesa biológica cairá muito. (Isto é evidente, mas também não estão todos querendo comer a mãe por aí. Só alguns. Tem cara que tem mãe feia e prefere a do vizinho). Ruffié tem razão quando mostra, por exemplo, o caso dos nossos índios. Os europeus encontravam tribos onde eram todos irmãos. Ficaram tanto tempo isolados e fazendo casamentos que eram extra-patota, mas dentro de grupos da mesma patota, que bastava um português espirrar para dizimar a tribo inteira. Isto porque estavam todos geneticamente no mesmo nível de defesa e não suportavam aquela gripe. Não sobrava uma parte que fosse de outra ordem. Então, se isso é da ordem do prático, tudo bem, mas a interdição do incesto que Lévi-Strauss resolveu que era determinado tipo de computador e que era estrutural da espécie, é mentira. Aquilo foi inventado no Neolítico e tem sobrado como sintoma. E cada tribozinha tem o Neolítico que merece, tem o seu momento em que inventa isso. Por isso, Lévi-Strauss encontra em quase todos os lugares

a mesma interdição. Então, se isto é um creodo, em algum momento o grupo vai passar por alguma interdição para usá-la como computador de distinção da passagem do Primeiro para o Segundo Império. Daí, a aparência de universalidade. É creodo, e não universalidade cultural.

• P – *Podemos, então, pensar em termos de creodo a questão do filho bastardo?*

Foi na dependência do mesmo creodo que se refinou mais ainda a distinção para designar não só que se tivesse mãe reconhecida, mas *qual* era a mãe. Já é, portanto, rebatimento da paternidade para a maternidade, pois não bastava ter mãe, tinha que ser uma mãe especial, designada por não-sei-quem... Foi aí que inventaram o filho bastardo.

10/ABR

5

O CREODO CULTURAL II

Da vez anterior, eu dizia que, das conseqüências da ordem implícita que vai do Primário ao Secundário e ao Originário, tomando por referência cada um desses registros e também a passagem de registro a registro, apareceriam os Cinco Impérios. O **Primeiro Império**, d'AMÃE, é o que teria referência ao Primário estritamente. Isto não significa que os outros traços não compareçam dentro desse quadro, e sim que a formação das culturas segundo esse Império tem como referência estrita o Primário. O **Segundo Império**, d'OPAI, é aquele que tem por referente a passagem do Primário ao Secundário e é o momento em que surge a idéia – secundária, na verdade – do Pai, mas que aí se referencia na própria ordem da carne e só é considerado pai enquanto pai do filho da mãe. Depois, vem o **Terceiro Império**, que tem como estrita referência na sua constituição o Secundário. É o Império d'OFILHO na medida em que se reconhece de uma vez por todas que a paternidade é secundária e se a desloca de sua relação obrigatória com a maternidade. Entretanto, a referência paterna, que, na sua última instância, na verdade, começa a aparecer como invenção de monoteísmos... (É engraçado falar de monoteísmos no plural, mas a verdade é a de culturas que se inventam monoteístas, cujos deuses são deuses dessa cultura diferentemente dos deuses das outras culturas). A paternidade passa a ser ressaltada não mais pela referência à carnalidade que essa paternidade garante no simbólico quando a encontra no Primário, e sim por ser referida a determinada palavra, a determinado discurso que está exarado de

algum modo, em algum texto, em algum lugar, ou na cabeça de alguém. Como é o caso de Jesuscristinho, que seria ele próprio o representante, o filho dileto de Deus e podia reconhecer todos os seus irmãos – por isso é o Império d’OFILHO – na referência à palavra paterna.

No caso da nossa cultura cristã ocidental, o Império d’OFILHO, de referência firme no Secundário, mais se revela nisso que chamamos de cristianismo. Sobretudo, na igreja vencedora das guerras imperiais, que foi a Igreja Católica Apostólica Romana, que se considerou a proprietária do Terceiro Império. É claro que não conseguiu se manter em plena hegemonia, pois ela mesma teve cismas internos. Não podemos esquecer, mais tarde, a Reforma, à qual ela teve que dar a resposta da Contra-Reforma. Há, portanto, o grande Império do cristianismo, no qual todos são irmãos perante o Pai, desde que ouçam e cumpram sua palavra, cujo porta-voz está anunciado nos poderes da instituição que possa, por força maior, garantir esse lugar de porta-voz. E ficamos, durante séculos, muito à vontade na suposição, dada a hegemonia do Terceiro Império, de que teríamos chegado ao reino de Deus, à comunhão dos irmãos, dos santos, etc. Entretanto, é Império ainda de extração baixa, se não mediana, na medida em que faz referência estrita ao Secundário. Ora, embora seja o lugar dos manejos, das nossas possibilidades de criação, de organização, de constituição de discurso, de linguagem, de reflexão, de produção do que chamamos mais especificamente de cultura, de saberes, de filosofias, de ciências, de artes, etc., quando nos deparamos com o Secundário em suas formações disponíveis, mesmo que nele haja lutas intestinas para hegemonia de algum tipo de formação ou pela mera sobrevivência de algum tipo de formação secundária, de qualquer forma, o que foi depositado nesse enorme banco simbólico é algo que já foi produzido, que já foi operado. Sua tendência, portanto, é a de se tornar uma formação sintomática, que tem seu rosto e sua força próprios. E no que essa formação existe, se deu, aconteceu, por este simples fato, ela já é por si mesma uma força recalcante não apenas da possibilidade de surgimento de novas formações – e é disto que, uma vez que existe e tem que se afirmar como sistema, ela é mais recalcante –, como também, na medida de seu potencial,

de seus poderes, ela tenta ser recalcante de outras formações menos poderosas. Isto como em qualquer dos registros, aliás.

Ora, com a decantação das formações secundárias, com seu revigoro-ramento constante, por sua prática e por se aliarem com outras forças, a tendência é de essas formações se transformarem em fortes forças recalcentes, porque vencedoras, e portanto se transformarem em algo que parece ter uma co-naturalidade na medida em que tentam ser comparáveis ou semelhantes às formações do Primário. Quando começo a tomar minhas organizações sintomáticas no Secundário, na cultura, como se fossem algo natural, algo tão espontâneo quanto as formações primárias, estou fundando uma verdadeira neo-etologia. O etológico é da ordem do Primário nos animais. Em nosso caso, é de se supor que haja uma massa etológica inteiramente disfarçada ou submetida pela existência do Secundário como efeito do Originário. Então, a decantação e a força que as formações secundárias vão ganhando na sua repetição e na sua hegemonia acabam transformando essas forças em verdadeiras formações etológicas, as quais poderíamos chamar de formações neo-etológicas. Isto porque as pessoas se identificam de tal maneira com essas formações e por essas formações que parecem novas espécies. São animais neo-etológicos. É a neo-zoologia. Por exemplo, católicos, protestantes, judeus, árabes, etc., em guerra, são na realidade o neo-zoológico, a fauna cultural, a qual, por excesso de crença nessas formações, parece ter a consistência da fauna natural.

Acontece que, aqui e ali, a referência estrita ao Secundário começa a ser abalada. Ou seja, há possibilidade de contestação crítica e mesmo de recomposição do Terceiro Império justamente quando se começa a reconhecer que a referência estrita ao Secundário dispensa a referência estrita a uma formação do Secundário, isto é, à palavra de alguém. Mesmo no seio da teologia cristã, na Idade Média ou na recentidade do surgimento do cristianismo, por exemplo, encontramos com facilidade momentos – heréticos, ou para-heréticos, ou seja, considerados ortodoxos porque ainda não percebidos, processados ou julgados, algo dessa ordem (e não é necessariamente o protestantismo, que é da mesma laia do catolicismo) – em que alguns começam a perceber que há

uma falcatura no Terceiro Império. Que é: se a referência é estrita ao Secundário, por que preciso garantir, dentro do Secundário, **uma** formação sintomática como referência? Pois é isto, em última instância, que significa dizer que são todos irmãos aqueles que ouvem a palavra do Pai. Esta é uma formação: a formação, por exemplo, chamada ‘o livro’, a Bíblia, que resultou em coisas como judaísmo, cristianismo e islamismo. Três grandes formações referidas ao Pai no Secundário, segundo o Império d’OFILHO, no entanto reservando a indicação daquele livro, daquela palavra. Isto é uma formação sintomática, secundária, dentro do Secundário. Ou seja, embora a referência seja estritamente secundária no nascimento do filho como independente da carnalidade da mãe, que é o caso do Terceiro Império, constitui-se como garantia determinado porta-voz que não é senão o representante de determinada formação dentro do Secundário: um sintoma específico no Secundário.

Então, para haver emergência desta crítica, emergência de algo que contesta o Terceiro Império e procura algo mais abrangente – justamente o que chamo de **Quarto Império**, o Império d’**OESPÍRITO** (e não do Pai ou da Mãe) –, é preciso que se reconheça que o Secundário não se qualifica por suas formações. Ele se qualifica enquanto tal e, enquanto tal, só se movimenta movido por algo outro que o transcende e que, no caso, mesmo que não nomeado aí no momento do Quarto Império, seria o que estou chamando de **Originário**. Então, reconhecer efetivamente não um Deus formal ou figurativo, mesmo que abandonando sua participação carnal na produção do filho, e sim que é preciso abandonar essa região sintomática e referir-se aos movimentos do Secundário no que movimentado por algo que o transcende, isto é que é fazer referência não mais estritamente ao Secundário conforme suas formações, mas ao Secundário conforme seu movimento. Ou seja, **à passagem do Secundário ao Originário**. Assim, quando, independentemente de suas formações, de seus porta-vozes, de suas palavras, reconheço o Secundário como um campo que é movimentado por algo que o transcende, por algum movimento que ele porta e que é causado, induzido, por algum atrator que o transcende, estou na referência da passagem do Secundário ao Originário e, portanto, estou no Quarto Império.

Este Império jamais se instalou para valer. Encontramos movimentos de pensamento, movimentos heréticos, movimentos científicos, que estão se debatendo há séculos para escapar do Terceiro Império e instaurar o Quarto, sem o conseguir. São movimentos, indivíduos, pensamentos, organizações, pequenos trechos discursivos, que já não querem se referir nem mesmo àquela paternidade, pois não interessa mais nenhuma paternidade no Quarto Império. Mesmo o Nome do Pai não passa de Papai Noel, para quem pensa em conformidade estrita com o Quarto Império. Isto porque já não interessa mais a sustentação de uma paternidade. É claro que, se no Quarto Império estamos na passagem do Secundário para o Originário, resquícios da paternidade virão junto, como, por exemplo, esse com o qual acabei de brincar, o conceito Nome do Pai, de Lacan – que é estritamente pensamento cristão, mas que, no final, se modifica um pouco –, que é uma sujeira do Terceiro Império que vem junto na tentativa de articular o Quarto Império.

Há uma coisa que dificulta o processo. **Todo Império que se refere a um registro específico é mais sólido.** Os Impérios de passagem estão sempre oscilando entre as duas referências que o fundam. Por exemplo, o Primeiro Império, que durou milênios talvez, é de uma potência enorme, porque sua referência é estritamente ao Primário. Fazer a passagem do Primário ao Secundário, a suspeição de outro registro movimentando o primeiro e possibilitando a fundação de um novo Império, é também um momento de instabilidade muito forte porque intermediário. Quando um Império se solidifica com referência num registro mais ou menos reconhecido em seus assentamentos, ele fica mais forte. Então, o Terceiro Império tem sido muito forte. Seja no cristianismo ou não, onde quer que a encontrem, fundação de Terceiro Império é algo muito forte porque é referência estrita ao Secundário, mas não em seu movimento, em sua constituição, em seus processos criativos, e sim referência enquanto determinada formação neo-etológica produzida no Secundário. Então, é extremamente difícil concebermos o Quarto Império. Primeiro, porque ele está na passagem, ele oscila. Segundo, porque jamais se instalou para valer. Não há, digamos, genericamente, uma cultura do Quarto Império. Quem sabe se o planeta,

com as transformações recentes, não está se co-movendo no sentido do Quarto Império? Nada garante, pois pode dar para atrás. Sobretudo, porque o Quarto Império oscila. Às vezes, olhamos para o Quinto, às vezes, para o Terceiro e ficamos na confusão que aparece hoje em dia como cultura constituída com o nome idiota de pós-moderno. Esse troço efetivamente não existe. E o que existe? A tentativa de fundar uma modernidade. Um esforço enorme, dentro do Terceiro Império, de fundar o Quarto Império, que seria o Império da Modernidade.

Encontramos isto, como disse, em teólogos medievais. Meu exemplo mais querido é o de Mestre Eckhart, na filosofia renana da Idade Média. Ele só não foi julgado e condenado como herege porque morreu a tempo. Os processos já se encaminhavam neste sentido. O interessante é que não é apenas uma invectivação de algum rebelde dentro da Igreja. Ao contrário, é um pensador sereno querendo levar às últimas conseqüências, segundo a temática e a própria alquimia dos processos teológicos da época, a idéia do Deus que lhe haviam emprestado. O Deus que a igreja parecia brandir com seus filosofemas, teologemas, mitemas, etc., no que Eckhart o conduz às últimas conseqüências de sua indicação por esses textos, ele vai encontrando efetivamente um desaparecimento, um sumiço, daquele Deus dos cristãos, que começa a funcionar como o quê? E é nisto que Eckhart é perigoso para a Igreja: começa a funcionar como Eu. Deus é eu. Ele não está introduzindo nenhum sujeito, pois não é o Descartes, é o Eckhart. Então, sem introduzir nenhuma idéia de sujeito, começa ele a mostrar que o que posso chamar de Deus é aquilo de que “devo” me aproximar, é uma instância qualquer que vai abolindo todas as formações valorativas sobre as diferenças. Isto se tornava algo perigosíssimo, pois tínhamos o Império de uma Igreja cada vez se firmando mais na Idade Média, o qual efetivamente queria determinar que o seu rosto fosse o rosto do Império, Terceiro, naturalmente. E dentro dela brotando, aqui e ali, em vários pontos, como regamente em Eckhart, esse questionamento que conduz, perigosamente para os detentores do poder eclesiástico, para o entendimento de que ninguém é porta-voz. Não é preciso ouvir palavra alguma para estar na condição de filho

do pai. Se o pai se generaliza, se torna abstrato dessa maneira, aí sim, quem sabe, ele é estritamente simbólico, até no sentido do Nome do Pai, de Lacan. Mas ele deixa de ser o pai do filho da mãe e até mesmo o pai do filho, e passa a ser uma instância última da qual sinto “dever” ou querer me aproximar, pois é a cara de eu mesmo. Eu mesmo, não faço a menor idéia quem seja. Não é uma formação egóica, e sim o lugar transcendente ao Quarto Império, que fora transcendente também ao Terceiro, que me empuxa e que é lá que eu vive.

Encontramos este movimento nas mais diversas instâncias de fundação disso que queremos chamar de Moderno. Fundação da ciência, que, no Renascimento, começa a ter condições políticas, a ter força contra-recalcante, de não mais obedecer à ordem teológica. Produções artísticas, imitando a fundação das ciências. O pensamento renascentista na arte não é senão tentar ganhar força diante do poder da teologia, imitando os cientistas que já começavam a querer “conversar” diretamente com a natureza, independentemente dos referenciais teológicos e fundando metodologias de abordagem dessa tal natureza. A arte renascentista é imitação pura disso com a invenção de um olho novo. É claro que é um olhar novo, mas, junto com ele, queriam inventar um novo olho. Ou seja, um olho anatomicamente, oticamente, foticamente, geometricamente, conhecido enquanto olho natural. É isto a invenção da perspectiva linear, da perspectiva aérea, com aquela patota que conhecemos, Leonardo, Michelangelo, Rafael, e, antes deles, os fundadores mesmo do processo, Piero della Francesca, Paolo Uccello... É a tentativa de construção dessa ciência, a tentativa de revisão do teológico, mesmo no interior do teológico. São tentativas de fundar mesmo uma modernidade, que seria o quê, se conseguisse se impor? Jamais conseguiu, a meu ver. Passou estilhaçada por aí no meio da barbaridade dos outros Impérios. O que temos são estilhaços de modernidade. Nunca houve uma cultura efetivamente moderna que dissesse: deixemos para atrás o Primeiro Império, isso é coisa de animal; deixemos para atrás o Segundo Império, isso é coisa de vice-animal; deixemos para atrás o Terceiro Império, isso é coisa de quase-gente; e vamos tentar instalar um Império que tenha referência nos processos de produção das formações secundárias, e não referência nas forma-

ções secundárias dadas. Não me refiro às metáforas, mas às metaforizações. Isto seria a modernidade, que não se instala, que não consegue se instalar.

Então, para o movimento fervilhar desse modo, foi necessário que, em algumas regiões do Terceiro Império, as pessoas se dessem conta de que há um certo Originário, algo que transcende o Secundário e que o possibilita, e que é a garantia da produção das formações secundárias, e não dos produtos. Isto porque os produtos secundários se garantem muito bem na sua semelhança com as formações do Primário, mas o que garante a produção secundária é algo que transcende a massa do Secundário, é algo que neutraliza, suspende e possibilita que haja o aparecimento do Novo, o qual não é senão a idéia moderna, ou mesmo modernista também por excelência, de Vanguarda. É a mania de andar para a frente que o moderno instalou, aliás desde o renascimento, que, nos últimos tempos, antes de sucumbir ao grande desbunde dito pós-moderno, se qualificava como a vontade de novo, em todos os sentidos: vontade de ver o novo e vontade, de novo, de aparecer como vontade. Isso seria, se fosse, a instalação mesmo da modernidade, que nunca veio, pois jamais fomos modernos. E não o digo no sentido dado por Bruno Latour, e sim que nunca fomos efetivamente modernos, pois somos modernosos, meio moderninhos. Isto na medida em que tivemos grandes movimentos de requisição da referência a uma instância originária, mas ficamos no meio, no Quarto Império, que é o Império d'OESPÍRITO porque estou chamando aí de OESPÍRITO os processamentos secundários independentemente da referência necessária a qualquer carne ou a qualquer discurso. Este é o movimento do Espírito. Há também outra definição. Se lermos com afinco o mestre Eckhart, veremos como ele tenta definir o Espírito e Deus no sentido que estou colocando aqui.

Ora, o Quarto Império é certamente um período longo, não se sabe quanto vai durar, e cheio de idas e vindas, de altos e baixos, justo porque é um período de pouca pregnancy, é intermediário. Ele se refere ao Secundário e invoca um Originário, mas fica no meio. E no que aí fica, qualquer percalço, qualquer tropeço, o faz correr para atrás, e qualquer euforia o faz correr para a frente. Tivemos grandes momentos. O século XX foi um século eufórico – digo

‘foi’ porque, como todos estão vendo, já acabou –, de tentativa de instaurar o Quarto Império olhando para a frente: a vertigem do novo, da novidade, da vanguarda, da criação científica, a fé de que a ciência vai salvar tudo, de que até as “ciências” humanas serão científicas e resolverão tudo, inclusive a ordem social. Está aí Marx que, apesar de defuntamente defunto, não deixa ninguém se esquecer disto. Todas estas são tentativas de instalar o reino do Secundário. Aliás, nada mais secundário do que dinheiro. Esse reino começa com a invenção do dinheirismo, para não falarmos em capitalismo. Não estou falando de monetarismo, e sim de dinheirismo, da idéia do capital, da crítica dessa idéia e da tentativa não de destruí-la mas de generalizá-la, que é a tentativa marxista e que é também hoje a tentativa pós-moderna, liberal ou neo-liberal. Isto a tal ponto que, como já disse em Seminários anteriores, Lacan é alguém que entende e generaliza isso apropriando-se do sujeito do Sr. Descartes – que não é senão uma das geniais invenções na tentativa de fazer o Quarto Império, mas um pouco mais careta, menos inteligente, que Mestre Eckhart, por exemplo, pois Descartes quer substanciar o ‘eu penso’ em cima de um ‘logo sou’ que não se sabe o que seja – e fazendo dele um dólar: \$. Também já disse que, se *significante* é aquilo que representa o dólar, ou melhor, o sujeito, para outro *significante* – $S_1 \$ S_2$ –, isto não é senão o que todo economista sabe, que dinheiro é aquilo que representa uma mercadoria para outra mercadoria. Ou seja, como se pára, se suspende, o escambo? Introduzindo o Secundário no meio e dizendo: vamos trazer um elemento secundário que representa uma mercadoria para outra. Lacan adorou, veio a calhar, ele foi preciso. Ou seja, como entender para valer, no ritmo da criação da modernidade, o que era o sujeito de Descartes segundo Freud? Não é senão dinheiro. E aí está introduzida, de uma vez por todas, aquilo que Marx chamava de prostituição universal. Tudo se escamba segundo o sujeito. E isto sem moralismos.

O Quarto Império fica, então, se esforçando para se instalar enquanto tal. Minha aposta é de que não vai conseguir enquanto não der outra guinada. E isto não é algo que a gente faz porque está a fim de fazer. É, sim, um acontecimento. Acontecerá ou não, não se sabe quando. Assim como acontecimentos

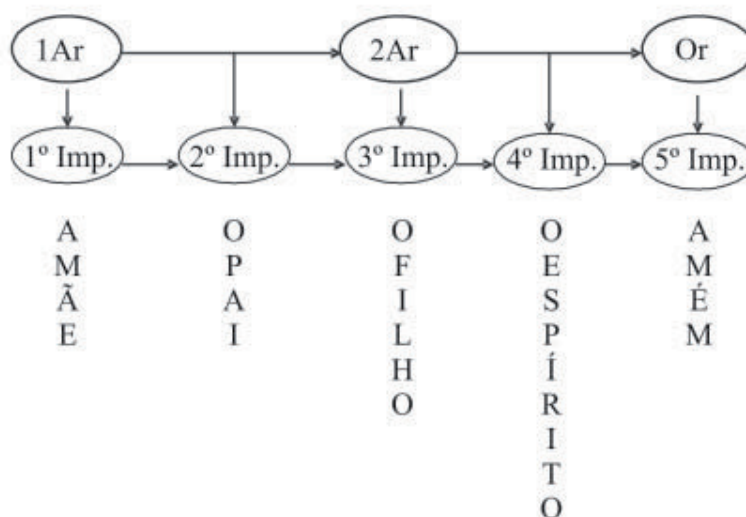
forjaram o surgimento dos outros Impérios, houve o acontecimento da reclamação do Quarto Império, ele foi re-querido, mas, quanto ao movimento de sua instalação, nada aconteceu ainda que a permita de uma vez por todas. Digo isto porque esse lugar intermediário permite todo tipo de oscilação e, por falta de referencial fixado, permite sobretudo retrocessos vigorosos como os que estão acontecendo hoje. As pessoas começaram a perceber que todas as teorias de fundamentação são lorotas. Não que já não o fossem, até para aqueles que contavam a lorota. Eles sempre souberam que era uma ficção. Em algum lugar, ainda que inconscientemente, sabiam que era lorota. O que está acontecendo em nossa época é que, sejam as lorotas religiosas, científicas, filosóficas, *et caterva*, estão todas sendo reconhecidas no dia a dia da maioria das pessoas como lorotas. E isto, mesmo quando são fundamentalistas. Elas são fundamentalistas por optarem guerrear por uma lorota, e não porque não achem aquilo uma lorota. Em algum lugar, nem que seja inconscientemente, aqui e agora, o esforço de guerra fundamentalista é reconhecimento da lorota. Se não estou no reconhecimento pleno da lorota, ou seja, não acho que é lorota, vou brigar por quê se a verdade vencerá? Só que não é verdade, é lorota. Então, quando reconheço que estou na lorota cristã, na lorota islâmica, etc., aí saio para a porrada. Se não garantir na porrada, garantirei como? Os efeitos que estamos vendo são, na verdade, em algum lugar, tanto para aqueles que têm consciência disso, como para os que não têm, as igrejas universais, católicas, etc., reconhecimento de que é lorota. E este é o pânico da nossa época. O sujeito não fica brigando por uma idéia porque acha que é verdadeira. Se é verdadeira, ele tenta impor, tenta um dispositivo político, etc., mas não começa a matar todo mundo por causa daquela idéia. Se a idéia tem estofo, ela vence. Mas ninguém, nem na ciência, nem na filosofia, acredita mais que alguma idéia vencerá só por ser uma idéia. Ela precisa de um pouco de guerra, sim, mas, se desconfio muito dela, ela não precisará só de guerra, e sim de massacre.

Então, era a vontade de novo, a vontade de vanguardismo, que determinava o modernismo. O que era a arte? O que era ciência? A criação do novo. E é isto mesmo. Continua sendo. Só que, na idéia dita pós-moderna, no

reconhecimento de que só aparece criação quando aparece o novo, a riqueza museológica do mundo é muito ampla, vale independentemente da temporalidade e é: por que não ser rico plenamente? Esta é uma idéia típica do Quarto Império. Por que, ao invés de só pensar no novo, ou ser reacionário e só querer o já estabelecido, não me torno um sujeito rico culturalmente? Ou seja, é preciso produzir o novo, mas quero tudo que já foi feito. Não tirem meu museu, porque é meu. Esta é a idéia pós-moderna, a qual, quando o pensamento é mesmo do Quarto Império, não temporaliza as produções, pois qualquer produção já obtida, no momento de sua criação, foi o novo. Então, se a tomo como o novo disponível em qualquer tempo, ela não me oprimirá, não me recalcará, não será uma força recalcante a ponto de me deixar sem os outros objetos disponíveis e sem novo. Ou seja, a idéia de riqueza que está no Quarto Império é de destemporalização das produções ditas culturais. Assim como não há pai algum, Nome do Pai, nada disso. O que há é minha coragem de ser manejado pelo Originário, de ter a possibilidade de recorrer ao Originário, a toda a movimentação secundária, e de ter que saber que ninguém está a fim disso. Estamos falando aqui, mas é de bobeira, pois quantas pessoas no mundo estão já preparadas ou a fim de andar sem referências em formações obtidas, só no movimento das formações? É duro. Vai ser duro sair dessa.

No entanto, alguns momentos desse aparelho estão aí na cultura. Como, por exemplo, a bobagem chamada pós-moderno, sobre o qual todos dizem coisas incríveis, pois tudo está ali dentro de cambulhada. Mas, se quisermos, segundo nossos teoremas, embora não goste desse nome, qualificá-lo como o que está acontecendo na tentativa de instaurar o moderno hoje, veremos que ele não é senão o pessoal ter reconhecido a estrutura mesma do Quarto Império, que é o quê? Produção do novo, sim, mas não é a vanguarda que qualifica o movimento. É a produção do novo e a riqueza que está aí disponível. Então, não é preciso fazer nenhum 'retorno' a Freud. Lacan fala uma linguagem que não é de Quarto Império, pois ele **localiza** Freud. Quando faço retorno a pensamentos religiosos, a formações estéticas, como a estética da arquitetura pós-moderna, quando penso em termos de retorno, estou sendo completamente idiota. Isso é

muito importante, pois, em termos de produção no campo da filosofia, por exemplo, pensar em termos de retorno estraga o processo. Então, mesmo que lancemos mão do que está atrás, não há atrás algum, está aí. Posso recorrer a um filósofo do século XII, por exemplo, e dizer que ninguém é mais moderno que Mestre Eckhart. Não estou voltando, e sim andando para a frente com alguém que já estava na frente desde... hoje. Não é, portanto, questão de retornos, e sim de **o disponível**, seja criado anteontem, hoje ou amanhã. É a riqueza do Império d'OESPÍRITO: a disponibilidade que terá sido ou será tida. E aí é o momento em que digo que esse Império não se instalou e acho que não se instala, pelo menos não tão cedo, pois é por natureza oscilante e só se imporia definitivamente no reconhecimento do Quinto Império, do Império do AMÉM.



Então, é preciso que se instale o Quinto para que o Quarto Império funcione como tal e funcione plenamente. Não faço a menor idéia de quando isso vai ser, se é que vai ser. Não sei se é possível. Só sei que modernos não somos, que não conseguimos instalar direito o Quarto Império, que qualificaria o que é moderno mesmo, e diria que a atitude a ser tomada, se quisermos a

instalação definitiva do Quarto Império, se quisermos resolver a modernidade, seria uma atitude **pró-moderna**. Nem modernista, nem modernosa, nem moderna pura e simplesmente, nem pós-moderna, mas uma atitude pró-moderna, que é difícil de tomar porque, quando se vai abordar todo e qualquer caso, há que se referir ao Quinto Império. E este é muito difícil. Chamo-o de Império do AMÉM, pois que ele, resolutiva e definitivamente, abole toda e qualquer referência a toda e qualquer formação instalada. Refere-se apenas à possibilidade da nossa espécie, e talvez de todo o universo, de instalação de formações. É o império da disponibilidade, do **valetudo**. Esta é uma palavra ambígua em latim. Ao contrário do que possamos pensar em português, não é o valetudinário, a perda da saúde, mas sim: a saúde. **Valetudo**, no sentido da instalação do Quinto Império, é dizer: Amém. Ao que quer que apareça, amém, é isso aí. Se existe, logo há. O que faremos com isso, é outra história. Mas não posso ter *parti pris* na consideração de caso algum. Considero-o, vamos conversar para ver qual é a atitude mais interessante no momento, e vamos tomá-la. Para quê? Para dar com os burros n'água, como sempre. Aliás, alguma vez, deu-se com os burros noutra lugar? O importante não é saber se vamos ou não dar com os burros n'água, mas sim saber **como** se vai dar com os burros n'água. Ou seja, qual a maneira, agoraqui, supostamente mais interessante de se dar... mal? É isso que chamamos se dar bem: conseguir a melhor maneira possível de se dar mal. Não fui eu que inventei, já estava aí quando cheguei.

O interessante nesse último Império é que ele não tem rosto, não tem característica, a não ser a dominância de referir-se ao Originário, ao possível, às possibilidades. E isto sem aderência, o que é muito difícil, pois como é que eu, um macaco, com um corpo imbecil e uma cultura idiota, conseguirei me manter a maior parte do tempo na disponibilidade? Talvez seja difícil para nós. Talvez pessoas de alguma época já tenham pensado nisto ou pensarão no futuro, não sei. Não quer dizer que tornarei todos os meus atos, todas as minhas funções indiferenciadas, e sim que minha referência a cada caso é: Amém, valetudo – agora vamos ver o que fazer com isto. Se esta se torna minha referência, posso instaurar OESPÍRITO, do Quarto Império, em sua plenitude de funcionamento.

No Quinto Império não há senão essa referência. Ou seja, diante de qualquer formação, diante de qualquer discurso, nada me é estranho, tudo é nosso. Até as coisas da ordem da pior maldade. Por exemplo, quem foi que ateou fogo no índio lá em Brasília? [Nota: referência a um fato ocorrido na semana anterior] Nós. Ia ser quem? Se não tivéssemos permitido, não teriam feito isto.

Daí que, com esta atitude, conseguiríamos, de uma vez por todas, instaurar uma grande disponibilidade no seio das formações culturais. Ou seja, instauraríamos **o reino da liquidez**. Todos que têm um bem qualquer – ou um mal, sei lá – e estão precisando vender para fazer alguma coisa, sabem o que é falta de liquidez. Um horror, não se consegue disponibilizar a grana. Imaginem, então, o que é conseguir ter liquidez cultural, ser capaz de facilmente transformar tudo em processo (de compra e venda, por que não?). O homem se reconheceria, afinal, em última instância como o que ele é: o funambulante, o funâmbulo, aquele cuja vida é andar na corda bamba. É, como diz o Aurélio, o “equilibrista que anda e volteia na corda e no arame; volantim, volatim, burlantim, volteador, aramista”. E mais: “Indivíduo que muda facilmente de opinião ou de partido”. É Macunaíma, não tem caráter, mas é este o homem do Quarto Império. Não porque seja um escroto, desculpem, um mau caráter, e sim porque é disponível. Mas ainda não sabemos conviver com nenhum tipo de disponibilidade. Se, como acabei de dizer – e vi nos rostos de vocês –, disser que o indivíduo do Quarto Império tem facilidade de mudar de opinião, de partido, as pessoas ficam assustadíssimas. Justamente porque somos pessoas extremamente apegadas ao Terceiro Império, pessoas de caráter, que têm opiniões consistentes, que não vão mudar. Mas para quê preciso de opinião? Talvez precise disso que não temos, que é garantir, por um tempo qualquer, que estou na referência de tal enunciado. Lacan chamava de palavra plena – depois conversamos mais sobre isto. Então, digo: não tenho opinião alguma, mas, considerada a situação, quer me parecer que posso transar contigo no sentido que vamos combinar que fica combinado assim. Não porque seja um sintoma meu, mas porque acertamos um conceito de poiésis, essa condição. Impensável, não é?

O pior é que a coisa está caminhando para isto, queiramos ou não. Já podemos ver comoções para a derrocada do Terceiro Império. Mesmo aqueles que ainda insistem na supremacia do Terceiro Império – e será que João Paulo serve de exemplo? – já são pessoas que transam numa boa as possibilidades de variação. No meio da rua, por falta de competência cultural, social, e em função da lei em vigor, etc., isso deixa de ser uma transa para se tornar pura criminalidade. Por isso está essa zorra aí. A falta de crença em fundamentos, sobretudo, por aqueles que dizem tê-la, ao invés de facilitar a liquidez das transações, está facilitando a criminalidade. Pensem nisso e depois poderemos conversar mais.

• Pergunta – *Algumas vezes você fala da cultura com certo repúdio, como o que não serve para nada. Ou seja, a cultura instalada é um lixo. Em outro momento, é a cultura como algo que está disponível e à qual podemos voltar.*

Quem disse que lixo não serve para nada? Hoje em dia, lixo é matéria-prima obrigatória. O conceito lacaniano de cultura, que é o que estou tomando, é o conceito clássico de lixo. Cultura é a organização do lixo e da merda, é a *cloaca maxima*, a organização dos dejetos. Sempre foi tratada assim, e Lacan retomou. Então, primeiro, cultura está sendo definida aqui como ‘o modo de existência desta espécie’. Tudo isso é cultura. Segundo, falo da cultura enquanto o que está aí como dejetos, como lixo, como formação já produzida. Se não faço a reciclagem do lixo, me afogo nele. Se não faço a reciclagem do esgoto, estou ferrado. Cultura é tudo isso, mas, de modo geral, na maioria das vezes, nos referimos à cultura enquanto dejetos: os saberes, as produções acumuladas aí. É verdade, isso é uma parte dela. Mas, se estou definindo cultura como modo de existência da espécie, isto inclui a reciclagem e todos os processos para os quais não olhamos muito. O decantado na cultura, as formações já obtidas, sobretudo as que são vencedoras, ou seja, as que mais se repetem, elas realmente são repressivas e recalçantes, de outras formações que podem ser tão interessantes quanto as já produzidas, mas que estão caladas pelo sucesso das

que estão no poder. Isto acontece a todo momento. Mas um indivíduo do Quinto Império, aquele que pode manejar OESPÍRITO à vontade, ele pode até preferir, agoraqui, determinadas formações culturais, mas estará sempre querendo rever o museu, rever seus arquivos. Já que estamos na moda do computador, vamos retomar os arquivos. Há quanto tempo não dou umazinha na, esqueci daquela! E não vai ficar recalcado. Aquela... peça teatral, algo assim...

- P – *O que Freud chamou de entidade superegóica, superego, não é a voz impositiva responsável pela cristalização do Secundário?*

No sentido freudiano, é uma formação qualquer que tem virtudes de ideal de eu, e não de eu ideal, e que se impõe como a bacana, a ser imitada, desejada, equalizada por mim. Ora, isso é uma formação no poder, uma vez que aquilo lá está em seu esplendor para se apresentar como desejada. Seja para um indivíduo, seja para um grupo, seja o que for. A pergunta é interessante, pois, ainda que finjamos brincar de pregnância e referência extrema ao simbólico, como faz Lacan, se fizermos a crítica intensiva e extensiva de seu conceito de significante no seio das teorias de linguagem e mesmo no da própria teoria lacaniana, não é possível não reconhecer o quanto há de registro outro que não simbólico, o quanto há de forte presença imaginária e, portanto, também de forte presença sintomática, no próprio conceito de seu Papai-Noel, que se chama Nome do Pai. Basta fazermos um estudo detalhado para ver que não dá para discernir. Não é distinguível como parece ser. Vemos isto na própria produção do conceito. Em todas as suas formulações, podemos pegá-lo com o rabo preso na história de seu surgimento. Tomemos o estádio do espelho ou o significante, e refaçamos todo o processo. Veremos que, em última instância, têm o rabo preso. Ou seja, Nome do Pai é sintomático. Tanto é que Lacan, reconhecendo isto, indexou sintomaticamente o falo com o S_1 , com o significante-mestre. E o pai vai sair dessa numa boa? Com o falo preso na gaveta? Vai ficar difícil. Aliás, é uma sugestão interessante para os doutorandos aí presentes escrever sobre a indexação do Nome do Pai. É uma questão de economia. O pai-dólar, algo assim..

- P – *Você pode falar mais sobre o Quarto Império ser uma idéia de destemporalizar as produções?*

Quando retomo uma produção, não estou fazendo nenhum retorno no tempo. Vários filósofos hoje estão lembrando que é preciso parar com esse negócio de pensar que estamos fazendo retorno a Kant, a Fichte... Estamos retomando, pois há um troço nele que serve hoje. Quando a arquitetura contemporânea retoma o frontão grego, não está fazendo retrocesso. Simplesmente, está no museu, então tomo, pois irei achar bonito colocar lá. E isto para fazer o novo. Ainda há este paradoxo, pois quando retomo e re-instalo, não há aí um ato de criação? Posso estar fazendo o novo ao retomar o velho. Isto não é retorno, e sim retomada.

• P – *Até que ponto, nessa destemporalização, é necessária uma radical des-historização? Se a referência é ao Originário, é preciso historicizar tudo, superar essa história e suspender. Então, que história é essa?*

Não sei se isso é des-historicizar. Acho que é você lidar de maneira mais à vontade até com a história. Você disse corretamente: você historiciza, suspende e retoma. É isto mesmo. Então, quando se fala de um retorno ao século XII, temos que saber que ninguém pode fazer retorno ao século XII. Seria um turista cronológico, o maior barato. O que é possível é, sim, retomar uns dejetos de lá. Mestre Eckhart, por exemplo, é um homem mais moderno do que a maioria de nossos professores aqui. Então, vou à produção que está notada como sendo do século XII, do qual não faço a menor idéia do que seja, pois para mim é apenas algo sobre o que disseram que antes tem o XI e depois tem o XIII. Chego à Europa, e me dizem que tal Catedral é do século XII. Ah, sim, mas eu pensava que era de hoje, tanto é que bati com a cara naquela parede. É a idéia de que o que determinado período do saber constituiu como cronologia e como tempo cronológico do relógio vale para as coisas. Não vale. São as coisas que fazem o seu tempo. Pego o meu relógio e estarei falando da minha idiotia cronológica, e não do tempo da coisa. Se a Catedral do século XII está lá, será até difícil pensar que seja do século XII.

• P – *Neste sentido, é preciso mesmo manter a história.*

No sentido de que se possa datar de algum modo o dejetto. Como quando você precisa para ir ao médico. A senhora hoje está com diarreia? Não, estava

ontem, hoje estou fazendo direitinho. Ah, bom, então melhorou. Isto é uma função essencial porque é a função de jeto.

- P – *Quando você fala em temporalidade das coisas, fica claro que é outra ordem de temporalidade e outra ordem de história.*

O próprio Heidegger já pensou o histórico como acontecimento, como emergência, datável por alguma circunstância e na independência do historiográfico e da cronologia. Não acho que se vá abolir o histórico, e sim que se vai pensá-lo de outro modo. O frontão grego e o Partenon, posso tentar datar seus momentos de eclosão e suas dejeções, mas aquilo está disponível para mim hoje. E não sei, quando incluir o frontão numa arquitetura contemporânea, se eventualmente não terei condições de re-novar aquilo. É a tese, por exemplo, dos arquitetos pós-modernos.

- P – *A modernidade nunca se instalou, porém, desde sempre e para sempre, haverá emergência de moderno?*

A modernidade seria a instalação definitiva disso que os tempos modernos anunciaram. Como sabem, há muitos autores tentando definir o que é o moderno. Eu, estou dizendo que, segundo minha visão, moderno é aquilo que os movimentos ditos de instalação da modernidade, no fundo, continham, que é a possibilidade do Quarto Império. Isto nunca se instalou definitivamente, e não se instalará sem que passemos ao Quinto. Isso que a modernidade quer só se instalará no assentamento do Quinto Império. Trata-se da emergência do novo como vontade? É claro que sempre houve o novo, mas não era esta a referência. Há alguns autores que querem definir a modernidade como a produção do novo. Não a estou definindo assim. O modernismo, o vanguardismo, tiveram como referência o novo, mas não acho que seja modernidade, e sim um de seus aspectos. A modernidade é ficar livre dos três Impérios anteriores e instalar-se no Quarto. E isto ainda não tem sido possível.

24/ABR

6

OESPÍRITO, AMÉM

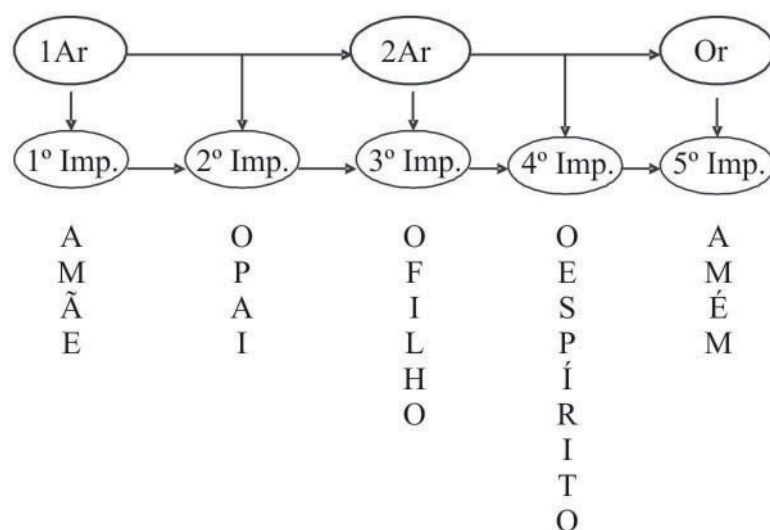
Em menos de uma semana, do dia 30 de abril ao dia cinco de maio, **perdi um amigo e a única irmã.** Coincidentemente num mesmíssimo quadro, com a mesmíssima doença. Nada a fazer, senão **dedicar a ambos todo o Seminário deste ano.** Será que foram para a Terra do Nunca? É claro que não. Foram para a Terra do Sempre, aquela da qual nenhum de nós consegue mesmo escapar. Muito menos morrendo. Pois que, insisto em repetir, mesmo vocês não entendendo, que A Morte não há. E isto é fundamental em nosso processo, no entendimento do nosso caso.

O tempo desta espécie não há. Somos uma espécie que habita o eterno. **O tempo desta espécie é a eternidade.** Confundimos facilmente o perecimento dos corpos, que remete a alguma perda – portanto, ao que, em nosso âmbito, chamamos de castração, e não de morte –, com algum fim, situado em alguma temporalidade, que, na verdade, só comparece para nós como efeito das resistências do Haver e de suas formações. Todo pensamento que se baseie em temporalidade é um grave engano. Qualquer temporalidade é mero efeito. Vocês vêem, então, que estou me situando nos antípodas de todo kantismo. Não reconheço como categorias fundamentais nem o espaço nem o tempo. São efeitos das resistências do Haver. Isso significa, e talvez esclareça um pouco mais a posição que tenho tomado, que todo e qualquer pensamento supostamente baseado na morte ou no tempo, é um pensamento frustrado. É grave o que estou apontando. As filosofias que o Ocidente produziu com a designação do ser-para-a-morte do homem não são mais do que repetição do

paradigma cristão. Daí que não posso deixar de enquadrar Lacan com Hegel, mediante Kojève, ou mesmo com Heidegger, mediante o mesmíssimo Kojève. Não há nenhum ser para a morte. Isto é engano daqueles que entendem que há morte e que há temporalidade, pois os efeitos da resistência fazem parecer assim. Nós outros desta espécie **não temos nem começo nem fim**. Na experiência de cada um, quanto à sua própria havência, não há começo nem fim. Ninguém tem experiência alguma de morte. Inenarrável, porque não experimentada por ninguém. Antes ainda que a tal morte compareça já não há mais lá ninguém para reconhecê-la. Ninguém sabe narrar experiência alguma de zero na sua existência. Quando começamos, já começamos no pleno. Já estávamos aí desde sempre. O mesmo quando apagamos.

Vocês se recordam que, no Seminário do ano passado, intitulado “*Psychopathia Sexualis*”, desenvolvi o tema no sentido de mostrar que o encaminhamento de nossa espécie, segundo o que pode pensar a psicanálise aqui desenvolvida, se orienta decididamente no sentido da sua origem, a qual, para nossa experiência, certamente está sempre no futuro. Foi onde coloquei o atingimento de uma psicanálise, e mesmo esse movimento, como sendo a única ética possível para o nosso percurso. Fiz lembrar que duas experiências radicais apontam esse encaminhamento. A experiência chamada de mística, no sentido mais puro do termo. Puro quer dizer independente de facções, igrejas ou religiões: a experiência pura e simples de abandono das diferenças “internas” ao Haver. A tentativa de renúncia, de fazer calar as formações primárias e secundárias, para o atingimento direto de uma indiferença (esta, no sentido em que a coloco), isto é o que caracteriza a experiência mística onde quer que ela, de verdade, se coloque. E podemos saprear os eventos de busca desse acontecimento em muitos momentos do pensamento e da prática ocidentais. Tanto no que poderíamos chamar de misticismo experimental – por exemplo, em Santo Antão, Santa Teresa e tantos outros –, como também no que se costuma chamar de **misticismo especulativo**, que se confunde de perto com teologia e com filosofia. Caso, por exemplo, do Mestre Eckhart e de toda a teologia medieval, sobretudo a teologia renana de que ele faz parte. Por outro lado, coloquei também

que ao mesmo lugar visa o **movimento dos libertinos**. Insurjo-me, bem acompanhado, porque juntamente com Bataille, embora não com a mesma visão, contra a idéia de que haja oposição entre os movimentos místico e libertino. Há oposição em seu modo de exercício, mas ambos se encaminham decididamente no sentido do Originário, da indiferenciação. Se os místicos, como disse, tentam suspender de imediato os reclames primários e secundários para atingir diretamente a indiferenciação e lidar diretamente com o Originário, os libertinos procuram, no mesmo caminho, no mesmo sentido, um outro exercício, que é o de tentar esgotar o Primário e o Secundário na sua libertinagem até que caiam para que surjam o Originário e a indiferenciação. Ambos fracassam, evidentemente. A referência é que é importante. O atingimento pode ser infinito.



Daí que, ainda considerando o esquema do que chamo de creodo cultural, podemos fazer algumas considerações a respeito do Quarto e do Quinto Impérios. Um pouco mais difíceis, talvez, de serem entendidos do que o Primeiro, o Segundo e o Terceiro, sobretudo por estarmos ainda mergulhados no Terceiro Império, onde a ordem d'OFilho, para nós, se evidencia na repetição incessante do campo do cristianismo, do pensamento cristão. Como dizia há pouco, insisto em que todo pensamento que fala em **ser para a morte** é de paradigma cristão. O

Quarto Império, tentei situá-lo como a tentativa de referência estrita ao movimento de passagem do Secundário para o Originário, portanto havendo ali bastante de Originário fazendo pressão para a sua referenciação. Colhi exemplos em algumas heresias cristãs e em alguns, digamos, pseudo-heréticos como Eckhart, o qual teve várias de suas premissas contestadas e mesmo proibidas pelo Papa João XXII, embora tenha tido a sorte de morrer antes de alguma pressão maior da Inquisição, do Santo Ofício. Como disse, pouco importa a temporalidade, pois uma coisa estar antes ou depois de outra não significa que, por causa disso, seja maior ou menor. A impressão de retorno que existe no pensamento dito pós-moderno é mera impressão, pois não se está retornando a coisa alguma, e sim retomando o que está aí disponível. Não estou colocando a temporalidade como valor, senão como efeito. Mas não podemos deixar de reconhecer que o que nos foi narrado como postura do Buda, Sidarta Gautama, no mundo, parece um pouco mais avançado do que a postura cristã. Digo avançado no sentido do meu creodo. Não podemos tomar o budismo como esse lugar, pois, depois da sua decantação histórica, ele vem pojado de noções que lhe são anteriores, de vários mitemas do próprio hinduísmo. Por exemplo, da bobagem chamada reencarnação, pelo menos no sentido como ela se coloca, de permanência de um Eu através dos tempos e borboleteando aqui e ali através de corpos metempsicoticamente assumidos por essa borboleta. Isto, embora nem todo conceito de encarnação ou de reencarnação seja de se jogar fora.

Então, o sentido de afirmação disso que, em meu aparelho, quero chamar de ALEI pode ser encontrado no pensamento búdico. É o reconhecimento de que: **desejar efetivamente é desejar não desejar**. A invenção, ou o esclarecimento produzido por Lacan de que o objeto do desejo é simplesmente Nada, Coisalguma – sem a visão da ALEI como Haver desejo de não-Haver, que não se explicita, não se exara, de forma alguma em seu pensamento –, também é da ordem do búdico ou semelhante ao pensamento búdico. Isto já está lá, embora ALEI como Haver desejo de não-Haver não tenha sido escrita por ele. Lacan ficaria com seu esquema um pouco atrapalhado se pusesse este termo. Então, vocês vêem que há esforços os mais diversos, tentativas, em qualquer momen-

to da chamada história e da cronologia, de se situar no Quarto Império. Isto, mesmo quando outros grupos estão mais atrasados. No caso da história da filosofia, por exemplo, quer me parecer que há pelo menos um – que Deleuze chama brilhantemente de o Príncipe dos filósofos –, Espinosa, que fazia um grande esforço para enfiar a filosofia no Quarto Império, apesar de todos os cristãos que vieram, até mesmo depois, na filosofia. Quer me parecer que Espinosa é de uma extrema decência em sua vida, alguém que prefere a pobreza a ter que se dobrar a uma idéia pregressa que ele não podia mais sustentar. Se não podia se dobrar à vontade da Sinagoga, não sei por que iria dobrar-se à vontade da Igreja do cristianismo. Sem estar fazendo aqui história da filosofia, ou mesmo filosofia, Espinosa parece-me ser aquele que, como eu, insiste em que a morte não há, em que a temporalidade desse modo não interessa e, o mais interessante de tudo, recoloca o conceito de Deus de maneira que extrapola os três primeiros Impérios e também se aproxima do pensamento búdico: *Deus sive Natura*. Ou seja, Deus é a mesma coisa que a Natureza.

Quanto a mim, faço um pequeno esforço para me situar – sem a menor esperança de que queiram me entender ou me seguir – com as quatro patas no Quarto Império. Isto quando re-insisto em que nosso modo de haver não é dentro da temporalidade como tal, mas dentro da eternidade; em que A Morte não há e, portanto, não se nasce, o surgimento é abstruso (não podemos confundir isso com os corpos dos porcos); e, sobretudo, quando tento situar que qualquer emergência – em qualquer ponto da história ou da geografia, que aí me parece espontânea – de alguma idéia que se aproxime do conceito de Deus é perfeitamente plausível. Isto porque, como se lembram, quando falei de A Hipótese Deus, de uma maneira que não sei se é muito precisa, mas é pelo menos engraçada na medida em que é um pouco roubada de Lacan, disse: *Deus vel Natura*. Ou seja, Deus é aquela coceira que existe para nós entre Haver e não-Haver. Ou seja, o lugar onde Eu funciona. O que não difere nem um milímetro da postura divina colocada, por exemplo, por Eckhart. Então, vejam que, nesse ponto, prefiro ainda situar a postura de Eckhart até mais à frente do que a de Espinosa. A não ser que alguém venha demonstrar que, para

além do *Deus sive Natura*, de Espinosa, o *Deus vel Natura* pode acontecer, ou seja, a **exasperação entre Haver e não-Haver onde eu habita**.

No início do Seminário deste ano, coloquei a questão – que retornará ainda algumas vezes – entre uma posição individualista e uma posição coletivista, se pudermos dizer assim. Naquele momento, não citei o autor, mas estou tomando a questão do livro de Alain Renaut, *L'Ère de l'Individu*, A Era do Indivíduo (Paris: Gallimard, 1989). É bastante interessante, pois ele justamente atravessa todo o texto retomando vários filósofos no sentido da colocação da questão entre individualismo, que se opõe, sei lá por quê, a humanismo. Naquela ocasião, eu falava da oposição entre autonomia e independência, que Renaut faz questão de distinguir. Ele aí procura um lugar de distinção para certo humanismo que lhe parece mais da ordem da autonomia do que do individualismo. Como disse, a noção de autonomia que ele coloca é de um funcionamento em liberdade, mas subdito, obediente, à ordem da lei. Não no sentido necessariamente de algum imperativo categórico kantiano, mas de uma aceitação, por cada um, de um princípio legal. Então, conviver no sentido de uma autonomia da espécie – ele não diz assim – seria o reconhecimento de uma lei para todos os homens, a aceitação desse princípio legal e a liberdade que se tem quando se exerce tudo que se queira dentro da vida, mas em obediência a esse princípio legal, o qual só é válido porque foi optado. Esta oposição é bem kantiana. Isto em contraposição à independência do indivíduo, que estaria referido a si mesmo, a seus movimentos libérrimos, independentes de aceitação de qualquer limite: “Tudo que posso, eu posso e ponto!” Esta seria a idéia do individualismo segundo ele e segundo Kant. E quando a referência é às leis exaradas em nosso meio social, é possível pensar uma autonomia desse tipo e desse modo que se refere à aceitação das leis em vigor.

A psicanálise não pode pensar assim. Muito menos aquela que estamos chamando de Nova, pois, recorrendo ao princípio de soberania, segundo o modo como o colocamos pregressamente, ou seja, que toda soberania é arrogante, arroga para si determinado direito, não podemos reconhecer no individualismo exercido plenamente, tomado segundo a definição de Renaut e de Kant, uma

referência autista às próprias vontades de um eu jogado por aí. Isto porque o princípio legal a que nos referimos não é o princípio das leis em vigor no sistema jurídico do mundo. A Lei a que nos referimos é a ALEI primordial do Haver: Haver desejo de não-Haver. Como se lembram, o escopo do Pleroma com essa ALEI em exercício coloca que há, queiramos ou não – apesar de todos os vínculos primários e secundários que se tecem e que, no entanto, podem ser desfeitos de algum modo, nem que seja mediante lutas ou assassinatos –, na última instância de nossa formação específica, aquilo que pude chamar de Vínculo Absoluto. Ou seja, há um Vínculo Absoluto tanto em qualquer surgimento do Revirão como formação Originária de nossa espécie – e de qualquer outra onde isso possa aparecer –, como na plenitude do Haver. Então, estamos absolutamente vinculados ao Haver como tal, entre nós e entre qualquer outro de qualquer espécie que seja portador da máquina de reviramento. Isto já é Lei demais, embora desconteudize todo e qualquer enunciado legal e se formule como Vínculo Absoluto. Ora, na referência ao Vínculo Absoluto, estaremos sendo autônomos justo no momento em que somos individuais. Não é possível estabelecer aí diferença entre autonomia e individualismo.

Alain Renaut, no capítulo dois, propõe que se remeta à experiência e ao trabalho de outro autor, bastante conhecido, com vários livros traduzidos em português, que é Louis Dumont, uma espécie de antropólogo comparatista, que estabelece cotejamentos entre estruturas sociais, etc. Renaut se remete sobretudo ao livro *Homo Hierarchicus: o Sistema das Castas e suas Implicações*, São Paulo: Edusp, 1992, no qual Dumont estuda o sistema das castas na sociedade da Índia, e aponta a oposição entre duas ideologias que se referem nitidamente ao mesmo problema que estávamos colocando antes entre autonomia e independência. Renaut se refere à ideologia que chama de holista, aquela que quer pegar tudo, e a ideologia individualista. A primeira prefere referir-se à posição de uma ordem legal, à qual tenho que me referir em autonomia, mas sem que minha posição individual possa ultrapassar os limites legais, processuais e comportamentais desse todo a que devo me referir. Não se esqueçam de que eles estão pensando em termos de grupo social, seja antropo-

lógica ou sociologicamente, pouco importa. E a segunda, a ideologia individualista, que acha que o indivíduo tem o direito de pleno exercício de sua individualidade independentemente de referência ao todo. Quando comecei o Seminário deste ano, coloquei isto como questão fundamental de se pensar, para nossa época, a possibilidade de uma referência ética que pudesse imaginar um transcendentalismo imanente. Como posso, sem nenhum transcendente, dentro de uma imanência, ter alguma referência que seja a referência legal capaz de totalizar a referência? O que estou dizendo aqui – e que já disse em Seminários anteriores, já publicados – é que, do ponto de vista da Nova Psicanálise, a referência é o Vínculo Absoluto. No entanto, temos o sério problema de que ela a nada obriga. O Vínculo Absoluto é imposto pela hiperdeterminação, a qual nos vem justamente do lugar gnômico, divino, de exasperação entre Haver e não-Haver, e que, como o nome está dizendo, hiperdetermina no sentido da possibilidade de surgimento, de criação, para além das sobredeterminações internas ao Haver, mas não obriga a nada. No entanto, não deixa de ser uma referência vincular e absoluta.

Ora, se nossa referência é o Vínculo Absoluto, é a hiperdeterminação, é o Gnoma divino que é humano, não se coloca nenhuma oposição entre autonomia e independência, como tampouco se coloca oposição, fronteira, entre ideologia holista e ideologia individualista. Não é possível fazer essa distinção para nós, pois seria recortar onde não há recorte. A confusão desses pensadores, segundo a Nova Psicanálise, é que esses recortes são feitos na “internalidade”, no escopo menor, das formações do Haver. Aí, há que se fazer uma política, mas a coisa se recorta em escopo menor. Num escopo de última instância, não temos como sustentar nenhuma fronteira que se coloque entre essas duas posições. São fronteiras, invenções, necessariamente *ad hoc* para resolver problemas políticos agoraqui, durem o tempo que durar. Elas não sustentam nenhuma ética, nenhum pensamento dessa natureza. Então, se é para utilizarmos esses dois termos, a Nova Psicanálise tem uma postura – desculpem a brincadeira – que eu chamaria de **Individuholista**. Não se pode negar ao indivíduo premido pela hiperdeterminação o exercício pleno de todas

as suas possibilidades. Por exemplo, as possibilidades místicas ou as libertinas. No entanto, essa posição de absoluta franquia em relação às nossas potencialidades está necessariamente na dependência de nossa constituição em Vínculo Absoluto. Encaminhar-se um pouco para o Quarto e para o Quinto Impérios, ou tentar assentar-se no Quarto Império sob a égide do Quinto, exige que reconheçamos a não oposição entre essas duas posturas e que temos pleno direito do exercício cabal de todas as potencialidades, as quais, no entanto, estão subditas à ordem da hiperdeterminação, à ordem do Vínculo Absoluto. Isto permitiria um grau de abstração, ainda que no regime do Quarto Império com referência ao Quinto, que nos deixaria dizer Amém ao que quer que apareça.

Paralém de mal e bem, como já lembrava meu colega Nietzsche. Isto não significa o exercício da bondade nem da maldade, e sim da possibilidade e da disponibilidade, dentro do qual será preciso, a cada passo, fazer a política do momento. Por exemplo, em função da preservação, da vida, no nível do Primário, de culturemas bacanas, no nível do Secundário. Culturemas são sempre bacanas. Poderia, como dizia João Cabral, fazer o museu de tudo. Por que não? O homem que fosse efetivamente moderno, se nossa postura pró-moderna viesse a se constituir, seria esse homem *individueholista*, que não abre mão da sua individualidade justo porque ela é um representante do cúmulo do próprio Pleroma, da própria plenitude.

Então, não se trata efetivamente nem de autonomia nem de independência, e sim da soberania de uma Idioformação, que, enquanto Idioformação, está absolutamente vinculada a qualquer outra. O que propõe, o que põe, o Vínculo Absoluto é que todas as Idioformações do Haver, portanto, também todos os humanos e o Haver enquanto tal, paralém de suas vinculações, de suas sobredeterminações, isto é, de suas vinculações sintomais, eventualmente relativizáveis, transformáveis ou elimináveis – estas operações dependendo apenas do custo desses processos –, todas elas estão disponíveis para a hiperdeterminação, embora não obrigadas a isto. Isto é o que significa Vínculo Absoluto. O simples fato de se poder reconhecer em alguma formação que se trata de uma Idioformação, ainda que no esquecimento de sua

hiperdeterminação, ainda que em amnésia, isto é, o simples fato de se reconhecer, por alguma emergência encontrada, que se trata de uma hiperdeterminação, exige daquele que reconhece por anamnese a sua própria hiperdeterminação, o cuidado do *individueholista* que ali está. Quem não se reconhece e não se lembra disso até pode agir um pouco como animal, mas não pode quem se lembra disso. Por exemplo, não pode um analista, se é que existem analistas e se é que ser analista é ter a rememoração disso.

- Pergunta – *A essencialidade de nossa espécie é a referência à hiperdeterminação, então, como “nada obriga” se, por mais que se tente ser animal, temos essa referência?*

Não é um imperativo. Se o fosse, já estaríamos no paraíso perdido há muito tempo. Se olhasse para dentro de mim e – sem um esforço de percurso o mais freqüentemente ajudado por um outro que, por acaso, ou por intervenção de alguém, conseguiu acordar a tempo – espontaneamente pudesse fazer a anamnese disso, eu estaria nessa disposição. Mas mesmo isto não obriga. Pode induzir, pode dispor, mas não obriga. Talvez o grande drama da humanidade seja de que, mesmo quando reconheço, isso não me obriga. Se não, por que você está, como qualquer um de nós, angustiado com a falta de obrigação? Pela razão óbvia de que gostaríamos que, de algum lugar, viesse a obrigação que impusesse o fundamento de uma ética possível. O problema é que não há isso. Quando digo que há um Vínculo Absoluto, uma ALEI férrea que diz Haver desejo de não-Haver, muita gente acha que já é obrigação demais para a nossa época, embora isto não conteudize e não obrigue. Já estou fazendo a mim mesmo, à minha possibilidade de pensar, a concessão de imaginar uma ALEI e um Vínculo Absoluto. Quem sabe, a gente se segura nisso e inventa uma ética? Mas qualquer ética abaixo disto, e portanto todas as que estão disponíveis, são meras formações políticas que estão aí no jogo – na melhor das hipóteses, democrático – de seu processo de hegemonização.

A rigor, o mais que o psicanalista – que, supostamente, é aquele que fez a viagem ao Cais Absoluto, que reconheceu de algum modo o Vínculo Absoluto

e a hiperdeterminação como fazendo parte de sua constituição, e que, portanto, tem à sua disposição a possibilidade de lançar mão disso – pode dizer é que sua ética é a de tentar colaborar para conduzir a si mesmo e a todos que encontrar ao reconhecimento do Vínculo Absoluto e do Cais Absoluto. Aí acaba tudo, pois, de retorno, o que tenho eu para dizer a respeito do bom e do mau? Não mais do que: se reconheço o Vínculo Absoluto e a hiperdeterminação, talvez possa reconhecer que (acho difícil usar este verbo, mas vamos fingir) **deva** cuidar do Haver. Mesmo porque as Idioformações que conheço não se sustentam sem seu Primário. Então, não deveríamos preservar toda e qualquer aparição, toda e qualquer emergência, no campo do Primário? É esse sentimento que está produzindo efeitos na ordem do que hoje chamamos de ecologia. A vontade ecológica deste fim-de-século não será ela de algum modo, quando se perderam as estribeiras, os pedais, os referenciais e os fundamentos, algo que pisca como hiperdeterminação e alguns começam a perceber que têm que cuidar do Primário, se não o Secundário se ferra e, sobretudo, também o Originário? Isto porque a paixão pela natureza é uma coisa assassina, horrorosa. A má postura ecológica é a paixão pela natureza. Primeiro, porque a natureza é uma negócio inteiramente artificioso, e, segundo, que eu deveria reconhecer a necessidade de cuidado com o Primário, na medida de meu reconhecimento do Amém. O que quer que venha é bendito e é bem-vindo.

É claro que aí há guerra entre as sobrevivências. Então, é preciso fazer a boa política disso. Boa política, não sei o que é. Talvez devêssemos cuidar de toda e qualquer emergência, de toda e qualquer formação decantada no Secundário, disso que chamamos o lixo cultural, esta sapucaia que habitamos, todos os restos que a humanidade deixou por aí. Toda e qualquer emergência no campo dessas formações é válida, interessante, ainda que as da pior espécie. São nossas. Nada disso nos é estranho. Devemos nos reconhecer aí. O que fazer com isso? Como moderar as relações dessas formações? Aí sim, vem a política do cotidiano. Veremos qual seja. O importante é que resta absolutamente diferente eu fazer a política do cotidiano, seja no nível da ética, da estética, disso ou daquilo, com ou sem referência à hiperdeterminação. Houve

um tempo em que se tentou isto, mas pintado de animal. No tempo em que se conduziam religiões onde os deuses tinham rosto, barba, roupas, gostos, cruces, o diabo, inclusive. Isso era configurado demais, mas se tentou. E mesmo no campo do lodaçal religioso de teologias as mais esquisitas, encontramos momentos fecundos em muitos filósofos, teólogos, etc., como, repetindo (porque é um gosto meu), a teologia de Eckhart, na qual apresenta aquela coisa abstraída do modo como estou colocando. E que lhe valeu um belo puxão de orelha e teria lhe valido uma morte se ele não morresse a tempo.

Já lhes disse que o paradigma da psicanálise é sexual. Não há a menor dúvida disto desde Freud. Sexual, porque é a transa que se passa entre Haver e não-Haver. O sexo em estado puro é essa transa, depois vêm as coisas menores da sexualidade. Sexo impossível, portanto. Disse também que o estatuto da psicanálise é místico, no sentido de que a psicanálise comparece como um exercício específico – inventado no início do século XX, desenvolvido na segunda metade, falecido no final, e que tento ressuscitar boca a boca, não sei se conseguirei –, e não como os exercícios dos místicos ou dos libertinos do passado. Seu exercício foi inventado no sentido do afastamento e da indiferenciação, que permite entrar na grande diferença que é exasperada entre simplesmente Haver e não-Haver, de onde brota toda e qualquer possibilidade de separação, distinção e coabitação com as mazelas do Secundário e do Primário.

Algo interessante no livro de Dumont, e tomado com muito interesse por Renaut, é que ao estudar o sistema de castas na Índia, ele reconhece que o sistema é extremamente rígido, situa as pessoas em lugares indepassáveis, inapelavelmente, mas que existe um pequeno modo de a pessoa superar e ultrapassar todo o sistema das castas dentro do próprio sistema de castas. É quando alguém se propõe a ser renunciante. Encontramos isto na página 244 do livro de Dumont, e comentários nas páginas 69 e seguintes do livro de Renaut. Ele descobre no seio da sociedade hindu um sistema rígido de castas, mas do qual, mediante um expediente, algumas pessoas conseguem se livrar. Como? Mediante um processo rígido e radical de renúncia a pertencer a qualquer casta, de renúncia ao mundo, que cria determinado tipo de indivíduo que consegue

estabelecer uma relação de, ao mesmo tempo, influência sobre a sociedade e de não pertinência a ela. Ora, ele quer dizer que o indivíduo preso num sistema de castas está inteiramente aderido à ideologia holista, inteiramente subdito à ordem da autonomia dentro da casta, tendo aceito os princípios legais das formações da casta, e que o indivíduo que renuncia adquire uma individualidade. Portanto, passando a ser independente, embora vivendo junto da casta e podendo ter influência sobre ela. Ele conclui de suas observações antropológicas que o renunciante fica como uma espécie de charneira dentro da sociedade e consegue, portanto, produzir um único modo de conviver com ela sem estar aprisionado ao sistema de castas. No entanto, está inteiramente embutido dentro da sociedade. E ele coloca esse indivíduo inclusive como portador de uma neutralidade que o faz virar charneira.

Suspeito que haja aí um pequeno erro, que é produzido pela visão antropológica. O neutro no Revirão, o ponto neutro de indiferenciação do Originário, não é a própria renúncia, pois esta, segundo a observação de Renaut, é um método de passagem da casta para o indivíduo. Mas não é de passagem do indivíduo para a casta. No que o indivíduo renuncia, cai na posição individualista, mas não o faz retornar. Portanto, não é um ponto neutro, que permite retorno, e sim um ponto de passagem para uma posição especial no seio das castas. Prefiro dizer que a renúncia funda o indivíduo e que o apego funda a casta. Se renuncio, sou indivíduo, se me apego, estou no fundamento da casta. Entretanto, a renúncia pode ser o primeiro exercício para a indiferença. O que é muito diferente de mera produção do indivíduo. E esta sim, a indiferença, é que faz o ponto neutro, o pivô. Renaut quer dizer que o indivíduo renunciante é um pivô dentro da cultura. Acho que não, pois ele pode influenciar por sua presença, mas não faz um pivô pleno dentro dela. Se fizesse um pivô de mão dupla dentro da cultura, acabaria dissolvendo as castas. Não as dissolve porque não tem retorno. A renúncia produz o indivíduo, mas não é mão dupla, não faz o indivíduo retornar.

O que a psicanálise propõe é um pouco mais rigoroso do que isto. A renúncia pode ser um exercício primeiro de aproximação da indiferença. Se

posso renunciar, tanto melhor. Posso ter mudado de lado em relação aos ditames da minha cultura. É o que encontramos na mística ocidental, na tebaida: a tentativa de renúncia para se tornar ligado absoluta e diretamente a Deus e independente dos ditames do mundo. Mas o que a psicanálise põe com seu fundamento místico não é apenas um caminho de ida, e sim o exercício de produção de uma neutralidade, de uma indiferença radical, para a qual a renúncia pode ser um exercício válido. Mas quando, mesmo que não me torne neutro, posso me referir à neutralidade, ao Quinto Império, ao Originário, tenho mão dupla: vou e volto. Aí sim, posso me colocar como pivô entre uma posição individualista e uma posição holista. Por isso, falei que é a produção de um *indivuiduholista*.

• P – *Tendo em vista o paradigma sexual que você colocou e que, em seu ponto máximo, é a exasperação entre Haver e não-Haver, por que foi escolhida a palavra como instrumento básico de trabalho na psicanálise? Que função tem a palavra frente a esse paradigma?*

Diante do fato de que o paradigma é sexual, o que está fazendo a palavra lá como ferramenta fundamental? Respondo com uma frase de Lacan quando estava fazendo um Seminário: “Agora estou falando, não estou trepando, logo estou trepando”. Isto porque, do ponto de vista da última instância, da secção que nos determina, esta secção se apresenta em toda e qualquer manifestação de uma Idioformação. Então, se a palavra é *soft*, digamos assim – e se considerarmos outros movimentos, outros processos corporais, mais *hard*, e ela consegue ser eficaz, parece que Freud se deu conta de que é possível. Isso dependeria de francos desenvolvimentos a respeito, por exemplo, do que chamamos de psicossomática. Outro dia, numa conferência, eu falava um pouco disso, como encaminhamento do percurso entre Haver e não-Haver. Ou seja, nosso Secundário – que se exhibe, se manifesta, se exercita mais frequentemente através da palavra –, como *software*, é eficaz em todos os processos de nossa espécie. Preciso mediar minhas ações, até minhas transformações no Primário, pelo Secundário. Sempre produzo primeiro uma prótese no Secundário para, depois, com essa prótese tornada ferramenta, tentar produzir uma prótese no

Primário. Foi assim que a humanidade se instalou no seio do Primário e no seio da técnica. Ora, no seio do *software* geral que é o Secundário, parece que a palavra é o mais disponível, o mais fácil de se manejar. Isto embora eu não creia e mesmo não acredite que tudo que aconteça, por exemplo, numa análise, mesmo do próprio Dr. Lacan, e por ele declarado – não estou falando dos lacanianos –, se passe estritamente no nível da palavra. O último Lacan chamava atenção, por exemplo, para entonações, para a escrita poética chinesa. Por que, de vez em quando, ele dava – porque dava – uma porrada num analisando? Um empurrão, um maltrato, um bom trato, que entonava o que estava sendo dito? Sobretudo, no fim de sua vida, que descobriu que dizer ou não dizer dá na mesma. Mas o espantoso é que não dá na mesma pela via do silêncio e pela via do mutismo. Produzir silêncio não é a mesma coisa que não dizer nada. Por isso, a psicanálise até funciona. O tolo pode dizer: “Para que vou fazer análise se posso abolir, me livrar da própria palavra e cair no silêncio?” Para não ser o estúpido que não chegou a dizer. Para conseguir *produzir* o teu silêncio.

Tinha mais coisa a dizer, mas vou ficar por aqui hoje.

• P – *Há diferença entre a postura individuholista que você colocou hoje e a Idioformação? Você coloca nessa postura individuholista uma prática de hiperdeterminação ou não necessariamente, só uma disponibilidade?*

É a mesma coisa. A postura da Idioformação é essa porque está subdita a esse modo de Haver. Estou dizendo que não é preciso pensar esta espécie, ou qualquer Idioformação existente, na oposição entre o holista e o individualista, e sim que aquilo, como formação, é individuholista. Outra coisa, são as políticas que vou exercer aí. Quando digo aqui que, segundo a minha postura psicanalítica, um psicanalista **deve** ter-se encaminhado até à hiperdeterminação, **deve** ter-se encaminhado ao Cais Absoluto, **deve**, uma ou algumas vezes, como o que chamo de Análise Propedêutica, ter reconhecido, rememorar-se de sua hiperdeterminação, isto é a política **desta** psicanálise. Portanto, quando falo que a ética da psicanálise é esta, no fundo, é: essa ética é o resultado da política que estou tentando convencer vocês de seguir. Isto porque individuholista, o sujeito é sem rememorar, sem saber disso. Uma coisa, é algo se exercer dentro

de mim, estar lá, à minha revelia. Outra, é me lembrar disso e ter isso disponível para mim. E outra coisa ainda, o que já é uma política, é dizer: acho que devo assumir isso.

Estou dizendo, então, que não admito, pelo menos perto de mim, psicanalista que não diga que deva assumir isso. Esta é a minha política. O resto, para mim, é figuração, não vale nada, não merece o título. Aí, estou garantindo com a minha palavra o que acho, quero e desejo persuadir os outros, que seja a conexão possível entre o Primário e o Secundário. É o que qualquer um pode fazer. Penso tudo isso, digo que nada obriga, que ninguém está obrigado a seguir o que estou dizendo, que não existe uma obrigação estrutural – não sou Kant –, entretanto, quem quiser estar do meu lado e ser chamado por mim psicanalista, estará garantido por minha palavra. Pode ninguém querer, então, sou apenas um maluco. Ou pode todo mundo querer, então, fiquei curado, pois todos são malucos juntos. O que minha palavra pôde reconhecer como possível verdade? E por reconhecer que é verdade possível, afirmar que é a verdade o que estou dizendo? O que ela garante? O que ela põe como dever e garante? Garante qual é o meu modo de fazer a metáfora do Primário para o Secundário. Lacan chamava isto *point de capiton* e, por causa disso, inventou o *Nom du Père*. Vocês dirão que é um absurdo, que estou colocando o Nome do Pai no modo de fazer a metáfora do Primário para o Secundário. A primeira instância do Nome do Pai é aí. A última, seria a do Originário. E aí Lacan se perde, pois faz do troço um significante. Não gosto de fazer disso um significante, mas sim um ato eminentemente criativo, poético, artístico, em primeiro lugar, e, depois, político de ‘capitonar’ o Primário no Secundário.

• P – *É importante lembrar que existe um Revirão entre Primário e Secundário, que faz a conexão e a separação.*

Exatamente isto. Estou dizendo que, no meu tempo, no meu momento, na minha situação histórica, geográfica, com tudo que acontece por aí, estou tentando reconectar esse troço que anda meio separado e que é preciso sempre reconectar. Quando estou produzindo meu aparelho é no sentido de dizer que o que tenho para oferecer “de bandeja” – lembrem-se de Seminários anteriores–

é um modo de reconectar o Primário e o Secundário. Um modo de tornar a fazer com que alguma coisa do Secundário tenha, temporariamente que seja, a pregnância do Primário. Um modo de viver. Uma política de sobrevivência. É o que tenho para oferecer. É pegar ou largar.

- P – *Quando você citou o exemplo de Lacan de que tudo se passa no simbólico dele, na linguagem...*

No nível da linguagem não é possível não passar, pois não existe absolutamente nada que não passe no nível da linguagem.

- P – *...seria como efeito do discurso? Esse discurso produz um efeito secundário e primário ao mesmo tempo em termos de movimento? É uma movimentação?*

É uma polêmica, uma guerra. Temos formações recalcantes, formações recalcadas... É uma comoção. Recebemos o analisando, tadinho, inteiramente impregnado – em linguagem vulgar, diz-se que ele está todo empregnado de formações rígidas que não o deixam mexer nem um pouquinho. Ficamos tentando – sem que ele note muito, pois, se notar, ficará defensivo demais – reorganizar o campo de batalha das formações que estão em guerra dentro dele para ver se algumas se arrebitam para cá ou para lá. E tem mais: vale tudo para conseguir isto... menos o que a polícia não deixar.

- P – *Com criança existe mais liberdade nesse jogo?*

Aqueles que lidam mais frequentemente com criança em consultórios, em terapias, etc., têm o depoimento de que é sempre mais elástico. Isto porque o movimento pulsional vem mais diretamente como vem do Primário. As formações secundárias não estão tão decantadas, domadas, no sentido de que não estão conectadas diretamente a formações secundárias que limitam o jogo. Por isso mesmo acho que psicanálise é uma pedagogia, de todas a melhor, e que devia ser exercida desde pequenininho. Desde que houvesse psicanalista para fazer isto... É um momento difícil, pois a maioria dos psicanalistas não faz a menor idéia do que está fazendo. Tudo é de orelha, ouviram na faculdade, falaram que Lacan era assim e assado, e acabam não tendo a menor noção. Nós sabemos disso. Em todas as profissões é assim... Mas imaginemos quando

fosse assim. Então, no sentido da Pedagogia Freudiana que já encareci, como lidar com uma criança com a qual temos que manter a elasticidade sem deixar de decantar formações secundárias? Isto porque, se não as decantar, é uma piração total; se as decantar demais, é uma neurose desgraçada. Qual é o jogo para manter o mínimo de elasticidade?

Temos vários filósofos que pensam sobre isto. Por exemplo, Bertrand Russell, que ficava pedindo aos pais e professores que mantivessem, que sustentassem ao máximo, a suspensão de juízo nas crianças. Suspensão de juízo é não deixar de acolher e decantar formações secundárias, mas tampouco deixar de manter um espírito crítico em relação a elas. Ou seja, de reconhecimento de sua relatividade, de sua necessidade como ferramenta, de sua importância como metaforização do Primário, mas de aquilo não **me** definir. Eu não **sou** aquilo. Aquilo é uma **ferramenta** minha. O mais difícil é que a primeira coisa que a criança faz quando lhe oferecemos uma ferramenta é torná-la um modo de ser. E isto com a ajuda dos adultos. Digo sempre a professores – aliás, não há classe mais esquisita do que a do tal de educador – que toda vez que, ao invés de fazer uma referência a um uso próprio, impomos a autoridade decantada, imbecilizamos o outro. Se o menino pergunta: “Por que não posso isso?”, é melhor responder-lhe: “Quem manda aqui sou eu e não quero!” As pessoas acham que é autoritarismo, mas não é. É a libertação do outro. Se dissermos que não pode porque está escrito na Constituição da República, estaremos lhe dizendo que ele está preso e não há saída. No tempo em que as crianças tinham raiva dos pais, no meu tempo, era uma felicidade. Sentia-se raiva deles. Hoje em dia, os filhos não têm raiva dos pais, é uma maravilha... Estão aprisionados de vez. É uma coisa horrorosa.

- P – *Depois as crianças começam a cometer crimes...*

E ninguém sabe por quê. Porque não têm um campo de luta adequado.

08/MAI

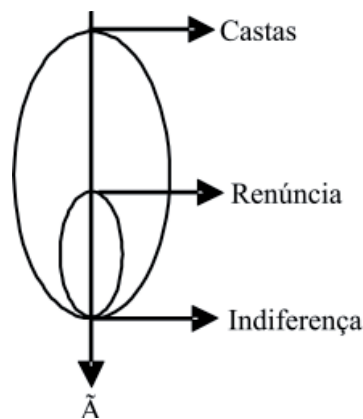
7

ESTRATOS DAS FORMAÇÕES CULTURAIS

Antes ainda de iniciar o que tenho para trazer hoje, como algumas pessoas acharam mal explicado, ou mal desenvolvido, o término do Seminário anterior, onde eu falava sobre os livros de Renaut e Dumont a respeito das questões da casta e da renúncia, farei uma ligeira explicação terminal. Dumont, acompanhado pela crítica de Renaut, coloca que, no sistema de castas, que é rígido e, em suas formações internas, intransponível de uma formação para outra, emerge uma situação onde uma pessoa capaz de renunciar ao mundo, de praticar um ato desses que chamo de ato místico, ficaria, então, no seio da mesma sociedade, mas independente do regime das castas. Ele considera isto uma espécie de charneira capaz de fazer bascular a questão da rigidez das castas para a verdadeira independência, no sentido do individualismo, daquele que fosse capaz de renunciar. Minha crítica foi que a mão era única, num sentido só, não era mão dupla, já que, se a renúncia podia produzir o indivíduo, não podia fazer o retorno à casta. Mas que eu acabava achando que, de qualquer modo, essa renúncia era um exercício, poderia ser um processo mesmo de indiferenciação no sentido de estabelecer uma indiferença dentro do regime rígido das castas. Situei sobre um Revirão o que estou querendo dizer.

A renúncia fica como uma atitude em oposição às formações das castas. São dois alelos que só encontram um ponto de indiferenciação numa indiferença entre casta e renunciante. Não quer me parecer que o renunciante produza diretamente a indiferença, mas sim um jeito de permanecer na estrutura social

como indivíduo, e, portanto, como independente. Isto em termos, pois se permanece na estrutura que lhe permite por renúncia esse lugar... É muito diferente, por exemplo, na história do Ocidente, na formação dos mosteiros, da posição de Santo Antão e de todos os que o imitaram na Tebaida – e foram muitos –, que é uma posição mística de indiferenciação radical. É claro que, com isto, produziu uma renúncia aos bens e até às posições sociais que poderia ter. Ele era um felá, portanto, não um miserável, possuía bens, aos quais renunciou.



Mas não fez apenas um ato de renúncia. Afastou-se, foi para o deserto. Ou seja, além de renunciar, indiferenciou o mundo. É claro que fez isto pela via que costumamos chamar mais propriamente de mística, que é a via do solitário. Há uma pequena oposição aí em relação à via do libertino. De qualquer forma, com isto, não conseguiu uma posição dentro da comunidade, diferentemente do renunciante hindu. Foi só muito tempo depois de a Tebaida ter-se desenvolvido com milhares e milhares de místicos, que Pacômio introduziu isto na Igreja ao produzir a idéia de Monastério, que, de início, é a idéia de aqueles místicos todos, individuais, lidando diretamente com Deus, se arrumarem num lugar que tivesse uma ordem. Aliás, mesmo Santo Antão ordenava seus seguidores, quando começou a aceitar que as pessoas ficassem por perto. No começo, não aceitava.

Ou seja, ordenava a vida daquelas pessoas segundo determinado modelo. Depois, Pacômio inventa o mosteiro segundo essas ordens. Aí, começam a aparecer várias ordens. A tal ponto que havia a ordem da frescura, a da prostituição, a ordem de tudo... Era só isto que eu queria colocar.

Desenvolvi aqui o creodo cultural. Acho que, de primeira mão, cheguei ao fim com a apresentação do Quarto e do Quinto Impérios. Daí podemos ainda tirar muitas conseqüências, e vamos tirá-las durante o percurso do Seminário, que, a rigor, dura o ano inteiro: a primeira parte, este semestre; e a segunda, semestre que vem. Comecei pelo creodo cultural, pois me pareceu de mais fácil acesso e de interesse mais imediato do ponto de vista da comunicação. Entretanto, antes de abordar os Impérios, falei da ordem implícita, que é o que resulta de quando o Haver se fractaliza por não conseguir passar a não-Haver. Resulta uma ordem primária, que é a ordem própria do Haver, e uma ordem secundária, promovida por uma ordem originária, que é justamente o momento da castração, o registro da impossibilidade, o reconhecimento pelo Haver – que reconhece de algum modo, pois se quebra todo em pedaços – da impossibilidade de passar a não-Haver. O fato de se estabelecer esta ordem implícita – Primário, Secundário e Originário – resulta em várias conseqüências. Uma das quais é o que primeiro coloquei como Creodo Cultural. As formações que resultam, que são efeitos, da ordem implícita, estão todas metidas num conjunto de acontecimentos e fenômenos que chamo de **Estratos das Formações**. E já que estamos tratando de cultura e de comunicação, seriam estratos das formações culturais, dos quais destacarei quatro. Dentro desses estratos, alguns são efeitos imediatos da ordem implícita. Outros, não, são efeitos imediatos d'ALEI, de Haver desejo de não-Haver. Assim como a própria ordem implícita é um efeito imediato d'ALEI.

O estrato pelo qual comecei, das formações culturais, é o que, em minha lista, coloco em segundo lugar e chamo de **Estrato Recalque** (Recalques Primário, Secundário e Originário). Dele é que resulta a série antrópica. Prefiro dizer creodo antrópico do que antropológico. É o que, como explicação de alguns fenômenos que existem na cultura, sobretudo fenômenos religiosos, poderíamos

chamar de encarnação. É o tal mistério da encarnação de que falam as religiões. Ou seja, como nossa espécie se situa em função de sua possibilidade de fazer funcionar o Originário, o Revirão, é, no seio do Haver, do Universo que podemos imaginar conhecido, o processo da encarnação da Originariedade do Haver. O Originário do Haver tomou carne em nós. Deve ter sido isto que deixou religiosos, teólogos e místicos tão tensos com a questão da encarnação, da centelha divina que encarnou em nós, etc. Estou dizendo que, em nosso aparelho, o que se aponta como suposta evidência – e não como revelação, pois é um processo racional, intelectual – é que o Originário, referenciado ao impossível, que permite a hiperdeterminação (nossa espécie sendo a única com competência para isto), e o famoso Mistério da Encarnação não são senão que, no seio de muita carne, entre mamíferos neste planeta, encarnou-se essa coisa. **Somos aqueles que são encarnação do Originário.** Os outros bichos não o são. Não é por menos que as religiões ficaram enlouquecidas com essas coisas. Daí, a série antrópica que lhes mostrei. Como estava dizendo, este é o segundo estrato das formações culturais.

Adiantarei logo o nome dos demais estratos para deles tratar paulatinamente. O primeiro, é o **Estrato Pulsão**, que é consequência direta d’ALEI. Assim como o segundo, o **Estrato Recalque**, também o é, com outras consequências que abordaremos depois. O terceiro, é o **Estrato Alter/Ego**, da relação entre o que se possa chamar Ego e o que se possa chamar Outro. Não é o Outro de Lacan, nada tem a ver, mas simplesmente a velha observação de Freud do cospe-engole. Lembram do cospe-engole freudiano? (Ou da Casseta Popular? Também serve). Quando Freud estuda a Bejahung, primeiro, a coisa entra, depois, ou você aceita ou rejeita. Primeiro, coloca-se algo na boca da criança, depois, ela vai engolir ou cuspir. Esquecemo-nos desse ritmo ternário, pois não é apenas cospe-engole. E isto é muito importante nas formações culturais: elas cospem ou engolem, depois que entra algo, depois que elas **sabem** (no sentido do verbo brasileiro e português de sentir o gosto). Este é um estrato muito importante para estudarmos movimentos de aceitação e recusa por uma cultura, de determinadas formações. O quarto, é o **Estrato Nosologia**, chamado

assim apenas para manter a terminologia antiga, e que vamos re-explicar durante este Seminário. (Tudo isto já foi dito em Seminários passados. Está aqui sendo retomado em função da questão da cultura e da comunicação.) Subdivido-o em quatro versões: Neurose, Morfose, Psicose e Tanatose. Sem contar o subproduto chamado Psicossomática. Não comecei pelos estratos porque achei que poderia ficar chato. Preferi falar diretamente dos recalques, das formações, etc., mas os estratos seriam, por nosso trabalho até hoje, os que poderiam explicitar o fenômeno da cultura, portanto, o lugar de habitação que é nosso modo de existir, e também a posição individual de cada um de nós. Não faço distinção entre essas duas coisas. Não porque pense algum sujeito, mas, muito pelo contrário, porque pude bani-lo. Só existem as formações, os jogos das formações e o efeito Eu, que não difere do **efeito Deus** dado o processo de hiperdeterminação.

Hoje, gostaria de relembrar para os que já viram e mostrar para os que não viram, o **Estrato Pulsão**. Dado o movimento da Pulsão, que, como Freud pensou, funciona segundo uma força constante dentro do Haver, qual é sua consequência direta, uma vez que está submisso a ALEI que indica Haver desejo de não-Haver? Em suma, quais são as chances de funcionamento direto, imediato, dos tesões (como sabem, minha tradução para Pulsão é Tesão)? Ou seja, quais são os sexos que funcionam, e como funcionam, dentro do Haver? As sexualidades funcionam dentro do Haver segundo que modelos, que ordenações, uma vez que o Tesão, que é o próprio movimento do Haver, funciona subdito a ALEI? Em primeiro lugar, já está escrito na ALEI, se ela é tomada como A Lei, como A Verdade de nosso parâmetro, que o Tesão fundamental se apresenta como fantasia originária. Ou seja, o Tesão que há aí é: Haver desejo de não-Haver. Podemos, aliás, tirar a palavra desejo, pois é herança do século passado, aquele que vai de 60 até 90, do qual restou esse desejismo lacaniano e deleuziano de que não mais precisamos. Temos algo melhor e mais abrangente que é: **Haver tesão em não-Haver** (A♦Ã), e que já designa a sexualidade em jogo. Ora, se há Tesão em não-Haver, das duas uma, ou se consegue realizá-lo, isto é, consegue-se passar a não-Haver, atravessar a barreira e comer não-Haver. E se o como, sumo junto. Por isso, Freud falava em Pulsão de Morte.

Ele sabia que o Tesão fundamental é em não-Haver, que qualquer aproximação de não-Haver elimina o Haver. Mas já vimos que isto é impossível e que, na verdade, não há Tesão de Morte. O que há é Tesão pelo Impossível. Morte alguma acontece. Não há atingimento de morte pelo Haver, pois ele oscila: sistole/diástole, inflação/deflação, o que quiserem. E não há morte para nós outros, pois quem morre, quem perece, é o macaco, o boneco, e não temos a menor noção, experiência ou atingimento disso. Temos Tesão nisso, mas não gozamos isso. E isso aborrece os pensadores no mundo inteiro desde que se inventou o simbólico. Todos sabem que não se consegue morrer. É tudo que se deseja, mas não se consegue.

A sexualidade fundamental é, portanto, o Tesão que o Haver tem em não-Haver. Isto é o que quer dizer Sexualidade. Como já indiquei diversas vezes, o verbo latino de onde vem a palavra sexo é *seccare* e significa: cortar, seccionar. Há uma secção, uma distância, um afastamento, uma busca de uma coisa em relação a outra. Há secção. Há sexo entre Haver e não-Haver. Sobretudo, quando o Haver tem Tesão em não-Haver. Se não consegue, não é porque o Haver seja mau-caráter ou impotente, e sim porque o não-Haver não há. É real. Então, aí estão o Tesão fundamental, a secção fundamental, a sexualidade fundamental, que resultam em dois casos. Como disse, uma primeira sexualidade, resultante imediata da ALEI, é o Tesão que o Haver tem pelo não-Haver sem jamais conseguir comê-lo, simplesmente porque ele não há. Se conseguisse – o que é a primeira hipótese da transa –, teríamos o Sexo da Morte. Como a morte goza? Goza quando Haver consegue passar a não-Haver. Só que não consegue. A morte não goza. A morte não há, como vai gozar? Repetindo, então, a primeira consequência da sexualidade fundamental, que é o Tesão que o Haver tem em não-Haver, é: houvera possibilidade de transar o não-Haver, teríamos o Sexo da Morte, o gozo da morte. Não há esta possibilidade.

A segunda possibilidade imediata é que, mesmo não encontrando gozo em não-Haver, o Tesão do Haver insiste para sempre e não abre mão de ter esse Tesão. Quebra a cara toda vez, mas insiste. Não abre mão de insistir no seu Tesão. Não abre mão, é maneira de dizer do ponto de vista do teatro do

lado de cá, pois simplesmente é ALEI, funciona assim: Haver tesão em não-Haver. Isso não pára, mesmo que não consiga gozar segundo o Sexo da Morte. Então, vai fazer o quê? Vai gozar segundo o Sexo do Haver: já que não tem Tu, vai tu mesmo. Vejam que estou dizendo que o outro sexo do Haver não há. Ele procura transar com o outro, mas o outro não há. Vocês diriam, então, que o Haver é homossexual. Não. Ele é unissexual, não tem outro lado. E o jeito que tem é fazer o quê? Como está em muitas mitologias orientais e ocidentais, ou inventa dentro de si mesmo um outro para ele, ou vai passar o resto da vida se masturbando. Ele faz as duas coisas: passa o resto da vida se masturbando pensando no não-Haver – é o grande masturbador de Dalí, por exemplo – e, no que faz isto, se masturba **contra** outras pequenas coisas que se explodem dentro dele mesmo. Ou seja, vai ter que se fracionar para conseguir fazer realizar o tesão masturbatório dele sozinho perante um outro que não há. Somos de uma cultura que acha que a masturbação propriamente dita – o sexo manual, como dizem (e há alguns que têm talentos corporais tão grandes que até deixa de ser manual e passa a ser Manuel) – é um sucedâneo pecaminoso da cópula. Mas isto é história de Terceiro Império, nada tem a ver conosco. Muito pelo contrário, precisamos entender de uma vez por todas que a masturbação é que é essencial. Tudo se roça no universo tentando o seu Gozo Fundamental, que é chegar a não-Haver, encontrando ou não algum outro. Depois, é que as coisas se subdividem e, por causa disso, pensam que têm a obrigação de transar. Mas é mera consequência, por exemplo, do que Lacan gosta de chamar de imaginário das coisas.

Primeiro, então, é o **Sexo da Morte**, que temos que riscar porque não comparece. Segundo, é o **Sexo do Haver**, sozinho em suas possibilidades de gozo para o lado de cá. É o sexo solitário, como costumam dizer, e como é incompatível com a desintegração, a fractalização, do Haver, é o sexo que simplesmente indica qual é o movimento do Tesão. Quando o Haver se fractaliza diante da não havência do não-Haver, este segundo sexo, o Sexo do Haver, acaba por explodir, por rachar em duas outras possibilidades, que, por besteira nossa, por pensarmos nos corpos antes de pensarmos nas mentes, chamamos

de masculino e feminino. E, às vezes, até pensamos que têm a ver com a anatomia. Há uma quantidade enorme de teoremas que lê as coisas de modo errado, a partir do Primário, porque não chega no Originário para ler depois. O que este meu teorema denuncia é que, depois da existência de um Freud, de um Lacan, de todas as filosofias, os teoremas que se formulam do Primário para o Originário, em não chegando lá a tempo, estão poçados de formações primárias e secundárias completamente recalcentes, deteriorantes, do processo de atingimento. Depois do longo percurso que o Ocidente conseguiu fazer, digamos que na história da psicanálise, depois de Lacan, já posso eu perguntar: por que não pensar a partir do lugar que se atingiu? Por que não estruturar um teorema não mais partindo das experiências que começam com o Primário, passam aos fenômenos secundários, para vir a pensar na última instância do Originário, como furo radical, etc.? Ou seja, já que se disse isso, partamos de lá. Entendamos todo o processo com a visualização de quem reconhece o Originário. Ora, se partimos com essa visualização, já depois, por exemplo, que Lacan conseguiu pensar, sabemos que a sexualidade é o funcionamento, inteiramente abstrato de um movimento pulsional, de uma energia com uma força constante, que vai pespegando aqui e ali, e que pode tomar as características sintomáticas da formação onde se adere, mas nada tem a ver com isso.

Portanto, se entendemos de saída a sexualidade como sendo diretamente efeito da ALEI, Haver tesão em não-Haver, o que sucede como fenômeno sexual? Que o Sexo da Morte é impossível, cortêmo-lo, e que sobra um segundo sexo, que é o Sexo do próprio Haver e que vai insistir inevitavelmente no cumprimento da ALEI. Ou seja, inevitavelmente, no gozo que ele pede, na sua sexualidade, que, inicialmente, parece absolutamente masturbatória – por isso, a masturbação universal passou na cabeça de tantos pensadores, filósofos e artistas (é a máquina se masturbando sozinha, sem alteridade) –, mas se fractaliza e funda outras possibilidades de sexualidade, as quais nossa estupidez, durante séculos, tem colocado como feminino e masculino, e, pior, situado em corpos machos e fêmeos. O que é uma asneira completa, pois, no caso da espécie humana, isto não funciona senão como um processo de formações recalcentes

do Secundário que vão se estabelecendo como se fossem a verdade natural por via de imitação do Primário. Hoje, sabemos muito bem que isto não existe, que não é assim. Lacan, quando escreveu suas famosas Fórmulas Quânticas, ainda insistiu em falar em Homem e Mulher. Ele estava fazendo concessão didática ao mundo, ou, se não, estava besta mesmo na hora em que pensou pela primeira vez e, depois, viu que aquilo era besteira e teve que dizer que não se tratava disso, como chegou a fazer. Deve ser um vício das décadas em que viveu.

As duas sexualidades que resultam da segunda, por fracionamento, não quero nem chamá-las de masculino e feminino, quanto mais de homem e mulher. Se, na hora de funcionarem os corpos em suas libertinagens, lançamos mão de formações primárias que imitam muito bem as determinações animais, isto é um teatro como outro qualquer. Mas não tem que ser assim, pois o que é da nossa espécie não é funcionar como animais, e sim como Anjos. Ou seja, funcionar a partir do Originário, e não do Primário. O Primário é material. Este ano, tivemos por definitivo que a reprodução nada mais tem a ver com a sexualidade, graças a Deus. Está aí a Dolly que não me deixa mentir. Portanto, a sexualidade está para a nossa espécie, assim como para Deus, ou para o Haver, se quiserem, liberada de qualquer processo que tenha conexão obrigatória com o Primário. Ela é um brinquedo. Brinquedo de criação, de criatividade, que vem de nossa referência específica ao Originário.

Fazendo um parêntese – atenção, pois podem mal-entender o que estou dizendo –, decretar que a sexualidade é um estrito brinquedo por referência ao Originário, não justifica **nenhuma** posição sexual. Muito pelo contrário. Digo isto, pois, às vezes, pensam que estou dizendo que as sexualidades ditas desviantes pelo regime anterior são sexualidades válidas enquanto tais, e, sobretudo, enquanto formações decantadas em modos de comportamento sexual. Não estou dizendo isto, pois acho que não são. Durante milênios, a cultura ocidental decretou que o homem deve ser heterossexual, transar com outro sexo. A menos que me apresentem o outro sexo, não faço noção de qual seja. Mas eles sabiam qual era. No meio disso tudo, uns rebeldes com causa, e com causas bastante razoáveis, combatiam esse tipo de comportamento com suas ditas necessidades

eróticas: homossexuais masculinos, femininos, sadomasoquistas, zoofílicos, pedofílicos, *n* tipos de transações, tudo isso é de gente. O que estou dizendo é que se o sexo é um brinquedo, todos esses comportamentos são válidos, mas não que a **fixação** em nenhum deles, seja hetero, homo, ou outra, é válida. A fixação é sempre uma estupidez. Alguns quiseram entender que eu estava decretando que o bacana mesmo era ser sapatão, era ser veado. Não. É tão estúpido quanto ser heterossexual convicto. É a mesma imbecilidade. Isto é importante, pois toda formação decantada sempre é uma formação ou neurótica, ou psicótica ou morfótica. Não é que eu esteja condenando quem quer que esteja assentado em determinado grupo de interesse erótico, e sim que estou dizendo que não se pode deixar de manter viva a crítica desse funcionamento para se ter um mínimo de saúde. Se não, acontece que a situação que vige de fato e de direito impõe como normalidade, por exemplo, a heterossexualidade – ou seja, ganha a guerra e ainda oprime os outros todos – ao passo que outras formações, supostamente não normais, vivem do quê? Da constituição de poderes de gueto. E isto estraga a cabeça das pessoas, de um lado e de outro. Fazer a crítica da cultura, através deste aparelho aqui, não é dizer que são bacaninhas todas as formações, que há o defensor dos direitos das lésbicas, o movimento gay, movimento isto e aquilo. Acho tudo isso uma imbecilidade, pois não se trata disso, a não ser como coalescência de guerra e sem demarcação de fronteiras. Se não, é sair de uma imbecilidade e cair noutra. E vemos no consultório, na vida, nas formações culturais, a opressão que essas formações são capazes de colocar em exercício por serem formações graves do ponto de vista nosológico.

Estou tentando esclarecer, pois, às vezes, digo umas coisas que as pessoas acham que eu, uma pessoa tão avançada, estou parecendo autoritário e discriminatório. O que estou dizendo é que toda e qualquer aderência a uma formação é doença. O sujeito pode ser o que quiser, mas que mantenha viva a crítica da situação. Se não, estará funcionando segundo o modelo de uma aderência estrita demais. É a mesma coisa que dizer: vamos deixar os fundamentalistas numa boa. Não posso deixá-los numa boa. Posso respeitar

que alguém esteja indo por aqui ou por ali, mas o encaminhamento é no sentido de borrar fronteiras, dialogar posições, e não de ficar marcado ou, sobretudo, procurar se marcar. Isto porque os guetos são de todos os lados. Não se fala em gueto heterossexual porque, pela imitação da reprodução dos bichos, tem sido vencedor na cultura contemporânea. Os caras ficam fazendo todo o charminho de homenzinho, e são umas múmias. Ficam copiando trejeitos como uma bicha fica desmunhecando. Os dois são horrorosos, pois não têm condição de disponibilidade de permear os meios. E alguns desses fenômenos são caracterizados sintomaticamente de tal maneira que posso dizer que esse ou aquele não é confiável, pois está de tal maneira aderido a determinada formação cultural, etc., que não tem diálogo possível naquela região. Este foi apenas um comentário para, depois, voltarmos à crítica da cultura.

Que sexos são esses quatro de que estou falando? Na verdade, são dois: um que não existe, outro que sobra, e que, em segunda instância, se subdivide em dois outros. Poderia escrever de outra maneira, mas, como estamos vindo dessa linhagem, retomei as mesmas fórmulas escritas por Lacan, que as chama de Fórmulas Quânticas da Sexuação, nas quais, como sabem, apresenta dois sexos segundo a lógica da castração. Ele escreve dois sexos – Homem e Mulher e finge que faz um matema. Finge, pois apenas estenografa suas idéias a respeito disso. Aquilo não se calcula, não é matemático ao ponto de resultar em nenhum cálculo. Portanto, não acho que seja matema. Mas ele chamou homem e mulher, o que é uma besteira, pois, adiante em sua obra, terá que dizer que independem do sexo anatômico. Então, chamou assim para quê? Estamos acostumados a chamar de homem aquele que se aproxima vertiginosamente do modelo macho do biológico, e de mulher aquela que se aproxima vertiginosamente do modelo fêmeo da biologia. Quando uso a palavra homem ou mulher, significa isto. Gente macha e gente fêmea, chamamos homem e mulher, assim como chamamos cão e cadela o macho e a fêmea na outra espécie. Ou seja, quando chamo homem e mulher, estou falando do desenho anatômico, o qual, embora se aproxime de certo modelo mediano, não é nem garantido, tem desvios. Não é disso que estou falando. Mas, aí, poder-se-ia passar à ordem do gênero. Então,

digamos que se estaria falando do masculino e do feminino, os quais, como sabem, têm o mesmo radical de macho e fêmea. São, portanto, o comportamento daqueles que acreditam que o comportamento e a sexualidade advém da formação biológica. Assim, é masculino quem se comporta como homem, e feminino quem se comporta como mulher. Pronto, estragou tudo.

Lacan, então, ficou embananado. Falava em homem, mulher, masculino, feminino, ser homem é ter o Falo, ser mulher é ser o Falo, um monte de coisas esquisitas... Ao contrário dele, mas formulando a partir da mesma questão, prefiro escrever a formulação de maneira diversa. Isto na medida em que a questão da castração, para mim, não se coloca no regime histórico em que foi posta desde Freud. Mesmo que tenha sido abstraída na obra de Lacan, para mim, não começa das questões primárias para passar às secundárias e, eventualmente, ser abordada de maneira originária (no meu sentido). Pelo contrário, reconhecendo o Originário como nossa primeira instância, por ser a última, aquela que nos designa, a questão da castração começa é aí, e não nos corpos. **Minha leitura é de lá para cá, e não de cá para lá, conforme foi feita na história da psicanálise.** E ela é assim em função de tudo que aquela mesma história pôde conseguir em seu percurso. Portanto, a castração que me interessa quando penso a questão da sexuação, é a castração em seu sentido originário. Ou seja, o impossível de o Haver passar a não-Haver é que funda o momento de castração.

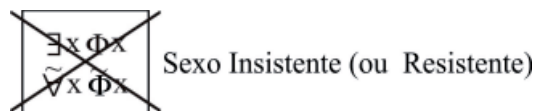
Então, vamos colocar o primeiro sexo de que falei, o Sexo da Morte. Se tomarmos o mesmo modo de anotação de Lacan, o que acontece no movimento sexual do Haver para com o não-Haver? Vocês se lembram que a escrita Φx , Lacan a chama de função fálica e a designa de determinada maneira que está referida ao significante Falo como significante do desejo e a como se responde ao movimento desejante no que está designado pelo significante do desejo que é o Falo. Passemos a limpo tudo isso. Posso chamar, utilizando o termo dele, de função fálica simplesmente o movimento do Tesão. Ele há! E comparece em qualquer parte do universo, com ou sem significante. Não estou interessado em significante ainda. O que tenho são o Primário, o Secundário e

o Originário. Então, **quando virem Φx escrito em minhas fórmulas, podem traduzir por Tesão**, o qual está aderido às formações disponíveis. Quando está aderido a nós, está aderido a questões secundárias, simbólicas, etc. Então, quanto ao primeiro sexo de que falei, que deriva imediatamente da ALEI, lembrando dos quadrípodas de Lacan, posso dizer: se o Haver deseja não-Haver, se conseguisse gozar com o não-Haver, o que aconteceria? Que sexo se afirmaria aí? Aconteceria um desaparecimento do Haver e, portanto, do Tesão junto com ele. O Tesão vai caminhando, caminhando, para o não-Haver e, se conseguir gozar com não-Haver, ele sumiu. No momento da realização de sua sexualidade, sexualidade da morte, não existe função fálica, acabou o Tesão. Então, se pusermos uma negação em $\tilde{\exists}x$, teremos que não existe Tesão, não existe função fálica, sumiu, e o que acontece como resultante no sentido universal é que todo é não-função fálica, $\forall x$ é não-função fálica, $\tilde{\Phi}x$. O que é uma bobagem dizer, pois, aí, não há mais Todo x . O Haver por inteiro não existe mais, e muito menos seu Tesão. Então, se o Sexo da Morte fosse possível, se Haver conseguisse transar com não-Haver, eu poderia escrever essa primeira relação de Haver com não-Haver: não existe mais função fálica e todo o Haver perdeu a função fálica. Isto não serve para nada porque este sexo não existe:



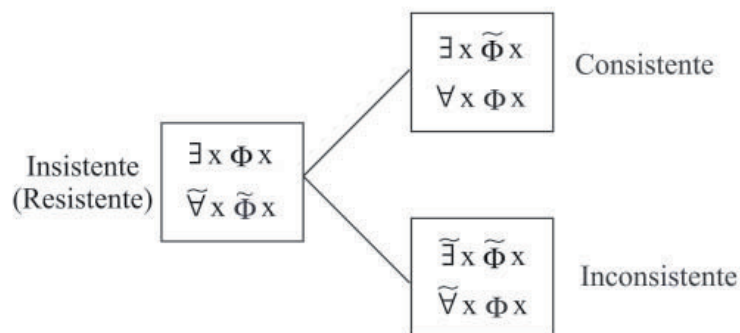
Como o não-Haver não há, o Haver não faz isto, não goza assim, esta sexualidade é impossível. O gozo que há é que, para o Haver, jamais deixa de existir a função fálica. Ele vai lá, quebra a cara e volta. Ele insiste perene e eternamente em gozar com aquilo de que não pode gozar. Fazendo um parêntese, notem que aquela fórmula e a que escreverei em seguida não existem em Lacan, pois ele partiu do movimento da castração na fundação, desde o estágio do espelho, da ordem significativa, da ordem fálica aderida a certas questões corporais, apenas de visão, etc., e foi em frente. Retornando, então, se existe

função fálica pura e simplesmente, se ela aparece e funciona, podemos dizer que pode até ser embargada, negada, por diversos motivos – pode-se proibi-la, limitá-la, fazer muita coisa com ela –, mas não se pode extingui-la. Ou seja, se existe Tesão, se existe função fálica, $\exists x \Phi x$, ela pode ser negada, mas não toda, não por inteiro, $\nexists x \Phi x$. Há uma dupla negação aí. Este é que é o Sexo do Haver, a primeira instância de nossa sexualidade. Tesão não acaba, muda de lugar. É, aliás, o que sempre se diz para os velhinhos. É a história da humanidade. O que é a nossa produção por inteiro na face da terra? É pegar o tesão e investir noutro lugar. Fazemos isto durante toda a vida. O sujeito é um grande pianista. O que foi que fez? Pegou o tesão e jogou em cima do teclado. Se não, ficaria o dia inteiro naquela afoiteza e não iria se dar bem... Então, posso escrever assim:



O sexo primeiro que pinta no Haver, portanto a nossa instância sexual, é esta. Não é macho, nem fêmea, masculino ou feminino, isto ou aquilo, mas simplesmente Insistência nessa sexualidade. Gozar-se pela insistência da função fálica, insistência no Tesão, que pode ser interrompido, pressionado, recalcado, mas escapa e não some. Pode ser embargado, mas não todo, que, aí, quer dizer: não lhe acontece isto. Antigamente, eu o chamava de Sexo do Falanjo. É o nosso sexo, o sexo de qualquer espécie no Universo que seja determinada pela hiperdeterminação, pelo Revirão. A primeira instância sexual é esta. Com isso, cada um faz o que quiser. Não está determinado aí onde vai coçar, onde vai gozar. Temos o mau hábito de pensar que nossa sexualidade só coça nas chamadas partes genitais. Ouçam só o nome, ‘genital’, que faz nascer gente, que gera. Não é nada disso, pois sexo coça em muitos lugares. Não só no corpo como fora dele. É o que eu falava do pianista, que fica horas se masturbando e masturbando o piano para ver quem goza primeiro. Aí, quem goza primeiro é o público quando dá aquele espasmo de aplausos.

Daí, temos duas conseqüências que, em nosso percurso, são, em última instância, as que Lacan houvera escrito como Homem e Mulher. Então, depois do primeiro movimento da minha sexualidade, tenho duas maneiras de me aproveitar dele, as quais não estão ligadas a nenhuma anatomia. A aplicação dos objetos, em nossa espécie, nada tem a ver com hábitos culturais que vêm de indicação primária, etc., pois isso tudo é da ordem da remanescência das formações que estão aí em jogo. Nossa especificidade originária nada tem a ver com isso, pois, se você tiver inspiração suficiente, vai querer transar com a lua, com o poste... Precisa ser poeta, não é para qualquer animalzinho enamorar-se do poste... Mas Lacan houvera pensado que, se existe pelo menos um que diz não à função fálica, $\exists x \tilde{\Phi}x$, todo x é função fálica, $\forall x \Phi x$. Ou seja, se existe pelo menos um excedente, posso constituir um conjunto fechado, um Todo. A isto ele chamava Homem (não faço a menor idéia por quê, jamais consegui entender isso a não ser como referência aos modelos de castração edipianos, etc.). Aliás, isto é lógica comezinha, não foi Lacan quem inventou. Ele se aproveitou, misturou com a castração e fez seu “matema”. Se há um pelo menos que suspende a série, se do lado de fora coloco uma exceção, isto faz um Todo, faz uma existência genérica. Por exemplo, se existe pelo menos um que não é verde, todo verde é verde. Depois, Lacan diz que, se não existe nenhum que diga não, $\tilde{\exists}x \tilde{\Phi}x$, todos não são, $\tilde{\forall}x \Phi x$. Ou seja, se não existe limite, o conjunto não se fecha. Se o conjunto não se fecha, ele se infinitiza. A isto Lacan chama de Mulher.



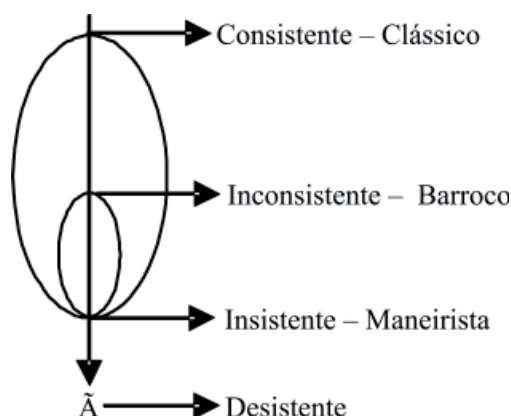
Os lacanetas estão até hoje dizendo Homem e Mulher, masculino e feminino. O que é uma besteira, pois é apenas que, dada a primeira construção da sexualidade que é a nossa em primeira instância, pois aquela que resolveria mesmo não existe, aquela que serviria não há... Sempre fazemos o sexo errado, pois o que serve para nós e resolveria todos os nossos problemas é o Sexo da Morte, e este não há. Então, sempre estamos errados em matéria de sexualidade. Fazemos o que podemos, e não o que queremos. E no que fazemos o que podemos, fazemos o Sexo do Haver, mas o fazemos de duas maneiras, que, em vez de Homem e Mulher, chamo de maneira **Consistente** e maneira **Inconsistente**. Ou gozo por exclusão e fecho um processo, um ciclo, ou gozo sem exclusão e fico sem saber onde começa e onde termina o que estou gozando, fico meio inconsistente nesse gozo. Lacan dizia que os homens têm prova de gozo (a menos que tenham que tirar a próstata, o que é o caso de alguns de nós). Todos sabem disso, o que dá a impressão de que eles gozam mesmo, embora nunca se saiba. Seria um gozo compacto. As mulheres, elas estrebucham, mexem para lá, para cá, dizem que estão gozando no céu, na terra... Não sei de onde ele tirou essa idéia. Pode ser até que haja maior frequência nas mulheres, mas há muitos homens assim também. E muitas mulheres que gozam no tiro: Páhh! – pegam para matar, comem e gozam, como qualquer rapazinho. Portanto, não reconheço isto. Ou as pessoas têm pouca prática, há alguma coisa errada aí... Para qualquer um de nós, porque não é determinado nem pelo Primário nem pelo Secundário (embora estas sobredeterminações produzam recalques) e porque não estamos sintomatizados por causa destes recalques, mas dado que nossa instância é originária, é assim (no Sexo Insistente) que se goza. E esse *assim* se exprime de duas maneiras: consistente ou inconsistentemente.

Isto é importante na consideração de nosso tema do ano, pois não está subscrito à funcionalidade dos órgãos de gozo nos corpos anatômicos, e sim à funcionalidade do Haver como tal. Encontramos formações culturais e formações de produção dentro da cultura que, como gozo, como término, gozam dessas maneiras possíveis. Tem sido habitual na história do Ocidente ser obrigado a

gozar consistente ou inconsistentemente. Mas, apesar de todos os defeitos do trabalho da crítica, na arte, na literatura, etc., encontramos momentos em que a cultura se exprime gozando no Sexo dos Anjos e exprimindo essa sexualidade diretamente. Hoje, estou apenas indicando para tratar melhor depois, mas, como sabem e está publicado, já desenvolvi longamente a questão dos Estilos na arte a partir dos sexos Desistente, Insistente (ou Resistente), Consistente e Inconsistente, que são as possibilidades de expressão de sexo para nossa espécie. O Sexo Desistente é impossível de se realizar, mas não deixa por isso de ser expresso nas obras de arte. Existem formações de pensamento, de arte, e até formações clínicas, de insistência como se este sexo fosse realizável. Como existem na filosofia. Não há alguns que ficam filosofando a vida inteira para dizer que o homem é ser-para-a-morte? O que acho absolutamente louco. São simplesmente pensamentos que querem insistir na sexualidade da ALEI como realizável. Isto é que é “ser para a morte”. É um engodo, pois não há gozo por aí. Mas nos outros sexos, há.

Digo que A Morte não há, pois a sexualidade gozável mesmo é o Sexo Insistente, eventualmente se desmembrando nas outras duas. Ficar sonhando com a morte, filosofando com esse Impossível como se pudéssemos pensar como gozadores desse Impossível, não sei que nome dar a isso, mas há algo esquisito aí. Se for mera expressão da ALEI, tudo bem. Na obra de arte, é aceitável. Já citei vários artistas, pintores, etc., nos quais vemos que estão tentando exprimir algo que indicasse o Sexo da Morte como sendo possível. Encontramos, por exemplo, o cerne mesmo do clássico e do barroco nitidamente compreensível entre a consistência e a inconsistência: classicismo, obra consistente; barroco, obra inconsistente. O pessoal chama de masculino e feminino, mas se esquece – e este foi um problema sério, como já lhes falei tantas vezes – que, por incompetência técnica, durante séculos, a crítica foi incapaz de entender o que é o maneirismo. Ele era considerado uma mistura do clássico com o barroco, um momento de passagem. Não é nada disso, e sim um estilo outro. Concordam comigo alguns autores da melhor qualidade em história e crítica da arte. O maneirismo tenta exprimir o Sexo Insistente. Por isso, olhamos

e pensamos: é masculino, feminino, consistente, inconsistente? Não é nenhum dos dois. No caso da pintura, ele simplesmente fica tentando revirar a tela. Ou seja, tenta apresentar o Revirão em si mesmo, já que não vai escolher nenhuma das modalidades. Posso, então, como já fiz no passado, escrever em cima de um Revirão:



Aí estão os quatro sexos possíveis, que, na verdade, são dois. Consistente e Inconsistente são oposições internas ao Haver, internas às nossas possibilidades de sexo. Então, no que chamaram de masculino e feminino, podemos colocar clássico e barroco, mas como tentar exprimir um ponto de indiferença? No caso da arte, ficou parecendo mistura, pois, mediante a constituição de um estilo cheio de reviramentos, interessava não que tivesse aspectos consistentes e inconsistentes, masculinos e femininos, como queriam dizer, e sim sua tentativa de exhibir o reviramento. No ponto de indiferença, temos, então, o Sexo Insistente, onde podemos colocar o maneirismo, que chamo de **Maneiro** e que é o sexo de todo mundo. O Sexo Desistente, que não há, seria o atingimento do não-Haver, ã. Ele não tem possibilidades de comparecer, mas as pessoas pensam nele e tentam mostrá-lo como possível de várias maneiras: em religiões, filosofias, obras de arte, etc. O caso mais dramático para o Ocidente nos últimos tempos é a tal filosofia do ser para a morte, a qual sempre se apresenta ou

melancolicamente ou maníaco-depressiva. É só ler bem esses filósofos maravilhosos para ver que isso está lá.

É o que tinha para lhes apresentar hoje.

• Pergunta – *Você poderia falar mais sobre o barroco como inconsistente?*

Os autores que lemos sobre o barroco, de um modo ou de outro, deixam claro que a estrutura da obra de arte barroca é em aberto, parece que não tem um término, um fechamento, ela infinitiza os espaços e as formas. Mesmo quando um pintor barroco utiliza o esquema renascentista da perspectiva linear, freqüentemente coloca o ponto de vista do lado de fora do quadro e desloca tudo. Já o classicismo não se permite isto. Nele, tudo é centrado, tudo está perspectivado, com um ponto de vista de preferência bem no meio. Fiz uma série de Seminários há algum tempo sobre o quadro *As Meninas*, de Velázquez – que já foi tratado por Foucault, e mesmo por Lacan (de maneira completamente diferente) –, para mostrar que é um quadro maneirista porque se constitui falsamente com a perspectiva linear do renascimento e como um lugar onde se pensa melhor do que na cabeça de Descartes, que é seu contemporâneo (séc. XVII). Ele constitui um espaço falsamente perspectico, cujo ponto de vista, embora localizado na linha do horizonte, é subvertido por vários aspectos. Ele não faz como o barroco que o retira de campo. Ficamos saltando de um lado para outro. Pior, mediante um espelho, ele constrói uma estrutura reversa no processo de percepção e de entendimento do quadro. Expliquei isto longamente, fazendo planta baixa, etc., e até gostaria de modificar aquilo e re-publicar um dia. É um achado interessante que consegui, depois de ficar três anos considerando o quadro. É justamente, mediante a pintura, a constituição de um espaço unilátero e de um espaço de reviramento, que é estritamente maneirista, estritamente de um Sexo Insistente, sem definição de consistência ou de inconsistência. Tomei toda a obra de Velázquez para mostrar sua insistência nesse problema durante a vida inteira. Podemos destacar em cada quadro como ele vai fazendo jogos de espelho, tentando entender o que é um espelho e acaba concluindo que uma obra de arte – como já disse em minha dissertação de mestrado –, se for realizada, se verificarmos até o fim de sua construtura, não

consegue ser nem clássica nem barroca. Isto porque ela constitui um espelho. Fiz de novo com o livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa. Portanto, quando se consegue efetivar uma obra de arte, descobre-se que o artista estava produzindo um espelho.

Não estou dizendo que as obras barrocas, por exemplo, não sejam obras, e sim que as grandes obras barrocas são barrocas estilisticamente, mas são maneiristas do ponto de vista de sua construtura última. Também já falei, e já está publicado, sobre os embaraços daquele que foi o mais lídimo representante do Renascimento, Rafael. Não há ninguém mais garotinho do Papa do que ele. Todo comportadinho e dentro das exigências que a Igreja renascentista fazia. Mas termina sua vida – muito jovem, morreu com trinta e seis anos – fazendo o quê? Produzindo quadros nitidamente maneiristas. Ou, pelo menos, ambigualmente clássico/barroco. Isto sem contar os outros “renascentistas”, como Michelangelo, que jamais foi clássico ou barroco em lugar algum. Este é o maneirista por excelência, no meio do classicismo. Nós outros brasileiros, temos essa tara maneirista, graças a Deus, e não sabemos utilizá-la, pois a oficialidade dos sintomas exige que façamos outra coisa. Conversaremos mais sobre isto depois. Não tomamos vergonha na cara de sermos nós mesmos, pois somos herdeiros de uma cultura, como é a cultura ibérica, que é estritamente maneirista. Basta ler Camões e Cervantes. Basta reconhecer Picasso, por exemplo. Toda vez que a Península Ibérica se exprime para valer, é maneirista.

- P – *Na época em que você colocava três sexualidades e considerava o terceiro sexo, ou o primeiro, como Falanjo, você falava de gozo do sentido.*

E posso continuar falando: gozo do sentido e no sentido.

- P – *Semestre passado, quando abordava os libertinos e os místicos, você falou de gozo no Sexo do Haver e, se não me engano, falou de gozo fálico...*

Se falei de gozo fálico, estava didaticamente me reportando a Lacan. Talvez, na próxima vez, eu pudesse tratar um pouco do Falo. Quem sabe, ele gosta...

15/MAI

8

OS SEXOS DO HAVER

Vamos ficar hoje, ainda, no Estrato Pulsão. Faremos um pouco mais de comentários e desenvolvimentos sobre ele, pois algumas pessoas – que certamente não têm acompanhado esses processos – acharam brusco o que apresentei da vez anterior...

• Pergunta – *Mas você disse que iria falar do Falo. Passei a semana esperando...*

Então, não posso decepcionar a moça. Se passou a semana esperando pelo Falo, tenho que falar dele...

Na formulação de Lacan, em sua escrita das fórmulas quânticas, ele, como era hábito na história das ciências, estipula dois sexos, os quais, por uma questão de vício na história da psicanálise, são estipulados recortando-se sobre os corpos. Isto porque, afinal de contas, chamar um sexo de Homem e outro de Mulher é algo que parece depender da história primária dos indivíduos humanos. Realmente, como era de praxe na constituição dos teoremas psicanalíticos desde Freud, começava-se a observação e a consideração das formações sintomáticas a partir do embasamento primário. Depois – até mesmo com certa psicologia, se não efetivamente, pelo menos de aparência evolutiva (que Lacan renega) – ia-se verificando que se encaminhava do animal humano, do mamífero, com suas formações sintomáticas de mamífero, passando-se pelo surgimento de um psiquismo afetado pela linguagem, e se continuava para a frente até um cúmulo

de abstração que impusesse a preeminência do simbólico, portanto, do Secundário. Não é por menos que as coisas começam a se escrever assim. Em Freud, a consideração da sexualidade parte da consideração da sexualidade dos mamíferos superiores: ele vai considerando as formações bióticas para, depois, entender sua confluência, ou não, com a linguagem, com o psiquismo humano, etc.

Lacan vai na mesma linhagem. Quando quer estabelecer os parâmetros da sexualidade humana, embora desdizendo Freud, seu percurso é o mesmo, ou seja, de que há corpos machos e corpos fêmeos, afetados pela linguagem. Isto, aliás, como começara no estádio do espelho: do imaginário especular, para entrar no reconhecimento do corpo próprio, fundação de eu, etc. Há, então, o Primário, que, em sua espontaneidade reprodutiva, está dividido em machos e fêmeas; há o Secundário; e Lacan não coloca nenhum Originário como coloco, embora tenha seu sujeito, que é um buraco no meio das coisas. Mas a coisa também se encaminha do Primário para o Secundário e, se é assim, ele terá que retomar o conceito de castração, que é aquele a partir do qual consegue escrever suas fórmulas, reescrevendo de modo freudiano as fórmulas básicas da lógica de Aristóteles. Não é outra coisa o que faz: toma a formulação aristotélica e contradiz a partir do conceito freudiano de castração. Conceito este que, em Freud, está exatamente subdito e adscrito, na teoria, ao conceito de Falo. Ou seja, presença e ausência de órgão sexual masculino. Só dizer assim já é falar como criança neurótica, a meu ver. Quando, diante de um corpo fêmeo, diz-se que um tem e o outro não tem, isto só pode ser neurose infantil. Já desenvolvi isto em Seminários antigos, não repetirei agora, mas esta é uma posição das psicanalistas fêmeas contemporâneas de Freud, contra as quais todos os analistas machos e mais alguns meio machos costumam lutar.

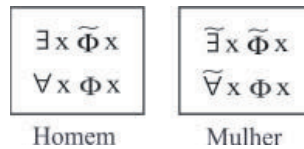
Durante muito tempo segui a postura de Lacan, mas não a aceito mais. O argumento maior para os conceitos de Falo e de castração, em toda a história da psicanálise, é de que a criança começa perguntando pela diferença sexual na base do ‘não tenho e ele tem’, ou ‘ela não tem o que tenho’, ou ‘tenho o que ela não tem’... É preciso lembrar que a criança está falando de um troço, não

está mijando, trepando ou funcionando ali. Ninguém se lembrou de verificar o seguinte: **quando uma criança que já fala trata disso desse modo, desde onde ela fala isso?** É algo importante que ninguém quis pensar. Ela não fala desde nenhuma inocência, mas sim a partir de uma construção de língua, de uma construção cultural. Ela já absorveu uma quantidade enorme de coisas que talvez a induza a isso. Então, porque a cultura é um recorte, não é plena, ou porque a linguagem e a língua não são plenas, ela fala desde um ponto de vista não crítico e já aprisionado pela marcação da diferença, pelo sim e não da mesma coisa. E ainda que fossem o sim e o não da mesma coisa, por que a mesma coisa é a mesma coisa de um dos lados? Por que não é a mesma coisa neutra, do terceiro? O que há na formação das culturas, através de processos lingüísticos e outros, que, quando opero as oposições, benefício como *princeps* um dos lados? Isto ao invés de dizer que, se é uma oposição, eu devia estar neutro, devia estar fora? Segundo o modelo do Revirão, no processo mesmo de formação cultural – cultura, no meu sentido: habitat, modo de existência desta espécie –, não encontramos espontaneamente na estrutura média de nenhuma formação cultural uma produção, uma emergência, triádica ou ternária. Vocês se lembram que já falei bastante da lógica ternária e até tomei o livro *Les Mystères de la Trinité* (Paris: Gallimard, 1990), de Dany-Robert Dufour, que é bastante interessante. A emergência é sempre binária, embora a lógica subjacente seja ternária. Ora, se o funcionamento dos aparelhos de recorte em relação com as oposições vitais que a língua, por exemplo, precisa recobrir, recalcar, exige esse manejo de oposição binária, isto não quer dizer que a máquina que faz o manejo seja binária. A meu ver, é ternária. Melhor até, quaternária quando aparece a indicação do não-Haver como solicitado. Ou melhor ainda: é um binário à segunda potência. Então, posso considerar o binário da oposição interna, o ternário do surgimento do ponto neutro, o quaternário da requisição do não-Haver, e perceber que há uma oposição binária que, elevada à segunda potência, torna-se indiferenciada na relação Haver/não-Haver.

Ora, se há quem pense que qualquer surgimento espontâneo de uma formação cultural é só aparecer no regime do binário – ou seja, a máquina que

produz esse regime não comparece, ela fabrica esse processo em relação com o binário das coisas (e, na sua razão mais pobre, a língua também funciona binariamente, pois, numa razão mais rica, não é assim, existem várias entonações da língua) –, se isso que estou dizendo é verdadeiro, se a coisa emerge desse modo, já estou dentro de uma formação cultural, recortada binariamente sem mostrar seus fundamentos ternários, quaternários ou de segunda potência do binário, e o que encontro, na questão da criança, não é senão a pobreza neurótica, este é o nome, de fazer a pergunta no nível da oposição interna, onde, não havendo nenhum terceiro imediato para ser indicado, a coisa funciona nesse recorte, deixando de ser unilátera e passando a ser uma banda bilátera em que há macho e fêmea. Então, seja porque a história conduziu para isso, seja porque o do macho na criança é uma sobra, uma excrescência, pois as menininhas não têm peitinhos, fica parecendo um a mais. Segundo o quê? Olho não é olhar. Olhar é informado. Se é informado por aquilo, estragou tudo. E fizeram uma teoria da castração e uma teoria do Falo em cima dessa besteira. A psicanálise está fazendo cem anos, e estamos repetindo essa bobagem, essa verdadeira asneira. Caímos no conto (não do vigário, mas) do binário.

É claro que, em não sendo estúpidos, pelo contrário, muito brilhantes, Freud e Lacan passaram o resto da vida, depois de assentarem isso, tentando dialetizar e relativizar essa oposição, pois quando olhamos no mundo, na escuta analítica, vemos que não funciona, que há alguma coisa errada. Fazemos, então, a suposição de que a coisa nasceu assim; para Freud, vieram os recalques necessários e veio o reconhecimento da castração como diferença; para Lacan, vem o simbólico que recobre isso e, portanto, desloca dos corpos... É uma explicação muito boa, só que acho péssima. É uma “conta de chegar”, como dizíamos na escola primária quando fazíamos a conta, não dava certo e empurrávamos para lá e para cá. Não vejo como continuar sustentando um raciocínio desses, pois justamente se esqueceram de perguntar o que faz com que a criança pergunte assim. Não há inocência em frase alguma. E as crianças, Freud já havia demonstrado que não eram inocentes antes ainda de aprender a falar. Portanto, o Falo e a tal castração têm que ser revistos inteiramente em função dessa crítica.



Voltemos para as quânticas. Como Lacan produz estas escritinhas? Se Aristóteles as visse, diria que ele é louco. Isto porque o universal de Aristóteles precisava ter um universal mesmo, vinha até antes. Por exemplo, se existe microfone, o universal do microfone é a repetição infinita de todos os microfones. A existência positiva, em Aristóteles, é que funda o universal. Mas Lacan vem dizer que, no teorema da castração – que, aliás, desenha e designa o porte masculino, macho, de ter o pênis e apresentar um gozo, não só declarado, mas verificado materialmente, pois há prova de gozo... (Agora, como vi na televisão, as mulheres andam ejaculando. No tempo de Marquês de Sade, elas ejaculavam, depois pararam com isso. Mas estão voltando. Até prova em contrário, vamos esperar o que se recolhe daí. Talvez já possamos fazer um ‘espermograma’ feminino). Continuando, então, segundo essa postura, os tais homens de Freud, masculinos, machos, viviam no pavor da castração, porque supunham ter alguma coisa e tinham medo de ser castrados e ficarem iguais às mulheres. Não todos, pois alguns até pedem para tirar fora... Mas vem Lacan e escreve anti-aristotelicamente que é preciso que exista pelo menos um, alguém, que barre o gozo, que impeça o funcionamento da função fálica, ou seja, que iniba o tesão, $\exists x \tilde{\Phi} x$. Se alguém o inibe – “tira a mão daí!”, “para com isso, menino!” –, este alguém é o Pai, na cabeça de Lacan e de Freud. Então, Lacan, pensando que está repetindo Freud, aposta que, se existe pelo menos um que diz *não* a essa função, o Todo, o universal, pode aparecer, $\forall x \Phi x$. Todos os homens podem ser contados, podem ser fechados num círculo de Euler, de universalidade, porque, do lado de fora, há alguém (pode ser Papai do Céu, Papai Noel, o que quiserem) que, por dizer *não* a isso que eles não param de fazer – o importante não é pararem de se masturbar, mas sim que alguém lhes diga *não* (eles continuam, mas alguém diz que não pode) –, por negar a função fálica, faz aparecer

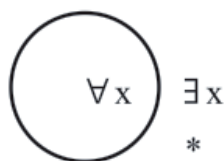
o universal. Existe esse, então, todos são, todos gozam definitivamente, fecham a totalidade. O conjunto dos homens é o Homem por inteiro, o qual goza de verdade, goza (e aí vem aquela história) “falicamente”. Esta é uma das histórias mais incríveis que a humanidade já inventou, pois, quando se quer mostrar pujança, vigor guerreiro ou de ação, com muita frequência, dá a impressão de que não há nada mais parecido do que o chamado pau duro, no vulgar. Aquela coisa levantada, ereta, que é representada nos rituais de vários pontos da humanidade como sendo pujança, vigor, isto é, a presença do tesão. Notem que as mesmas culturas que apresentam isso, também apresentam o feminino como, do ponto de vista reprodutivo, a imagem da fertilidade, da reprodução, do alimento, etc. Mas as pessoas estavam muito preocupadas com o nariz do Fliess, e só pensaram nos homens. Acho que é algo mais ou menos assim, pois, se fizessem um pouco mais de análise, deixariam o nariz dele para lá...

Acontece, então, que o responsável pelo recorte que torna a coisa não só bilátera como estritamente binária nesse raciocínio que a criança faz, é um excesso de investimento na presença – visual, até – do tesão. As menininhas, coitadas, não têm prova de que estão com tesão, elas têm que dizer. Mesmo porque é muito cedo para ficarem molhadinhas, ou para começarem a ejacular como as de hoje... Os meninos têm prova. Mas isso é a prova boçal do tesão, pois se alguém estiver escrevendo um poema, sem nenhuma ereção, ele estará no maior tesão e a prova não boçal é o poema. A prova boçal do tesão é o tal do *penis erectus*, que é o *pithecanthropus* da psicanálise... Então, o tal Falo, presente ou ausente – é claro, pois a lógica é a da partição –, ficou pespegado com o sentido de tesão, vontade, desejo, na corporeidade. É natural, o sujeito meteu a mão no sintoma e aproveitou para fazer dele (não o significante, mas) o **signo** do tesão. E para não chamar pelo nome popular – piroca, caralho, pau, essas coisas que brasileiro fala, por exemplo –, foram à Grécia e chamaram de Falo. É bonito, mas o tal Falo não é senão o próprio caralho virado signo de desejo. Aí Freud e Lacan deitaram e rolaram. Mas Lacan deitou e rolou muito melhor, pois, se isso foi desapropriado da anatomia e transformado em signo do desejo, então deixa de ser uma peça anatômica e, com um empurrãozinho a mais, além de signo, acaba como significante.

Depois de muitos anos em que aderi a essa teoria, quando fui refletir, um pouco mais experimentado, achei de uma bobagem que não tem mais tamanho, pois, se isso, digamos, historicamente assim procedeu, não deixa de ser uma história imbecil. Só porque é histórico não é imbecil? Acho de uma crassa boçalidade. Mas temos que fazer muita análise. Não só análise pessoal, pois a psicanálise precisa passar a vida fazendo sua análise para se livrar das asneiras sintomáticas com as quais se estabeleceu como sintoma teórico. Por isso, não pode parar em cima do vôo de ninguém. Pode, sim, aproveitá-lo. Quando Lacan dá o desenvolvimento todo que deu, temos que aplaudir, mas não podemos parar aí, pois certamente é tão neurótico quanto o que vou fazer. Ora, em cima desse conceito de Falo, vai-se construir o conceito de castração. Se o menino acha que tem um troço que a menina não tem e ela concorda, pois é tão estúpida quanto ele – quando não o é, diz: “você não é porra nenhuma, é um merda” (aí, o cara broxa e não levanta nunca mais) –, se isso fica valendo, ele acha que tem algo que o outro não tem e ali aparece seu complexo de castração, que é o terror de lhe tirarem aquilo. Terror imbecil, neurótico, de quem não sabe que tudo é ternário. Ela, por sua vez, acredita que não tem nada, começa a ficar com inveja – e esta, como sabem, é a teoria de Freud – do outro que tem e passa a vida querendo conseguir aquele troço. Só que há alguns que não estão nem ligando para aquilo, acham-no uma porcaria, um brinquedinho dos mais idiotas. (Ninguém, aliás, se lembrou disso e, quando não cabe no raciocínio, o outro é doente – é assim que funciona. Outro dia, aliás, li algo brilhante de Thomas Szasz: “narcisismo é quando o analisando não concorda com o analista”. E é deste modo que, em Lacan, o tal Falo comparece).

Lacan, então, reescreve pseudo-aristotelicamente a história de que o garoto tem, mas quando vai brincar com aquilo temos que dizer *não*. A menina também tem seu *não*, mas ela é descarada. Freud achava as mulheres umas galinhas, meio putinhas. Se não, não dizia que são moralmente meio desconfiáveis. Isto porque não têm medo de perder nada. Quem o tem, são os homens. Então, com medo de perder, a moralidade chama-se: mutilação penial. O nome da moralidade é cortar o pau dos outros. As mulheres, aliás, aprende-

ram e, agora, começaram a cortar e não param mais. Está ficando brabo. Ou seja, a consequência de Freud ter colocado que as mulheres são ligeiramente imorais porque não têm o que perder é que os homens são moralistas, caretas, porque têm o que perder. Elas só têm inveja, vontade de roubar, fazer alguma sacanagem para tomar um para elas. Mas será assim mesmo? Há pilhas de depoimentos analíticos, de analisandos e analistas, sobretudo analistas fêmeas, dizendo que não é assim que funciona, nem pré nem pós-edipianamente. Ficar nessa, digamos, segunda versão mais ou menos boçal do processo da diferença tem causado muita doença na cabeça das pessoas. O Ocidente é extremamente doente disso. Lacan toma o $\exists x$, coloca do lado de fora e constitui um universal, $\forall x$, com prova de gozo, escrevendo: se existe pelo menos um capaz de embargar, de dizer *não*, o universal se funda.



Aí, acompanhando a história de Freud, ao invés de dizer que as mulheres são meio imorais, dirá que são meio loucas. Elas acreditam nisto até hoje e aporriham a vida da gente fingindo que o são. Aliás, esse negócio de fingir que é maluco cola. Estratégia é estratégia, guerra é guerra. Ele diz que não existe nenhum que seja capaz de embargar o meu tesão, $\exists x \tilde{\Phi}x$, e será obrigado a dizer que as mulheres são muito mais homens que os homens. Por que tem ele que dizer esta bobagem? Porque elas dizem: “não vai embargar coisa nenhuma”... e os homens aceitam. Se dizem que ninguém vai lhes dizer *não*, não há, aristotelicamente, fundação externa para fazer um Todo, $\tilde{\forall}x \Phi x$. Não existe A Mulher, segundo Lacan. O que é uma acabada besteira. Ele mesmo se deu conta e, mais velho, parou de falar nisso. Mas os lacanianos não param. Eles sabem o que é o Homem, o que é a Mulher, sabem tudo. Só que, na hora do

pega pra capar, ficam meio sem saber como faz. Então, o universal fica negado. Foi assim que Lacan escreveu e ainda colocou Homem e Mulher embaixo.

Em função da crítica do Falo e da crítica desse fechamento teórico em duas fórmulas de duas faces, o existencial e o universal, considero isto uma asneira, pois o que estou chamando de castração – de onde decorre, por decadência até chegar à baixaria, esse tipo de raciocínio – é a quebra de simetria originária que há no psiquismo entre Haver e não-Haver. Posso me dar ao luxo de fazer isto porque eles já disseram todas as bobagens. Devo a essas bobagens o fato de ter tido ocasião de caminhar até ter um indicador mais abstrato que me faz retornar e fazer a crítica. Não é algo tirado da cartola, e sim porque tudo isso foi dito, todas as críticas foram produzidas e porque pude inventar uma fórmula originária, Haver desejo de não-Haver, reconhecível nos projetos freudianos e lacanianos. Assim, retorno e digo que era isso mesmo, só que é a baixaria da coisa, que, bem explicitada, é uma pura e simples quebra de simetria no meu psiquismo entre Haver e não-Haver. Ou seja, porque o não-Haver não há, foi-se a simetria, não conseguirei jamais gozar do modo adequado, não posso passar para o outro lado porque o outro lado não há. Só penso que ele há, peço-o e não o consigo. Portanto, castração é isso. Se vai figurar no corpo diretamente desse modo – que daria, por exemplo, uma lógica binária à segunda potência –, ou mutiladamente, cortando-se o não-Haver e caindo na brincadeira infantil (e neurótica) do ‘tenho / não tenho’... o que fez Lacan dizer algo mais bárbaro ainda: ‘os homens têm’ e ‘as mulheres são’. Isto é a guerra dos sexos. São o quê? Têm o quê? O Falo. As mulheres são puro desejo e os homens têm o desejo. O que é isso? Ele entendeu muito bem que não funcionava, tanto é que, sobretudo num texto chamado *L’Étourdit*, começa a pensar feito uma cobra naja para fazer mil bordados estilísticos entre suas posições anteriores de modo a nos deixar completamente confusos e equivocados em relação a essa diferença.

Então, a partir de toda essa história, quando torno isso matema (que absolutamente não consegue ser) e significante (significante, não conheço, não

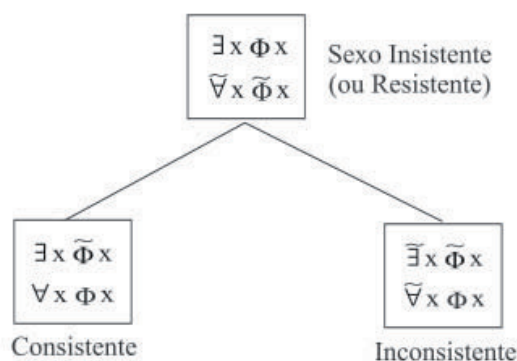
sei do que se trata), quando consigo fazer isso por abstração a partir de uma posição tão pequenininha de desenho corporal, dei algum salto de mágica que o público não viu. Há um truque que não vimos. Posso até não saber onde situá-lo, mas é simples: o nascimento disso é no Primário; há todas as coisas que a criança diz, ou seja, o Secundário (que chamo de neurose porque se apresenta assim); mas, no fim, torna-se puro significante. Então, o produto foi embora. Só que nada disso nunca se tornou puro significante. Continua sendo neura pura, pois, quando o tal significante comparece, imediatamente, com o botãozinho de significante que aperta, faz acender todos os sentidos e significações que é capaz de deslancar no seio de um campo de significação como uma língua, uma cultura, etc. Não estou interessado no tal significante que conseguiria redimir a origem vergonhosa do nascimento do Falo. Lacan, então, batiza o tal Falo, que, assim, perde seu pecado original. Só que não perde. É preciso que nem se pense mais em Falo, pois este é o apelido do caralho, e simplesmente que se possa pensar que há, sim, um princípio de castração, logicamente instaurado como quebra de simetria. E há, sim, algo que possa, para nós, ser um desenho, um indício, uma anotação, do tal desejo, que é o que está escrito na ALEI como Haver desejo de não-Haver e se apresenta com sua estrutura plena no desenho do Revirão, onde não é preciso ficar pensando nem na mutilação do recalque nesse nível – em que fica um sozinho valendo como primordial e o outro como subdito; em que se esconde a neutralidade do real; e em que se esconde o desejo de não-Haver – como tampouco é preciso ficar na dialética, digamos, meio hegeliana entre essas duas posições no interior mesmo da questão, como é a dialética freudiana do tal rochedo da castração. Como sabem, Freud chega à conclusão de que não é possível chegar ao fim de uma análise porque os homens insistem em ter o tal troço e as mulheres em querê-lo para elas, e que isto não é analisável. O que não é analisável é a psicanálise que disse isto e a cultura onde isto retoma sustentação, pois é uma asneira. Encontramos, em várias culturas, exemplos nítidos de auto-mutilação, de alguém que corta o pau, põe dentro da boca e vira um santo; rituais de infibulação, em que as mulheres, que têm uma piroquinha meio escondida mas aquilo goza, ainda por cima perdem,

pois retiram delas, para reduzi-las ao nada do nada diante da presença boçal do Falo do chefe; etc. Isso é antropologia de primitivo, de bárbaro.

Não se trata, portanto, disso, e sim de que o tal Falo, de que também gosto muito, não é aquele, mas este que se exprime, antes de mais nada, na potência do Haver desejando não-Haver. Esta é a potência máxima da exposição do desejo – que, se quiserem chamar de Falo, chamem, mas esta palavra não me serve mais para nada –, que se exprime também, já dentro do Haver como incapaz de passar a não-Haver, na possibilidade de vir a se tornar indiferente, entre outras coisas, à própria diferença sexual e à própria castração. Qualquer místico, por exemplo, está se lixando para a diferença sexual e para a vontade de guerra. Não tinha nada mesmo, vai perder o quê? É a “hipermulher”. Então, ou se exprime na bobagem da dialética interna, brigando eternamente, como Hegel, procurando uma síntese impossível, ou, pior ainda, cai na neura, se não na psicose, de, por causa desse recorte, negar tudo: só há isso, o outro nem existe, deve ser figuração. Então, se alguma idéia de Falo podemos fazer, é a completude mesma do Revirão. Entretanto, primordialmente, é a quebra de simetria que a ALEI faz cumprir, pois ela desenha o que acontece no Haver, que é desejar o impossível, e isto é a castração. É por isso que as duas formulinhas nada têm a ver com homem ou com mulher. A única coisa que posso dizer é que alguns indivíduos são mais viciados num gozo Consistente e outros num gozo Inconsistente, mas o mais freqüente é que as pessoas transitem pelo gozo Resistente, não igualmente, pois cada um sintomaticamente se apega a seus gozos próprios.

O gozo Consistente é aquele que dá a impressão de que posso até oferecer prova de gozo. No Inconsistente, a coisa fica meio *flou*, eu mesmo acho que gozei, mas não sei se foi... O sujeito pergunta à mulher: “você gozou?” Ela responde: “sabe que não sei direito...” As mulheres são mais viciadas nisso, *et pour cause*. E o babaca ainda fica perguntando... Mas tem mais, prova de gozo é prova material? Agora, farei a crítica do contrário. O sujeito mostra o esperma, mas não gozou nada, apenas deu um chilique, pois daquele negócio, de tanto esfregar, sai o suco... Então, se há um gozo Consistente e um

gozo Inconsistente, é porque só há gozo e não tenho como escrever não-gozo. Daí que – começando da minha formulação *Haver desejo de não-Haver*, e portanto de que o conceito de castração é o conceito de Falo no sentido pleno (embora não precise chamá-lo assim, chega dessa idiotice) – entendo que tanto a Consistência quanto a Inconsistência só comparecem porque há um ponto que os reúne numa lógica só, que é a da pura e simples Insistência ou Resistência, que é justamente a pura e simples afirmação do Tesão e de que não existe em lugar algum negação destrutiva do Tesão. Existe, sim, negação capaz de procrastinar ou mudar de direção. Tudo isso Freud mostrou. Mas não há como parar a *konstante Kraft*. Desvia-se, investe-se tesão até em sua doença, para ficar cada vez mais doente, mas não se o suprime. Portanto, o Resistente, o Insistente, é aquele que simplesmente afirma: há Tesão! Não há não-Tesão.

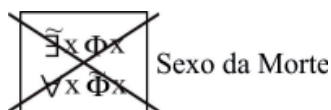


Ora, se há tesão, ele pode ser embargado de diversas maneiras. Pode encontrar algo que lhe diz *não*, e ele vai e se torna capaz de dar Consistência a um gozo. E mais, a Inconsistência do gozo, não sei se notaram, depende da Consistência. É preciso que alguém diga 'não pode' para se dizer 'pode sim'. Isto porque se ninguém disse que não pode, não tem, nem sei como abordar. Por isso, a primazia, em Freud como em Lacan, do masculino. Mas não é primazia do masculino coisa alguma. Os machos é que se aproveitaram disso para mais-poder (como se diz mais-valia). É simplesmente a primazia do fato

de: como posso contestar uma interdição, se ela nunca foi dita? É preciso alguém dizer ‘não pode comer a mãe’ para eu dizer ‘pode sim’. Logo, quando digo isto, segundo Lacan, sou uma mulher incestuosa. Não se trata disto, e sim de que, diante de uma afirmação aqui e agora, na interioridade dos processos de gozo, se alguém embarga, posso dar consistência ou posso dizer ‘não aceito’ e partir para a loucura, para as coisas que Freud diz, que as mulheres são imorais, etc. Do ponto de vista da construção da moralidade, resulta em que ela foi imoral quando disse *não*. Do ponto de vista da constituição da razão universal da polis, ela foi doida. Antígona, por exemplo, era completamente louca. Como foi dizer *não* a Creonte? Então, quando isso simplesmente se afirma e não pode ser negado, no sentido de destruído – por isso mesmo é que Freud dizia que nada se destrói no inconsciente –, terei como resultante que pode até ser negado, mas não todo. O não-todo significa que sempre sobrar um resto.

Há aí uma indicação clínica fundamental. Com o quê conta o analista para arrancar alguém da lama? Houve uma época em que diziam que se devia fazer um acordo com a parte boa do ego. Mas, de nosso ponto de vista, com o quê posso contar quando vejo o sujeito atolado e ainda insisto em que ele pode ter cura? Estou contando com a insistência do tesão, que pode parecer aniquilado, mas não o está todo, pois isso não some, não morre, nem com o portador morrendo. O que não morre é o Sexo do Anjo, o Sexo Insistente, o Sexo Resistente. Então, Resistente, Consistente e Inconsistente. Isto porque fala do Haver como resistência, tanto é que não passa a não-Haver. Suas formações às vezes não resistem, degradingam, perecem, mas o Haver não passa a não-Haver. Ele é a resistência em estado puro. Resistência, em sentido psicanalítico mesmo. O que temos, então, é só a política, o jogo, das resistências, nada mais há a fazer. A cura não pode ser senão rememoração do Originário, da hiperdeterminação, para poder se referir àquilo e fazer o quê? Voltar e entrar na guerra das resistências. Mas já que se está tentando curar algo ou alguém, uma formação cultural, a única “esperança” que existe para aquele que tenta a cura, se é que ele tem para ele mesmo um pouco de cura, é contar com a resistência do Sexo do Haver, do Sexo do Anjo, de Deus, ou seja, o meu. Este

é o Sexo de Deus. É assim que Ele goza. E porque goza Ele assim, gozo eu assim, e isso não tem fim. Porque aquele sexo que daria o absoluto gozo e me tiraria de uma vez por todas desse inferno, também não me leva para lugar algum, nem para ter o prazer de não estar no inferno, seria justamente o Sexo do não-Haver, que é fácil de escrever porque lá não existe, não comparece, nem mesmo para ser destruído, nenhum tesão. Não existe nenhum tesão em não-Haver, $\exists x \Phi x$, então, temos aí, de novo, o universal da negação, $\forall x \neg \Phi x$. Isto é o que chamamos de Morte, não sei por quê, pois ninguém conhece. É o Sexo da Morte, do qual as pessoas esperam vir a gozar. Mas não sou eu quem vai gozar com ele, é a morte que goza sozinha no sexo dela. Ou seja, não goza nunca, porque ela não há:



O sexo de nossa espécie, como o Sexo de Deus, é o Sexo do Anjo, que chamei de Falanjo. É o Sexo Resistente, o Tesão eterno que vai gozar eternamente. É o sexo que dá sentido ao que quer que haja. Por isso chamei de **Gozo do Sentido**. Qual o sentido do que quer que haja? Não há outro, só aquele. O que quer que se queira colocar no mundo como sentido não é senão uma decadência do Sentido. Qual o sentido do Haver? Querer não-Haver, ficar com tesão e tentar gozar. É este o Sentido, e mais nenhum. Aplique-se o Sentido e aparecerão infinitudes de sentidos. Estamos falando de um nível lá em cima, da maior abstração possível das formações, das forças em jogo dentro do Haver, mas daí decorrem todas as decantações, todas as decadências possíveis, as mais refinadas e as mais grotescas. Por isso, um psicanalista devia, por exemplo, ser assíduo leitor tanto de todos os refinamentos místicos como de todos os refinamentos libertinos, ver todos os filmes pornô, rezar todas as rezas da espiritualidade (todas, pois, se rezar uma só, fica viciado)... Então, todas as formações menores – como, por exemplo, chamar de homem e mulher, mascu-

lino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade – são derivações decadentes desses dois momentos e confusão do nível maior, onde operamos, com formações decantadas de longa data no campo do Secundário, essa coisa chamada cultura. São sintomas pesadíssimos, que não temos potência suficiente, nem financeira, nem guerreira, para poder demover, pois o custo é alto demais. Mas isto não impede de insistir em demover. Ou são emanções, perfeitamente cabíveis, espontâneas, do Primário, que Freud chamava de *predisposições*. O Primário tem suas pequenas coceiras. Então, vai-se dialogar com essas coceiras, com as coceiras do Secundário e, melhor ainda, com as do Originário, com a suspensão, se não de sua existência, pelo menos do valor que se aplica a elas.

Gostaria de parar por aqui e que vocês falassem um pouco.

• P – *Sobre a questão freudiana de presença ou ausência de pênis, que você pergunta: de onde vem isso?...*

Minha crítica há anos atrás, como devem se lembrar, tanto do conceito de Falo, quanto do de estádio de espelho, foi perguntar por que ninguém se colocou a questão de onde vem a pergunta formulada assim.

• P – *Mas o próprio imaginário dos corpos é uma tendência muito grande de a criança...*

Você colocou a mão lá?

• P – *Já, inúmeras vezes.*

Depois que ficou grandinha, sim. Mas quando era pequenininha não deixavam, deixavam? Duvido. Quando as crianças são um pouco mais experientes, e há umas que são audaciosas, elas vão olhar de perto, cheirar, comer, e não dizem ‘eu tenho / o outro não tem’, e sim outra coisa.

• P – *Ter ou não pênis ou ter ou não xota, para a criança, é indiferente, pois é um real. A questão é o valor que se dá a isso...*

A questão é o aparelho com que se olha para isso que já vem previamente demarcado, nem que seja pelo regime não-poético da língua. Como sabemos, o regime cotidiano da língua é pragmático: sim/não, quero/não quero, sobe/desce... Falando em termos de Prigogine, de escuta poética do universo,

se fizermos uma escuta poética das xotas, poderemos ver que não são o que dizem delas... Minha crítica é: como, no estádio do espelho, ninguém se pergunta por que a questão é posta assim de saída? Portanto, é uma questão já viciada, não posso tomá-la como primeira, primária no sentido freudiano, original. Ela já é mal informada.

- P – *E não há como escapar disso?!*

Talvez não, talvez sim. Quem sabe se a clínica não está toda errada?

- P – *Quando você diz que a cultura é o modo de existência da espécie humana, no que alguém falou, já recalcou.*

No que você entrou, já recalcou. Mas a pergunta é: onde começa a clínica? É preciso começar a clínica junto com o recalque? Esta é uma questão de todos aqueles que quiseram pensar a análise infantil, o que é uma besteira, pois análise é análise, não é infantil nem adulta. Será possível o sujeito começar fazendo dois cursos, o de cultura e o de anti-cultura ao mesmo tempo? A maioria diz que não, que é preciso primeiro fazer o sujeito se estabelecer, se não ele degradingola, para, depois, fazer análise. Eu, tenho minhas dúvidas...

- P – *No caso da sua teoria, isto seria possível? Pode-se suspender o Recalque Originário?*

Não. Este é o único que não dá. É a máquina de funcionamento. Como se vai suspender a máquina? Suspendeu, ela pára.

- P – *Não dá para suspender o Resistente?*

De modo algum.

- P – *E as resistências?*

As resistências, dá para se negociar. Com o quê contamos num outro para supor que ele possa vir a se curar? Que o sexo é resistente, que tesão não vai embora, apenas muda de lugar, e que as resistências são negociáveis. Não estou pedindo a ele para parar de resistir, mas sim para parar de resistir nisso. E, se for um bom negociante, devo oferecer algo melhor. Por que pararia ele de resistir onde está achando tão gostozinho? Tenho que lhe oferecer um bom negócio.

- P – *Há dois níveis de resistência?*

Dois não, quinhentos. A Resistência Originária, não dá para negociar, pois é o Haver haver. Abaixo disso, temos inúmeros níveis. É caso a caso. Temos que ouvir, observar determinada coisa e começar a perguntar qual é seu nível de resistência. É uma titiquinha de mosca, uma baixaria, uma porcariazinha? Não pense em análise, olhe para dentro de você. Algo acontece em sua vida e você tem que fazer algumas opções. Muito tristemente você pensa: “que chato, perdi aquilo”. Mas num segundo momento, diz: “também, aquilo era porcaria”. Quanto mais sou capaz de abrir mão, não quer dizer que esteja perdendo ou renunciando a tudo, e sim que estou abrindo mão porque, assim, fico mais rico. Outro dia, li alguém, acho que Cioran, que, quanto a esse negócio de que dinheiro não traz felicidade, manda buscar, etc., dizia que os ricos são muito mais infelizes do que os pobres. Parece cristianismo, mas não é o caso dele. Seu argumento é: o pobre ainda tem a esperança de ficar rico e o rico sabe que não adianta, que é uma merda mesmo. Lembra até Fernando Pessoa: “Ah, se me cassasse com a filha da minha lavadeira, talvez eu fosse feliz”. O que as pessoas não entendem é que estão fazendo péssimo negócio quando resistem numa formação babaca, pois, se pararem de resistir aí, ampliam o campo e, entre outras coisas, poderão faturar aí também, onde nem conseguiam faturar direito. Esta é a maior burrice da humanidade. Quando alguém diz “joga isso fora, há coisa melhor”, seguram com unhas e dentes, e ficam cada vez mais pobres e estúpidos. Vejamos, por exemplo, um Santo. Ele é muito rico, pois tem tudo. Não é preciso ser estóico, pois é uma regra simples de lógica. Se você é capaz de abrir mão, tem um poder muito maior. Inclusive, o de não abrir mão e, quando o outro não estiver olhando, você tasca a mão em cima. Vocês nunca tiveram em análise um rico miserável? O sujeito é podre de rico, mas ficamos com pena de como é pobre. Ele não consegue nem usar o dinheiro que tem.

22/MAI

9

O ESTRATO NOSOLÓGICO

Disse da vez anterior que as formações sintomais da cultura, assim como as dos indivíduos, se dão mediante alguns Estratos. Apresentei quatro: o Estrato Pulsão, do qual falei (os Sexos Desistente, Resistente, Inconsistente e Consistente); o Estrato Recalque, de onde saiu a série antrópica, o creodo antrópico que lhes apresentei (os Cinco Impérios); o Estrato da relação Alter/Ego; e o Estrato da Nosologia.

Hoje, começarei a falar do Estrato Nosológico, o qual, do ponto de vista do aparelho teórico, é subsequente àquilo que coloquei como ordem implícita (Primário, Secundário e Originário). Do mesmo modo que os indivíduos apresentam formações patológicas, no sentido mais amplo do termo, e que no seio das teorias e práticas clínicas da análise costumam aparecer adscritas à questão da nosologia, das supostas doenças... Aliás, não sei por que chamam assim nos manuais de psiquiatria e mesmo de psicanálise, pois o *pathos* é genérico. Mas como são afecções ou afetações, ou sei lá o quê, que costumam estar sob a rubrica do nosológico, chamei esse estrato de nosológico, embora não acredite muito que tenha que chamar essas coisas de doenças. O que é importante, em nosso aparelho, é que posso, de maneira original, retirar a conceituação, e mesmo a possibilidade de manejo dessas formações ditas nosológicas ou nosográficas, do próprio conceito das formações de base resultantes necessariamente da ALEI, Haver desejo de não-Haver, e que tenho

apresentado como ordem implícita. Isto, sobretudo na medida em que tomo esta ordem implícita como a sequência dos Recalques Primários, Secundários e Originário.



Alguma coisa tem movimento de um para outro registro. Primário, Secundário e Originário são os registros onde, segundo nossa construção, moram os próprios recalques. Como se lembram, apresentei os três registros e, uma vez que posso tomar nossa origem como sendo o Recalque Originário – o qual, porque o não-Haver não há, decorre imediatamente da vigência da ALEI: Haver desejo de não-Haver –, todas as formações existentes abaixo desse nível do Originário puro (e não enquanto recalque) podem ser consideradas, segundo este teorema, como formações da ordem do recalque. Isto porque, se a força, a pregnância originária desta espécie é a possibilidade quase absoluta de reviramento – não é absoluta porque o último degrau é impossível –, o que quer que não esteja disponível aqui e agora para o reviramento está na ordem do recalque, está recalcando alguma coisa ou sendo recalcado por alguma coisa. Então, pelo simples fato de existirem formações primárias no campo do Haver, de tudo não estar em estado de absoluta neutralidade, de absoluta indiferença – suposição que fazemos de que o próprio Haver em sua plenitude, eis senão quando, passará por esse estado de indiferença, de, digamos, energia pura indiferenciada –, uma vez que esta é a possibilidade extrema de nossa espécie, o que quer que esteja comparecendo como formação está recalcando esta possibilidade. Ou seja, qualquer formação, pelo simples fato de estar aí, está recalcando a possibilidade de indiferenciação, já está menor do que as possibilidades de desempenho da libido. Qualquer formação secundária também – que costumamos chamar de simbólicas, postíças, sei lá o quê –, pelo simples fato de estar aí, é recalcante do movimento de ampla possibilidade, do movimento da libido em seu processo de Revirão e de indiferenciação.

Esta simples postura decorrente da ALEI e da seqüência dos registros Primário, Secundário e Originário na ordem implícita, simplesmente isto, me dá a possibilidade de, reconhecendo como recalque todos os seus avatares internos, pensar de maneira radicalmente diferente a ordem dos movimentos recalcentes e a concepção feita até hoje da ordem dita nosológica. Não que seja muito diferente a consideração do fenômeno, é a mesma coisa que Freud e Lacan terão observado, mas o teorema me dá uma nova postura de reconhecimento desses fenômenos, de entendimento dos seus processos e modos de manejar clinicamente com eles. Isto é que fica completamente diferente e, em alguns lugares, até inteiramente em contrário a certas posições mais ou menos em vigor nas teorias psicanalíticas. A ordem dos processos recalcentes e o modo como funcionam virá determinar certo tipo de fenômeno que temos considerado sob rubricas nosológicas bastante antigas. Como, por exemplo, neurose, psicose, aquela coisa que as pessoas chamam de perversão, e outras coisitas mais. Escreverei a seqüência da nosografia assim:



Temos aí Neurose, Morfose, Psicose, que seriam as mais importantes, e ainda incluí a Tanatose e algumas considerações sobre a Psicossomática. Por enquanto pelo menos, isto me parece suficiente como descrição teórica de fenômenos ditos nosológicos. O modo de conceber isso é que será inteiramente diferente. É horrível termos que manter essa terminologia que, desde Freud, já é velha. Como se vai chamar aquilo que a psicanálise chama de neurose com o nome de neurose? Que é o nome que vem da neurologia e nada tem a ver com neura alguma? Deveríamos dar nomes inteiramente novos, mas, como os nomes ficaram, o que vamos fazer? Vamos utilizá-los, pelo menos para haver certo reconhecimento. São um monte de bobagens, mas a conceituação é que vale. Então, como vou conceber essas formações? Vou concebê-las em função do conceito de **registros** Primário, Secundário e Originário da ordem implícita e, subsequente, em função do conceito de **recalques** correspondentes a essas ordens, Recalque Primário, Recalque Secundário e Recalque Originário.

Essa coisa que vocês conhecem com o nome de **neurose** é a primeira da fila. Vamos tentar, agora, conceber o que possa ser uma neurose segundo o aparelho que estou trazendo. É um desenvolvimento longo, que já está publicado. Relembro que estou retomando as coisas este ano. Então, para compreender esses fenômenos no seio da cultura, que funciona da mesma maneira que no seio dos indivíduos, retomemos as questões teóricas e clínicas de base. Em primeiro lugar, preciso lançar mão do conceito de fixação, a meu ver perfeitamente condizente com o conceito em Freud, embora alguns autores digam que é outra coisa. Quero supor que minha opinião a respeito do conceito de fixação em Freud, desde o começo, é válida e é a que utilizo para este processo teórico. **Chamo de fixação toda e qualquer formação – primária, secundária, qualquer coisa –, mormente as primárias, que insistem e resistem como formações sistêmicas.** Então, é genérico demais meu conceito de *Fixierung*. Freud o tomava no nível estritamente de formação resistente na ordem do Secundário: determinada formação, representação, ficava fixada e ligada a determinada coisa. O que estou dizendo é que toda e qualquer formação resistente, insistente, pregnante, que permanece, é uma fixação. As peripécias, as aventuras dessa formação é que vão determinar o caso de cada acontecimento nosográfico. Entre outras coisas, não acredito que existam pessoas por inteiro que caibam nessas formações. Não acredito que Fulano é neurótico ou psicótico, e sim que *tem* uma neurose, junto com outras coisas. O fato de *ter* uma neurose não o impede de *ter* uma morbose ou mesmo um aparelho psicótico. Caso a caso, é que tem que ser visto. Se já não quero acreditar que exista o tal ‘sujeito’, muito menos sujeito neurótico. Existem pessoas que, eventualmente, têm aqui uma neura, ali outra, etc. Existem, sim, formações nosológicas dominantes. Às vezes, pela vida inteira o sujeito tem uma dominância histérica. O que não quer dizer que não vá fazer um pouco de obsessão. O importante, para nós, é conseguir tirar esses conceitos. Então, o que quer que compareça como formação, resista e insista por um longo tempo é uma fixação, está fixado. Isto pode ser no Primário, no Secundário, onde quer que se coloque.

O conceito genérico de **Recalque é todo e qualquer impedimento de manifestação de alguma formação do Haver, seja ela atual ou potencial**. Manifesto, como sabem, comumente na história da psicanálise, é oposto ao latente, que é aquilo que não está se manifestando aqui e agora. Outras coisas são o atual e o potencial. Atual, é algo que lá está como formação disponível mesmo (que pode se manifestar ou não). Potencial, que não está em ato, é o que, dado determinado tipo de recalque (que pode ser no próprio Universo), não está nem comparecendo, está apenas em potência. Por exemplo, se nosso Universo atual, este que está em ato aí, não contém antimatéria aqui entre nós, não é porque isto não está manifesto porque a antimatéria está latente, e sim porque ela está em potência. Não está disponível, mas algum movimento nesse processo de recalçamento pode revirar e a antimatéria aparecer. No nível do Secundário, é mais fácil pensar isso, pois o que quer que possa entrar neste registro já não está mais em potência, mas em ato. Será latente ou manifesto, mas está lá. Às vezes, não entrou nada no registro e, como diz Freud, é preciso uma *Bejahung*, pois, não havendo essa entrada, não se pode dizer que haja isso em ato, só em potência. Portanto, com essas duas posições – fixação e recalque –, podemos resolver todas as afecções da dita nosografia. Como é muito intrincado, mesmo para se retomar como coisa antiga, prefiro ir tomando por camadas para não fazermos grandes confusões: percorrer, ir e voltar, pois fica complicado desenvolver todo o aspecto da neurose.

Alguns de vocês talvez nunca tenham ouvido falar do que chamei de morfose. De modo geral, os textos psicanalíticos falam em neurose, psicose e perversão. Esta, as pessoas não fazem a menor idéia do que seja. A última novidade foi o que, na escola de Lacan, se chamou de “estrutura perversa”, que, como depende do Nome do Pai, não tem lugar em meu aparelho, pois nele não há Pai ou Nome do Pai. Então, temos que buscar outra razão para a tal perversão. Sendo que, no construto lacaniano, não há nenhuma manifestação positivada segundo um significante-mestre que não acabe sendo de ordem perversa. Outra coisa é a tal estrutura perversa... É uma grande confusão aquilo tudo... Assim, isso que chamam perversão, aqui está com nome de morfose.

Concebo-a como um tipo de modo de freqüentação dos recalques que se apresenta com duas faces. A face antigamente dita perversa, que prefiro chamar de **perversista** porque perversão, para mim, é um conceito genérico. Neste sentido, todo mundo é perverso. Então, preciso falar em perversidade para distinguir da perversão normal das pessoas. A outra face da tal perversidade sendo o que chamam de **fobia**, a qual não costumam encaixar aí, mas na neurose ou sei lá onde.

Retornando, então, o que pode ser uma neurose? Todo o processo de entendimento da nosografia a partir da ordem implícita, da seqüência dos recalques, eu a trato em função do que pode ser vetorizado dentro desta seqüência das formações. Chamo de vetor o encaminhamento de progressão ou regressão de determinadas formações entre os registros. Ou seja, as formações que chamei de fixadas, que estão ali insistentes, repetitivas, etc., terão movimentos progressivos ou regressivos dentro da ordem implícita (do Primário para o Secundário e para o Originário). Isto do mesmo modo como, embora não usasse o termo na época, tratei vetorialmente a questão dos Impérios. Por exemplo, na passagem do Primário para o Secundário, o Segundo Império tem uma vetorização neste sentido. E depois da passagem de todo um movimento, de uma sociedade ou de uma época entre um Império e outro, nada impede que haja regressão. Os historiadores terão que fazer seus estudos para perceber se, segundo este teorema, devem entender progressões ou regressões nos movimentos entre os Impérios. Suponho que existam paralisações, mas regressões não sei se acontecem. Devem acontecer. É, repito, um trabalho que teria que ser feito por historiadores: analisar cada época e verificar se o movimento foi para a frente, parou ou voltou. A mesma coisa – e aqui é mais necessário, mais evidente como entendimento para a clínica – acontece na seqüência da nosografia, que é simplesmente a vetorização para frente ou para trás de determinadas fixações.

A **neurose** é necessariamente uma afecção do psiquismo e do Haver em geral – ou seja, do inconsciente, já que chamo de inconsciente o próprio Haver e sua relação para com o não-Haver – e **é um movimento de**

vetorização estacionária. Isto quer dizer que as formações que estão fixadas no Primário são formações recalcantes da possibilidade libidinal de reviramento pleno. Então, toda e qualquer formação primária é uma formação recalcante de nossa plena movimentação. Estamos paralisados, fixados, em alguma formação que, pelo menos agoraqui, não quer se movimentar, está estagnada, portanto, está recalcando o movimento que é a nossa função originária de reviramento. Ora, qualquer indivíduo, seja criança ou adulto, terá a tendência de apresentar suas fixações primárias como sendo da ordem da sua espontaneidade. É claro, as fixações primárias eu as apresento na minha espontaneidade. Não esquecer que, embora nossa ignorância seja imensa, essas fixações primárias são da ordem do autossomático e do etossomático. Há muito que a humanidade perdeu a noção do que, em suas transas comportamentais, possa ser estritamente da ordem do etológico, misturando-o de cambulhada com o antropológico das culturas. Não devemos acreditar nisto, pois há muita funcionalidade nossa que é etológica. Algo importante que os etólogos não conseguem pensar é que nós, que somos da mesma espécie autossomática, talvez não sejamos da mesma espécie etossomática. Ou seja, se do ponto de vista do Recalque Originário e da formação autossomática podem dizer que somos da mesma espécie, não sabemos se, do ponto de vista etossomático, somos todos da mesma espécie, se não há formações etológicas diferentes assim como, por exemplo, duas espécies muito próximas de aves têm formações etológicas diferentes. Então, do ponto de vista etológico, acho que toda a humanidade talvez não tenha a mesma formação etológica.

Podemos compreender a formação etológica até entre animais. Por exemplo, um criador de cães sabe que, ao criar cães da mesma raça, da mesma espécie, verá que têm uma formação etológica comum, mas reconhecerá, dentro do que é uma psicologia animal – e etologia não é senão psicologia animal –, que estas formações etológicas de base encontram originalidades, particularidades, em determinados animais. Tanto é que, numa série de cães da mesma raça, pode-se dizer: “este tem um temperamento agressivo”, “aquele tem um temperamento calmo”. São especificidades da psicologia de cada ani-

mal. Mesmo do ponto de vista da etologia, ao estudarem o nicho ecológico e etológico de determinada formação zoológica, os etólogos percebem, com o tempo, que os indivíduos daquela espécie – de cães ou orangotangos, etc. –, além de apresentarem uma etologia comum a toda a espécie, têm sua psicologia individual. Isso que é perceptível entre animais com a maior clareza para quem lida com eles, não há de ser da ordem da linguagem nem do tal de sujeito. É claro que, de meu ponto de vista, é, pois, para mim, tudo é homogêneo. As linguagens lá estão bloqueadas por determinados cadeados, mas não vejo diferença alguma. Como não estou interessado em sujeito, posso dizer que, mesmo onde não comparece o Originário e o Revirão, as formações autossomáticas e etossomáticas resultam numa psicologia e que há diferença nas formações. Isto é óbvio, pois há temperamentos ou, como dizia Freud, predisposições. Um cachorrinho que tem mais predisposição para fazer isto do que aquilo, que gosta mais de correr do que outro que gosta mais de ficar parado, e não se sabe por quê.

Não podemos esquecer que – por trás e antes ainda de toda a volúpia do simbólico que a segunda psicanálise, não a freudiana, mas sobretudo a de origem lacaniana, quer introduzir com veemência para distinguir o campo da psicanálise como sendo apenas o Secundário – o processo vaza. Quando se está observando e escutando alguém não estritamente no nível da indiferenciação (*sub specie aeternitatis*, poderíamos dizer), se não estamos lá em cima, se acompanhamos seus movimentos no nível psicológico ou mesmo analítico (este que diz respeito à linguagem), para poder tentar indiferenciar um pouco aquilo, a não ser que se mantenha a atitude de neutralidade e deixe correr, ou seja, quando se quer entender e explicar teoricamente, há que levar em consideração que os elementos vazam, que as fixações vão tentando permanecer e invadir os outros campos. Estou querendo dizer que o bicho homem tem toda a sua pregnância autossomática e toda a sua pregnância etossomática, a qual desconheço. Quando a pessoa começa a se comportar, não adianta ficar bancando o analista com sua interpretose – “isso é Édipo”, etc. –, pois simplesmente pode ser algo da ordem do temperamento e da repetição de determi-

nadas fixações primárias de nível etológico que estão entrando pelo comportamento do sujeito. E fica-se tolo analisando a história pregressa do Édipo dele. É melhor dizer que não sei. Não sei onde fica a fronteira entre o etológico e o neo-etológico, entre Primário e Secundário. Preciso de muito tempo para situar. Preciso manter sempre a questão de me perguntar, quando alguém reclama de determinada afecção, se não está reclamando de ser o que é do ponto de vista primário. O que se pode é inventar próteses. Não adianta uma analisanda ficar desesperada porque queria ser loura. Ela que pinte o cabelo, pois, do ponto de vista do Primário, não é loura. Esta é a interpretação correta. Hoje em dia, aliás, ainda há este recurso, graças a Deus, pois antigamente não havia.

Temos todas as fixações autossomáticas e etossomáticas do Primário, que certamente vão invadir a vida do sujeito. Porque espontaneamente lhe foi dado, porque é um dado daquela formação, aquilo tende a se manifestar. Ora, acontece que, quando algo tende a se manifestar em sua espontaneidade primária, encontrará, dentro do grupo em que aquilo existe – aí entra Lacan com o tal Outro –, dentro do lugar onde aquela formação insiste e diante de certos hábitos, de certas repetições que foram tiradas não se sabe de onde (algumas formações podem ter sido vencedoras), formações mesmo primárias que instauraram no grupo social qual é a formação certa e qual é a errada segundo um sintoma que agora está escrito de maneira secundária. Ficou combinado em determinado grupo social, não se sabe por quem nem como, que as formações espontâneas vêm, aí, aceitam-se algumas e rejeitam-se outras. Não se sabe como esta combinação se deu, mas sabe-se que, se está lá, é porque é uma formação vencedora. Podemos ver que está inscrita no Secundário, que a cultura diz que é assim, mas não sabemos se sua origem é secundária. Suponhamos que determinado grupo, em determinada época, conseguiu o poder – por ter uma musculatura maior, por ter os tacapes, etc. –, portanto, pode dizer que a formação espontânea que vai valer é a dele e não a sua. Se você manifestar a sua, ele te encherá de porrada ou te matará. Ou seja, a dele, que era tão primária, tão etológica quanto a sua, passou por um processo de secundarização a valer

como lei que aplica sobre o outro, mas não sei se a origem disso é secundária, pois não foi nenhuma reflexão filosófica e matemática, mas simplesmente que o comportamento vencedor se *disse* o correto. E podia dizê-lo porque tinha poder para isto. Há muito tempo, em termos de psicanálise, sobretudo depois do advento do lacanismo, que estamos escamoteando o poder nas fixações e determinações dos processos secundários. Não podemos esquecer que, antes de mais nada, é a vigência de um poder, nem que seja a espontaneidade de uma formação em maioria ou com maior força.

O que acontecerá se determinada formação espontânea vinda do Primário, em primeiro lugar, se impõe como a formação correta? Veremos adiante que isto é da ordem pura e simples do que chamamos perversão, mas, agora, tomemos o caso contrário, que é o que qualifica a neurose. Uma formação vem espontaneamente e, a partir de uma legiferação no Secundário, mesmo que sua origem tenha sido no Primário, impõe-se a esta formação o silêncio. Seu comportamento não vale, está errado. Ou seja, vai-se recalcar, não se quer que passe para o Secundário. Ou, na medida que entra para o Secundário e que aí se exprime ou se inscreve de algum modo, deve ser recalcado. Ou mesmo a uma formação que tivera origem no Secundário, isto é, ocorreu ao Secundário de alguém determinada coisa, vem algo de fora que diz: “Isto não pode. E não pode de maneira radical. Você certamente pagará caro caso continue funcionando assim. Pode ser até a sua morte”. Quais são as vicissitudes de um processo de recalçamento como este? A pessoa pode recalcar ou não, pode simplesmente fingir que está recalcando e procurar um momento possível para transgressão, pode lidar diplomaticamente com o mundo em função de seus interesses de fixação, mas o mais freqüentemente é que isso seja feito com crianças impotentes, com dificuldades sérias de sobrevivência e que dependem daqueles que estão dizendo o que é certo e o que é errado. E o mais freqüente na história da humanidade é que essa criança faça o quê? Realmente recalque. A formação que, no Primário, fora recalcante da vigência do Originário – porque houvera se fixado como formação no Primário – pode passar ao Secundário (e, em caso de neurose, passará necessariamente) como formação recalçada. A

formação – ou, em sentido freudiano, a predisposição – continua lá, mas foi inscrita posticamente (metaforicamente, diria Lacan) no Secundário. No que aí se inscreve, sofre recalque e coibirá inclusive o Primário insistente nessa formação. E isto é grave.

Genericamente, podemos surpreender esta formação neurótica de base de toda e qualquer conjuntura social e cultural no processo primeiro de formação de construtos secundários legiferantes, os quais são nada mais nada menos do que uma força de barra de imitação do Primário no regime Secundário. Funcionam como funciona a neurose ou eventualmente a morbose. O que estou dizendo é que aquela historinha de Lévi-Strauss – de passagem de natureza a cultura como sendo a instalação da lei como interdição, segundo ele, do incesto é uma bobagem, pois interdição do incesto é invenção do Neolítico. É preciso entender que há, sim, não passagem de natureza a cultura, porque não existe nenhuma heterogeneidade entre as duas, e sim diferença de registros, Primário e Secundário. Não quero usar aqueles termos, pois não sei por que a cultura é menos natural do que a natureza ou vice-versa. Apenas como lembrete, na história da antropologia, estou chamando a atenção de vocês para que o que estava preocupando Lévi-Strauss e a antropologia toda era como explicar a passagem de Primário para Secundário. Do ponto de vista do Primário, qualquer formação fixada é espontânea: nos é dada assim, já vem com cadeado e não vai se abrir por si mesma. Ela vai funcionar tentando resistir – conforme é, com seu fechamento e sua constituição próprias – em qualquer momento. Ora, as formações secundárias – o que quer que eu possa anotar, digamos, simbolicamente, escriturariamente – não têm nenhuma garantia. O Secundário não só não tem o fechamento, a força e a resistência que me dão fixação no Primário, como, porque não tem, é preciso inventar processos de fechamento. Ele não se garante, pois a coisa não tem a pregnância do Primário. Então, no Primário há impossibilidade modal, pois impossível absoluto é passar a não-Haver. Por exemplo, é (não absolutamente, porém modalmente) impossível que, sem alguma invenção, atravessemos esta parede que aí está, mas isto não é impossível absoluto, pois não se sabe se algum dia a atravessaremos. Antes de inventarem

a porta, era impossível atravessarmos. Inventaram a porta, então passamos. O impossível modal é aquele que, na ordem do Primário, não se pode modificar a não ser mediante um custo bastante alto. Daí as questões da ciência e da tecnologia em conseguir vencer um vírus, por exemplo. Isto porque a pregnância primária é extremamente forte. É um impossível modal que durará enquanto durar, a não ser que se abra uma guerra muito violenta e se consigam investimentos muito grandes com um custo muito alto para impedir, por exemplo, o vírus da Aids. Por que é difícil? Porque é primário. Se fosse secundário, seria *soft*, poderíamos levá-lo na conversa.

Como o Secundário consegue fechar um pouco suas formações, ou seja, dar-lhes pregnância como se fossem do Primário, como se tivessem a impossibilidade modal? Nenhuma formação do Secundário tem impossibilidade modal. Elas *fingem* que têm. Ou seja, imitam as formações do Primário. Mimese pura e simples das formações primárias. É isto que Lévi-Strauss estava procurando, pois não há passagem alguma de natureza a cultura. Quando se arrumam as coisas a partir do Secundário, é preciso fingir que é impossível o que é simplesmente interdito. Se a formação da cultura depende da passagem do Primário ao Secundário, a cultura é necessariamente neurótica. Não tem saída porque, para se fundar como determinado esquema do Secundário, ela tem que fingir que esse esquema é uma impossibilidade modal – que não é fazendo uma interdição e tomando conta dela. Isto porque não adianta proibir e deixar as pessoas fazerem o proibido. É preciso colocar uma polícia. Então, se você fizer, leva porrada, vai preso ou morre. E isto é ameaça suficiente para aquela formação secundária se repetir dentro de determinado limite e ficar extremamente parecida com uma formação primária. Tanto é que, quando o indivíduo está atacado por sua neurose, diz: “não consigo”. Ele não sabe que consegue sim. Ele não ousa, ou não quer, é diferente. Não lhe é impossível do ponto de vista secundário. A não ser que seja uma formação primária. Mas mesmo sendo primária, se invento a bomba atômica, por que não posso inventar algo para mudar o Primário de lugar?

Então, o que quer que se apresente como interdição é mimese pura. E isto é necessário, se não, fica tudo muito doido. Para podermos armar um sistema sócio-cultural de comportamento, há que legislar, produzir leis. A primeira lei qual é? Que há que produzir interdições e fazê-las parecer que são impossibilidades modais. Isto de tanto, mediante o poder, fazermos funcionar a interdição como se fosse impossível. Ou seja, colocando uma parede qualquer, trancando o sujeito dentro de uma cadeia. Ele não passará, não tem jeito. E essa parede é primária. Quando Hegel diz que o Estado é a Polícia está dizendo que a polícia é a formação primária de fechamento do cinturão do Secundário do Estado. Se você tentar passar, atiram. Quem vai tentar passar? Há que ser muito macho ou muito fêmea, sei lá o quê. Todo processo de legislação, seja qual for, é mimese no Secundário como interdição daquilo que, no Primário, é impossibilidade modal. Daí que **todo poder emana da força, e não do povo**. A psicanálise incomoda porque fica dizendo essas coisas... que todo mundo devia saber.

A idéia de neurose não é senão isso mesmo. Alguma fixação do Primário é tomada no Secundário e interditada por uma formação secundária que se esteia numa força primária qualquer para impedir o vigor daquela formação. E, de tanto impedir, há dispositivos na espécie para acabar fixando, no Secundário, esse impedimento. A estrutura da neurose é simplesmente isto. Qualquer um de nós está cheio de fixações secundárias produzidas por repetição e por informação coibitiva com força de Primário até aquilo se tornar fixado no Secundário. Aí você começa a receber os impulsos vindos do Primário – Freud chamava de *Es*, *ça*, isso, *id* – e você mesmo começa a proibi-los. Você fica apavorado. O impulso vai fazê-lo interessar-se por um movimento daquela pulsão e bater de frente com uma interdição que está fixada em você. E há ainda a polícia, a mãe, o pai, Deus e o diabo. É a guerra interior. Isto é que é a neurose.

• Pergunta – *Isto é o Recalque Secundário?*

O Secundário, simplesmente por ser uma formação, já é recalcante. O Recalque Secundário, conforme a definição geral que dei, é o impedimento de

manifestação de uma formação qualquer que passou a Secundário e, lá dentro, recebeu um cinturão de proibição. Ela não passa proibida. O que vem do Primário, vem no Secundário e se inscreve. Aí se inscreve qualquer coisa. É um computador. No Primário há as formações espontâneas. No Secundário, inscrevemos o que quisermos. É a tal *Bejahung*, de Freud. Entrou, marcou. Aí vem uma série de outras formações que cercam e dizem: “Não queremos que, aqui dentro, você se comporte assim. Mesmo porque faremos um cinturão e não deixaremos você se mexer”. Então, ficávamos na doce ilusão de que bastava o sujeito tomar consciência da formação para modificá-la. Não! Há que derrubar a polícia todinha, todas as formações que, no Secundário, estão recalcando aquela e que, ainda por cima, têm o rabo preso no Primário. É uma guerra enorme.

- P – *Uma formação para ser recalcante tem que ser ou do Primário ou mimese do Primário? Sempre tem que imitar o Primário?*

Qualquer formação secundária, para fazer seu próprio cinturão, não deixa de ser mimese de uma formação do Primário. Se não, ela ficava solta.

- P – *Você pode falar mais sobre a divisão entre formações recalcentes e formações recalçadas?*

Uma formação é recalcante ou recalçada dependendo da situação. Ela não é recalcante ou recalçada em si. Por exemplo, mamãe te deu uma educação, ou seja, todas as forças recalcentes para você não agir conforme os tesões que tem. Se não, você agia. Então, aquelas formações todas que vão se fixando contra determinada outra formação que, certamente, tem uma ligação espontânea com o Primário, essas forças são recalcentes no Secundário de determinada formação secundária que está insistindo porque tem rabo preso no Primário. Ou não. Pode ser uma formação secundária pela qual você se apaixonou secundariamente. Você gosta de ciência, começa a dizer umas coisas, aí o Papa, como fez com Galileu, lhe dirá para calar a boca, se não, te torturará e colocará na fogueira. **O que importa entender é a guerra, a polêmica entre as formações, que se dá no Primário e no Secundário.** O Recalque Originário não tem cura, pois o não-Haver não há. Mas ALEI também não tem

cura, e a insistência em querer Aquilo continua. Onde, só o recurso à hiperdeterminação, por via da rememoração do Originário, dará condições mais fortes de relativizar tudo do Primário e do Secundário e sair da opressão.

Em certo momento da tese lacaniana de psicanálise, da teoria da cura, ficou na moda que o analista não devia fazer nada, dizer nada. Ele podia passar a análise inteira simplesmente ouvindo em silêncio e mandando o sujeito embora. Por que? Porque – agora lendo a partir de meu aparelho – ele estaria apenas invectivando o Originário, a hiperdeterminação, e deixando o sujeito se virar. Há um texto antigo, de Octave Manonni, muito interessante em que ele comenta como uma análise pode se dar sem o analista dizer nada. É verdade que análise é atingimento disso, mas acho difícil, pois talvez fizéssemos um pouco de aceleração dos processos se nos juntássemos ao retorno do recalcado, se lhe déssemos uma força e começássemos a bagunçar o coreto para facilitar a indiferenciação. Aí, há que fazer mil malabarismos para o analisando não achar você completamente maluco: você vai para lá, ele vai para cá... Não há a menor dúvida de que a meta, até a ética do processo, é invocar a hiperdeterminação, mas ela não vem, pois a massa de baixo não deixa. Ela está em esquecimento e não virá com tanta facilidade só porque o analista faz vácuo. Esse aparelho ainda é muito zen para a psicanálise. Há que fazer isto com a maior frequência possível com o neurótico, por exemplo, mas o analista tem que guerrear. Se não, o processo não anda, é muito devagar. E guerrear aí não é tomar as suas próprias posições ou os seus próprios interesses, se não, estaremos trocando um sintoma por outro. Que é o que a maioria faz. Convençem o paciente a largar seu próprio sintoma e ficar com o deles. Outro dia, uma analisanda, uma pessoa ligada à análise... me disse algo de grande ingenuidade: “Não posso continuar fazendo análise com você na medida em que, tudo que digo aqui, você usa contra mim”. Eu ia usar contra o quê? Toda vez que ela me dá uma dica para derrubar sua neurose, uso contra a neurose, mas ela acha que é contra ela. E é uma pessoa com consultório aberto. O que significa que não sabem o que estão fazendo, pois não conseguem perceber nas próprias análises que o analista está usando contra a neurose deles, e é isso mesmo. Analista é

um cara chato. Você o coloca lá, ele aproveita e joga a merda de volta em cima de você. Aliás, está sendo pago para isto, não é de graça.

Para não irmos muito longe hoje, fiquemos nesta introdução à neura, que não é senão a bobagem de que não nos damos conta de que imitamos o Primário, fixamos essas imitações e, depois, ficamos desesperados dizendo: “não consigo”. Isto quando a luta no Secundário pode ser muito mais simples, se começarmos a ousar, a permitir, pois, pelo menos em nível de papo, a questão se abre. Na neurose, não é fácil, pois o processo está fixado secundariamente e cercado de polícia por todos os lados.

• P – *Fica parecendo que a força mais poderosa seria a da indiferenciação, a possibilidade de indiferenciar...*

Deus te ouça.

• P – *...e a estratégia é dar força ao retorno do recalcado.*

Não só esta. Preciso de vez em quando, exatamente até para dar força ao retorno do recalcado, simplesmente indiferenciar, pois há momentos em que, ficando muito indiferente, neutro, o outro perde as estribeiras, perde a crença nas forças recalcentes. Isto porque não sou qualquer um para ele. Sou, de certo modo, exemplar. No que indiferencio, pelo menos, ele introduzirá alguma dúvida no processo de afirmação das fixações recalcentes. Mas, com muita frequência, temos que ir lá lutar com a força recalcente.

• P – *Quando se inscreve no Secundário e sofre recalque, a formação emprega sua força a serviço das forças recalcentes?*

Se determinada força está a serviço das forças recalcentes, ela acrescentou às forças recalcentes. A não ser que, por alguma distração, ela compareça como retorno. É uma polêmica aí. Diante de situações-limite, freqüentemente o vencido começa a tomar as formas do vencedor por uma questão de sobrevivência. Podemos acompanhar isto na política cotidiana do país ou do mundo. Determinada força ganha poder e começa a calar um pouco a força contrária. Ocorre um escândalo, um negócio qualquer, aí o pessoal já começa com: “eu não disse...” É jogo puro de forças. Por exemplo, os neoliberais começaram a tomar conta do mundo, levaram uma surra na França e

na Inglaterra, aí o pessoal já está colocando as manguinhas de fora: “porque Marx...” Leiam o jornal e vejam o ressurgimento de termos que estavam fora de moda.

É a luta das forças recalcentes e recalcadas, que não queremos ler assim no seio da sociedade e da cultura, e lemos para as pessoas, mas é a mesma coisa. Em última instância, tudo é: como se administra o poder em todas as suas faces? Uma força recalcente no Secundário é muito poderosa, assim como uma força de retorno do recalcado, se está conseguindo retornar, é porque conseguiu algum poder, se não, nem se lembrava disso. Ou, de repente, determinada formação recalcada não retorna enquanto tal, mas cumpre os processos da neurose. Como? Aparece ligando-se a outras formações como sintoma: “Já que vocês não querem entender que quero mesmo é dar para todo mundo, fico com as pernas paráliticas”. Aí, a família fica desesperada. A menina só queria dar. Não pode. Então, paralisa as pernas. Isto pode, porque vem do real, parece com o Primário. “—Temos que fazer alguma coisa”. Então, dizemos: “É fácil, é só dizer para ela que pode dar”. “—Não, isso não pode”. As frases não são estas, mas é simples assim.

05/JUN

10 NOSOGRAFIA

Situei, da vez anterior, os elementos que arrolei sob o título de Estrato Nosológico. Falei da neurose como o primeiro e mais famoso elemento dessa lista nosográfica. A primeira parte do Seminário deste ano terminará na próxima seção. Estive, durante este período, arrumando as bases teóricas que nos dão sustentação para, no segundo semestre, continuar a pensar os mesmos fenômenos no seio da cultura, ou seja, para pensar melhor as questões mesmo da cultura, da contemporaneidade, da modernidade e da globalidade. Então, hoje e da próxima vez, quero fechar os raciocínios básicos para termos fundamentos teóricos para trabalhar.

Coloquei que, do ponto de vista da nosografia, temos neurose, morfose, psicose, tanatose e algumas questões sobre a chamada psicossomática:



Como agora estou aproveitando o material para elaborar a respeito de cultura, vocês encontram isso desenvolvido com mais precisão no Seminário de 1992, chamado *Pedagogia Freudiana*, publicado pela Imago. Em seus vários capítulos estão plenamente desenvolvidos os conceitos e as articulações a respeito de cada detalhe dentro de cada um desses quadros da nosologia. Aqui, repito, apenas estou retomando alguns pontos principais que interessam para

começarmos a pensar sobre o fenômeno cultural. Mostrei também que poderíamos resumir o que é da ordem da neurose como sendo da ordem do recalçamento produzido no nível do Secundário. Como sabem, há tempo, coloquei uma nova tópica baseada inteiramente no conceito de recalque:



O exemplo *princeps* fica sendo isso mesmo que acontece na cultura como tentativa de fundamentação, de estabelecimento da sua ordem. É o caso, por exemplo, da interdição do incesto, que é uma invenção que tenta, em nível secundário, imitar algo que, no nível primário, teria características de impossibilidade modal. Ou seja, imita-se no Secundário a impossibilidade modal do Primário com uma interdição. É claro que não há nenhuma impossibilidade no Secundário para fazer essa interdição valer por si mesma, sem algum esforço externo de *imprinting*, quase que no sentido etológico, desta colocação no Secundário. Mas o que acontece é que, por um processo repetitivo de determinada ordenação no nível secundário, que se cerca de aparelhos de recalçamento, de formações recalcentes vigorosas, que podem se valer do sofrimento físico a imposições morais, essas coisas inscritas secundariamente começam a funcionar como se fossem da ordem do Primário. Então, pelo menos fazendo no Secundário uma analogia do que acontece no Primário, teríamos o primeiro momento de *pregnância* de determinada formação secundária querendo imitar o Primário. Incluo isto nos momentos que considero de reificação e o chamo de **primeiro grau da reificação**, que é tentar fazer com que algo do Secundário pareça do Primário. Este primeiro momento de reificação é simples: puramente o fato de se fazer uma analogia, no Secundário, com o Primário.

Mas quando ponho sobre essa analogia forças recalcentes, fazendo revigorar o processo de instalação dessa marca secundária, já estou tentando a produção do que é da ordem do sintomático. É o que Lacan chamava de metafórico. Aí, já não é mera analogia, pois estou tentando inscrever com vigor, no Secundário, determinada formação mediante processo de recalçamento das

formações em contrário. Isto no nível que chamamos de metáfora, ou seja, abolindo um termo e colocando outro que seja suposto de igual valor. Não estou utilizando aqui o mesmo modo conceitual de Lacan quando fala em metáfora como substituição significante, e sim que determinada formação, no Secundário, se impõe e expulsa outras formações em contrário para um nível de recalçamento. É um processo semelhante àquele que Lacan chama de metaforização e que não é senão instalação de vigor sintomático. Aí, estamos no estatuto mesmo da **neurose**, quando as pessoas acreditam piamente, porque suas vísceras assim o dizem, de maneira sintomática, que o incesto não é meramente proibido, mas algo que não é praticável porque o sintoma reclama. Já estamos, pois, no nível do recalque e, portanto, no que podemos chamar **segundo grau da reificação**. O que acontece de horroroso em toda e qualquer neurose é que algo do Secundário se torna reificado demais em nível segundo, em nível de forçação do recalque, mais do que meramente analógico. Então, mais parecido com o que é da ordem do Primário, mesmo não o sendo. É por isso que o sintoma, quando aflora, é algo que co-move mesmo a carne. São sintomas que entram no corpo e que o fazem movimentar-se de maneira esquisita. Sentem-se coisas no próprio corpo quando é aflorado o sintoma neurótico justamente porque ele está reificado. Ou seja, algo força uma inscrição secundária a ficar parecida com uma inscrição primária.

Esta é a estrutura da neurose, a qual não é para ser encontrada e se tentar curá-la em indivíduos apenas, pois toda e qualquer ordem social, toda e qualquer estrutura cultural, se funda assim. Nos momentos de criação de suas organizações sociais, porque até então lhe é inteiramente inconsciente, talvez a cada grupo social demore séculos para aflorar à sua mente que aquilo pode ser mero artifício inventado num determinado momento ou ser, por exemplo, forçado por alguém que, por uma suscetibilidade ou um acontecimento especial em sua vida, tivera quase que espontaneamente encontrado essa sintomática como sua e, por algum movimento de poder, a tenha transplantado para outras pessoas. Então, no sentido primitivo, quando começa um grupo social, jamais o faz no mero primeiro nível de reificação, como mera analogia. A coisa, para poder

funcionar em nível social, já é forçada no segundo nível da reificação. **A cultura já nasce como implantação neurótica**, como algo sintomatizado até na carne das pessoas. Isto, embora seja inteiramente postiça e secundária. Qualquer pessoa entrosada na cultura ocidental sabe muito bem que a famigerada interdição do incesto é algo que as pessoas não têm muita coragem nem mesmo de supor a possibilidade de passar por cima. Isto está tão neuroticamente ancorado que chega a enganar os antropólogos e os faz construir teorias inteiras a respeito de certa universalidade de uma bobagem dessas que é historicamente constituída, certamente que no Neolítico. Não vamos desenvolver detalhes a respeito da neurose, mas ficar agora apenas com esta noção básica do que possa ser sua estrutura mínima para, depois, pensarmos em cima das nossas atribuições culturais.

A **morfose**, que vem em segundo lugar, é completamente diferente da neurose. Este nome pode ser novo para alguns de vocês, pois não é costumeiro no vocabulário psicanalítico, onde se costuma falar em perversão, que é a lata de lixo da ignorância psicanalítica. Tudo que a psicanálise não sabe, joga lá, sem fazer disso uma teoria muito propícia. A coisa menos ruim que se fez foi a tal estrutura perversa que Lacan tentou implantar, mas que está apoiada inteiramente nas qualificações edipianas e de Nome do Pai, etc., que absolutamente não interessam no escopo teórico que estou apresentando. Elas não vêm ao caso, mesmo porque, desde sua indicação por Freud, esse conceito me parece mal nascido por estar comprometido com a cultura de sua época e embrulhado em sua origem jurídica primeiro e médica secundamente. O nome é horrível e historicamente mal posto. Portanto, é um péssimo construto dentro da história da psicanálise. O que interessa é pensar de novo como pode aflorar essa suposição. Existe um livrinho de Lanteri-Laura, *Leitura das Perversões*, que cito freqüentemente, onde temos uma noção histórica do que aconteceu. O nome nasce da neurose instituída social, cultural e juridicamente. Determinado grupo social, com suas leis, etc., resolve chamar de perversão todo e qualquer comportamento, mais ou menos sexual, que esse grupo ache que esteja errado. A origem já é em cima da ordem sintomática. A medicina, com inveja dos

juristas, resolve chamar a si o direito de julgar a respeito e consegue, dizendo que os que têm esses comportamentos não são malvados, mas apenas doentinhos. E insiste, outra vez, em impor o conceito de perversão, que é um conceito aí médico a respeito de normalidade ou anormalidade de comportamento, sobretudo na ordem do sexual. Isso vai bater na mão da psicanálise com a mesma imundice teórica e histórica e repercute até o lacanismo. Não quero compromisso com esse tipo de história. Como na cabeça de Freud, as crianças, os bebês e os infantes são absolutamente franga-solta em relação às suas pulsões e pulsações, ele resolveu dizer que havia um negócio chamado perversão polimorfa. Ou seja, que as crianças seriam polimorficamente perversas, que topam muitas paradas em termos de tesões, e que a cultura, então, viria cercear, organizar, recalcar, etc. O que é absolutamente verdadeiro, com ou sem o nome de perversão.

Para pensar a morfose, como a chamo, e que incluiria o conceito de perversão um pouco modificado, preciso pensar o mesmo processo que aconteceu com a neurose, onde temos formações fixadas, mesmo espontaneamente, no nível do Primário. É o que chamo de **fundações mórficas** de um indivíduo, ou seja, formações primárias que estão lá organizadas. Na página 20 do Seminário de 1992, *Pedagogia Freudiana*, há um quadro com uma articulação sinóptica de todo o processo que vim desenvolvendo a respeito da questão da nosografia, mas com um erro de revisão bastante grave. Está escrito “formações” mórficas, o que é redundância. São *fundações* mórficas, que são as formações do Primário que insistem porque estão espontaneamente dadas. Elas são recalcantes do Originário, como já mostrei, mas, aí, já estão instaladas e insistem em sua forma. Insistir é querer fazer o que é uma fundação mórfica, uma formação fixada no Primário, passar tal qual para o regime do Secundário. Mas acontece que, no regime do Secundário, já há sintomas instalados, os quais vão cercear essas formações. Entretanto, o importante para nós é entender que o movimento da morfose é progressivo. As positivities apresentadas como formações no Primário tentam passar tão positivamente quanto, e do mesmo modo, de modo progressivo, para o Secundário e lá encontrarão barreiras de

recalcamento. O que são essas formações que tentam passar do Primário ao Secundário? Que movimentos são esses que pedem realização em nosso comportamento e que eventualmente, aqui e ali, sofrerão ou não processos repressivos de maneira a torná-los recalcados? Não são senão aquilo mesmo que Freud, lá nos seus antigamentos, chamava de **polimorfismo** da criança, que, por copiar aquele nome horroroso da história, ficou com apelido de perversão polimorfa. É simplesmente o polimorfismo das formações primárias querendo se exprimir com seus tesões de origem espontânea. Não serão acolhidos. Mesmo porque alguma organização do mundo e da vida vai dizer que todas as pulsões não são válidas, pois criariam um caos, etc. Isto, afora a sintomática dos maiores que lá estão, que, em determinado momento de certa cultura, são os detentores da maioria, os portadores do poder e que dirão quais são as pulsões válidas ou não. O movimento aí também é progressivo: são as pulsões, pulsações, intenções gozosas do Primário que tentam passar ao Secundário.

O que acontece na morfose é que estas intenções pulsativas não sofrem recalcamento. No caso da neurose, sofrem recalcamento, instalam uma ordem sintomática e empurram para fora dos costumes e dos usos algumas coisas que são contrárias às formações sintomáticas. Mas toda e qualquer formação que esteja espontaneamente desejosa – atribuir desejo a uma formação pode parecer esquisito, mas é o possível – de comparecimento no nível da cultura, mesmo sofrendo recalcamento, insiste, dá uma voltinha, acopla-se a determinada outra coisa e, através de um conchavo sintomático qualquer, faz vir à tona o recalcado. Isto, nem que seja através de algo aparentemente ruim porém gozoso, como é um sintoma neurótico. Sintoma não é contra a cura quando aparece no neurótico. É um extravasamento do retorno do recalcado, acoplado com alguma outra coisa e fingindo que é outra coisa, mas que acaba dizendo o que é recalcado e que está com vontade de tomar a palavra. O movimento é sempre progressivo e positivo. O que quer que compareça é positivo, não há negatividade na estrutura. Só existe processo de negação quando há processo de interferência recalcante. O recalque chega querendo negar, mas a formação é positiva. Ela terá que recuar e se acoplar com outra para

aparecer como sintoma. Na cultura, é a mesmíssima coisa. Todas as formações indesejáveis – os sem-terra, por exemplo – são retorno de um recalcado que certamente fará explodir algo de sintomático por aí. Ou seja, agora agüentem o rojão do recalque anterior! Quem mandou recalchá-los?

No caso da morfose, então, o que acontece justamente é que, seja porque as forças recalcentes não foram competentes para alijar do processo alguns elementos insistentes que pareciam desagradáveis, seja porque tal pessoa ou tal situação política ou social, que porta esse vigor pulsional, não desiste apesar das forças recalcentes – o que dá na mesma: as forças não são competentes de um lado e, de outro, o bicho é tihoso, não abre mão dos seus movimentos pulsionais –, o que quer que compareça positivamente no campo do psiquismo é pura e simplesmente da ordem daquilo que as pessoas, de maneira tosca, quiseram chamar de perversão. Ou seja, repetindo, o que, durante séculos e na história que vai do jurídico ao médico e ao psicanalítico, chamaram de perversão é a pura e simples positividade de uma insistência pulsional. Isto é assim mesmo. Donde se retira que não há nenhum movimento pulsional de qualquer ordem, qualquer tipo de realização, que não seja “perverso”. Vamos parar com esse negócio de querer fazer a distinção entre formações pulsionais que sejam perversas e outras não. Isto não existe. Toda formação que adere a um movimento pulsional, na positividade da sua insistência, é perversa, segundo o conceito do polimorfismo freudiano. Posso abolir o nome, que não serve para nada, e dizer que são puramente tesões. Tesão é um troço perverso, pronto!, o que vamos fazer? Aliás, se abolirmos todo tesão, nem conseguiremos mesmo existir, como perversos ou não. O que acontece é – não no nível da pura e simples perversão, da pura e simples insistência de um tesão dentro do mundo a possibilidade de se estatuir e se fixar, poderosamente às vezes, uma morfose. Isto é outra história.

O que é uma **morfose**? Vocês viram que a insistência do movimento pulsional é tão progressiva quanto na neurose. A vetorização é importante, pois faz muita diferença para o entendimento de outras formações nosográficas. A morfose é um aparelho um pouco mais pesado do que a pura e simples insistência

de um movimento pulsional espontâneo tentando passar para o Secundário porque é um movimento que passa positiva e progressivamente para o Secundário, começa a receber uma carga de repressão no sentido de recalcar esse movimento, mas, ao invés de aceitar o recalçamento e ter que desviar-se por formações sintomáticas para apresentar de algum modo o retorno do recalcado, simplesmente não o aceita e insiste em sua formação, direta ou indiretamente. Como? Diretamente, quando acha caminhos de se esgueirar por dentro das formações recalcentes na cultura, na sociedade, e de funcionar tal qual veio: determinado tesão que a cultura diz que não pode e o sujeito acha caminhos para freqüentar esse tesão no escondidinho ou na tapeação da cultura. Indiretamente, e isto às vezes fica parecendo compromissado com a ordem do recalque, quando as forças recalcentes são muito grandes e o sujeito não faz daquilo um desvio sintomático, e sim um desvio no olhar da cultura. Ou seja, como não pode fazer diretamente, inventa um modo de gozar do mesmo jeito, mas apontando para algo diferente do que a cultura espera que aponte. É o que chamamos de fetiche. O sujeito consegue gozar em cima de determinado elemento formal, de uma formação qualquer, um sapato, um cabelo, seja lá o que for, que contém embutidos, sem que os outros notem, todos os elementos originais de sua insistência perversa. Não vamos tratar aqui de cortes de pirocas e de xotas, pois esta é a estupidez da história da psicanálise. É simplesmente fazer embutir aí por um desvio metonímico e não metafórico, se quisermos dizer assim. Quer dizer, não é da ordem da formação de recalque ou de sintoma, mas sim de um empurrãozinho para o lado. Você está olhando para cá, mostro sempre isso e olho para isso. Você vê um sapato, eu vejo outra coisa e gozo direitinho segundo as minhas intenções. Mas não é isso ainda que caracteriza a morfose, e sim uma perversão, no sentido mais banal do termo: o tesão e o desvio de tesão diante da opressão, da repressão, do outro.

O que caracteriza mesmo a morfose é quando o indivíduo faz da sua reafirmação pulsional uma tentativa de legiferação. É importantíssimo entendermos isto para poder entender a estrutura da própria cultura e da própria sociedade. Uma coisa é eu ter os meus tesões insistentes, renitentes,

que empurro no Secundário, reafirmo contra as opressões, contra os recalques, etc. Outra, é: já que sofri o processo repressivo no sentido do recalque, não só não recalco e insisto, direta ou desviadamente, como vou fazer daquilo a estrutura do legal, da lei. A ponto de, se tiver poder, impor essa estrutura a todos. Isto é que é morfose e que posso chamar não de perversão, mas de **perversidade**. Inclusive isso que inventei com o nome de **perversidade social**, que é notória em todos os momentos da história. Por exemplo, hoje em dia, perversidade social tem o nome de neo-liberalismo. Leiam por favor o livrinho de Viviane Forrester, *O Horror Econômico* (São Paulo: Unesp, 1997). Seria tão interessante se fosse um psicanalista que o tivesse escrito, mas foi uma jornalista. Ela mostra que, seja qual for o embasamento do neo-liberalismo, está propiciando uma perversidade social inédita e não muito diferente da perversidade social chamada nazismo. Então, quando tomo o meu modo de gozar e quero impor a todos como sendo A lei do gozo, isto sim é da ordem da perversidade. Simplesmente querer gozar de seu modo, é a perversão de todos. Seja diretamente, porque a sociedade não viu, não proibiu ou, às vezes, aplaudiu. Se a estrutura do psiquismo, em sua última instância, é de neutralidade e indiferenciação, **toda e qualquer perversão é da mesma ordem**. Então, quando, porque a sociedade assim definiu, o pai acha uma gracinha o filho ser machinho e o leva para o puteiro, ele está aplaudindo a perversão do menino e instalando uma nova perversão nele. Ou não? Se ele eventualmente escolhesse outra perversão, talvez papai não gostasse...

O que importa conceitualmente é que o que é positivo se encaminha progressivamente, e sempre em positividade, para o Secundário, lá insiste contra os processos repressivos que tentam fundar o recalque, sucumbirá ao recalque eventualmente como neurose, mas voltará como retorno do recalcado, como sintoma, ou não sucumbirá e lutará de frente impondo sua própria organização ou produzindo um fetiche de lateralização, etc. Quando isto se tem como **vontade de legiferação**, entramos definitivamente na ordem da morfose. Aí estamos num lugar nosográfico. Não é alguém ter determinada perversão, determinado gosto de forma de gozo, mas sim estruturar todo seu movimento psíquico,

sua relação social, etc., como imposição desse elemento como a forma legal de gozo. Encontramos isto com muita facilidade do ponto de vista da sociedade quando ela, porque lhe interessa, aplaude uma perversidade da pior espécie – e aí estou falando de morfose – como legiferadora de sua ordem. Isto existe, é só estudarmos a história que vamos encontrar. Acabei de citar alguns exemplos. Do mesmo modo como, porque não lhe interessa, pode reprimir (não uma perversidade necessariamente, mas) uma perversão que não faz mal a ninguém e que poderia até desencadear movimentos de maior bem-estar. Não podemos ser tolos – pelo menos aqueles que ousam se chamar de psicanalistas – a ponto de engolir engrupimentos desse tipo. Mas acontece também o contrário. Por exemplo, de alguém estatuir-se no nível da morfose perversa, ou seja, perversista, no nível de uma perversidade, e tentar apresentar como cura de alguém ou de algum processo a instalação legiferante desse processo. Como, por exemplo, um dito psicanalista começar a meter na cabeça das pessoas que têm que passar para um certo lado erótico porque isto seria a salvação. De quem? Deve ser a dele. Não temos nada a ver com isso, cada um que fique com seus gostos e seus gozos. Também isso, que fica dando a impressão de uma atitude libertária, pode, no fundo, ser uma atitude legiferante por parte de um doentinho que ocupa um lugar suposto de cura. É muito sutil. Cuidado, pois isto existe, bate em nossos consultórios e ficamos com a notícia.

A morfose de que estou falando e que aí está se estatuinto como processo de legiferação, tem duas faces. Além da face perversista, tem **a face negativizante, que é a fóbica**. Vocês podem estranhar, pois a fobia tem sido, há anos, colocada no nível da neurose e a estou colocando no da morfose. Não vamos confundir medos que acontecem no nível da neurose com fobias, pois a estrutura é diferente. Quando observamos o que está acontecendo, o fenômeno pode parecer o mesmo – alguém ter medo disso e daquilo, que são da ordem do recalçamento, da ordem do sintomático –, mas, na fobia, é diferente. Algumas positivities do Primário passam, mas são negativas para o movimento do indivíduo. Ou seja, assim como o indivíduo pode ter determinado tesão insistente positivamente para o Secundário, pode ter também um horror insistente. **O**

avesso da perversão é a fobia. Freud dizia que era a neurose, mas em outro sentido. De outra vez, conversaremos sobre isto. Aliás, isto está explicado no texto da *Pedagogia Freudiana*. O fóbico é aquele que permite que alguma formação insistente passe direto, progressivamente, para o nível secundário e legisfere sobre ele. Diferentemente do perversista, não é ele que está usando sua forma de gozo para legisferar sobre o mundo. Ele toma determinada forma como legisferada por outrem e que recai sobre ele de maneira inarredável. Algo importantíssimo é que, quando se consegue conferir com precisão uma fobia – e não um mero medo, um *phóbos* qualquer da neurose – e se começa a mexer aquilo na análise, vai surgir o quê? A perversidade do indivíduo, e não perversão. Façam este exercício no laboratório. Quando encontrarem um medroso – falemos palavras comuns: um cagão – em torno de algo, ele pode ser simplesmente um neurótico com medo ou um fóbico no sentido morfótico. Se descobrirem que é o segundo caso, insistam em cutucar a fobia que aparecerá diante de vocês um perversista. Isto é batata. Quando apertarem demais, ele revira para o lado que pode revirar, que é para o avesso, no local onde está habitando, na morfose. Foi assim que descobri que o negócio era esse. Comecei a apertar demais certo fóbico e ele mostrou todas as unhas.

A tal **psicose** é um caroço duro de roer. E que está freqüente aí na cultura o tempo todo. Há funcionamentos psicóticos de montão. Temos toda a história da psiquiatria, Freud com seus maluquinhos, Schreber, por exemplo, e depois temos aquela pedrada, o grande monólito significante de Lacan, que é a tal *foraclusão do Nome do Pai*. As pessoas não fazem a menor idéia do que seja isto, mas, pelo menos, podem repetir que houve foraclusão e ficar felizes da vida... enquanto o psicótico se arrebenta. Evidentemente, não pode haver este elemento em meu teorema, pois não acredito em foraclusão do Nome do Pai. Do que se trata, então, na psicose, segundo este aparelho? Em nossa seqüência, é a primeira vez que aparecerá uma reversão do vetor. Não vamos confundir psicose com todo tipo de maluquice. Alguém pode não ter cérebro, ter a moleira mole, um parafuso a menos ou perdido um pedaço do miolo. Não é disto que estou falando, e sim de algo que se fundamenta assim. O conceito

de psicose diz respeito ao que acontece quando as formações positivas, como em todo lugar, insistem em sua passagem do Primário para o Secundário, vão até o Secundário e, em lá chegando, a força recalcante – seja pequena ou grande – é **suficiente**, em determinado indivíduo, determinada cultura, determinado meio social, para fazer um pouco mais do que mero recalque que retorne por via sintomática. Para aquela situação, ela é violenta demais. E isto é uma proporção, pois, às vezes, não é preciso uma força de recalçamento muito violenta para fazer sucumbir o indivíduo que tem certa fraqueza, delicadeza, na percepção desses fenômenos recalcentes. Não temos esta medida. Teríamos que ter precisamente a medida da força recalcante e precisamente a medida da força de impacto em determinado indivíduo. É uma questão de proporcionalidade. Mas a definição continua válida. A força recalcante é suficiente para produzir mais do que mero recalque. Ela vai conseguir produzir o que chamo de um **hiper-recalque**. Isto é que é o fundamento de psicose, mais nada.

A estrutura da formação da **psicose** não é diferente da estrutura da formação da neurose. Na intensidade, é que é diferente – e reverte o vetor. O que se tem pensado até agora é que a estrutura é completamente diferente desde o começo. Foi o que Lacan pensou com a famigerada forclusão do Nome do Pai. Por via de suas armações significantes, ele mostra que não entrou o significante da lei, que o indivíduo que já era doido desde sempre, simplesmente, um dia, topa com um pai e se torna o psicótico. Não há isto em meu teorema. Aí, não é uma coisa de início, *ab initio*, mas simplesmente a mesma coisa que funda a neurose, intensificada ao extremo. Isto significa uma mera proporção entre forças, que fará com que o recalque puro e simples, conhecido pela neurose, capaz de retorno do recalcado, se transforme em hiper-recalque, que é o **terceiro grau da reificação**. Então, primeiro, analogia, depois, recalçamento e, agora, **hiper-recalque**. A reificação aí está plena. Isto em seu sentido mais amplo, usado em filosofia, em Marx por exemplo, que tem um conceito de reificação próximo disto quando a apresenta no seio da sociedade com relação à economia. O sentido da reificação em terceiro nível é de que o

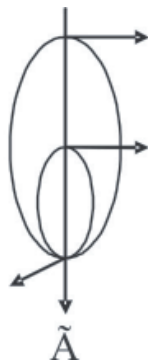
recalque é tão potente que nem mesmo o retorno encontra saída. O bloqueio não elimina o recalcado, que não é eliminável, mas empacota aquilo de tal maneira que é como se houvesse uma reversão radical no processo. Ou seja, ao invés de a coisa ser progressiva, torna-se regressiva porque algo inscrito no Secundário começa a funcionar não como uma analogia do Primário, não muito parecido com o Primário, mas como se fosse mesmo etológico. A coisa é tão bloqueada, tão sem saída, que tudo funciona como se fosse não uma proibição, mas uma impossibilidade. Esta é minha hipótese sobre a psicose.

Os efeitos disto são radicalmente diferentes dos efeitos na neurose. Não vão aparecer sintomas, que são indicação de retorno de recalcado, mas vai degradingar tudo em torno do eixo do hiper-recalque. Ou seja, em torno do eixo onde o hiper-recalque funciona, aquilo fica não como se fosse um *point de capiton*, um ponto de basta mero e simples, mas um verdadeiro arrebite, uma soldadura. Aquilo não tem como se movimentar porque foi fixado demais na história do indivíduo e funciona como um elemento etogramático. Quando começa a se movimentar, mesmo no nível primário, ou alguma injeção secundária tenta movimentá-lo, aquilo não sai do lugar. Então, o indivíduo desarranja tudo e precisará, por exemplo, formular um grande delírio para inventar uma maneira de dar a volta no hiper-recalque. Isto é evidente em Schreber. Já desenvolvi isto na *Pedagogia Freudiana* e não retomarei hoje. Lembremos apenas que algo, no nível secundário, diferentemente de todas as crianças normais, bateu nele dizendo que sua sexualidade estava inscrita no órgão sexual. Se o órgão sexual é macho, logo ele é macho e não há a menor possibilidade de ser feminino ou fêmea. Se ele é macho, como vai ser feminino? Isto é um hiper-recalque, pois qualquer outra criança daria a volta, ficaria veadinho um pouco, ou, pelo menos, daria uma transadinha e depois diria que era coisa da infância, essas coisas que conhecemos, e passaria o resto da vida fazendo, por exemplo, toda a homossexualidade de um Congresso, aquela punheta recíproca, aquele troca-troca. Ou seja, passaria o resto da vida exercendo sua homossexualidade com a maior competência, ainda que desviada neuroticamente. Para ele, não é

possível mexer naquilo. Então, ele pifa, pois há um hiper-recalque na zona do Secundário que começa a funcionar como se fosse primário, o qual, quando passa pela cabeça de Schreber a frase “seria uma maravilha ser fodido como uma mulher”, não pode permitir nem que dê uma gozadinha com isto porque não consta no protocolo, está reificado. Então, explode, pois a frase vem à cabeça já que os outros elementos não estão hiper-recalcados, têm permissão para comparecer e comparecem, mas não têm onde registrar isso, porque não consta que um indivíduo do sexo macho possa funcionar nem mesmo metaforicamente no sexo fêmeo. Então, ele só tem uma saída: pedir a Deus para transformá-lo em mulher. É o delírio dele. Estou sendo rápido demais e meio leviano, mas quero apenas indiciar que toda a loucura do delírio de Schreber não é senão para fazer o que Lacan destacou muito bem com o nome de eviração. Não é emasculação, mas simplesmente que ele precisava virar de sexo na carne para poder ser compatível com a frase que o acossava mesmo não tendo registro no Secundário. É como se ele primariamente fosse heterossexual. Ninguém na espécie humana é homossexual nem heterossexual primariamente. Isto só existe na cabeça de Schreber e de outros psicóticos.

O importante aqui é que o vetor é regressivo. Ou seja, a formação que veio para o Secundário, aí chegou e sofreu um recalque tão violento que começou a se comportar como se fosse do Primário. E isto ninguém agüenta. Quando é solicitado que aquilo funcione de algum modo, com muita veemência, por várias circunstâncias, pifa o sistema e o indivíduo começa a ter que produzir ou delírios ou alucinações para justificar a correlação impossibilitada entre o que aflora no nível do Secundário e o pé preso definitivamente no nível do Primário. Terá isso cura? Isto é outra história. O importante é saber que na cultura, nas sociedades, em instituições, como universidades, associações psicanalíticas, etc., vivemos momentos psicóticos, de reificação de coisas que são simplesmente dialetizáveis no nível do Secundário.

O que seria isso da **tanatose**? É um fenômeno ao qual só se pode ter acesso segundo a maquininha de Revirão que construí:



Quando consigo indiferenciar o que quer que haja para o interior do Haver, estou disponível – às vezes, mesmo dentro de grande angústia – para uma hiperdeterminação. Mas algumas pessoas ficam mais ou menos perdidas naquele ponto de indiferenciação. Isto pode acontecer com qualquer um de nós por algum tempo, até mesmo no processo analítico. Parece assim que a pessoa fica perdida naquele lugar, que pifou de vez, que não tem mais volta. Ou seja, pela análise, por sofrimentos, por porradas que toma na vida, etc., ela consegue chegar a um ponto de indiferenciação, mas não lhe advém uma hiperdeterminação criativa, pois está mais ou menos perdida ali, e nem ela desce para o cotidiano das oposições. Se você fica de dentro do Haver, voltado para o não-Haver, mas não em regime de espera de uma hiperdeterminação para retornar, e sim estasiado ali, paralisado, é o que chamo de **tanatose**. Às vezes, a pessoa pode ficar estasiada ali o tempo suficiente para sucumbir mesmo, ou, se não, para desistir. Faço a suposição – e isto teria que ser desenvolvido com calma, não é para este Seminário – de que **melancolia** e **autismo** psicologicamente gerados estão nesse lugar. Um autista pode ser alguém com defeito na mufa, mas se é um autismo gerado psiquicamente, suponho que é uma paralisia naquele lugar. Então, no mesmo lugar onde o místico se extasia, onde o poeta se inspira, aí, não sabendo como lidar ou ficando aprisionado, o cara pode se tornar um melancólico ou um autista.

Isto comparece também no seio da cultura, e comparece firme. Se fizermos uma análise profunda de muitas obras de arte, por exemplo, verifica-

remos este comparecimento. Não é que o artista estivesse, ele, necessariamente no regime da tanatose, e sim que poderia estar pensando a tanatose, que é não pensar senão em passar a não-Haver. Claro que isto é impossível, mas ele quer constituir a passagem a não-Haver. Tenho citado com muita frequência a obra de Rothko, um pintor americano da melhor qualidade, que já morreu há tempo. Sua maneira de morrer, a meu ver, estava inscrita na tanatose. Ele foi, mediante a anulação da cor, tentando constituir a cor. Ele queria passar a não-Haver com todas as cores. Claro que se acabou em preto absoluto. E quando atingiu o preto absoluto na pintura, se matou. Acho isto perfeitamente compatível com a idéia de tanatose. Exemplo *princeps* que podemos encontrar em muitas situações: a pessoa está nesse limiar e não consegue voltar, fazer obra, isto ou aquilo. Ou faz a obra no sentido de especificar essa passagem, fica por ali. Não vamos comentar o autismo, que é muito complicado, mas esta postura tanática no regime da criação é visível. Assim como o que chamamos de melancolia está situado ali e não é da ordem da neurose, da morfose ou da psicose.

- Pergunta – *A depressão também?*

Não necessariamente. Uma depressão pode ser simplesmente, e costuma ser, a luta de um indivíduo com as forças recalcantes. Ele sucumbe antes ainda, ou depois mesmo, de fazer aparecer vários sinais de retorno do recalcado, etc. O sujeito fica sem forças. As forças são poderosas demais e ele começa a sucumbir.

- P – *Pode-se criar neste lugar?*

Sim. É caso a caso. Qual é a posição do sujeito ali? Ele entra numa exaltação mística? Vai lá e retorna como criador? Ou fica insistindo em exprimir essa vontade de passar?

- P – *Mas quando ele insiste em exprimir, quando produz alguma coisa, já não retornou?*

Sim, mas o que estou dizendo é que a obra está marcada por um princípio tanático. Ele quer exhibir, dizer isto, e não o retorno. Ele não poderia exprimir sem retorno, mas ele quer dizer isto. No caso de Rothko, é *princeps* o exemplo

porque sua insistência acabou mostrando com o suicídio que ele queria passar mesmo, junto com a obra. Mas ele queria atravessar dizendo, à diferença do outro, que não diz nada. Ele queria, junto com a travessia, dizê-la. É isto o que entendo em sua obra e nele que é um dos maiores artistas da América.

A tanatose, de qualquer modo, ela mesma, também é progressiva. São as coisas, as insistências pulsionais, os tesões do Primário para o Secundário, querendo chegar ao Originário e passar a não-Haver. Notem que o único movimento regressivo mostrado até agora é a psicose, que encontramos fartamente na cultura. Assim como encontramos movimentos de tanatose também. Basta darmos um passeio por determinadas culturas, pela África contemporânea, por exemplo, para vemos a cultura inteiramente melancolizada pela impossibilidade de respirar direito. É uma cultura tanática.

• P – *Ano passado, você falou em tanatose e que ela também tinha um rabo preso, só que a extensão do movimento progressivo seria diferente de um movimento psicótico...*

O melancólico, este que encontramos freqüentemente no consultório, é meio canalha. É diferente de estar numa situação como a de uma tribo africana. Digo que ele é ligeiramente calhorda porque está voltado para lá, mas tem o rabo preso. Ele não faz, por exemplo, o movimento radical de um Rothko que tenta exprimir isso nem que seja se matando para experimentar o processo. Não. Ele fica lá se lamentando, se lamentando... Ele está virado para o lado de fora, quer passar a não-Haver, mas está se lembrando de tudo que está para trás e que queria ter e não está tendo. Ele podia simplesmente dar um golpe, por exemplo, de criação. Podia lhe acontecer, por exemplo, de fazer um bordel, um escarcéu. Já que não tem nada a perder, que se dane. Ele fica paralisado ali esperando que, de algum lugar, alguém lhe dê algo, ao invés de botar logo para quebrar ou virar um místico, alguma coisa. Ele fica – sabe-se lá por quê, não temos que culpá-lo por isso, mas é meio calhorda – ali naquela lamentação eterna e com nostalgia das coisas, mas não vai buscar nada.

E por último – que tampouco desenvolveremos aqui –, temos essas coisas que chamam de **psicossomática**. Os fenômenos chamados

psicossomáticos podem aparecer no seio da cultura. Pode, por questões de estruturação social e cultural, haver epidemias de síndromes psicossomáticas dentro da cultura. Mas também é um movimento regressivo, segundo o nosso pensar. Não vou desenvolver, como disse, mas quero adiantar que é algo do Secundário encontrar um processo de reificação que não é hiper-recalque, que não é da ordem da psicose, mas que encosta no Primário a sua reivindicação secundária. Ou seja, exprime através do Primário. Como explicar isto ninguém sabe, nem eu. Um dia, conseguiremos. Minha hipótese é que algo do Secundário, ao invés de tomar expressão secundária, vai tentar um encosto em algo do Primário. Por que posso pensar assim? Porque trabalho no regime do homogêneo. Se há homogeneidade de substância entre Primário e Secundário e no Haver por inteiro, deve haver caminhos de vazamento. O que talvez não saibamos é encontrar o caminho por onde vaza no Secundário. Que vaza do Primário para o Secundário, sabemos, é fácil, é o progressivo. Como vaza do Secundário para o Primário é o que não sabemos ainda. Vemos que vaza e aparecem os sintomas na carne. Mas como, não se sabe. Uma maneira boa de pesquisar isto é insistir no estudo da hipnose, pois aí consigo fazer esses vazamentos. Consigo hipnotizar uma pessoa, encostar o dedo, dizer que é uma brasa e aquilo aparece como queimadura, com bolha e tudo direitinho. Está demonstrado que vaza, só nos resta saber como vaza. E é regressivo.

Com esses elementos é que, no segundo semestre, pensaremos as questões da modernidade, da era global, etc.

• P – *Na morfose positiva, não ocorrendo pressão recalcante no nível secundário, há algum sofrimento psíquico?*

Às vezes, nenhum. Sofrimento zero. É o que encontramos frequentemente dominando sociedades inteiras. Um perversista, filho da ... mãe dele, dominando uma situação inteira, sem o menor sofrimento. Impondo sofrimento aos outros, mas se sentindo muito bem. Ele está gozando na maior. E quando encontra uma sociedade suficientemente covarde ou que está de acordo com aquela besteira... pois quem é o escravo do morfótico? É o neurótico, que é aquele que adora morfótico, que está doido para tomar porrada. Não porque

seja masoquista, e sim porque, em sua ordem sintomática, está frequentemente com sintoma de gozo apontando uma repressão como válida. Aí aparece determinado tarado que diz aquilo com veemência, todos correm atrás. Às vezes, o analista deve ser, para com o neurótico, duro como o morfótico. Isto para ver se ele sofre mais um pouco e toma vergonha. Esta é uma questão importante, pois vemos isso no seio da sociedade, dos estados, e não queremos reconhecer como doença porque tomou o poder como princípio vencedor naquele momento. E basta estar no poder que há uma tendência da neurose a lambear as botas, a baixar a cabeça. É muito difícil, imediatamente, haver uma recusa e uma contestação.

Não é apenas no caso positivo. Podemos encontrar fobias vencedoras sem nenhum sofrimento no seio da cultura. Um grupo imenso pode ser unânime quanto a determinada fobia que todos mantém serenada porque faz parte do sistema. Se você tiver uma criança, for membro da pequena, média ou alta burguesia, e ela apresentar os elementos fóbicos do seu interesse, você vai aplaudir e ela ficará feliz porque tem medo daquilo que o papai gosta que ela tenha medo. Mas, daqui a pouco, isso vai se apresentar como perversidade já que o horror, o medo intrínseco daquela morfose é aplaudido, vira legislação e passa imediatamente para o lado da perversidade. Podemos, aliás, inaugurar um estudo da cultura, da sociedade, da história, da política, de todos esses recantos, colocando o dedinho na ferida na hora que quisermos, pois a coisa não se define. Não basta dizer que fulano é fóbico. Ele é fóbico em que situação? Vencedora ou vencida? Ele sofre ou goza? Porque gozar e sofrer é muito parecido. Sofrer é uma forma de gozar, gozar é uma forma de sofrer, as coisas passam por aí. De repente, ele, por uma fobia aplaudida, está exercendo um direito de legislação perversista. Saiam dessa. É preciso estudar caso a caso. Há que ser muito vivo. Outro dia, aqui nesta Escola, me contaram um fato que aconteceu. Certo Ministro da Educação, mais ou menos fardado, da época da ditadura, querendo assustar nosso querido mestre Emmanuel Carneiro Leão, que ocupava certo cargo, dizia que eles estavam até temporizando, mas que a direita estava toda encapuzada. Emmanuel lhe respondeu que não acreditava.

Aí o sujeito disse: como não acredita? Ao que Emmanuel retrucou: se está encapuzada, como o senhor sabe que é direita? É brilhante, pois acaba com qualquer morfótico.

• P – *Para falar da tanatose, você fez uma aproximação entre melancolia, autismo e obra de arte. Que relação você faz entre a obra de arte e o trabalho do delírio na psicose? Não cumprem a mesma função?*

Mas aí não estamos necessariamente em caso de tanatose. Não precisa ser na obra de arte, pode ser na ciência, na psicanálise, etc. Quando estou constituindo um teorema, como o que estou constituindo, por exemplo, em última instância, ele sofre da sua instalação psicótica. A última instância de uma produção de conhecimento é o que chamo de **psicose-limite**. Quando um matemático, de algum modo, ainda que por um acordo dialogal entre pessoas, fixa determinado axioma do qual certamente dependerá o desenvolvimento inteiro de seus teoremas, ele ao mesmo tempo que está propondo numa boa, sem psicose, determinado princípio de construção, está constituindo, não para ele, mas para aquele objeto, um ponto de reificação. Não que ele seja psicótico necessariamente, mas o objeto é uma produção que, em última instância, sofre dessa denotação psicótica. Por isso Freud dizia que não havia diferença alguma entre Schreber e ele. Do ponto de vista da construção, o rigor é o mesmo, só que ele teve sucesso onde Schreber fracassou. O problema é explicar o que é ter sucesso onde o paranóico fracassa. É que, talvez, ele constitua um grande aparelho delirante chamado psicanálise, mas não tem que embarcar nele. Se acreditar, com fé, no meu aparelho, não sou psicanalista, e sim psicótico. É uma ferramenta que uso, mas não me confundam com ela. Se não, não há chance de continuar.

19/JUN

11

O ESTRATO DE ALTER/EGO

Vamos terminar hoje o semestre e retornamos em agosto. Tratamos, nesta introdução geral, da questão da Cultura na Era Global. Foi preciso colocar primeiro o trabalho teórico para, no segundo semestre, terminar o raciocínio que vai abranger até o Brasil. Quero falar do último Estrato de abordagem da cultura, que chamo de Alter em oposição a Ego. Este é complicado e demoraria muito se fôssemos tratar dele com muita especificidade. Farei apenas uma pequena introdução e teremos oportunidade de vê-lo funcionando com mais propriedade por ocasião das aplicações que pretendemos fazer desses teoremas à questão específica da cultura e, sobretudo, da idéia de globalidade hoje.

Entretanto, os acontecimentos forçam as coisas. Antes ainda de entrar no tema de hoje, me sinto no dever de fazer alguns comentários sobre certo livro que apareceu por aí, um livro francês, um dicionário, onde se pretende fazer uma certa história da psicanálise no Brasil. Não que o tenha lido. Não li. Falam dele. Um dicionário de Elisabeth Roudinesco, onde a autora tem, como disse, a pretensão de fazer a história da psicanálise no Brasil em nada mais do que nove páginas, de 143 a 151 inclusive. Não sei como coube (se é que aquilo é alguma história da psicanálise no Brasil). Este livro, como disse, não li e talvez nunca mais venha a ler, dada a desconfiança que tenho agora em relação a seu texto. Apenas me enviaram – alguma alma caridosa, ou muito pelo contrário – xerox das páginas que citei. Além de uma pletora de erros – históricos, digamos assim –, o texto encerra juízos ensandecidos. Bem fazia Lacan que não gostava

e nem confiava em historiografia. Diversas vezes disse isso e os historiadores ficaram chateados. Tal como ele nos ensinava, podemos, com um livro como este, mais uma vez, verificar que uma pessoa auto-intitulada historiadora não passa mesmo é de *estoriadeira*. Além do mais, pensar que, quando fomos por essa autora solicitados, abrimos francamente, honestamente, todos os nossos arquivos institucionais e pessoais durante semanas a uma sua “pesquisadora” – com ou sem aspas – que veio recolher material para o tal dicionário. E por fim, o que saiu foi a joça que qualquer um pode verificar. Depois, ainda queremos julgar mal as entrevistas costumeiramente divulgadas pela mídia que, com frequência, deformam o que dizemos. Isto quando os ditos “historiadores” não fazem melhor nem um pouquinho. O que nos lembra Edgar Morin que diz que “enquanto a mídia produz o baixo cretinismo, a universidade produz o alto cretinismo” (*Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa: Instituto Piaget, p. 18). E, nós outros lá da UD, chamada UniverCidade de Deus, ficamos agora sem saber a diferença entre pesquisa e espionagem. Ninguém ainda parece se dar conta do Gulag que vai implícito na suposta disseminação da psicanálise.

Senão vejamos. O verbete é “Brésil” e, na página 150, depois de falar dos meninos bem comportados da estirpe jesuíta do lacanismo, estirpe esta que fundou algum troço lá em cima no Recife, diz que se trata do “primeiro círculo lacaniano do Brasil, o Centro de Estudos Freudianos”, fundado em 1975. Aqui, na dependência de qualquer pesquisa melhor feita do que esta, ponho pelo menos uma questão. Tenho certa dúvida de que seja o primeiro círculo do Brasil, mesmo porque o Colégio Freudiano já estava fundado quando fui convidado a ir lá para fundar esse negócio junto com eles. Estive lá conversando, falando, fazendo conferência. Foi até engraçado, pois me pediram uma conferência e achei que tinha a obrigação moral de falar sobre o mais recente Lacan. No meio da conferência, fui surpreendido por uma vontade de linchamento no seio do público lá deles porque falava umas coisas que, certamente, eu estava inventando e que não existiam no pensamento de Lacan. Simplesmente, eles não sabiam ainda da existência dos nós borromeanos e pensavam que eu estava inventando lorota. Anos depois, um dos participantes, Durval

Checchinato, se deu ao trabalho de publicar um pequeno artigo se retratando, dizendo que o pessoal não entendeu que eu falava de algo que não conheciam ainda. Muitos anos depois, então, já houve esse retratamento. Mas a ignorância era vasta naquela época entre eles. Duvido que tenham sido o primeiro, pois, quando fui lá, já havia Colégio Freudiano e eles estavam me convidando para fundar. A não ser que já tivessem fundado algo no papel e eu não soubesse. Recusei-me peremptoriamente a participar daquela instituição que, na ocasião pelo menos, se pretendia hegemônica em termos de Brasil. Queriam, antes que alguém metesse a mão, tomar conta do lacanismo no Brasil. Disse-lhes que era contra, que não me chamo Jacques Lacan, moro no Rio de Janeiro e, se conseguir conversar com meia dúzia que está aqui, já faço muito. Ainda mais, conversar com o Brasil inteiro... Não é a minha possibilidade.

Mas a moça vai se referir aos jesuítas – e são todos jesuítas, até ex-batinados, ex-padres – dizendo que “esse grupo, saído da tradição erudita dos jesuítas, manifestou uma independência de espírito em relação aos dogmas, evitou submeter-se ao centralismo parisiense” – sabe-se qual é – “e se manteve” – agora é que vem o bacana, que vão falar do herege – “afastado das extravagâncias xamanísticas do célebre lacaniano brasileiro dos anos 1970, Magno Machado Dias, mais conhecido com o nome de MDMagno”. Então, sou o célebre lacaniano brasileiro dos anos setenta. Mentira, pois essa celebridade lacaneta durou pelo menos de 1970 a 1988. Ela está me devendo. Continua ela – ela me deu espaço, isto é importante – “analisado por Lacan em alguns meses” – completamente verdadeiro –, “esse esteta *carioca*” – muito obrigado – “culto e sedutor” – culto, acho que sim, sedutor, só vocês podem dizer (não sei o que ela terá sentido, e não é da minha conta) –, “professor de semiologia na universidade” – erro grave, só se ela estiver se referindo ao começo da década de 70 quando eu ensinava semiologia na PUC, e não é o de que se trata hoje –, “fundou em 1975, com Betty Milan, outra analisada de Lacan, o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (CFRJ)”. Correto: foi fundado em Paris em setembro de 1975. “Ele se tornou o terapeuta de todos os membros de seu grupo” – não é verdade: eu era terapeuta de alguns membros do meu grupo, os

quais eram terapeutas de outros tantos – “que se amontoavam sobre seu divã” – não me chamo Jacques Lacan, não amontôo nada em cima de divã, sou contra ficar amontoando em cima do divã, não pratico essas coisas – “e em seu Seminário”. No Seminário, é verdade, estavam todos lá. “Sem dúvida, eles reencontravam nesse lugar essa dialética ‘tropical’” – ela vai me inserir no que pensa ser a história do Brasil –, “descrita por Freyre” – Gilberto Freyre –, “do senhor branco e do escravo negro”. Não sei de onde ela tirou esta idéia, a não ser que o escravo seja eu: o único crioulo que há no Colégio Freudiano sou eu, o resto é tudo branco. “MDMagno deu ao lacanismo *carioca*” – mentira, pois foi brasileiro – “uma furiosa expansão e seu Colégio foi o núcleo inicial de todos os outros grupos formados em seguida no Rio por sucessivas cisões”. Também errado do ponto de vista histórico, pois o Colégio não foi o grupo inicial de todos os grupos do Rio de Janeiro e nem se criaram esses grupos por cisão do Colégio. E, piormente – aí contra nós –, não foi no Rio de Janeiro, e sim no Brasil inteiro que se espalharam colégios freudianos, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

“Evoluindo no sentido de um culturalismo radical” – quem teve a competência de me ouvir e de ler algum texto meu, sabe que isto é uma asneira: ela quer me chamar de culturalista porque contesto determinadas formulações do estruturalismo –, “ele se colocou como o pai fundador da psicanálise ‘abrasileirada’ [*brésilianisée*]”. Segundo a nova genealogia” – vejam que bacana –, “Freud era o bisavô, Lacan era o avô, MDMagno é o pai”. A única coisa que citei, remotamente numa carta a Lacan, foi dizer: Freud avô, Lacan pai. Foi só o que disse e, hoje em dia, sou até contra. Não gosto desse negócio de Amãe, Opai e Ofilho, e já estou pulando para Oespírito e para o Amém. Eles estão ainda metidos na saga do Primeiro, do Segundo e do Terceiro Impérios. Agora vem o melhor de tudo: “Quanto à ‘doutrina’ do novo profeta” – que sou eu –, “ela parecia a dessas seitas descritas por Hermann Rorschach” – ela põe o que vai dizer sobre minha doutrina no passado, para deixar a coisa em equívoco, com medo de não saber do que estou falando. “Ela preconizava a identidade dos sexos” – nunca falei isto, mesmo porque tenho olhos para ver – “e convidava

todo analisando” – e aqui a coisa já passa para a ordem da canalhice – “a passar ao ato: com uma mulher, se ele fosse homossexual” – não sei por que o contrário não podia ser possível (a moça tem certas manias) – “e com um homossexual se ele fosse um heterossexual, etc.” Ou seja, inventei a cura perfeita. Se você é macho, dá o rabo; se é mulher, cai de boca na xota. Acho que nunca aconselhei esse tipo de coisa. Aqui termina o longo espaço que ela me cede e, logo depois, vemos o porquê disso tudo. Começa ela o parágrafo seguinte: “No fim dos anos 80, Jacques-Alain Miller...” ...veio consertar tudo. Então, reestruturaram a patota.

Está aí o que ela pôde dizer – com ou sem o asneirológio geral – de mim. De qualquer modo, ela faz as coisas melhor do que tantos outros – até mesmo conterrâneos meus – que intentam aniquilar o meu trabalho com o seu apagamento absoluto. Pelo menos, a autora me distingue com um bom pedaço de texto, mesmo maior do que o que ela ficou devendo para alguns de seus comparsas subservientes, dos quais ela não fala no livro (eles devem estar meio putos). Algo nisso aí se evidencia, não tenham a menor dúvida: que valores são supostos à Nova Psicanálise para a tratarem assim com tanto medo? Isto é a meu favor. Será, enfim, que eles supõem que a psicanálise é a superação da ciência judeu-cristã onde Milner e eu, ou qualquer um de nós, podemos enquadrar Lacan com a maior facilidade? Então, se for isto, a Glória internacional parece que já começa a nos beliscar, embora ainda pelo avesso. Em quanto tempo será que um Revirão haverá de colocá-la de vez pelo Direito? Mas me pergunto: a troco do quê uma pessoa supostamente tão honesta, tão fina, se rebaixaria a ponto da maledicência infundada e da difamação gratuita? Será reserva de mercado? Solidariedade de patota? Dizem por aí, ouço dizer, que os psicanalistas andam meio desempregados lá na França – *chômage psychanalytique* – e que procuram por aqui ganhar *algum* vendendo bugigangas importadas a tupiniquins deslumbrados. Alguns me sugerem que, muito bem pesquisado, não seria difícil encontrar, nisso aí desse livro, algum evidente racismo propriamente dito. Se não for ainda essa velha mania francesa de indefinidamente explorar colonizados – coisa que há muito tempo tenho denun-

ciado nos campos que costumo freqüentar. Mas hoje eles têm a colossal desculpa da globalização desenfreada – de que, aliás, estamos tratando –, o que na verdade significa o CALABOCA, supostamente poderoso – e é preciso provar primeiro esse poder –, determinado pelos chamados primeiros à simples manifestação dos chamados terceiros. E isto até com a ajuda de alguns calabares nacionais. Contudo, os sem-terra culturais da globalização canalha ainda não estão pedindo a nenhuma madame francesa permissão para pensar com a cabeça própria.

O mais triste, portanto, nisso tudo, não é ser divulgado com distorções irresponsáveis e com intenções aviltantes, o que se dará aliás mundialmente (a se imaginar a vendagem enorme que terá o tal livro) – pelo que agradeço pelo menos o marketing do meu nome –, mas sobretudo ter que perder uma referência, dantes suposta confiável, numa autora que prezávamos por suas posições declaradas – hoje vemos que as declaradas não coincidem com as factuais –, e num trabalho que respeitávamos por sua aparência de seriedade e que acaba por se demonstrar pelo menos leviano. Se, quando trata do que eu e mais alguns bem conhecemos, os erros e as distorções são assim tão claras, o que devemos pensar quando ela fala de outrem sobre os quais não temos suficiente informação disponível? Fico perplexo, sobretudo, com a maneira notavelmente imbecil de considerar o meu conceito de Revirão: este conceito não preconiza nenhum comportamento, sexual ou qualquer outro (mesmo porque isto de nada adiantaria): muito pelo contrário, sugere afastamento e indiferenciação. Já houve quem deixasse o Colégio Freudiano por não concordar com a minha postura excessivamente sublimatória, como já me jogaram na cara. Aliás, em tempos como hoje, se tivesse que preconizar algum comportamento sexual – que não preconizo nem que aquela senhora bem o queira –, seria o da absoluta castidade (também é um tesão – se não, perguntem aos místicos e aos santos que são contumazes disso). Para encerrar, depois de tudo, e acima de tudo, que não venham encher o meu saco!, se não chamo o nosso guarda-costas caipira, Manoel de Barros, para vir correndo botar “rabos de papel nos príncipes” e também nas princesas, sejam eles caboclos ou francesas. Está encerrado este assunto.

Quanto ao tema que hoje deveria nos importar, do Estrato Alter/Ego, o de que se trata é a posição e a reação das formações do Haver em sua relação recíproca. É a consideração do seu dentro e do seu fora; dos seus limites; e dos seus cadeados internos, os quais geralmente têm chaves apropriadas no movimento inter-formações. Em última instância, estaríamos falando do velho dentro/fora do Dr. Freud – que, aliás, virou o cospe/engole da Casseta Popular que está situado em alguns de seus textos, sobretudo no da *Verneinung* (A Denegação). Na relação de determinada formação com qualquer outra, elas podem estar inteiramente distanciadas uma da outra, mas, uma vez que entram em contato, há duas saídas: engole ou cospe. Isto como acontece com uma criança que, antes ainda de uma experiência, coloca alguma coisa na boca. Primeiro, ela põe na boca, depois cospe ou engole. Freud chamava isso de *Bejahung*, que é sempre da ordem do afirmativo, pois não pode haver reação de expulsão ou introjeção sem antes haver entrado. Por isso, toda entrada, toda *Bejahung*, é puramente afirmativa. Estamos, então, diante da questão (que só pode ser pensada no nível da relação que eventualmente transcorra entre formações aqui e agora) entre os processos que chamarei de Heterofagia – a possibilidade de deglutição do outro, que veremos adiante em nossa questão sobre o Brasil e que aparece no trabalho de Oswald de Andrade como a antropofagia da cultura brasileira, a devoração do bispo Sardinha, etc. – e a Heteroemia, ou seja, cuspir ou vomitar o que foi posto dentro da boca. E também a relação com a Homofagia e a Homoemia. Vocês talvez achem esquisito, pois quando falo em Heterofagia e Heteroemia parece perfeitamente compreensível: alguma coisa que se põe como outra para mim, eu a engulo ou cuspo. Mas acontece que, nas relações entre as pessoas bem como nas relações intra e inter-culturais, com frequência, pratica-se Homofagia e Homoemia. Ou seja, toma-se algo que é absolutamente próprio e se dá uma marca de alteridade para cuspir, jogar fora. Isto existe e existe demais na cultura brasileira.

Do ponto de vista do agente da experiência do cospe/engole, da experiência de fagia ou emia, cada formação, enquanto agente, deve ser considerada como um ego. Não sou o primeiro a dizer que o ego é um troço. Lacan já o

dizia. Para ele, ego é um objeto. Como não acredito em objeto ou em sujeito, ego é um troço, uma coisa, uma formação pura e simples. E a toda e qualquer formação tomada como agente, quero chamar de ego. Mesmo porque não preciso fazer diferenças entre ego e sujeito. Aliás, não quero usar este termo, não gosto dele, e não creio que isso exista. Acho que *sujeito* é uma frescura francesa. O que há é Gnoma, que é de emergência muito rara. Fazendo turbulências onde essa emergência? Numa Idioformação, que, como já lhes expliquei, é uma formação – que agora digo que é do tipo ego – afetável pela hiperdeterminação. Ou seja, uma formação afetável pela hiperdeterminação é uma Idioformação e se situa rara e eventualmente como Gnoma, como afetada pela hiperdeterminação, a tal ponto que podemos acompanhar as **metamorfo-****ses** – gosto deste termo, mesmo que, em outro tipo de situação, tenha falado em morfose – de uma Idioformação. Assim, isso que gostavam de chamar de sujeito, etc., é uma Idioformação rara e eventualmente afetável por uma hiperdeterminação, e que, no momento desta afetação, tem referência a Gnoma – ou seja, à exasperação que acontece entre Haver e não-Haver – e certamente tem a chance de uma meta-morfose. O que é a chance de uma metamorfose para uma Idioformação? Se, na turbulência, no movimento da hiperdeterminação, a formação se abre para o ainda não surgido no seio do Haver, para um novo que possa ter emergência, a Idioformação, no que, pela hiperdeterminação, passa a incluir esse novo, ela imediatamente já não é mais a mesma: ela se meta-morfoseia. Por isso, dada a pleora de formações que cada um de nós como Idioformação porta em nível primário, secundário e sobretudo na comoção originária, a impressão esquisita que temos de sempre permanecermos os mesmos, sem nenhuma referência subjetiva a sujeito. No entanto, em movimento, em transformação, em meta-morfose. Isto sempre deixou certos filósofos muito tocados a ponto de precisarem inventar a tal categoria de sujeito para dar conta, e que é absolutamente desnecessária.

A toda e qualquer formação, quando é agente de alguma coisa, posso e quero chamar de ego, seja este agente qual for, até um robzinho, pois não é preciso ter sujeito nem ser Idioformação para ser agente. Somos verdadeiros

animais o tempo quase todo, com raras intervenções de hiperdeterminação e, no entanto, somos agentes como qualquer cachorro que corre atrás do bife ou qualquer burrico que corre atrás da cenoura. São agentes de algo, mesmo que esse agente esteja determinado por certo elemento deslanchador do processo de seu agenciamento. Não vejo por que motivo nós outros, como pessoas humanas, somos menos sobredeterminados o tempo todo – isto se sabe de velho – e só de vez em quando, raramente, hiperdeterminados. Portanto, somos agentes forçados a agir por alguma determinação. Mas trata-se mesmo da determinação de possibilidades de metamorfose, em qualquer região do Haver, para as suas formações. Aí vocês me perguntariam: se não são Idioformações, elas não se metamorfoseiam também por si sós? Não. Já expliquei que as outras formações só sofrem eficaz metamorfose quando há empuxo do próprio Haver. As combinações criativistas que acontecem *in natura*, como se diz, não são nem verdadeiras metamorfoses, no sentido que coloco como hiperdeterminadas, e sim encontros, acoplamentos que se dão aqui e ali porque os cadeados, os fechamentos, das formações – que estão todas metidas dentro de um campo homogêneo, mas têm seus cadeados – estão disponíveis para esse tipo de encontro ou sofrem uma agressão tal que são rompidos momentaneamente em sua forma de cadeado e transformados em outra forma de cadeado. São, portanto, acidentes entre formações em nível menor.

O que nos interessa é que eu estava mostrando a série das possibilidades de acontecimento no campo do Haver, sobretudo no da cultura, ou seja, a série dos Estratos. O Estrato Alter/Ego – ou Ego/Alter, como se poderia chamar – é de extrema dificuldade em sua abordagem, pois é de uma amplitude muito grande que precisaríamos de longo tempo para tratar aqui. Já falei bastante disso, já há bastante coisa publicada, mas temos que pensar, por exemplo, a questão do chamado Outro, que aparece herdada da filosofia de Hegel dentro do discurso de Kojève transportado para Lacan. É uma questão hegeliana, kojéviana, na qual Lacan simplesmente mete a mão. Como vamos tratar dela? Se digo algo como Ego/Alter é para, pelo menos sonoramente, evitar o tal Outro, que é um saco, já tomou todos os discursos e ninguém sabe muito bem

do que se trata. Efetivamente, como posso falar de um Outro radical, se digo que o campo é homogêneo? Só posso falar uma vez: há um Outro radical, que não há. É o não-Haver. No campo de cá, não tem Outro algum. Vocês encontrarão por aí certas bobagens que, para fazer concessão à minha história lacaniana, já disse sobre o Haver como um todo poder ser chamado o Outro; que não há o Outro do Outro que é o não-Haver... Mas o não-Haver não é Outro, de modo algum, e sim o mesmíssimo de sempre. Apenas acontece que, dentro das explosões, da fractalização, do Haver, começam a aparecer diferenças. Olha o Outro aí, vocês diriam. Mas aí sim, posso começar a pensar o quê? Que certas formações, por explosão, fractalização, se fechando em pequenos sistemas, excluem o que a elas não pertence. Ou seja, pela simples forma de sua formação, por sua simples morfologia, por sua simples existência como formação, já excluíram alguns elementos que lá não estão. Essa pura e simples exclusão – que não é nem exclusão, pois não é uma atitude da formação – é que, porque a coisa se espatifa, se fractaliza, conseqüentemente o que não está aqui, aqui não está, está excluído daqui. Então, não é que isso excluiu o resto, e sim que isso tem o resto excluído de si. Essa pura e simples exclusão, qualquer Von Bertalanffy me daria razão, já é sistema suficiente para fazer com que a própria formação seja um *lock*, um cadeado de si mesma, a insistência em sua compleição e a rejeição dos encontros daquilo que poderia desmembrar sua estrutura de formação. Assim, a coisa começa a se heterogeneizar nas formações do Haver depois que o Haver se fractaliza. Essas formações são não heterogêneas umas às outras, pois todas são feitas da mesma carne, e sim sistemicamente outras em relação a cada uma. No entanto, os cadeados não são absolutos e definitivos. Vez ou outra, uma formação encontra outra que, em sua chave, tem pequenas possibilidades de abertura, de coisas que não foram regradas sistematicamente, então conseguem se acoplar. Ou seja, por uma agressividade violenta de outras formações, ou por um entrechoque brusco, elas podem romper seus cadeados e se acoplar, se misturar.

Então, quanto aos acontecimentos no seio de todos os Estratos que coloquei, temos que refletir, inclusive no seio da clínica, sobre os embates de

determinada formação, no caso, uma Idioformação, com outras formações e como ela vai reagindo aqui e agora, ou como reagiu no passado, ou como poderá mudar sua maneira de reagir no futuro em relação ao judô, à guerra, à polêmica, entre as formações, podendo se abrir ou não para elas. Isto é importante na consideração das formações em guerra, em polêmica, tanto dentro da cultura como no caso da clínica mais comum de consultório, onde se observa que se pode considerar, juntamente com seu analisando, o seu modo de se abrir ou não a determinada formação, de se deixar invadir ou não. Ou seja, de pensar modos de fazer a política dos cadeados, a política das fechaduras ou das aberturas, dos fechamentos ou dos abrimentos. Mas o caminho seria longo demais se entrássemos na discussão do outro e do mesmo...

Vocês se lembram que comecei o semestre com o encontro que intitulei **Agnus Dei**, onde fiz uma introdução e apresentei um texto colocando as questões do humanismo, do individualismo, da autonomia, da independência e da possibilidade de uma transcendência dentro da imanência no sentido de se criar algum referente. Questões que retomarei no segundo semestre com mais pertinência. Na seção seguinte, fazendo um resumo para os que não conheciam nosso pensamento, tratei da **ALEI/Revirão**, coloquei a questão da Pulsão de Morte, a estrutura geral do teorema que estamos utilizando e falei dos recalques Primário, Secundário e Originário. Depois, falei da **Ordem Implícita**, a ordem do Primário, Secundário e Originário, no sentido de conduzir à introdução do que, nas quarta e quinta seções, chamei de **Creodo Cultural**, ou creodo antrópico, que veio colocar as questões dos Impérios que se superam uns aos outros. Na sexta seção falei de **Oespírito, Amém** para situar o que é possível para além do Terceiro Império, onde essas senhoras francesas ainda andam chafurdadas, e coloquei a questão do individuholista como possibilidade de encaminhamento de nossa submissão. Na sétima, falei dos **Estratos das Formações Culturais** (que, talvez, devesse ter falado até antes): o Estrato Pulsão, que desenvolvi; o Estrato Recalque (Originário, Primário e Secundário); o Estrato Nosologia, do qual dei um quadro genérico; e o Estrato Alter/Ego, sobre o qual hoje estou falando um pouco. Na oitava, falei dos **Sexos do Haver**,

dentro do Estrato Pulsão, retomando as formulinhas da sexuação, de Lacan, de modo completamente diferente, para colocar algumas referências culturais, inclusive no sentido da observação da produção das obras de arte. Do **Estrato Nosológico** e da **Nosografia**, falei nas sessões nove e dez. E hoje estou dando uma pequena introdução ao **Estrato Alter/Ego**.

Em agosto, espero já ter disponível para todos a transcrição do Seminário deste primeiro semestre para que as pessoas possam acompanhar melhor nossos desenvolvimentos. Durante o segundo semestre, uma vez que já coloquei as bases teóricas e enderecei para outros textos, pensarei estritamente as questões da cultura, da política e do mundo contemporâneo. Inclusive da cultura brasileira, da nossa situação. Que horror é esse da Nova Psicanálise que está assustando essas senhoras indefesas, por exemplo?

Foi isto que aconteceu no primeiro semestre e espero que aconteça mais para adiante. Coloquem agora o que quiserem a respeito de todo o semestre.

• Pergunta – *O cospe/engole parece uma questão bem diferente da morfose, mas quando você falou da fobia não seria uma maneira de expelir, de colocar fora alguma coisa, de evitar?*

Poderíamos dizer que a atitude do perversista é de apropriação e a do fóbico de expulsão. Em última instância, o cospe/engole vai se adequar perfeitamente ao conceito de vetorização mais ampliado, o que, inclusive, vai ajudar a definir a diferença interna, por exemplo, à neurose (neurose obsessiva/neurose histérica) e à morfose (perversidade/fobia). Não gosto de generalizar, pois pode parecer que estou fazendo regras que absolutamente não existem, mas vejam que é muito freqüente – só freqüente, porque não é isso – percebermos no movimento histérico uma tentativa de deglutição, de apropriação, e no obsessivo, uma tentativa de repulsão. É o obsessivo, cujas frases e respostas, até no consultório, começam com “não...” para depois dizerem todo o sim.

• P – *Em relação ao recalque e à fixação, como fica o movimento do cospe/engole?*

Aí precisamos retomar o texto da *Verneinung*, que já trabalhei bastante em 1989, na *Est'Ética da Psicanálise*. O que há de importante é que esse momento serve como distinção e designação de uma série de coisas colocadas por Freud – e de que a psicanálise não pode desistir – do problema da pura e simples afirmação do que quer que compareça. Não há negação no comparecimento. Falei aí também da diferença sexual, do PIPI como diferença entre o positivo e o negativo da sexuação: simplesmente haver sexo, positividade de entrada e acabou-se. A distinção interna virá depois, e até o cospe/engole pode ficar interessante. Pode ser engraçado pensá-lo na transa sexual do ponto de vista anatômico. Mas o que importava, sobretudo, é a fundação do *não*, que Freud garantiu que não há no (seu) inconsciente. Ele não sabia muito bem o que era inconsciente, ficava perdido, cada hora dizia uma coisa. De repente, então, no inconsciente dele daquele momento, que estava certamente acoplado ao que posso chamar hoje de Revirão, não havia *não*. Ou seja, não há *não* espontâneo na estrutura do Revirão simplesmente porque o que quer que entre é afirmativo. Mesmo que apresente um oposto, o oposto também é afirmativo. Toda e qualquer fundação de negação é dada por uma ressonância no seio das formações do Haver do *Não* radical que funda o processo de castração, que é o não haver não-Haver. Isso ressoa dentro da estrutura do inconsciente, e mais, dentro da estrutura da disponibilidade à hiperdeterminação, a estrutura do Revirão. E mais, a espontaneidade do Primário oferece exemplos cotidianos com negação, que forçam a barra da aceitação da negação, do limite, etc. Negação que o psiquismo não quer acolher. E não é porque o cotidiano me apresenta negações que acabo por aceitar uma castração. De modo algum, pois eu podia fazer birra o resto da vida. Mesmo porque continuo fazendo: onde uma coisa não há, insisto que deva haver e consigo inventar prótese. Posso fazer um esforço hercúleo durante toda uma vida para inventar uma prótese para dizer *sim* ao *não* que a natureza quis me dar. Então, não é bem na exemplaridade reiterativa da chamada natureza que aprendo o *não*, e sim porque minha estrutura de última instância diz *Não* radicalmente ao que é desejado. Esta é a minha invenção privilegiada, a mais bonita e que não depende nem um

pouco do juridicismo lacaniano. O *não* lacaniano é jurdicista, jurídico, e não ontológico.

- P – *Trata-se então de dizer sim a esse Não, como resistência a esse Não?*

É uma boa pergunta. O que é uma prótese industrial? É o que vem em suplência a algo que estaria negado no seio do Haver. Ao não-Haver, não adianta. Tentamos, desejamos, mas este é Impossível absoluto. Então, vejam que, se ALEI é Haver desejo de não-Haver, o desejo não abre mão de fazer prótese nem mesmo de não-Haver. Só que desiste porque não vai conseguir. Não há dinheiro suficiente para comprar esse brinquedo.

- P – *A própria globalização não pode ser entendida neste sentido?*

Uma das intenções que está embutida na tal globalização é da melhor qualidade. É o que, antigamente, se chamava de **planetarização do mundo**, ou seja, constituir a prótese política de um mundo só. Só que a globalização atual – como veremos melhor no segundo semestre – não é bem a planetarização dos anos sessenta e setenta, mas sim, no fingimento da construção de um mundo só, fazer a grande sacanagem da imposição **morfótica** de determinadas posturas sistêmicas, o que exclui ou assassina 80% da humanidade. Mas é uma prótese, cuidado com ela, pois pode ser uma máquina de terror. Ou não – o que quer dizer que, se tomarem conta a tempo, de repente, faz a maquininha funcionar para o lado que presta.

A questão é importante porque o próprio Secundário, por inteiro, é originariamente protético. O Haver está aí disponível, pode ser o Nada em ação, ou seja, a indiferenciação em ação. Isto é que é Nada, em meu sentido. Do ponto de vista de nossa fabricação, todo o Secundário foi feito de maneira protética. Vejamos, por exemplo, o que seria um homem pré-histórico. Seria um homem que não demonstrou sê-lo ainda. Não porque vai fazer só história, e sim porque ainda está em estado de perplexidade e não construiu nenhuma prótese. Então, o que chamam de pré-história é absolutamente histórico, mesmo que não se tenha historiografia, pois ele já inventou o machado de pedra, etc., ou seja, já estava protetificando o mundo. Pré-história mesmo seria o homem no seu primeiro movimento entre animal e homem, e isto não é perceptível. Só é perceptível quando ele coloca prótese. Então, não há pré-história.

- P – *Quanto às próteses, podemos falar de inadimplência? Existiriam níveis de inadimplência, as absolutas e as relativas?*

Se há uma inadimplência absoluta de conquistar o não-Haver, podemos dizer que, por inadimplência de passar ao não-Haver, o próprio Haver produz suas próteses. Como? Mirificando-se num processo de fractalização. Todas as formações obtidas *in natura* são, então, próteses espontâneas da nostalgia do não-Haver. E são próteses estranhíssimas, pois são uma miríade de próteses para ver se conseguem figurar uma desplenitude, uma destruição de tudo. Como se poderia dizer o não-Haver que não há? Falando infinitamente sem parar ou fazendo silêncio absoluto. Escolham: ou silêncio absoluto ou nunca mais parar de se exprimir. É o que o Haver faz. Ele não consegue fazer silêncio absoluto senão quando se finge neutro. Suponho que, de vez em quando, ele passe pelo estágio de neutralidade. Alguns cosmólogos acham que isso acontece, que a segunda lei da termodinâmica não é uma morte, e sim um processo de indiferenciação, uma massa indiferenciada que, depois, se comove de novo, faz plicas no sentido de sua comoção continuada para o não-Haver. Então, teríamos perfeitamente o Haver explodindo em próteses. No caso nosso, de produção do Secundário – isso que chamam de simbólico, de linguagem, etc. –, há que inventar próteses. Isto porque um bicho que fica procurando o que não há, desesperado, revirando, ainda que muito raramente, ele não tem nada para colocar no lugar, a não ser inventando a prótese chamada Secundário. Esta também é uma das teorias que mais acho gracinha na minha produção. A **linguagem** é uma invenção necessária daqueles que reviram. Ela não é dada, e sim produzida porque sua causa é o Revirão.

- P – *Foi discutido em outros Seminários a questão da existência, na obra de Freud, de algum enunciado universal sobre a mente humana. Então, sua afirmação de que “há função fálica” pode ser considerada um enunciado universal?*

Há função fálica e indefectivelmente, pois o tesão não acaba, não pára. Isto é que é a afirmação da função fálica, que, em meu sentido, diz: é impossível eliminar-se o tesão porque não há A Morte e nem o não-Haver. Então, não

apenas afirmar isto é uma afirmação universal como, dentro deste escopo teórico, a função fálica é inarredável, não tem como ser destruída.

- P – *Como fica a relação disso com a hiperdeterminação?*

Só o que a hiperdeterminação consegue fazer é comover a função fálica, a qual, aí, não é senão o movimento mesmo da libido, do tesão, a *konstante Kraft* no movimento de desejar o não-Haver. Como não consegue encontrá-lo, pois isso não tem remissão de modo algum, pode acontecer de sofrer uma comoção no sentido da hiperdeterminação. Ou seja, na aproximação do não-Haver, vai tomar pelo menos uma porrada. Isto se chama castração, a qual não elimina a função fálica, apenas a desvia. É a ressonância dessa experiência que há para nós, como há para o Haver em geral considerado em sua materialidade, que nos dá a condição de reiteração em diversos momentos da função que Freud chamava de castração e que chamo puramente de quebra de simetria. As simetrias vão se quebrando como ressonância da grande primeira quebra de simetria tanto em nossa mente como no Haver.

- P – *E a isso corresponde o momento da afirmação inicial?*

E a primeira negação se dá como possibilidade.

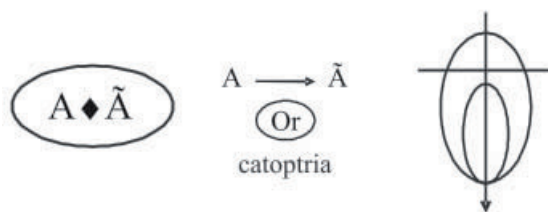
- P – *E isso corresponde ao que Freud coloca como recalque originário?*

Não. A construção do recalque originário em Freud é uma espécie de conjetura quase mítica para sustentar o resto do processo. Minha conjetura pode ter algum odor de misticismo, mas tenho pelo menos um discurso que me dá apoio, que é o da cosmologia no nível do Haver. A última instância da produção freudiana como Pulsão de Morte e entendimento da Pulsão como de Morte – portanto, posso tirar o de Morte e chamar de Pulsão – também me dá esteio para, pelo menos, me referir à paranóia dos outros. Quando me refiro à paranóia do antecessor, es ou numa boa, posso continuar falando besteira...

- P – *Freud fala em recalques originário e secundário. Você fala em Recalques Originário, Primário e Secundário. Você pode falar mais sobre a distinção entre Originário e Primário?*

Tenho que começar do Originário porque é a primeira quebra de simetria. O que é o Recalque que chamo de Originário? O Haver, obedecendo

ALEI que deseja o não-Haver, se encaminha para não-Haver. Como isso não há, ele não tem outra coisa a fazer a não ser retornar. Primeira quebra de simetria, não há o simétrico do Haver, o qual está sozinho para o lado de cá. É a isto que chamo de Recalque Originário, seja no nível da cosmologia, seja no de minha cabeça:



Se percorrer o que quer que seja numa intenção de busca de simetria, a última simetria que encontrarei é: Há e não tem o não-Há (A/\tilde{A}). Por isso, digo que A Morte não há, pois não há passagem para o Outro lado. O Recalque Originário é esta quebra de simetria, a qual funda o que chamo de Revirão. Ou seja, se tentei sair do Haver e passar ao não-Haver, que não há, tenho que recalcar de algum modo para continuar do lado de cá a minha intencionalidade de encontrar o não-Haver já que ele não há. Isto é castração, quebra de simetria. Mas o Revirão funciona para todo o resto disponível...

• P – *Ele se funda a partir daí. E você, neste ponto, faz uma correspondência com o que Freud fala do recalque originário como sendo o que funda a clivagem consciente/inconsciente?*

Não estou no mesmo lugar. O recalque originário em Freud é um mito que apenas tenta explicar o Secundário e não tem a abrangência que estou trazendo. Coloco o Recalque Originário como algo pertencente à estrutura do Haver nos níveis macro e micro. A coisa se estrutura assim e deixa de resto o Revirão como possibilidade. O que estrutura a mente dita humana, e de quem quer que haja no Universo com estrutura semelhante, é o Revirão, que resulta do Recalque Originário enquanto pensamento de recalque. Mas não resulta enquanto tal do Recalque Originário, pois o que fundamenta até ALEI é sua catoptria, o **princípio de catoptria** nela embutido, que vai procurando sempre

o oposto. Ou seja, ALEI se diz como princípio de catoptria, como exigência da simetria. Ora, por exigência de simetria, a última simetria é a busca do não-Haver que, não havendo, quebra a própria solução possível do princípio de catoptria. Então, de volta, vai quebrando, explodindo tudo e tirando a possibilidade de apresentação imediata dos simétricos. Portanto, vai fazendo ressonância da quebra de simetria. Mas a quebra de simetria dentro do seio do Haver não produz impossíveis do Outro lado, do ponto de vista simétrico, pois aí é Impossível absoluto. No seio do Haver, os impossíveis são apenas modais. Dependendo de certo custo, podem comparecer. Não é impossível absolutamente que compareçam. Quando o Haver se mirifica em sua explosão, vão aparecer as formações do Haver. Às vezes, todas viradas para um lado só, mas não é impossível solicitar e mesmo conseguir seu avesso. Como o Primário se funda virado para um lado só – não tem mão e anti-mão, pé e anti-pé, etc. –, chamo de Recalque Primário o que espontaneamente o Haver me apresenta. Isto porque, do ponto de vista do Revirão, o Outro lado pode ser pensado, solicitado, mas há um recalque, um recalçamento, algo que aconteceu e fez com que eu e anti-eu, matéria e antimatéria, não aparecessem juntos. Mas é possível fazer aparecer, até em laboratório. Isto é o Recalque Primário.

Então, porque há o Revirão, sobre a mimese do Primário começa a ser secretado o Secundário. Recalque Secundário só se dá no nível do Secundário, onde tudo é possível, onde se pode colocar o que quiser e o oposto. Do ponto de vista espontâneo, o custo é baratíssimo, a não ser que haja neurose, morfose ou psicose. Mas porque o Secundário imita o Primário, vêm os recalques, a quebra de simetria, tudo isso, e você tem que fazer um esforço enorme – por exemplo, fazer análise anos a fio – para se permitir pensar algo que nunca tinha pensado. Isto é que é o recalque Secundário.

- [*Pergunta sobre o sujeito*]

A tendência de todos os teoremas, no esgarçamento do uso cotidiano, é virar folclore. Quando um teorema vira folclore? Quando começa a ser falado por todos mesmo sem saberem do que estão falando. Hoje em dia, você abre qualquer papel, qualquer jornal, e lê “o sujeito, a subjetividade...” Nesse nível, é

folclore, mas em certos lugares deve ser falado com um pouco mais de responsabilidade. Quando se fala em sujeito, deve-se saber o que está falando.

- P – *Você quer diluir essa “função”?*

A própria idéia de sujeito nunca foi necessária no campo do pensamento. Uma região é que a colocou. Nada tenho a ver com isso. Já frequentei, gostei daquela festa, mas não estou mais nessa.

- P – *O que você fez com isso?*

Joguei no lixo. A pergunta da jovem estudante de psicologia é interessante, pois designa determinada coisa que esquecemos de observar. Ela tem razão de ficar com essa perplexidade. O sujeito está metido dentro de um modo de formação universitária: é apresentado aos alunos determinado construto como se fosse eterno, existisse por natureza. Ninguém diz que é uma invenção que veio de tal lugar, que o Dr. Lacan, porque quis, pegou e jogou aqui. Ele achou que era um bom troço. Ótimo. Parabéns. Ele fez uma teoria maravilhosa, da melhor qualidade, uma coisa finíssima, mas é apenas isto. Assim como você pode perfeitamente pegar o meu teorema e jogar no lixo.

- P – *De onde você tirou o Estrato Alter/Ego? Ele tem uma fonte? De onde proveio?*

De dentro de minha cabeça, mas não só daí. Podemos encontrar, por exemplo, certa correlação, embora não do mesmo naipe, no pensamento de Maturana e Varela, com suas maquininhas que funcionam autopoieticamente. Não há sujeito ali. O importante é não esquecer o vício acadêmico de co-naturalizar o conhecimento. Os lacanetas brasileiros, por exemplo, que nunca estudaram nada na vida, apenas ouviram falar de psicanálise e leram duas ou três coisas de Lacan, ficam pensando que Lacan inventou tudo, o sol, a lua, o mar, e que não existe ninguém antes nem depois. Se o pobrezinho ouvisse isso, ia ficar mal, pois era tudo menos burro. Ele era extremamente brilhante, inteligentíssimo.

Muito obrigado. Até agosto.

26/JUN

12

O GLOBO DA MORTE

Estamos de volta ainda com a questão da Comunicação e Cultura na Era Global. Quero supor que o material que já lhes trouxe seja embasamento suficiente para continuarmos tratando deste tema, agora com sentido mais genérico. No primeiro semestre não pude fazer mais que informar os elementos de nossa base para podermos ter configuração de campo teórico para continuar a conversar.

Fazendo uma pequena retrospectiva para recordarmos, comecei colocando as questões do humanismo e do individualismo, da autonomia e da independência, e da possibilidade ou não de uma transcendência no seio mesmo da imanência no sentido de se criar algum referente para nossa época. Em seguida, sobretudo para aqueles que não conheciam, fiz um resumo de nossa produção teórica e tratei da ALEI e do Revirão, colocando a questão da Pulsão de Morte como o conceito fundamental da psicanálise e como verdadeiro axioma do projeto teórico que desenvolvemos. Falei também dos conceitos de Recalque Primário, Recalque Secundário e Recalque Originário e coloquei esta seqüência como a verdadeira ordem implícita. Isto no sentido de conduzir ao que chamei de creodo cultural ou creodo antrópico, sobre o qual coloquei os Cinco Impérios – Amãe, Opai, Ofilho, Oespírito e Amém –, assim nomeados por razões que

foram claramente postas. Sobretudo, chamei atenção para os Impérios d'Oespírito e do Amém para situar o que me parece como possibilidade para além do Terceiro Império, que ainda regula as formações culturais em nosso planeta.

Depois, apresentei os Estratos das formações culturais: o Estrato Pulsão; o Estrato Recalque (Primário, Secundário e Originário); o Estrato Nosológico (neurose, morfose, psicose, tanatose e questões chamadas psicossomáticas); e por fim o Estrato Alter/Ego, que é o da relação e possibilidades de abertura e passagem entre duas formações, portanto de alguma possibilidade de comunicação. Dentro do Estrato Pulsão, um momento importante foi, retomando de modo radicalmente diverso as formulinhas quânticas da sexuação de Lacan, tratar dos Sexos do Haver (Desistente, Resistente, Consistente e Inconsistente) no sentido de colocar algumas observações culturais que dei como indicação na consideração da obra de arte e dos estilos no mundo (Clássico, Barroco, Maneiro, e de um sobre o qual ninguém fala: o Tanático).

Neste semestre, faremos a abordagem de alguns temas importantes. Sobretudo um, que é o tema da moda: o processo de globalização do mundo contemporâneo. Há alguns anos, no meio de um Seminário longo, intitulei uma das sessões *O Globo da Morte*. Na ocasião, eu falava da estrutura borromeana de certas coisas e tomava como exemplo o globo usado no circo, onde os motoqueiros correm. Eu fazia a suposição e tentava me explicar como aquilo funcionava sem bater dizendo que, talvez, a lógica do movimento correspondesse à lógica do nó borromeano que já conhecemos. Bastava substituir o por baixo/por cima pelo antes/depois que deveria funcionar. Ou seja, três motos correndo em três círculos armilarmente distribuídos – um horizontal, um vertical e um de perfil com cerca de noventa graus entre eles – já é o suficiente para estarem bastante afastadas, mas há os pontos de cruzamento. Nestes pontos, de certo modo, deveríamos esperar que batessem, mas não batem. Até fiz a sugestão de que, se puséssemos uma latinha de tinta pingando nos pneus, veríamos desenhado no chão um nó borromeano em círculo, onde cada toro está sempre inteiramente por baixo de um e por cima de outro. Isto faz com que, nos

cruzamentos, sempre se passe por cima de um e por baixo de outro. Se as motos corresse cada uma passando sempre antes de uma das outras e depois de outra, nunca bateriam. Mas tudo isso é folclore, não serve para nada. Estou apenas comentando o que falei na ocasião...

O difícil de pensar hoje é o outro globo da morte, este em que a gente vive e onde as motocas estão batendo. Os percursos não estão arrumados de tal maneira que não haja acidentes, desastres. Por mais que a atitude risonha da festa contemporânea queira fazer parecer que está tudo às mil maravilhas, acontece que está batendo mesmo onde não enxergamos, mesmo de onde não se faz grande propaganda, grande demonstração de que isto está acontecendo. Como existe uma quantidade enorme de textos, discursos e conferências a respeito da tal globalização, não preciso explicar de novo o que seja ou as suposições que fazem a respeito. Podemos tomar alguns pontos e fazer a tentativa de explicar para nós mesmos, segundo nosso critério, o que pode ser que esteja acontecendo com a tal globalização e como fica nossa situação no seio disso que se chama de **cultura**, à qual dei a definição mais genérica possível: **o próprio modo de existência de nossa espécie**. Ou seja, ao modo de existência da espécie humana chamo de cultura. Isto envolve todos os afazeres, todas as posturas da espécie. Então, o que pode, dentro dessa cultura, estar acontecendo ou vir a acontecer em função do processo de globalização? E como isso se comunica ou se trumbica dentro desse processo? O que será a globalização? Em primeiro lugar, a idéia que nos vem à cabeça, pelo próprio nome, é a de que o planeta ficou unificado. O globo terrestre, que acabei de chamar de globo da morte – não que a morte exista, mas porque, o tempo todo, se sonha com ela e com que se promova sua instalação –, parece que encurtou ultimamente, diminuiu de tamanho, pois tamanho é uma questão relativa, e os fluxos parece que o percorrem com rapidez cada vez maior. E, sobretudo, há um processo bastante intensivo de abstração das fronteiras, dos limites, que estabelecem territórios, materiais ou não, de diferença. Há fluxos extremamente intensivos percorrendo o planeta e deslocando, com certa força, certa radicalidade, as demarcações prévias que prezávamos tanto. Isto parece ser a

força, a intencionalidade, se não mesmo as características específicas, o modo de ser, desse fluxo. Ou seja, a formação que está em movimento sobre o planeta, é essa que chamamos de globalização.

A suposição mais repetida pelos textos disponíveis é de que se trata de um surto do capitalismo que, tomando conta do planeta, resultou num processo de globalização. Não sei se devemos reduzir o acontecimento a um fenômeno estrito do capital ou do capitalismo. Que haja uma forte expressão do fenômeno pela via do capital e de seus movimentos na face do planeta, não há a menor dúvida. Que o dinheiro seja, como já brinquei aqui, o único significante disponível, o resto sendo tudo significado, até pode ser possível, pois o dinheiro realmente é inteiramente significativo. Mas será que, no nível do que nos interessa em nossa reflexão, devemos delegar à idéia de capitalismo ou de capital a responsabilidade inteira pelos fenômenos da globalização? Quer me parecer que não. Há muitos autores que indicam diversas causas como, por exemplo, a pura e simples aceleração dos processos de comunicação, através da telemática, da informática, da cibernética, de todas as formações eletrônicas e digitais que estão percorrendo o planeta. É claro que a tecnologia faz os caminhos ficarem curtos e os cruzamentos se darem com a maior facilidade entre os mais diversos pontos do planeta. Isto tanto do ponto de vista geográfico quanto do de formação cultural, de organização artística, política, científica, etc. Por outro lado, quando o fluxo percorre com toda a intensidade e frequência o planeta – e cada vez num processo de maior aceleração, tomando vulto cada vez maior e com uma quantidade cada vez maior de pessoas envolvidas diretamente (pois todos estão envolvidos indiretamente) –, o que acontece é uma recrudescência, às vezes ingenuamente inesperada, dos mais arraigados sintomas relativos a formações arcaicas. São racismos, nacionalismos, imperialismos e localismos tomando conta do planeta também por debaixo desse processo de fluxo genérico.

Semestre passado, eu lhes disse que poderíamos definir esse momento dito de globalização como uma forte tentativa de apagamento de fronteiras, ao mesmo tempo que como a tentativa de fazer valer com mais força ainda essas fronteiras. É justamente por isso que muitos autores qualificam a globalização

como sendo inteiramente paradoxal. Haveria uma paradoxalidade na globalização porque há um efeito de integrar o planeta, ao mesmo tempo que os movimentos arcaicos ressurgem com muita força. Visto deste modo, o processo parece realmente um momento paradoxal. Como não gosto da idéia de paradoxo, sempre acho que há alguma formação sintomática que remete a determinados aspectos de oposição em termos de conceito de Revirão, portanto não acho que haja paradoxo, e sim um movimento de balanço entre duas posições nitidamente opostas. Há um certo Revirão que está em jogo e pulsando como um relógio, ou como um coração esquisito em sístoles e diástoles que vão a dois pontos inteiramente opostos. Precisamos, então, entender este quadro para começar a pensar a questão da globalização, da cultura e da comunicação no seio dessa globalização.

O que acontece que faz com que haja o forte fluxo de abstração de certas diferenças, de apagamento de fronteiras, e ao mesmo tempo ressurgimento virulento de intensificação de formações sintomáticas muito localizadas, muito menores? Como gosto de fazer o movimento contrário dos suspenses, ao invés de fazer o desenvolvimento para, no fim do Seminário, chegar à conclusão, apresentarei logo a conclusão para, depois, tentar mostrar por que estou pensando assim. Não quero, então, atribuir a capitalismo, enquanto *ismo*, o cerne da globalização. O que suponho é que o capitalismo é, até agora, a melhor invenção, a que melhor se presta, para a implantação de certa ocorrência no seio do movimento da cultura, no seio disso que chamo de creodo cultural. Ou seja, não é o capitalismo que é o cerne da globalização, e sim este movimento é que é o cerne daquilo para o que o capitalismo muito bem se presta. Então, o que é isso a que estou atribuindo o cerne da globalização? Quero supor que, durante toda a história da humanidade – tenha sido registrado ou não (e por vezes é franca e nitidamente registrado) –, freqüentemente comparecem, dentro do campo do que chamo de creodo cultural, creodo antrópico, os movimentos sucessivos como possibilidades de emergências diversas. Comparecem como? Mesmo que o planeta inteiro num certo momento estivesse mergulhado no que situei como Primeiro Império, que chamei AMÃE, não é possível que,

aqui e ali, ainda que por emergências individuais, algum artista, algum homem genial, etc., não apresentasse pequenas emergências de qualquer dos outros Impérios. É claro que a estranheza seria absoluta. No momento do vigor do Primeiro Império, qualquer emergência de Segundo, Terceiro, Quarto ou Quinto, pareceria uma loucura completa. Mesmo assim suponho que, aqui e ali, deslocamentos devem ter sempre surgido. Se observarmos o que nos foi narrado como sendo a história da humanidade, certamente encontraremos em qualquer momento planetário ou regional de dominância, de hegemonia, de um Primeiro Império, ali dentro mesmo ou nos arredores, emergências de Segundo Império, de Terceiro Império, etc. Certamente que emergências sufocadas por absoluta falta de possibilidade de implantação ou mesmo de qualquer sobrevivência de um discurso que fizesse eventualmente essa indicação. Quero, então, segundo meu ponto de vista, verificar que isso sempre aconteceu e que, de vez em quando, encontramos vendavais de emergências desses Impérios.

Como, em nossa carreira, em nosso périplo cultural de ocidentais, temos percorrido os três primeiros Impérios, quero supor que, segundo a dominância que é nitidamente de vocação ocidental desse fluxo que acontece em nosso momento, o vendaval que aí se espraia, que aí se espalha, e que já aconteceu por diversas vezes na história do Ocidente, é uma espécie de vento, é como se estivesse passando uma ventania de coloração de Quarto Império. Não consegue se instalar, até hoje não conseguiu e não estou vendo nenhuma globalização ser capaz ainda de fazê-lo instalar-se. Mas há surtos de Quarto Império na história do Ocidente. Não sou historiador, nem vou ficar fazendo aqui o levantamento disso, mas, vez ou outra que, como escuta de sintoma, me ocorra lembrar que determinado acontecimento pode me parecer um surto de tentativa de Quarto Império, posso tentar mostrar para vocês. Aliás, qualquer um poderia começar a fazer seu exercício próprio de suspeitar nos movimentos da história do Ocidente alguns surtos de Quarto Império. Algumas pessoas, por exemplo, vieram me perguntar, de maneira até crítica, se o cerne do cristianismo não seria já de Quarto Império. Na medida da palavra do mestre, colhida aqui e ali, até que poderíamos suspeitar algo desta natureza, ou seja, que ele indicasse um

Pai do céu que fosse o mesmo para qualquer dos humanos. Isto poderia ser a fala do Messias, mas a implantação como tal do processo chamado cristianismo não é uma implantação de Quarto Império, pois mesmo que tenha acolhido a mensagem desse modo, foi delegada uma construção cultural, um modelo eclesiástico pétreo – “Pedro, tu és pedra. Sobre ti construirei a minha igreja” –, determinada formação político-estatal, como sendo porta-voz daquela mensagem. Aí, então, a coisa se delineia nitidamente como Terceiro Império.

Podemos entender, por exemplo, que o Império Romano teria investido em determinadas formações que parecem de Quarto Império. Formações de valor eminentemente simbólico, no sentido de Lacan. Um caso é o da adoção, facilitada pelo menos para os patrícios romanos: adotava-se uma pessoa com a maior simplicidade. Isto pode parecer uma nítida postura Quarto Império, no entanto, o mediador de todas as transações era o Estado Romano. Queria mesmo tornar-se o império do mundo, organizando toda a estrutura do mundo. Quero também fazer a suposição de que, mais uma vez, nas ondas da aceleração da comunicação, da digitalização da mensagem, da eletronização de todos os processos, de todos os fluxos comunicacionais, e na onda de o capital e o capitalismo serem extremamente propícios para esse tipo de abstração, o processo de globalização que está em curso não é senão um surto de Quarto Império. Um surto, uma ventania, um vento que está passando, de tentativa de colocação do Quarto Império. A meu ver, no momento inteiramente fracassado. Se vai chegar a um ponto melhor, não sei. Isto porque a implantação do Quarto Império exige justamente que todas as transações sejam elevadas à categoria de mera abstração. Ou seja, que no vale-tudo das possibilidades de transação se possa ter uma suspensividade tal, uma indiferenciação tal, que todos os negócios, todas as transas, sejam possíveis e serão realizadas, ou não, em função de certa reflexão a respeito do problema em pauta, caso a caso. O modelo de abordagem das questões, dos problemas emergentes, não seria mais o modelo sintomático que ainda vige no Terceiro Império, e sim um modelo abstrante de suspensividade, de indiferenciação a todas as oposições alélicas no seio da cultura e, depois, um retorno ao seio da cultura e uma transa bastante disponível

no sentido do melhor encaminhamento possível. Isto não quer dizer absolutamente nada, mas as pessoas tentariam resolver segundo o que lhes parecesse ser o melhor encaminhamento possível em determinada situação. (Isto tem que ficar em suspenso para uma outra sessão porque é muito complicado).

Trata-se, portanto, de estabelecer uma relação social (sem a idéia de prêmio nem de castigo, mas simplesmente) de jogo de interesses no sentido mais abstrato possível, e uma tentativa de solução de todos os problemas no nível do menor custo, do menor sofrimento possível, da diminuição do mal-estar. Essas coisas que a psicanálise pensou por um lado e o marxismo por outro. Tanto uma quanto outro tiveram a tendência de ocupar, em razão de Quarto Império, todas as posições do planeta. É claro que foi um fracasso redondo de todos os lados, mas foi esta a intenção em seus processos de criação. Ou seja, como poder fazer o processo de análise de todas as questões, de todas as emergências do inconsciente, de maneira a se conseguir o menor custo de sofrimento possível, a diminuição máxima do mal-estar que será inarredável? Assim como o marxismo quis tirar da mão da burguesia, nitidamente de Terceiro Império, e, por um processo de distribuição genérica do capital através de uma revolução, da luta de classes, entregar os poderes à classe que, no marxismo e por Marx, era suposta ser a classe abstraente, que era o proletariado. Quebraram a cara, pois o proletariado, no final, é uma burguesia mal educada, não passa de um burguês sem educação. Como Marx adscrescia valor poético ao sofrimento do proletariado, pensou que isso podia emergir como sendo a abstração dos movimentos do capital. Ou seja, que o capital se tornaria verdadeiramente capital na mão do proletariado. Os marxistas vão querer me jogar pedra, mas, peço calma, pois explico depois...

Surtos de Quarto Império, um vento chamado OESPÍRITO está passando por aí... Mas esses surtos nunca colam, até hoje não colaram. Quero supor que vão ter que colar, ou não, não é obrigatório, mas, em algum momento, o Quarto Império terá talvez mais chance de colar. Por que é difícil ou praticamente impossível colar? Porque seria preciso que as pessoas, os grupos, os movimentos, mesmo de massa, envolvidos no processo estivessem no *mood*,

na disposição, na possibilidade de embarcar nele. Ora, qualquer terapeuta sabe muito bem, quando recebe alguém para análise, que essa pessoa quer ficar livre de seus sintomas... sem perdê-los. Quer não sentir os efeitos ruins daquele sintoma, sem ter que perder os bons. Todo sintoma é uma delícia. Para se conseguir usufruir de formações, quaisquer que sejam – portanto, formações disponíveis a se tornarem sintomas decantados –, sem ter que pagar o preço do assujeitamento a elas, há que conseguir funcionar em nível de abstração, de indiferenciação e poder tomar carona nas ordens sintomáticas e retornar para qualquer posição a qualquer momento. Mas não é assim que funciona a aderência sintomática de cada um. Todos estamos sintomatizados em nível primário, como macaco; em nível secundário, como culto (o que é uma prisão); e o nível originário, inteiramente soterrado por essas formações, de difícil emergência. Um surto de Quarto Império, quando atravessa qualquer situação social, qualquer situação humana, ao invés de arrebatá-la consigo as pessoas envolvidas no caso, ou todas as formações culturais, as mais diversas, secundárias e primárias, que estejam envolvidas em sua passagem, o que mais freqüentemente consegue fazer acontecer é justamente o contrário. Talqualmente acontece numa análise: toda vez que se tenta invadir o campo sintomático, ao invés de o indivíduo abrir sua razão sintomática a uma nova perspectiva, ele se tranca, reage e, como dizia Freud, *resiste* a qualquer intervenção.

Então, do ponto de vista psicanalítico, não há “paradoxo” algum do globalismo, como o pessoal de ordem econômica e sociológica costuma dizer, pois é um fluxo de abertura, abstração e ressurgimento de localismos, racismos, etc. É que toda vez que, diante de formações compactuadas entre si e compactadas em si mesmas, oferece-se uma possibilidade de disponibilização, a tendência não é aceitar, e sim imediatamente trancar, resistir e querer se impor outra vez como formação específica. Por quê? Porque é preciso muita operação analítica, é o caso de dizer, para não se temer viver num processo maior de abstração e indiferenciação, e não se temer por sua existência. Quanto mais eu estiver apegado às formações que me foram disponíveis no Primário e no Secundário, mais faço a suposição de que *sou* aquelas coisas. Qual é o

problema da neurose e de todas as formações de baixa extração? É que, quando me suponho sendo aquelas formações, se algum movimento vem no sentido de sua dissolução ou, pelo menos, de sua indiferenciação, tenho a impressão de que deixarei de existir, pois não quero atribuir minha existência a momentos mais altos das minhas possibilidades. Se, através de um processo analítico ou outro de abstração cada vez maior, conseguisse atribuir minha existência à minha função originária, digamos assim, eu acharia, como acho, que mesmo estando mais ou menos apegado a determinadas formações sintomáticas, elas definem minha posição dentro da situação, mas não definem a mim. Então, a mobilidade que qualquer um poderia ter entre as formações de uma situação dependeria, como depende evidentemente, de disponibilizar abstratamente sua própria relação com essas formações.

Vimos agora, por exemplo, do redondo fracasso do marxismo. Claro que não foi o fracasso do pensamento de Marx, e sim de sua aplicação a determinada formação de Estado, ao império soviético. Seu fracasso é anterior a seu desabamento, não tenham a menor dúvida. O muro de Berlim já não estava lá quando foi desabado. Ele, aliás, em nossa época, foi o símbolo da fronteira possível, o símbolo da distinção e da partição do mundo. É por isso, e não por outra coisa, que a *Spaltung* freudiana, que se referia certamente a outras idéias, virou sujeito barrado, \$, em Lacan. Não escapamos de ser pressionados pelos acontecimentos do mundo quando produzimos nossa teoria. Não só a barra do sujeito de Lacan se refere nitidamente à idéia de cifrão, de que significante mesmo é dinheiro, o resto todo é significado, como também ficava difícil pensar o mundo e o homem dentro desse mundo naquela época, que durou décadas, sem a presença do muro de Berlim indicando que a fronteira é uma coisa nítida e que divide o “sujeito”. Posso querer dizer, e quero, que a barra do \$ de Lacan não é senão o muro de Berlim. Agora que ele caiu, não preciso mais de barra sobre S e, portanto, não preciso mais do S. Não há sujeito nenhum. Esse fenômeno é o que está acontecendo: sumiço da fronteira, ventania de Quarto Império e, justo por isso, emergência de resistências as mais diversas dos panoramas antigos, imperialismos, regionalismos, nacionalismos, localismos,

racismos e todos os ismos que se referem a formações compactadas e que possamos descrever como sintoma.

Essa contradição interna do movimento de globalização não é, portanto, paradoxal, e sim que **toda e qualquer investida de indiferenciação suscita imediatamente o reforço das formações sintomáticas**. Por isso, disse há pouco que tem sido fracassado o movimento de globalização. São fortes fluxos de abstração e fortes reações sintomáticas, cada vez ficando piores. Aqui e ali, começamos a ver movimentos como, por exemplo, a política dos Aiatolás caindo um pouco por agora e já sendo uma tentativa de afrouxar o sintoma que está batendo de frente com o movimento de globalização, com o fluxo de abstração. Se não, a coisa pode sucumbir. Aí, temos forças, pressões políticas, entre a recalcitrância nas formações sintomáticas e o movimento de abstração. Pelo que estou falando, talvez vocês tenham a impressão de que estou apostando no Quarto Império, no movimento de globalização e achando que essas recalcitrâncias são umas doenças horrosas. Não é bem assim, pois a grande dificuldade de aproximação do Quarto Império, de fazê-lo funcionar, é justamente reconhecer que os processos e procedimentos de indiferenciação são utilizáveis talqualmente num processo analítico: **devo** me referenciar à hiperdeterminação, ao Originário, para suspender a pressão sintomática, mas tenho que retornar ao mundo e lidar com formações que não vão abrir mão de sua existência simplesmente porque, em última instância, ela pode levar junto com seu perecimento o perecimento da própria formação originária. Então, qual é a grande dificuldade (sem pensar em paradoxo)? A partir do quê temos que começar a pensar a questão? A partir de que temos que enfrentar a dificuldade de indiferenciação das oposições, mas retorno e capacidade de tolerância com a remanescência de certas formações (desde que estas não tenham que se comportar de maneira racista, ou seja, supondo que sua existência implica na eliminação da existência de outros).

Em suma, o que é isso? É a tentativa de um vale-tudo. A tentativa daquilo que jamais apareceu na face do planeta e que, anos atrás, chamei de Diferocracia. Não de democracia. Como, então, se poderia pensar na possibi-

lidade, se é que é possível, de implantação de uma sociedade, ou até de um estado global, um estado mundial, que pensasse em termos do que chamo de diferocracia? Ou seja, o museu de tudo: todas as formações são válidas e há que orquestrar permanentemente a sobrevivência de cada uma, administrar o conflito, evitar a guerra total e a guerra civil, mas, também, ter um trabalho extremamente difícil, se não impossível, de que cada uma pudesse vir a se reconhecer como mera formação, e não como o ser de determinados humanos. É uma tarefa praticamente impossível. Por isso é que esses vendavais passam e recaem na doença das formações parciárias.

Uma das formatações que queremos aplicar a esse fluxo de Quarto Império, de Espírito, é responsável pelo fenômeno que está acontecendo. Estamos na moda, por exemplo, de dizer que o neo-liberalismo é o dono da situação da globalização. De modo algum. Pode ser o processo que conseguiu mais força no momento e que tem disponibilidade para encaixe, mas não é por questão de neo-liberalismo ou neo-socialismo que o processo se formata. O processo é de outra índole. O neo-liberalismo é que tem cara de prostituição universal, no sentido de Marx. Isto porque a dificuldade de aceitarmos um Quarto Império generalizado é justamente a dificuldade que cada um tem de negociar seus sintomas. Quando me coloco, como existência, idêntico ao meu sintoma, ele se torna com a aparência de sagrado. “Não fica bem vender a mãe” – AMÃE, é o Império daquele que diz isto – é o tipo do exemplo que dizemos quando queremos falar que alguém não presta, que é capaz de vender a mãe. Mas todo mundo vende a mãe todo dia... ou aluga, empresta, faz alguma coisa, e não se dá conta disto. A denegação sustenta a razão sintomática. A razão sintomática é sustentada o tempo todo pelos movimentos denegatórios. Ele vende a mãe e diz: “Imagina se sou capaz de vender minha mãe”. Mas agora é tarde, já vendeu, já recebeu e já entregou... A dificuldade de lidar na ordem da razão originária, assim como a de qualquer terapia que dela se aproxime, a psicanálise entre elas, é que qualquer aproximação dessa ordem produz a resistência enorme de defesa dos elementos sagrados das formações sintomáticas. Ora, o neo-liberalismo tem a cara da prostituição universal. Ele diz que o que vale é o

mercado, independentemente de temporalizar, espacializar os valores, etc. Os liberais dirão que estou falando besteira, que não é bem assim que pensam, mas acontece que os movimentos – tiremos a palavra neo-liberal, para não implicar com eles – de hegemonia do mercado sofrem da possibilidade, aliás terrificante, de que alguns valores que precisam ser preservados, pelo menos para ficarem em algum lugar disponíveis para a humanidade em outros momentos, estão subditos à ordem pura e simples do mercado aqui e agora. Não que estejam subditos à ordem do mercado em sentido mais amplo, e sim que estão subditos à ordem do mercado aqui e agora. E a ordem do mercado aqui e agora é sempre uma ordem assassina de todas as formações que não sejam do interesse do mercado agoraqui.

O que há de terrificante e que vamos tentar pensar este semestre é que, na verdade, desde Freud, sabemos que não existe o menor movimento em qualquer um de nós que não seja da ordem mesma desse próprio mercado. Relutamos em apagar a fronteira entre o que é e o que não é prostituição. Há um mercado sério e há as putas. Mas será que alguém consegue desenhar nitidamente esta fronteira para nós, ainda mais hoje? A questão talvez não seja exatamente a de que o mercado é ruim, pois, desde que pensemos a longo prazo e com espacialidade muito ampla, na verdade o que fazemos é viver mercadeando nossos interesses, nossas demandas, nossos tesões. O que não se pode é declarar. Há que ter o processo denegatório. Matamos o outro e dizemos que foi um acidente, que jamais faríamos isto com aquela pessoa. Mas aí já fizemos... Do ponto de vista da psicanálise, sabemos que não é bem assim que funciona, que a questão não é de saber se, no amplo e irrestrito mercado das ilusões (pois não é outra coisa), devamos ou não nos comportar segundo a ordem do mercado, segundo o tema da prostituição universal. A questão é saber se a regionalização agoraqui do mercado, fantasiada de abstração, não está criando um monstro localizado. Ou seja, o que há de ruim no procedimento agoraqui do neo-liberalismo e da mercadologia mundial não é que seja o mercado amplo e irrestrito, e sim que é um mercado restrito. É que onde se finge passar um processo de globalização e de abstração está-se passando um processo de

interesses localizados, com cara de globalização. Então, é o fracasso do vento. A ventania de Quarto Império já fracassa quando não se consegue tirar o pé do freio que embarga o deslanchamento desse processo. Não sou eu o único a apontar isto. Deleuze, em algum lugar, não me lembro quando nem onde terei lido, acho que no velho *O Anti-Édipo*, lembra que o que há de ruim com o capitalismo não é seu modo de ser, e sim ele viver com o pé no freio, ele não se deixar realmente funcionar. Ou seja, quando entro com um processo de abstração, de globalização, de indiferenciação, de brandir o capital e o dinheiro como abstração total, e não o deixo funcionar a todo vapor, estou fazendo derrocar esse mesmo símbolo. Isto porque esse dinheiro, esse capital já não é mais abstrato, já tem cara, já tem rosto.

Então, o que há de ruim na globalização, na amplificação e generalização do mercado não são nem a globalização nem a generalização do mercado. Ao contrário, é a sintomatização, no seio da própria globalização e da própria expansão de mercado, com razões estritamente sintomáticas. Não é porque seja globalização, e sim porque é falsa a globalização. Não é porque seja um mercado amplo e irrestrito, e sim porque é falso o mercado. Isto porque, no processo de expansão radical de um vento de Quarto Império, todas as formações disponíveis devem ser guardadas e preservadas, pelo menos em estoque, para o movimento franco e pleno do mercado. O que vai dar a volta por trás e ficar parecido até com o neo-socialismo, onde não encontraremos fronteira alguma entre posturas supostamente neo-liberais ou neo-sociais. Então, estes nomes podem ser jogados fora. O que talvez possamos suspeitar do que escutamos nessa mixórdia toda é justamente o contrário do que se prega, do que se diz. O fluxo de globalização, o fluxo de aposta no mercado é falso. Utilizam-se denegatoriamente de maneira sintomática os procedimentos, as máquinas, as tecnologias, o capital, a comunicação e tudo que disponibiliza para a globalização.

Confesso a vocês que não sei se este tipo de indicação, de diagnóstico, já foi apresentado por algum autor, mas é o que me ocorre. Se alguém conhecer algum autor sobre o tema que diga a mesma coisa, por favor me apresente. É

o que me parece que pode ser pensado do ponto de vista da nossa psicanálise. Este é o *parti-pris*, o ponto de partida para começarmos a pensar Comunicação e Cultura na Era Global. É como vamos poder pensar caso a caso o que pintar para refletirmos a partir desta perspectiva: relações sintomáticas, relações de freiamento dos processos de abstração, dos processos de capital... Abrimos o jornal, em qualquer dia, a qualquer momento, e encontramos a turma da globalização – geralmente, hoje em dia, no poder: Presidente da República, isto e aquilo –, fazendo um esforço no sentido de derribar as formações que estão empecilhando o processo de globalização, segundo eles, mas ao mesmo tempo, com todas as atitudes denegatórias de reforço sintomático no seio da cultura, etc. Mesmo porque ele não pode fazer nada. Empurra um processo supostamente globalizante e, imediatamente, quando acontece algo no nível, por exemplo, da moral cultural, tem que dar apoio à fixação dessa moral. Já denunciei isto semestre passado. Como, num processo franco de globalização e de mercado, fica-se com medo da Dolly? Está-se com medo do quê? De clonagem? Por quê? Se aquilo tem a cara do capital e do movimento de abstração? São as tais contradições que, na verdade, são iguais a pai de analisando, aquele que nunca fez análise e coloca o filho no analista. Aí, o filho começa a virar gente e o pai fica em pânico. O garoto começa a pensar um monte de porcarias, porque lhe foi aberta uma porta. “As pessoas todas devem fazer análise, desde que seja uma análise bem comportada” – é isto o que pensam. Todo mundo deve ser global, mas com decência, do meu jeito...

Era o que eu tinha para abrir a questão.

• Pergunta – *Quando você fala que o que impede a globalização são as formações sintomáticas, isto não leva a questão para um beco sem saída?*

Se acreditarmos no que disse Freud, que analisar, educar e governar são impossíveis, ou seja, não chegam a termo, tudo bem, então o beco já é sem saída desde o começo. Mas a questão, a meu ver, é: que postura podemos ter para continuar manejando o processo sempre no sentido de sua cura? Vou fazer uma metáfora. É como se você fosse para uma terapia, para fazer uma

análise, e o analista estivesse o tempo todo – o que é extremamente frequente entre os chamados analistas que andam por aí – já com os limites das possibilidades de receptividade desenhados. Outro dia, li o livro de um analista, François Roustang, tratando de hipnose, onde ele dizia que é um risco total, quando alguém o procura porque quer matar a mãe – e quer matar mesmo – e o procura para ele liberá-lo das inibições que tem por querer isto. Não posso ser seu terapeuta se parto do princípio de que ele não pode matar a mãe. Tenho que acolher: vamos matar a mãe, estou metido no teu crime. O matar a mãe é muito relativo. De repente, ele pode literalmente acabar com a mãe e deixar a mulher viva. Mas não posso nem ao menos me dar esta desculpa, se não não estarei acolhendo exatamente aquilo onde devo mexer. Então, o que há de errado na postura que está por aí, que vige no processo de globalização, de mercado, etc., e que nada tem de analítico, é que ela já vem em falso. Já é falsa a globalização. É falso mercado. Não é um mercado em que se diz que o que quer que haja para negociar é mercadoria, mas sim que algumas mercadorias não são válidas. Um mercado franco em que algumas mercadorias não devem ser válidas como mercadoria é um mercado falso. Então, vamos escolher: ou globaliza direito ou voltemos para as cavernas. Cavernas, existem muitas. Existem cavernas primárias, secundárias, cavernas de Quarto Império, de Terceiro...

• P – *Se partimos do princípio da dificuldade de mexer nessas formações, e vamos ver se é possível dar um passinho, vemos que as pessoas não soltam isso com facilidade. Quando o vento passa, elas se seguram para não ir junto...*

A verdade é esta. Mas acontece que a humanidade inteira só deu alguns passos porque, em alguns lugares, algumas pessoas, aqui e ali, conseguiram ver o que está acontecendo, fazer a crítica, o diagnóstico, denunciar o processo e começar a mexer em algum lugar. Isto que estou dizendo é a postura possível de quem pensa como nós, de quem se supõe no regime da análise, etc. Esta postura precisa fazer esta denúncia. Abrimos livros de pessoas as mais brilhantes, as mais sérias, e vemos que estão inteiramente embrulhadas numa impossibi-

lidade de dizer descaradamente o sintoma, então dizem que é paradoxal, contraditório, mas se temos um ponto de vista de abstração, de indiferenciação, e olhamos para o troço, vemos que a postura de implantação do processo é falsa. Vamos começar a posturar um pouco diferente, pelo menos no nível da transmissão, no nível da cura, no nível do pensamento universitário. Aí, a coisa talvez vá mudando.

• P – *Esta situação se dá porque, freqüentemente, o vendaval quando vem, seus efeitos são acolhidos pelos outros Impérios e lidos segundo eles. Há o vendaval d'Oespírito, mas é acolhido por uma via cristã, judaica, de cristianização do marxismo, de cristianização da psicanálise.*

Este é o problema. O vento passa e é fagocitado pelos Impérios anteriores. Não estou dizendo que vamos ganhar o mundo e transformá-lo, pois minha força é muito pequena. Não estou falando em Clínica Geral? Então, é igualzinho como no consultório. Nossa postura é dizer: é assim, não vem que não tem. Se o outro disser: então, não brinco, não faço análise – ele não faz análise, mas fica sabendo que foi por isso que parou de fazer análise e levará essa com ele para o túmulo. Isto porque há a eficácia que se chama retorno do recalcado. Se acredito que o inconsciente funciona, tenho que apostar no retorno do recalcado. Acontece quinhentas vezes dentro da instituição psicanalítica, na relação com o analisando, por exemplo, chegar um momento em que o sujeito não quer mais: daqui não passo porque não vou abrir mão das minhas razões sintomáticas. Digo: dane-se, não abra mão, mas se lembre que foi aí, não esqueça. Claro que vai esquecer no dia seguinte, mas falei isto só para dizer que aposto no retorno do recalcado e que ele ainda vai pegá-lo pelo rabo. E vai, em algum momento. Ou pensamos que explosões de guerras locais, guerras civis, sofrimentos, são o quê? Chamam-se: retorno do recalcado. Vivo de apostar nele. Na minha bolsa de valores sempre aposto no retorno do recalcado. E tem rendido... Desde Freud que fomos ensinados a apostar nele. E ele rende. Dá a volta e cai de novo. É nossa única chance.

• P – *No caso brasileiro, temos a questão dos sem-terra e a globalização. De que modo a não solução da reforma agrária acabou colocando a enxada na cara do Presidente da República!*

Não há nada mais compatível com globalização do que o que desejam os sem-terra. Nada mais parecido com globalização do que isso. Se é para globalizar, então distribua-se a terra. Aí, globalizou geral. A leitura que a sociologia e a economia fazem é que temos de um lado um processo de globalização e de outro os trogloditas dos sem-terra, como se estivessem em pólos opostos. Mas, logicamente, estão do mesmo lado. Onde está o erro? Está em que a globalização é falsa. “Vamos globalizar, mas nem tanto. Vamos globalizar os globalizáveis, aqueles que já eram globais. Vocês que não são globais, ficam sem globalizar”. Entenderam como é?

- P – *Os processos de globalização só poderiam funcionar enquanto tais se a referência fosse ao Originário?*

Se fosse um surto de Quarto Império com referência ao que é da ordem do Quarto Império. Se fosse um surto de capital com referência a como funciona o capital.

- P – *Quando falava de modernidade e contemporaneidade, você disse que o que caracterizava o momento contemporâneo, que se chama de pós-modernidade, era a instalação do Quarto Império que, por ser um Império de passagem, tinha vetores opostos.*

E que não se tem conseguido implantar.

- P – *Hoje, você coloca o processo de globalização como tendo estas duas vertentes, uma que é o vento que varre tudo, e outro reativo, de apego sintomático. Isso mostra que o Quarto Império está nessa oscilação e que o que vai definir sua instalação é a decisão se a referência vai estar no Terceiro, ou seja, se é o apego sintomático que vai predominar..*

O que caracteriza o Terceiro Império não é necessariamente o apego sintomático, e sim que há o porta-voz da verdade, o porta-voz da abstração da paternidade: são todos irmãos, desde que pertencentes à mesma igreja. O Quarto Império tenta se implantar, mas não quer abrir mão dos porta-vozes. É como disse, tem gente que é muito mais global do que os outros. Outro dia, nessa hora dos mal-entendidos que vão bater em Paris, uma pessoa estava me entrevistando e começou a criticar falando do que a TV Globo colocou no ar: “quem

tem globo tem tudo”. Ela me perguntou se não achava aquilo um absurdo. Disse-lhe que não, pois é absolutamente verdadeiro. Quem tem globo? Não sou eu. Chama-se Don Roberto. Ora, quem tem globo tem tudo. Por que as pessoas não sabem ler essas coisas e dizer: “pqp, não tenho globo?” Estão entendendo o que é fazer a crítica no lugar errado? “Onde já se viu ficar dizendo para o povo que quem tem globo tem tudo?” Mas é absolutamente verdadeiro. Eu só queria ter globo, e não tenho. Entendem onde vai o falso? Alguém do lado de cá, bancando o analista, bancando o esquerda, etc., fazendo a crítica de que é um absurdo dizer que quem tem globo tem tudo. Não é. É absolutamente verdadeiro. Isto é que é o pior. E por que todos não escutam direito? Só falta uma coisa na frase: *só* quem tem globo tem tudo.

14/AGO

13

COMO-ÚNICA-AÇÃO

Em outro lugar, já disse que, tendo partido das formulações teóricas de Freud e Lacan, tenho sido extremamente cauteloso em meu procedimento de transformação desses aparelhos teóricos, sobretudo no sentido de se perceber que o que trago tem origem, não nasceu do nada, tem história, tem predecessores. No entanto, dadas todas as contingências, quer me parecer que já é hora de começar a virar a mesa. Já estamos no ponto de poder, apesar das origens, dar um salto definitivo. Digamos que, de uma vez por todas, já é hora de atravessar o Rubicão.

Escrevi no quadro COMO-ÚNICA-AÇÃO. Quero tratar um pouco de comunicação, e não necessariamente de informação. Considero uma vantagem poder sustentar meu discurso desde uma Escola de Comunicação, e não uma escola de psicologia, de medicina, de filosofia ou do que quer que seja. É uma vantagem partir da Comunicação. Vocês se lembram que Freud, contestando o escopo do valor consciência da psicologia, decidiu num certo momento chamar seu projeto de trabalho e suas conquistas de Metapsicologia, que seria o termo genérico para a psicanálise. Isto porque supunha que a psicologia estava na conta da consciência, ao passo que introduzia seu conceito de Inconsciente, que seria a sustentação do pensamento psicanalítico. Por isso, sobretudo por isso, deu-se ao luxo de chamar metapsicologia à sua tarefa. Esta metapsicologia resulta, em última instância, de seus aparelhos de Ego, Id e Superego. Lacan tomou para si o inconsciente suposto de Freud, que ele queria

que fosse estruturado como uma linguagem, donde fez resultar sujeito, objeto *a*, significante, essas coisas que estão em uso por aí... O que tenho feito é tomar o inconsciente localizado no nível psi de Freud, e depois lingüistificado por Lacan, e dar um passo para o Inconsciente generalizado, isto é, o Haver como tal em sua “relação” (entre aspas, pois não há relação) com o não-Haver. É a generalização do Inconsciente. O que resulta em formações do Haver; em Idioformações, no lugar onde antigamente se procurava por Sujeito; e no conceito genérico de Transação. Tudo isso resultando no que já apresentei, ano passado, com o título de Transformática. Não que necessariamente o termo se adscrava à idéia de transformação, embora também possa, mas sobretudo que orienta no sentido da Transa entre as formações.

A transformática, como quem diz informática – podem pensar também em transformágica –, eu quis situar como o mais amplo conceito de comunicação: a transação de tudo com qualquer coisa e de qualquer coisa com tudo. É daí, ao pensar o Inconsciente generalizado e suas transas segundo uma transformática, que posso pensar que estou fazendo agora Metapsicanálise. Tínhamos uma psicologia, da qual Freud, com seu inconsciente, retirou uma metapsicologia, acompanhado por Lacan com o mesmo termo, elevando isto à categoria de linguagem. Ou seja, agora, por estarmos, como estava Freud, para aquém da consciência, instalando sua metapsicologia, posso pensar que, estando para aquém do próprio inconsciente, generalizando-o no campo do Haver, isso, no trato da transformática como teoria mais generalizada possível da comunicação, permite pensar que estou fazendo **metapsicanálise**. Então, essa coisa que apelidamos de **Nova Psicanálise se configura como metapsicanálise**, e invade todos os campos com a mesma postura em função de considerar que Inconsciente não é senão o Haver enquanto tal em sua (não-) relação com o não-Haver. Essa comoção toda é a grande transa no seio do Haver, **qualificada pelo conceito único e fundamental de Pulsão. Isto é metapsicanálise**. Posso chamar assim – como Freud chamara metapsicologia ao seu trabalho – porque até mesmo isso que se tem dito com o nome de psicanálise, por essa pretensão, coloca-se sob o crivo do entendimento de tudo que se passa no seio do Haver como a proposta genérica da Pulsão e de todos

os conceitos de Recalque (Primário, Secundário e Originário). Então, a própria psicanálise já produzida, e a que se está produzindo mesmo aqui, continua sob o regime dessa com-sideração. Metapsicanálise portanto.

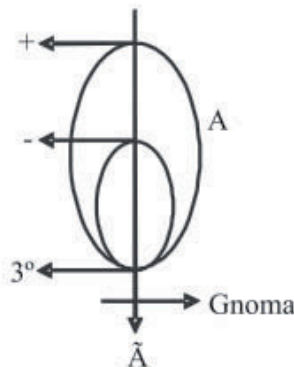
A grande generalização da transformática, da teoria genérica da comunicação, da metapsicanálise, da Nova Psicanálise, se estatui, se pensa, sobretudo a partir do **conceito de Transa ou de Transação**. Aproveitemos nossa língua e os usos mais familiares da nossa gente para introduzir o conceito de Transa, que, aliás, já introduzimos há muitos anos num Congresso da antiga Escola Freudiana de Paris, em trabalho que apresentamos. Não fui lá porque não estava em Paris, mas foi lido por Betty Milan e tratava da questão da transa na língua portuguesa. Como vêem, isso tem longa data de transação. Assim, para entendermos e continuar prosseguindo nosso trabalho a respeito de Comunicação e Cultura na Era Global, preciso introduzir a questão das vinculações e retomar a questão dos vínculos. Já lhes falei bastante a respeito, sobretudo do **Vínculo Absoluto**, mas para entender os fenômenos que se passam no que podemos querer criticar com o nome de era global, a comunicação e a cultura nessa época, precisamos pensar as transas que aí acontecem e, portanto, repensar os vínculos, as vinculações que aí se estabelecem. Semestre passado, quando coloquei o tema Comunicação e Cultura na Era Global, disse que precisava definir o que era globalização, o que era cultura e o que era comunicação. Defini a **globalização** como a tendência ao apagamento das fronteiras, com recalcitrância na fixação das fronteiras; falei em **cultura** definida como sendo o próprio modo de existência da espécie; e disse que tinha que desenvolver a questão da comunicação. No final do ano passado, eu já colocara o termo **transformática** como teoria geral da comunicação e, agora, é preciso definir o que é isto com mais precisão para entrarmos na questão de Comunicação e Cultura na Era Global. É o que estou fazendo. Partindo da idéia proposta de transformática como teoria geral da comunicação, como a transa mais generalizada possível entre formações, agora quero precisar mais alguns detalhes.

Vamos então considerar as transas, as transações que digo que se dão mediante os procedimentos e processos de vinculação. Essas vinculações

possíveis se dão em função das disposições, da disponibilidade de vinculação nos registros do Haver (Primário, Secundário e Originário). Como, então, devemos pensar as vinculações possíveis nesses três registros? Aqueles que acompanham minha Oficina Clínica, na UniverCidadeDeDeus, verão que estou repetindo coisas que só apresentei lá, mas preciso colocá-las de novo para situá-las no escopo teórico deste Seminário. Como já lhes disse, no nível do Originário, em função da “relação” do Haver com o não-Haver, e que posso escrever como Revirão, entre Haver e não-Haver exaspera-se aquilo que chamei de Gnoma. Isto sem nenhuma relação possível, pois o não-Haver não há. Mas todos aqueles de nossa espécie, porque supostamente portadores da maquininha de reviramento, assim como em qualquer parte do Haver, do universo, conhecido ou desconhecido, onde quer que compareça esse tipo de formação, com ou sem base carbono como nós, ou até mesmo que nossa espécie venha a produzir – o que não me parece impossível, embora seja um pouco angustiante para nós – umas máquinas de silício, ou do que quer que seja, computadores complexíssimos, que eventualmente virão a ter a mesma possibilidade de reviramento – nada impede, nem Deus, pois Ele gosta dessas loucuras –, onde quer que isso venha a comparecer, estamos diante de formações que, para além de todo e qualquer conteúdo interno, de qualquer composição alélica no seio de sua construção, porque funcionando segundo a máquina do Revirão, estarão vinculadas, todas elas, a essa região gnômica, com destinação impossível ao não-Haver. Por isso mesmo, podemos dizer que há entre elas, porque todas estão vinculadas ao mesmo lugar, um Vínculo Absoluto. No nível do Originário, estamos todos que pertencemos à ordem do Revirão vinculados absolutamente. Isto apesar de todas as diferenças relativas, de todas as construções alélicas internas aos modos de Haver que portam a máquina de Revirão. No nível da Hiperdeterminação, do movimento de impossível atingimento para o não-Haver, estamos todos absolutamente vinculados. Esta é a proposta da teoria.

Tivéssemos nós, quiçá, referência freqüente a esta vinculação, talvez tivéssemos maior chance, a cada momento, de fazermos acordos a respeito das diferenças. Acontece com muito pouca freqüência, ou melhor dito, muito raramente, fazermos referência a esta vinculação. Preferimos níveis vincula-

res mais baixos, de baixa extração, onde as diferenças começam a comparecer com muita força. O grande problema é que, justamente, o Vínculo Absoluto que há entre nós está o mais freqüentemente submergido pela massa enorme de recalques da ordem do Primário e do Secundário. Tivéssemos exercitado nossa mente, tivéssemos feito análise que preste, estaríamos nos referindo com muito mais freqüência à vinculação absoluta, o que é raro. Mas ela lá está disponível para nós, no meio das possibilidades de nossas transas, de nossa terapia, de nossa possibilidade de cura. E vocês devem ter notado que estou reduzindo toda e qualquer possibilidade clínica à possibilidade da comunicação, da transação. Mas no nível imediatamente inferior, o Secundário – este que não sei por que cargas d’água costumam chamar de Simbólico embora haja muita coisa misturada aí, muito Imaginário e muito Real –, que é o nível da possibilidade que temos nós (e não sabemos que outras espécies a têm) de transcrição, de anotação, de referência transcritiva do que há disponível por aí como formação freqüentemente chamada de natural (que prefiro chamar de artifícios espontâneos, que se transcrevem), temos duas possibilidades de transação, de vinculação. Possibilidades estas de níveis completamente diferentes. Em primeiro (e mais alto) lugar, a vinculação que pode ser estabelecida entre formações – e quando falo em formações, não são pessoas, e sim formações de qualquer tipo que possam existir sobre uma folha de papel, por exemplo, dentro de um computador, no meio da rua, entre as estrelas, ou entre nós – é aquela que podemos encontrar no lugar terceiro de um Revirão.



Temos aí um Revirão com suas oposições alélicas. Por exemplo: +/-, preto/branco, ou qualquer coisa que vocês queiram colocar na oposição. Toda vez que, no Secundário, tomarmos uma oposição alélica e conseguirmos elevá-la à categoria de indiferenciação, estaremos estabelecendo aí neste lugar de indiferenciação um outro vínculo, que é, digamos, o vínculo secundário por excelência. O Vínculo Originário ou Absoluto é aquele de que falei antes. Mas podemos estabelecer vínculos secundários propriamente ditos, quando conseguimos suspender uma oposição, até mesmo no sentido hegeliano de *Aufhebung* ou de *epoché* em outros filósofos, e situar um lugar comum, uma nota comum, algo em comum, na indiferença para com os alelos desse Revirão. Aí, está-se estabelecendo um vínculo de natureza especificamente secundária. É com algo assim que Lacan parecia sonhar quando queria estabelecer vínculos estritamente simbólicos, segundo seu jargão, nesse lugar terceiro. É claro que isso não coincide com o pensamento de Lacan. Vocês verão que posso pensar em vinculações simbólicas também em nível interno do Revirão. Para nós, isto já é de outra ordem, é de nível inferior. No pensamento lacaniano, segundo meu Revirão, tanto faz você estabelecer vínculos no nível terceiro ou no nível interno, é tudo simbólico. Não quero este tipo de distinção, pois estou falando em nível propriamente secundário de vinculação, que é quando, por via secundária, consigo fazer uma suspensão, uma indiferenciação, de dois alelos que se opõem e tomar um lugar terceiro independente das oposições.

Posso dar exemplos banais a respeito disto. Por exemplo, se digo que, no seio do alelo, temos uma oposição vermelho/azul – o cordão encarnado e o cordão azul lá do nordeste do Brasil –, pelo simples fato de se dizer “você é vermelho e eu sou azul, mas ambos somos cores” está indiferenciado o vermelho e o azul e já se partiu para a possibilidade de reconhecer um vínculo abstrante dessas oposições. Podemos multiplicar isto a potências infinitamente grandes de complexidades enormes no seio das formações secundárias, talqualmente acontece nas transas analíticas, quando podemos ir jogando com complexidades cada vez maiores no sentido de procurar o máximo de indiferenciação, o máximo de reconhecimento de que certas situações agonísticas de oposição podem ser

suspensas ou ignoradas em função do reconhecimento da vinculação de nível superior. Para aquém da vinculação absoluta, que é absolutamente sem conteúdo e estamos todos vinculados lá (se soubéssemos fazer essa referência, estaríamos nos lixando para as diferenças internas) –, é praticamente impossível uma vinculação que não tenha certo rosto secundário. Podemos discutir infinitamente a respeito de uma imensa complexidade de oposições e podemos, aqui e ali, estabelecer suspensões, no sentido de indiferenciação dessas oposições, mas a própria suspensão acaba tendo algum rosto, algum nome, alguma situação no seio do Haver. Isto, diferentemente do Vínculo Absoluto, que é absolutamente desprendido de qualquer formação interna do Haver. Aí o diálogo já fica um pouco reconhecível nas transas até languageiras, ou de qualquer tipo de força que possa ser transcrita em algum código dentro do qual estabeleçamos alguma diatribe, discussão.

Entretanto, restam as posições alélicas em oposição no seio mesmo do Revirão de onde retiramos o terceiro lugar suspensivo. Ora, mesmo ali podemos e costumamos estabelecer vinculações. Não direi que estas vinculações sejam especificamente de nível secundário, pois que elas devem ao Primário um mimetismo muito forte. Isto porque elas não se suspendem no sentido de alçar sua posição a um nível maior de indiferenciação, mas sim que, quando duas formações se vinculam através de uma posição alélica, ela está inteiramente subdita à ordem mesma desta posição do alelo. Por exemplo, se sou Vasco e você é Flamengo, vai ficar impossível qualquer reconhecimento e referência de vinculação se insistirmos nesta oposição. Mas se subirmos de nível e pudermos considerar que gostamos de futebol, pouco importa o time, então, pronto!, achamos um lugar de indiferenciação. Se não, como vascaíno, vou me juntar a todos os vascaínos e fazer um vínculo poderosíssimo, porque de grau inferior, e manter a oposição para com o pessoal do Flamengo que está vinculado em outra posição. Aí será um vínculo de extração menor. Assim como, nas transas secundárias de suspensão e indiferenciação dos vínculos menores, ainda que internos à ordem secundária, estarei sempre, por mais passos que dê, reencontrando oposições, pois não se trata de um Vínculo Absoluto. Aí, dentro do

Secundário, temos a dinâmica de processos de vinculação que têm uma gama infinitamente grande de possibilidades de suspensão e possibilidades de quebra na vinculação inferior. Por isso mesmo, sem recurso à vinculação absoluta, facilmente recaímos em toda forma de racismo localizado.

Penso que deve ter ficado clara a diferença entre as três vinculações. A originária, o Vínculo Absoluto; a vinculação secundária de nível suspensivo, secundária propriamente dita; e a vinculação secundária de nível inferior, de nível opositivo. Isto no sentido da referência, pois sempre há oposição. A questão é referencial: estou me referindo à oposição ou à suspensão? Como disse, o nível um pouco mais baixo deve às formações primárias a sua fraqueza de vinculação no sentido maior e sua força de vinculação no sentido mais baixo. Disse isto porque, no nível do Primário, as coisas não funcionam na disponibilidade aqui e agora do Revirão. Aí, as oposições são pregnantes e com muita raridade ou com custo muito alto encontram um lugar, uma fechadura, uma chave, onde se possa estabelecer uma co-nexão. As formações primárias são extremamente fechadas, por mais abertas que sejam. Por mais que, hoje, o pessoal da teoria da complexidade, as diversas teorias em biologia, sociologia, física, etc., venham nos lembrar que o vivo tem uma disponibilidade de abertura – e tem – esta abertura não parece existir por disponibilidade local de Revirão. Algo precisa agredir essas formações, rompê-las para que deixem um terceiro lugar momentaneamente disponível. É o lugar onde as próteses, para serem produzidas, têm um custo extremamente elevado. Inventar um vacina, um remédio, furar a barreira de determinada formação fechada sempre exige um modo de agressão capaz de criar um lugar terceiro de conjugação entre formações. Então, os vínculos primários são extremamente fortes, mas são freqüentemente vínculos de exclusão de tudo aquilo que não pertence ao campo de sua própria formação, de sua própria vinculação. Daí que as formações autossomáticas e etossomáticas são exclusivas, ao passo que não podem ser absolutamente exclusivas. E não o são, pois são passíveis de perecimento, de agressão, de violentação. Ou seja, são extremamente fechadas, mas têm alguma possibilidade de abertura, pois seu funcionamento não é absoluto, de tal maneira que, mesmo

ali, seja por via de um processo espontâneo, seja por um processo industrial, produzido por nós, ocasionalmente consegue-se fazer uma travessia e quase que como secundarizar o processo primário, ou seja, fazê-lo funcionar como se fosse da ordem do Secundário. As próteses criadas por nossa espécie são sucessos desse tipo de transação: invadir formações primárias, forçar vinculação onde antes espontaneamente isto não era possível.

Vejam que quando isto se dá por via industrial, por via de produção humana, é preciso recurso ao Secundário para a produção de uma prótese que possa invadir o Primário e secundarizá-lo de algum modo. Por exemplo, homem não voa, inventa-se o avião, homem voa. Isto no nível primário mesmo: ele sobe lá no céu – o que só foi possível por uma grande transação, uma suspensão no nível secundário da impossibilidade de voar. Suspensão esta talvez necessariamente devida a uma suspensão em nível originário, em nível absoluto: indiferenciação, retorno e construção de um processo que vai invadir o Primário e fazê-lo funcionar segundo o que sonhou o Secundário com apoio no Originário. Ou, senão, isso acontecerá, digamos, na espontaneidade mesmo do Primário: alguma comoção, algum atrito, algum choque acontece no Primário que algo se transforma. Por exemplo, a mutação suposta das espécies pelos darwinistas, independentemente de intromissão do homem. Hoje, aliás, elas começam a sofrer mutações por nossa vontade industrial. Estão aí a ovelhinha e a vaquinha que não me deixam mentir. Então, no nível da vinculação primária propriamente dita, onde a suspensão ou é ocasional, um grande acidente no Primário, ou é uma intervenção volitiva por via de Secundário, a vinculação é extremamente pregnant e fechada. Assim, quando, no nível secundário, fazemos nossa referência a vínculos, a formações produzidas secundariamente, mas que, por repetição e por falta de abertura, se tornaram formações pregntes, tudo fica parecido com o nível primário. Apelido esta vinculação secundária, mas de baixa extração porque parecida com a primária, de **Neo-etologia** porque nossas formações de uso repetitivo e de fé no nível da cultura são tão pregntes e tão fechadas quanto as formações etológicas disponíveis para os animais.

Temos uma vinculação superior, que chamo de Absoluta, de Originária; dois modos de vinculação secundária: o secundário propriamente dito, suspensão das oposições, e o secundário de baixa extração, secundário menor, que imita o etológico, no qual a vinculação é neo-etológica; e, no Primário, temos as vinculações primárias no estado bruto, que são etológicas propriamente ditas e autossomáticas. Precisamos nos lembrar sempre do peso enorme da força de sobrevivência das formações. Para sobreviverem enquanto formações materialmente constituídas, elas precisam preservar o Primário tanto autossomática quanto etossomáticamente. Entretanto, se isto for preservado indefinidamente da maneira mais ampla, nada se move ali. Nós outros, talvez, suponho eu, diferentemente de outros animais e de outras formações, somos portadores da formação originária e, em função dela, aparece a formação secundária. Repito isto, pois é importante em meu teorema. Não é a linguagem que produz as coisas, e sim a formação originária que abre para a produção da linguagem. Isto é completamente diferente do que diz o Dr. Jacques Lacan. Não façam confusão, se não o raciocínio não funciona. Significante não produz nada originariamente, ele é produzido.

Então, no sentido da minha transformática, da minha metapsicanálise, estamos aí com o entendimento, dentro do escopo teórico que venho trazendo, das possibilidades de transa, de transação, de operação de trans-formática, de trans-formação entre as formações, inclusive as operações de tentativa de terapia e de cura. Tudo está no mesmo escopo, pertence a esse grande campo e tudo influencia tudo. A crítica da Nova Psicanálise à psicanálise feita até hoje é de que os aparelhos supostamente puros, inclusive no sentido do significante do lacanismo, não são puros coisa nenhuma. Nunca saberemos – a não ser, talvez, que venhamos a saber um pouco mais com auxílio de hiper-computadores complexos – até onde determinadas formações que não percebemos na situação estão em jogo nos processos analíticos. Com isto, denuncio a pretensão da psicanálise velha, até hoje, em situar tudo, sobretudo depois do lacanismo, num campo extremamente estreito de possibilidades de vinculação. O que há é um grande campo aberto onde temos que jogar pelo menos na

suposição da interveniência de todas essas ordens vinculares. Isto nos humilha porque fica difícil demais, mas não nos obriga a desistir de algum ato, mesmo porque **temos um lugar de ato por excelência que é recorrermos ao Vínculo Absoluto de cada vez que fracassamos no entendimento das vinculações menores**. É o que coloquei até como sendo a ética mesma suprema da psicanálise: a recorrência ao Vínculo Absoluto, à experiência da hiperdeterminação, que livra nossa cara de todas as nossas bobagens menores, que, no entanto, não podem não ser consideradas na transa clínica com o mundo. Seja no gabinete, com um paciente, seja com as questões da cultura, não podemos ignorar a massa enorme de vinculações de vários níveis. Vinculação Absoluta, no Originário; secundária propriamente dita como suspensão no Secundário; neo-etológica, no nível do Secundário; e etológica e autossomática, no nível do Primário.

É muito peso, como vêem, mas é aí que se passa a transa. É por aí que se joga a transação. E mais – e vou introduzir algo que talvez vocês repudiem no primeiro momento, mas é só refletir um pouco para verem que é a mesma coisa –, é aí que se passam todos os Transes. Durante muito tempo na história da psicanálise, sobretudo a partir do susto que Freud levou com aquela moça que pulou num pescoço indefeso... Aquela vampira erótica o assustou de tal maneira que ele fez a suposição, hoje em dia reconhecidamente tola, de que estaria se afastando de determinado campo meio complicado, meio sujo em sua época, e constituindo uma ciência limpa na qual poderia abandonar a idéia de transe e partir para o quê? Para a livre associação, para a interpretação científica dos fenômenos do inconsciente... Isto não foi possível nem mesmo com a produção supostamente límpida do significante de Lacan. O que estou dizendo é que todos esses lugares sucessivos de vinculação, poderosos e fartamente freqüentados por uma miríade de formações, derogam a pretensão freudiana, e depois lacaniana – Lacan teve que reconhecer isto –, de cientificidade, sobretudo mesmo sem a palavra ciência, de pureza na ordem das vinculações. Mas não precisamos ficar assustados só porque o campo não é puro. Eu também não sou puro. Então, por que terei mais medo do campo do que o campo de

mim? O que acontece é que essa grande e multifacetada transação em todas as possibilidades vinculatórias se apresenta sempre com rostos diversos e de níveis os mais diversos que, em qualquer época da freqüentação antropológica desta espécie, podemos chamar de transe.

Freud terá substituído o transe, no caso dele, de seu uso naquela época, o transe hipnótico, por outro transe não muito diferente do hipnótico, chamado Transferência, *Übertragung*. Corretamente dizendo: metáfora. O transe metafórico de Freud como transferência não é senão metáfora do transe hipnótico que ele mesmo utilizava até então. *Mutatis mutandis*, estamos no mesmo lugar. Então, trata-se para nós, não de acreditar em substituições rígidas de terminologia, de assepsia psicanalítica, mas, muito pelo contrário, a partir do entendimento da transformática, do transe generalizado, da vocação metapsicanalítica desse procedimento, **incluirmos toda e qualquer forma de possibilidade de comunicação no seio do Haver como sendo o lugar mesmo onde a psicanálise mora e mediante cuja freqüentação ela pode tentar colocar toda e qualquer formação sob a égide de sua operação clínica.**

Transe. Vivemos em transe. Quando não estaremos em transe? Só porque um transe é diferente do outro, alguns transes privilegiados aqui e agora por algum motivo político se supõem dominantes em relação a outros transes. Quantas espécies de transes nós temos? O transe que faz funcionar a psicanálise chama-se transferência. Transe-ferência, como o nome está dizendo: aquilo que fere a transa e o transe. Transes amorosos... todos sabem o quão idiota e imbecil estiveram enquanto apaixonados. A pessoa entra em transe e fica com aquela cara de imbecil percorrendo o planeta... e se ferra redondamente. Com muito prazer, porque o transe assim o permitiu. Cuidado!, para o transe analítico não ser da mesma ordem.

Então, como vêem, faço uma colocação reversa da questão da vinculação e da comunicação apresentando-a como o fundamento e não em oposição. Não é que a transferência esteja em oposição ao transe hipnótico, e sim que é a mesma coisa. Estamos reduzindo toda e qualquer possibilidade

clínica, mesmo de entendimento dos fenômenos, ao entendimento dos transe e das transas. Se pensarmos que não há transa sem que entremos em certo transe, não precisaremos nem mais usar a palavra transe. Podemos abrigar todo o procedimento e dizer que tudo não passa de transa. Estamos no império da transa. Gosto do termo, pois aí os estrangeiros têm que se virar para nos traduzir. Por que tenho que entender *Übertragung* e eles não têm que entender a transa?

• Pergunta – *Você está fazendo alguma diferença entre transe e transa? O transe como efeito da transa?*

O escopo é o mesmo. Prefiro dizer que quando entramos numa transa, podemos contar que estamos em algum estado de transe. E isto sem nenhum despertar. Lacan tinha a audácia e a pretensão de dizer do despertar analítico. Quando consigo alçar posições dentro do percurso – que, na verdade, é hierárquico das vinculações (pois elas são de baixo ou de alto nível) –, a cada passo que dou, há um momento de despertar quando saio de um transe e caio em outro. Só isto. É muita pretensão supor que algum de nós, afora um rápido brilho no Originário, na hiperdeterminação, esteja em estado de despertar. Estou dizendo isto porque no Vínculo Absoluto, no Originário, é a última instância. Quando consigo alguma referência ali, despertei, mas não sei para quê. Para conseguir entrar em transe de novo. Um novo transe, uma nova transa. É preciso acabar com essa pretensão de despertar. Os processos clínicos, os processos de cura, serão no sentido de cada vez maior (e vamos usar um termo perigoso:) pacificação. É o que Freud dizia sobre diminuir o mal-estar. Poderei eu neste mundo desvairado, de fim-de-século, com globalização e tudo isso, oferecer, pensar, alguma coisa que possa minorar os efeitos inferiores **de transe** que estão ressurgindo com muita força? Os processos de guerras localizadas, de racismos, de fundamentalismos, são o retorno de transe de baixa extração com muita força, justo por falta de referência e de praticagem de transe mais elevados. Não adianta dizer que sou o bacana e o outro uma merda. Posso, sim, dizer que estou querendo transe da mesma natureza, porém um pouco mais abrangentes, um pouco menos exclusivos.

Retomando nosso ponto – a questão da globalização, da comunicação e da cultura em nossa época –, é talvez a única possibilidade de se pensar, como alguns tentam veemente e desesperadamente, uma sociedade inclusiva, ao contrário da sociedade exclusiva em que vivemos. O esforço aqui, no que se referencia à temática que estou tratando, está caminhando no sentido do quê? De argumentos teóricos para se pensar uma sociedade inclusiva, que possa assimilar as referências de baixo nível numa convivência de nível maior. Isto, superando até a mera bobagem chamada democracia – que nunca conseguiu existir nem se firmar, pois é de definição baixa, ou seja, no máximo, quando consegue, é de definição secundária –, para que se instaure uma sociedade inclusiva ou para que, pelo menos, possamos pensar o que gosto de chamar de diferocracia e que se vira para incluir todas as diferenças.

• P – *Foi lançado recentemente, por Catherine Clément e um indiano chamado Sudhir Kakar, um livro intitulado A Louca e o Santo, onde fazem uma correlação entre uma paciente famosa de Janet e o místico oriental. São modalidades de transe que, no Ocidente, são patologizadas como loucura.*

Temos o mau hábito de patologizar os transe, a não ser que tenham a aparência de estar a serviço de alguma formação institucional. O filósofo, por exemplo, pode dar os ataques histéricos que quiser, porque está na universidade, etc. É um transe para o qual ficamos olhando embasbacados. Como alguém pode ser tão delirante quanto um Descartes? Basta lermos para ver que é delírio puro. Mas como ele está inserido, teve sucesso onde o santo fracassou... Não que não exista psicose, que não existam coisas que devam ser tratadas pois a pessoa está em sofrimento e até mesmo periga para a sociedade, mas é preciso considerar as várias faces de possibilidade do que ali comparece. Quando era criança, nunca se falou em psicanálise na minha cidade. Ouvi falar, de passagem, por alguém que vinha da cidade grande, aos 17 anos, fiquei doente desse troço e não fiquei bom até hoje. Um dia, consigo... Mas me lembro que as pessoas davam ataques histéricos da melhor qualidade como forma de terapia. Sobretudo, pessoas de nível sócio-econômico mais baixo. Por exemplo, as

empregadas domésticas quando tinham um problema afetivo, emocional, de relacionamento, davam um ataque histérico, recebiam espírito e pronto! Depois, continuavam a viver com a maior competência. Mesmo porque todos ficavam em estado de semi-transe ao redor daquilo.

- P – *Não é daí que surge uma Igreja Universal?*

Antigamente, não havia a terapia de massa que conseguiram organizar hoje em dia. Isto dava por acaso, na casa das pessoas... De repente, o diabo aparecia. Ele baixava muito lá. O demônio era uma pessoa que eu conhecia bastante. E tinha idéias inteligentíssimas. Dizia, por exemplo, que a moça devia dar para o namorado que logo ficaria boa. O pessoal ao redor ficava muito assustado...

- P – *No livro, os autores apontam que o místico trabalha com o excessivo enquanto que o Ocidente trabalha com a doença da falta, com carências, e sempre se contenta com um pouquinho de cada coisa: um pouquinho de sexo, por exemplo, e se dá por satisfeito. O misticismo é o excessivo.*

Vocês se lembram que há muito estou contra esse negócio de falta e querendo pensar o excesso. É pelo excessivo que você ultrapassa as formas. Como não o li, não sei se o livro está simplificando demais ao colocar assim...

- P – *Os autores comparam a psicanálise com a relação mestre-discípulo, com o mestre que tem experiências de êxtases místicos. Isto para mostrar que a psicanálise não chega a propor um tipo de relação psicanalítica naquele nível porque pára antes por ser uma coisa edípica, e as experiências místicas pertenceriam ao pré-edípico...*

Teremos ocasião de discutir melhor depois, mas quero dizer que, na maioria dos autores que trata esse tema, considero um erro grave querer situar tudo que escapa ao nível psicanalítico e a coisas semelhantes como da ordem do Primário ou do neo-etológico. Por que não pensam que é de uma ordem até superior? Sempre jogam para o pré-edípico, etc. Estão reconhecendo formações primárias e neo-etológicas, mas não o são. Há um pessoal muito interessante, da etnopsiquiatria, nascida sobretudo de Devereux, na década de 60, se não me engano, que, às vezes até um pouco ingenuamente, se deixa

orientar no processo clínico pelas instalações étnicas de seus clientes. Por exemplo, o analista, em Paris, tratando de uma pessoa de origem africana. Ele deixa funcionar a instalação étnica, a pessoa entra em transe e as coisas se resolvem no nível do transe e do cruzamento social dentro daquele vasto transe étnico. E o troço funciona. Isto não é estritamente de baixa extração. Os conteúdos são de baixa extração, mas as vinculações não o são necessariamente, sobretudo quando há uma ultrapassagem da situação.

• P – *Eles até reconhecem no livro esta vinculação, mas chamam de fusão da criança com a mãe...*

Essa mania ocidental de mãe... Não ficamos bons nunca. Fazem análise e mais análise e depois voltam para aquela porcaria... São formações. Tirem a mãe da jogada...

21/AGO

14

TRANSAR: TRANSIR

Falávamos em Metapsicanálise como o espírito mesmo do que estamos trazendo como Nova Psicanálise. Segundo o que foi apresentado, isto se resolveria numa teoria generalizada da comunicação – que é o tratamento reconhecido dos transe que há por aí –, uma vez que reduzi todas as possibilidades de comunicação, inclusive o conceito de transferência, à idéia de Transe. O que exige portanto uma teoria das vinculações em todos os níveis, conforme lhes apresentei: os vínculos possíveis no Primário, no Secundário e no Originário. É no seio do transe que qualquer transa é possível. Toda e qualquer transa possível se realiza como transe mesmo que não queiramos ou não possamos nos dar conta da característica de transe que há nessas trans-formações. Essa transa que só se realiza no transe é o que generalizei mais ainda com o termo TranZ, que seria simplificador de todas estas idéias e que, aliás, intitula uma das formações de nossa instituição onde se pretende pesquisar e desenvolver esta questão. É a trama das formações no seio do que chamei Trans-formática.

Todas estas transações comunicacionais evocam um verbo capaz de melhor qualificá-las: **Transir**. Ele significa mesmo isto, ir trans, trans ir, ir através, passar por outro lado, com uma idéia de passe, de trespasse. Vem do latim *trans-ire*, ‘ir além de’, ‘trespassar’, e como se supõe, embora tolamente, que quando se morre passa-se para outro lugar, às vezes o verbo quer dizer ‘morrer’. Não em nosso caso, pois não acreditamos que se passe para lugar algum, nem desta para a pior... Significa também: penetrar, repassar; e de maneira muito

interessante: assombrar, assustar, aterrar, ficar hirto, gelado, de frio, dor, medo, susto. Sendo um verbo defectivo, só se conjuga nas formas em que o *s* vem seguido de *i*. Não gosto, preferia que fosse não defectivo, e que se cometessem todos os erros de português, que se transisse, que se transfosse, de qualquer maneira. É engraçado ele significar essas coisas, pois uma vez que as formações, justo porque o são, pelo menos momentaneamente estão regionalmente fechadas, ou seja, se é formação, está agoraqui fechada e preciso estabelecer alguma conexão. Então, este nexos, qualquer transiência possível entre formações não pode ser senão pela produção de um Furo. É preciso agredir a outra formação e achar uma brecha para se penetrar, nem que seja o buraco da fechadura. Topologicamente, poderíamos, então, dizer que essa transiência, esse transir, é agressivamente a produção – mesmo que já esteja lá, pois está sendo produzido novamente – de um furo que me permite entrar, que me permite transiência, que me permite transir de um lugar para outro.

Como é freqüentemente assustador instaurar o furo, a passagem, abrir uma formação trancada, sobretudo no caso das neuroses e das formações sociais extremamente rígidas, passar para outro lugar, atravessar qualquer coisa, é geralmente assustador. Daí que se usa o verbo transir no sentido de medo, de susto, etc. Na verdade, topologicamente falando, poderíamos dizer que, nessa transiência, ao transir de uma formação para outra, de um lugar para outro, se considerarmos – e podemos fazê-lo – esses dois lugares opositivamente, estamos fazendo um transpasse qualquer que acaba por instaurar uma unilateralidade no seio de uma bilateralidade, de uma oposição. É um processo que, pelo menos num átimo de sua travessia, é de indiferenciação. Então, mais do que passar de uma formação a outra, costuma ser mais assustador para as pessoas abrir um furo entre duas formações e ter que indiferenciar-se nessa travessia. Isto porque algo é preciso indiferenciar para que se tenha a audácia de passar de uma formação para outra, para que haja possibilidade de alguma travessia, de alguma transiência. Nem que seja um pequeno ponto, uma mínima formação no seio dessa formação tem que se indiferenciar por qualquer dos modos que mencionei da vez anterior: por via de hiperdeterminação; por via de neutralização dos

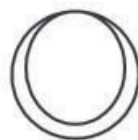
opostos no nível secundário; ou por via baixa de se descobrir um elemento comum. E isto, topologicamente, pode ser descrito, anotado, como um Furo, ou seja, como a forçação sobre uma bilateralidade de um percurso que torna a superfície unilátera. Se tomarmos esta descrição topológica como verdadeira, cairemos necessariamente na produção do oito-interior, do Revirão. Então, transar, transir, comunicar-se na transa e no transe, não é senão revirar-se, ou seja, entrar em processo de Revirão.

Num Seminário já bastante antigo, eu lhes mostrava que temos a famigerada banda de Moebius, que é por si mesma uma superfície unilátera, sobre a qual ficamos na impossibilidade prática – e, segundo os matemáticos, também teórica – de determinar qualquer orientação de pontos. Também ficamos na impossibilidade de apontar um ponto qualquer como específica ou especialmente neutro. Isto porque, se os pontos são não-orientáveis, todos são neutros. Mas insisti em pensar sobre esta superfície a possibilidade, não de orientar o ponto neutro da superfície, mas de querer direcioná-lo ora para cá ora para lá, assim como falei em ponto bífido, em ponto neutro. É mais simples entender isto quando faço uma superfície bilátera tornar-se unilátera. Não ela tornar-se unilátera, mas construir-se o percurso de unilateralidade sobre uma superfície bilátera. Não a transformo numa superfície unilátera, mas faço sobre ela um percurso de unilateralidade mediante uma intervenção, que não é senão a posição de um furo. Lacan era tão preocupado com a questão do furo na teoria topológica da psicanálise justamente porque ela é crucial.



Um cilindro, ou um cano, por exemplo: trata-se de uma superfície fechada. Considerem o desenho acima como corte transversal de um cilindro (ou de uma esfera, também serve). Aí posso fazer um percurso por fora – a linha mais espessa – e voltar ao ponto de partida sem tocar a superfície interna.

Assim como posso fazer o percurso do circuito interno da linha mais fina e voltar ao ponto de partida sem passar para o lado de fora. Se instaurar aí um furo com a característica de neutralidade e até mesmo de razão catóptrica que possa ter, não transformarei a superfície originariamente bilátera numa superfície unilátera, pois seria impossível desta forma, mas posso transformar a possibilidade de percurso sobre a superfície utilizando um furo como ponto de passagem e percurso de unilateralidade. Aí o percurso da linha espessa – no desenho abaixo – poderá percorrer toda a parte externa e, mediante o furo, passar e se juntar com o percurso da linha fina, interna. Assim como no percurso interno da linha fina, pode-se partir de um ponto e, mediante o mesmo furo, cruzar os dois percursos. Então, ali, não se poderá nem mais manter as duas espessuras das linhas.



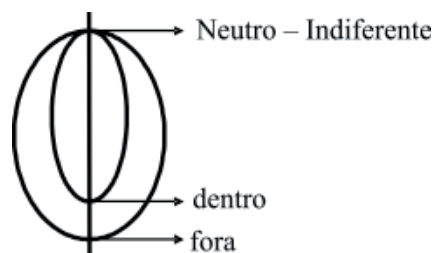
Estou, então, supondo que, através da produção de um furo sobre uma superfície fechada bilátera, pude constituir um percurso de unilateralidade idêntico ao que se consegue sobre uma banda de Moebius, sobre uma contrabanda. É justamente o percurso que Lacan gostava de chamar de Sujeito – o qual não está convidado para minha festa – que é aquele em oito-interior sobre a banda de Moebius. É o percurso em Revirão, que é o nome que dou ao que pode acontecer às oposições, em seu sentido mais radical, como enantiose (a possibilidade de uma oposição com razão catóptrica, com razão enantiomórfica, de avesso absoluto). Então, o mesmíssimo oito-interior que pode ser descrito como percurso sobre uma banda de Moebius em razão da sua unilateralidade, pode ser conseguido mediante a aplicação de um furo sobre uma superfície bilátera. Isto esclarece melhor o que chamo de ponto bífido e os três pontos principais que gosto de escrever sobre o oito-interior: o ponto de neutralidade, de indiferença, e as duas posições enantiomórficas, ou simplesmente opositivas, dentro/fora, avesso/direito, claro/escuro, qualquer tipo de oposição.

Vejam que qualquer oposição que tomar, posso escrevê-la de um lado e de outro na superfície bilátera, onde as oposições estão bem situadas, incomunicáveis, num pensamento estritamente dualista: *isto* oposto *àquilo*, mas se, por algum motivo, alguma razão ou alguma força, consigo produzir um furo sobre esta superfície, posso fazer encontrar os dois percursos da superfície, interno e externo, e produzindo o mesmíssimo objeto geométrico – o oito-interior como percurso – que posso encontrar sobre a superfície unilátera. A mágica da transiência, da comunicação, da trans-ferência que aí acontece, não é senão a possibilidade de fazer um furo que possa ligar duas situações, duas formações inteiramente separadas, fechadas, cada uma em si, pelo menos num momento. Então, do mesmo modo que, se tomarmos uma contrabanda e fizermos um furo sobre ela, reinstauramos um percurso bilátero, o que está me interessando é partir das formações e, uma vez que são formações, portanto são separadas, distinguíveis, oponíveis, até capazes de enantiose absoluta, pois são absolutamente defastadas, não comunicantes pelo menos, mostrar que isto funciona como se fosse a impossibilidade de um percurso entre um dentro e um fora, entre um *sim* e um *não*, onde posso instaurar um lugar de passagem que unilateraliza meu percurso. Este entendimento de uma possibilidade de percurso contínuo, que estou metaforizando deste modo, é importante no campo que estou trazendo e numa área enorme do pensamento contemporâneo, na física, na biologia, e sobretudo no campo vasto que é chamado por seus autores de teorias da complexidade. Eles não costumam metaforizar assim e não há isto no pensamento, por exemplo, da psicanálise corriqueira. A oposição significativa descontinua tudo, quebra todas as continuidades. Estou na posição contrária, da produção das continuidades, das passagens, das indefinições, das ambigüidades, etc., que efetivamente caracterizam o campo das complexidades psíquicas e do Haver em geral. Isto segundo muitos aspectos da vida contemporânea, por exemplo, e sobretudo, da biologia.

Estou apenas metaforizando com o furo o que acontece no transir. Há aí uma agressão. Por isso, o verbo transir também nos assusta. Cada vez que se tem que atravessar alguma coisa – por exemplo, a virgindade da moça –,

fica-se meio transido de horror em algum lugar do Inconsciente, pois aquilo estava fechado. Então, mediante um furo, estabelece-se a comunicação. Todo mundo sabe e já brincou disso, é uma prática corriqueira, a coisa mais boba do mundo. O conceito de porta, por exemplo, é um furo que fazemos entre duas salas contíguas, no entanto absolutamente separadas, que permite que passemos continuamente de uma para outra. Antes de a arquitetura ser externalizada pelo homem, foi buscada diretamente das disponibilidades naturais onde se encontravam cavernas. A humanidade encontrou um lugar de moradia passando para dentro do seu fora, na intempérie, através de um furo que estava disponível, o que unilateralizou a relação selva/gruta. Na verdade, toda e qualquer formação, pelo simples fato de o ser, está distinta, separada, das outras formações. Toda e qualquer transação, transiência, possível é ou se procurar um furo que não se tenha notado, como no caso da descoberta das cavernas, ou produzir um furo, arrombar determinada superfície de maneira que se possa dar continuidade ao percurso dentro/fora.

O que é interessante nisto como metáfora do meu Revirão – e se explicita melhor do que simplesmente numa superfície unilátera – é que, como a superfície é bilátera e, no entanto, construo de qualquer forma um percurso de unilateralidade, fica demarcado na superfície bilátera o lugar do furo. Ou seja, o ponto vazio, o ponto neutro, o ponto bífido, fica qualificado na superfície quando ela é bilátera melhormente do que as tentativas de explicar isto por via da superfície unilátera. Assim como, no caso de nosso cilindro ou esfera, as posições opostas dentro/fora ficam também demarcadas:



Temos, então, o dentro, o fora e o neutro ou o indiferente do furo. Ele é neutro ou indiferente porque não está nem dentro nem fora, muito pelo contrário. Ou seja, está dentro quando está fora e está fora quando está dentro. Mas também, às vezes, está dentro quando está dentro e está fora quando está fora. Depende do ângulo por onde o pegarmos. A indiferença do furo está pouco se lixando para o modo como vou pegá-lo, pois é puro furo, puro vazio. Vocês perguntariam: ele não há? É claro que há. Vazio não é não-Haver. É Nada, o que é muita coisa: é haver como neutralidade. No caso, por exemplo, de se fazer uma passagem entre duas formações mediante um ponto comum, uma formação comum, por identidade entre as duas formações, pelo fato de ser idêntico. Qual a diferença entre esta formação dentro da formação A e a mesma formação dentro da formação B? Nenhuma. Enquanto diferença, zero, nada. Por isso, temos o sentido assustador de uma das acepções do verbo transir. É transido de horror, ou de deslumbramento, talvez, que se produz e se atravessa pelo furo da neutralização ou do vazio.

Vocês vêem, então, que as possibilidades de transação, de tratamento, de cura, o que quer que seja dessa ordem, passam pela possibilidade de transe, da transa, da transação, ou seja, pela necessidade de Revirão. A questão mais importante de se colocar o Revirão como estrutura de funcionamento de toda a ordem do Haver é aquela que um campo vasto do pensamento contemporâneo, da ciência, etc., está levando em consideração, e que antes não levava, que é de, a cada emergência, a cada surgimento ou aparecimento aqui agora de determinada formação em nosso campo de observação, não podermos deixar de levar em consideração as formações que, pela emergência desta, foram recalçadas, tiradas de circulação. Isto, mesmo no campo da *physis*. Se estas formações estão agoraqui em sua pertinência, em sua aparição, de vencedoras, de emergentes no momento, é porque algumas formações tão válidas, tão quantitativamente grandes quanto esta, estão em exclusão. No entanto, segundo o pensamento da complexidade, onde a Nova Psicanálise se encaixa bem de várias maneiras, é impossível acabar por entender o que se passa nas formações emergentes sem levar em consideração as formações recalçadas. Daí,

como lhes mostrei, meu conceito de Recalque ter sido generalizado. **Tudo é pensado a partir do Recalque Originário** e o que quer que não esteja comparecendo aqui agora é da ordem do recalque. A estrutura do Revirão é sobretudo neste sentido. Freud descobriu isto desde o começo, que não há como pensar em regime psicanalítico sem levar em consideração o quê? Tomemos a primeira definição freudiana de inconsciente: o recalcado. É claro, pois não há nada para fazer se não pensarmos que todo o manifesto que está aqui presente está na dependência, para seu entendimento, de um latente que desconheço (no sentido freudiano), por exemplo.

Nossa postura é diferente da que a psicanálise trouxe até hoje. É a postura da complexidade do sintoma, da ordem do Revirão como impositiva e do movimento do Revirão aqui e em qualquer parte do Haver como função de pulsionalidade, pois nosso conceito fundamental é o de Pulsão. Que movimento pulsional encontramos em determinada formação para que ela venha aceder a furar ou ser furada? Isto é que é importante. Lacan colocou no regime da falta, mas o que trago nada tem a ver com isto. Não será por excesso? Uma formação, eis senão quando, por alguma razão, observável ou não, começa a ultrapassar seu próprio regime, começa a explodir-se e isto agride outras formações imediatamente. Aí perguntaríamos: mas que razão teria ela para explodir, se não é sujeito, se não porta em si o Revirão, por exemplo? Acontece que o Haver revira por si mesmo e, aqui e ali, empurra, incita, várias formações. Na verdade, há um Tesão dentro do Universo. É algum tesão que faz uma formação sair de seus trilhos e tentar invadir outra. Até comê-la, se ela deixar, no sentido de acabar por absorvê-la em sua própria construtura.

Mas, voltando a nosso tema, para encaixar isto na questão da contemporaneidade, da ordem do mundo, da comunicação e da cultura na era global, retomo o que falava numa das vezes anteriores sobre o que produz o efeito de contrariedade ao vento da modernidade, ao vento do Quarto Império. Ou melhor, o que embarga a modernidade de se instalar? Se tomarmos o partido da modernidade – no sentido que a defini – como certa função de cura, podemos dizer que o que embarga a modernidade é a barbárie. Como sabem, *bárbaros*,

em grego, e *barbaru*, em latim, eram nomes que se davam na Grécia, depois no Império Romano, a quem não fosse grego ou romano. (Já ia dizer baiano, pois quem não é baiano hoje em dia está por baixo, é bárbaro. Aliás, eles são bárbaros, mas são doces, carioca é meio salgado...) A barbárie de que estou falando é justamente aquilo que não foi tocado ainda pelo Quarto Império. E nem existe o Quarto Império instaurado. Estou preferindo dizer que há uma vasta barbárie de não se conseguir instaurar o Quarto Império. Tudo que está abaixo do Quarto Império, para mim, é meio bárbaro, no sentido mesmo antigo, de sem civilização, selvagem, grosseiro, rude, inculto, cruel, desumano, sanguinário. O que embarga a modernidade, o Quarto Império, de se instalar é a barbárie. Qual? De onde aparecem as barbáries? O verbo embargar, que vem do latim vulgar *imbarricare* – isto é, colocar uma barra (igualzinha à que Lacan inventou) –, significa pôr embargo em alguma coisa, ‘o fiscal embargou uma obra’, pôr obstáculo, estorvar, tolher, reprimir, conter, ‘embargar a voz’, impedir. Então, a barbárie continua, permanece, porque há um embargo ao Quarto Império.

Mas o que é o embargo? É pura e simplesmente a resistência das formações. Por isso, falei que não há nenhum paradoxo na chamada ordem global contemporânea, pois, ao mesmo tempo que se tenta globalizar, há a emergência, por vezes desastrosa, de racismos, localismos, imperialismos, etc., que são formações que, diante da tentativa de modernização, reagem em conformidade com sua própria ordem de formação, ou seja, com sua própria característica sintomática. A única coisa que se pode fazer, e que às vezes acontece espontaneamente por cruzamentos os mais diversos, é estabelecer ou descobrir os furos das formações. Isto parece uma bobagem absolutamente banal, mas é justamente o que não fazemos o dia inteiro. Para tirar o embargo posto pela barbárie ao processo de verdadeira modernização – como se lembram, eu disse que a Nova Psicanálise é pró-moderna, e não pós-moderna, estando portanto no interesse de desembargar as formações, os percursos –, podemos dizer que **o analista deveria ser o desembargador do Haver**. Se prestasse para alguma coisa, ele seria isto, a última instância da justiça divina.

Não acredito que os analistas tenham prestado para isto, mas deviam prestar. Parece uma banalidade o que estou dizendo, mas é importante, pois é justo o que não praticamos no cotidiano da vida e, às vezes, nem nos consultórios. Mas falemos da clínica em geral, da Clínica Geral. Não quero fazer comentários por hoje, pois basta acompanharmos com um pouco de lucidez qualquer fenômeno de mídia para verificar que imediatamente se instaura um poder de hipnose para uma via de qualificação de um dos lados da oposição, de tal maneira que ficamos todos nós idiotizados, imbecilizados, sem a menor possibilidade de desembargar isto e temos multidões caindo no mesmo papo. A última gracinha foi a princesa que morreu – fato que não quero comentar agora, antes que alguém me jogue pedra –, mas estamos inteiramente embargados pela hipnose da mídia sem a menor crítica da situação. Daí que digo que deveria ser função do analista (e se lhe for impossível produzi-lo, pelo menos pode) achar onde mora algum furo que possa relativizar, questionar o fenômeno. É claro que o fenômeno que está aí diante de nós é inteiramente furado, mas ninguém quer descobrir onde está o furo. Não vamos pedir ao jornalista, pois seria demais. Ele é inteiramente descompromissado com qualquer furo, a não ser com o que chamam de furo em seu jornal, que não é furo de coisa alguma.

Os caminhos da transa, do transe, da transiência, da transação, em busca de um furo que esteja disponível, ou em busca da produção de um furo, passam por alguns conceitos que precisamos redefinir para nosso gasto. Por exemplo, dentro do escopo que venho trazendo, o que pode significar uma Informação? Como lhes disse, estou querendo preparar uma vasta teoria da comunicação, que seria o escopo mesmo da Nova Psicanálise. **Uma informação, então, é pura e simplesmente o recorte de uma formação**, mais ou menos simples (pouco importa), **e sua gravação num arquivo de recepção**. Acho que não existe definição mais aberta do que esta. Há uma formação qualquer, no seio da qual tomo determinada formação, recorto, pouco importando se é muito simples ou mais complexa, e vou gravá-la. O conceito de hoje é de **gravação**. Não há representação. Olhem para o gravador que está aqui na mesa, aquilo grava, o cérebro também grava. Antigamente dizíamos: ‘você

gravou?’ Está gravado ou não está gravado? Escolha-se, pois não há representação alguma. Quando gravo determinada formação, recortada de algum lugar, num arquivo que é capaz de recebê-la, isto é uma informação, para qualquer lado que seja. É simplesmente gravar num determinado arquivo receptivo alguma formação que foi recortada de algum lugar.

Isto pode constituir um saber? O que é um saber? É uma formação (de formações, inclusive informações como aquelas que foram formações recolhidas) que funciona como tal (não necessariamente consciente), como formação que é, diante da circunstância de outras formações. Como vêm, não estou fazendo recurso a nenhum sujeito e nem o convidei para minha festa. Quando se consegue tirar de um campo uma formação, recortar e gravá-la em qualquer receptivo, tem-se uma informação. Qualquer formação que está gravada numa outra formação gravadora, é imediatamente um saber, como é o saber instalado nas gravações de um cachorro, de um gato, ou de mim. São a mesma coisa, saberes. Não preciso ter consciência da gravação nem de mim para ter um saber. O saber é essa formação, que funciona quando alguma formação está lá disponível. Vocês poderiam perguntar: o movimento dos planetas é um saber? É claro, e é um saber bem sabido por enquanto, se não a lua caía sobre nossa cabeça.

Até aí não entrou nenhuma consciência, nem é necessário. Mas poderíamos pensar: o que vira consciência neste campo? Consciência não é de sujeito algum, mas simplesmente a divisão interna de uma Idioformação – que somos nós, as outras não o são (por isso, não devo perguntar ao cachorro se tomou consciência do gato, pois ele tem um saber que freqüentemente repele o gato, mas não toma consciência disso) –, que é aquela que tem disponibilidade de reviramento, e que, por esta disponibilidade, é capaz de estabelecer uma divisão interna (que nada tem a ver com sujeito dividido) das formações de saberes. É o que está aí. Posso estar de *dia* e há outro saber chamado *noite*, o qual não está presente, mas posso evocá-lo. São formações, gravações que estão lá dentro. Consciência é, portanto, a divisão interna de uma Idioformação em pelo menos duas formações, as quais ficam em eco-logia recíproca. Se

temos uma grande formação interna a uma Idioformação e há outra grande formação, ambas funcionando numa eco-lógica recíproca, em algum momento nos reportamos a uma formação que é capaz de, por complexidade das gravações, nos indicar a outra formação, então, eclode em nós um fenômeno que se chama consciência. Fico muito besta achando que sou o maior porque tenho consciência de mim. Mim é o quê? Consciência de si? O que quer dizer isto? Marré marré de si... Os filósofos falam em consciência de si. De si é quem? Não conheço nenhum de si. O que acontece é um fenômeno, talvez até epifenômeno, de que determinada grande e complexa formação, por um movimento reflexivo dela mesma sobre o processo eco-lógico com outra formação, é capaz de surgir como consciência, como reconhecimento de formação por formação. Onde, há sempre um ponto cego, pois de onde uma está olhando a outra não é vista. Ou, senão, é preciso jogar pingue-pongue entre as duas. Então, ou há um ponto cego ou as duas entram em eco-logia recíproca. E é este movimento de transiência de uma formação para outra que experimentamos como consciência. Não há sujeito algum.

- Pergunta – *A consciência seria o percurso instaurado a partir do momento de furo no lugar de neutralidade?*

Acontece que, para isto, preciso ser uma Idioformação, a qual, como sabem, tem o recurso de fazer funcionar o Revirão nesse lugar. Há que haver esta disponibilidade em mim, se não, isso passa de um lado para outro como fenômeno natural. Sem uma eco-lógica, não se tem ressonância. Podemos ter entre animais e células um processo qualquer de furo, de passagem, etc., mas não é uma eco-logia circulando entre os dois. É preciso, então, a formação ter a disponibilidade do Revirão – e formações que a têm, só conheço a nossa, as Idioformações – para que esse percurso, esse eco, se realize. Se não, terei que responder como se produz o eco, aí terei que teorizar muito mais para a frente e não sei. Assim, falando apenas em percurso, entre duas formações que eventualmente entrem em comunicação, há percurso. E se houve transiência, segundo o teorema que eu trouxe, houve produção de unilateralidade entre as duas: o que era fora passou para dentro, o que era dentro passou para fora.

Mas estou dizendo que há um pouco mais do que mera transiência, que há uma eco-lógica: uma formação em ressonância com outra. Trata-se daquilo que – muito mal, preciso desenvolver melhor – já falei sobre formação observante e formação observada. É maneira de dizer, pois se há formação observante e observada, o que há é uma eco-lógica, uma ressonância recíproca, entre as formações. Ou seja, do ponto de vista da de cá, a de lá é reconhecida como formação enquanto tal; do ponto de vista da de lá, a de cá é reconhecida. Consciência é isto, mais nada. Mas ela tem que ser consciência de alguém para alguém. Se um cachorro vem andando, reconhece outro da mesma espécie e o outro também o reconhece, um começa a cheirar o rabo do outro, a lamber sua cara – ou seu rabo, tanto faz –, o que acontece entre os dois? Por causa de sua relação sistêmica ter algo em comum e este algo idêntico nos dois funcionar como neutro, como furo, estabeleceu-se ali uma transa. Mas não vou dizer que um cachorro tomou consciência de nada. Posso dizer que há um fenômeno de consciência entre os cachorros, mas não deles. Ou seja, há entre eles algo que teria características de consciência, mas que não é ressonância entre eles. Como nossa espécie faz esta ressonância, ficamos com a impressão de saber que estamos sabendo (no sentido em que defini saber). Assim, se não só sabemos isso como podemos comentar o saber que temos, é porque outra formação comenta para cá assim como uma comenta para lá. É um bate-papo interno entre formações, e chamamos isto de consciência. Consciência do quê? Querem me explicar, se só conseguimos ter consciência daquilo que está disponível naquelas formações? Lembram-se daqueles místicos que querem abrir a consciência e transar com o Universo? Seria tão fácil, abria-se e entrava tudo. No que entra toda a formação do Haver, sabemos tudo. Mas não é assim que funcionamos, pois só sabemos as porcarias que sabemos e simplesmente tomamos consciência no comentário recíproco entre saberes. E isto porque nos é dada a disponibilidade da transa do Revirão.

• P – *Se fosse possível uma indiferenciação total, haveria uma consciência....*

...universal. E alguns místicos sonham com isto. Se abrir a consciência no ponto ômega, se me aproximar do ponto ômega da minha consciência, saberei

o mesmo que Deus. Mas não há isto. O que há é o efeito consciência da transação em eco, recíproca, entre saberes. Quando me aconteceu – e depois me viciiei nisso – de dividir saberes e saberes, de ter uma transação recíproca, porque sei pensar com um espelho interno que é a minha estrutura de Revirão a qual, afinal de contas, é a estrutura do espelho, do furo –, então fico espelhando e especulando entre formações. O efeito é isto que chamamos de consciência. Não há sujeito algum. Não há nada mais do que essa bobagem. São gravações.

• P – *Isto seria a experiência extrema de Cais Absoluto? Esta partilha de experiência seria ao mesmo tempo a consciência de Haver e não-Haver?*

Porque temos a disponibilidade daquele furinho, passeamos no tal Cais Absoluto, pouco imporca, ou melhor, pouco importa que estejamos interessados na hiperdeterminação voltados para o não-Haver ou voltados para as transas do Haver. Isto porque é preciso de uma passagem num lugar que nos disponibilize. Quero dizer que, se nossa estrutura é o que digo, temos a disponibilidade de passar pelo e de nos referirmos ao ponto neutro. Onde, consciência é possível. É porque temos zero, vazio, lugar de furo, que transamos em eco de um lado para outro. Quem tem esta possibilidade? Nossa própria estrutura cerebral. O cachorro não tem. Para tanto, é preciso ser afetado pela hiperdeterminação. De que modo? Pela emergência de um simples furo, de um simples terceiro lugar. É porque há terceiro lugar que há consciência. Consciência do quê? Do que se passa entre oposições. O que se passa na enantiose interna da Idioformação, do falante, do homem. Não é preciso de sujeito cartesiano para nada disso. Isto é importante, pois, se algum dia, quantos séculos para a frente não sei, algum maluco conseguir constituir um computador com essas características, ele vira gente.

• P – *No caso de uma célula primária, quando é agredida e precisa sobreviver, há consciência de alguma coisa aí?*

Entre células não. Se uma célula é agredida, no sentido de Maturana e Varela, se é comovida por alguma mutação externa, o que aconteceu? Ela está disponível para algum furo. Tanto é que ela pode desmembrar-se inteiramente. Algo a fura. Se transar numa boa, ou melhor, como ela não tem essa iniciativa,

se lhe acontecer uma boa transação, ela sobrevive modificada. Não há consciência alguma aí. São saberes em transação. Um furo foi estabelecido, mas não é um furo da ordem da referência ao quarto. Há pouco, disse que, para a consciência, basta referir-se ao terceiro, mas isto no caso de eco-lógica. No outro caso, há o terceiro, mas não a eco-lógica entre as formações, a transa é regional. Uma célula não precisa transar-se inteiramente com outra para sobreviver na agressão. Ela pode transar regionalmente: uma formação dentro dela faz o curativo da ferida. Não é ela por inteiro. Não é o aparelho fazendo a reflexividade – o nome seria este – em eco entre as formações, que é o que nos dá a impressão de consciência. E o é.

Retornando às definições que vinha colocando, o que pode ser um Conhecimento? É nada mais do que uma aplicação, que é volitiva porque consciente de si, segundo o conceito de consciência que apresentei antes (mas consciente de si enquanto aplicação, e não enquanto conhecimento ou enquanto consciência das formas ingredientes), de uma formação mais ou menos complexa como tradutora (e portanto traidora, pois só há metalinguagem na traição) de outra formação. Ou seja, a definição é simples: **conhecimento é aplicação de uma formação como tradutora de outra formação**. O saber funciona, mas para o conhecimento é preciso da consciência, pois, de dentro da tal consciência, de dentro de meus movimentos de eco-logia recíproca das formações, segundo esse *mood*, tomo determinada formação como? Atenção aqui, se não vem o sujeito de novo. Isso significa que, porque posso me referir ao neutro da passagem, há em mim a possibilidade de recorte. Ou seja, determinadas formações em mim tomam determinadas formações como máquina de tradução do que acontece numa outra formação. Para isso, há que haver consciência do quê? Da aplicação, mais nada. Um cientista em laboratório, quando está produzindo determinado conhecimento, não precisa ter consciência de tudo que ali acontece, pois muitos ingredientes são aleatórios. Mas ele não pode deixar de ter consciência de sua aplicação. Consciência de que eu – quem é eu? Ego, um pedaço de eu, um conjunto de formações – está aplicando, a si mesmo e a outro conjunto de formações, um conjunto de formações para traduzir uma terceira formação. E errado, é claro...

- P – *É um senso de adequação?*

Não. É tentativa de uma formação mapear outra, dizer o que acontece na outra. E ferrou-se, pois, no que tenta mapear aquilo, entra em eco-logia e consegue, no máximo, um discurso interessante, mas que não esgota coisa alguma.

- P – *Cabe a noção de escuta de uma formação como conhecimento?*

Se você quiser, já que o hábito em psicanálise é falar em escuta. Até Prigogine fala em escuta poética do Universo. O Universo é uma formação que ele supõe estar escutando mediante o quê? Um conjunto de formações do lado de cá, que tem consciência de estar aplicando esta escuta, mais nada.

Então, conhecimento seria esta bobagem. No entanto, é muito importante. Acima do conhecimento, há a possibilidade aberta e total da Comunicação, que é a vinculação de que lhes tenho falado no seio de Primário, de Secundário e de Originário. Isto é maior do que conhecimento, pois pode haver até comunicação dos conhecimentos.

Acima disto, vem algo completamente fora de moda. Um termo que Lacan abominou e que estou trazendo de volta: **Sabedoria**. Será que podemos conseguir alguma sabedoria mesmo sendo essas maquininhas bobas? Defino-a como: **recurso pleno (plerômico) ao Saber, à Informação, à Consciência, ao Conhecimento e à Comunicação, como se tudo isso fosse uma Macro-Formação, toda ela em Sobre-Determinação equi-vocada dentro do processo de Indiferenciação**. A sabedoria visa, portanto, a perfeição do périplo no interior da cultura. Se analista existisse, seria assim. Faria recurso a todas as ordens que coloquei – informação, consciência, conhecimento, comunicação, etc. –, sempre na referência à indiferenciação, perpassando pela cultura. Isto seria alguma Sabedoria, se ela houvesse.

E acima de tudo, está a **Inspiração** (para a criação), que também é um **recurso ao Saber, à Informação, à Consciência, ao Conhecimento e à Comunicação, mas exigindo referência à hiperdeterminação**. Pode parecer loucura o que estou dizendo. É preciso ter a experiência da hiperdeterminação, do Cais Absoluto, mas quando estou tentando funcionar na

minha sabedoria, basta, como disse antes, me referir ao terceiro lugar de indiferenciação – porque posso fazê-lo, porque tenho experiência da hiperdeterminação – para percorrer todo o campo do Haver dentro dessa sabedoria. Já para criar, não basta que se tenha sabedoria. Às vezes, nem é preciso tê-la agoraqui, pois não é o caso de percorrer a cultura a partir do terceiro ponto. É caso de, até numa região da cultura – definida como modo de existência da espécie humana –, eu me remeter à hiperdeterminação. Aí, então, algum indiscernível vai se distinguir para mim. Isto, quando acontece.

Antes de terminar hoje, queria recomendar-lhes um livro de Jean-Jacques Wunenburger, *A Razão Contraditória* (ciências e filosofias modernas: o pensamento do complexo), de 1990, e publicado em 1995 pelo Instituto Piaget de Lisboa. No capítulo *O Devir Enantiodrômico*, páginas 219 a 230, que só li recentemente, embora o considere bastante ruinzinho, encontramos uma coisa interessante. Ele está falando do enantiomorfismo, da enantiose, e, antes ainda de começar a falar bobagem, do meio do artigo para o fim – quando entra com *coincidentia oppositorum* e se aproveita de Jung para sua explicação –, encontramos uma exposição didática, no campo da ciência, etc., do que é o Revirão. Não de algo semelhante, mas da mesmíssima coisa. Ele o explicita como sendo o pensamento da complexidade. Dantes, eu só tinha lido algo que pudesse até, quem sabe, ter tido influência para a intenção do Revirão, na obra de um teórico da ciência francês chamado Stéphane Lupasco, de quem não se fala mais, mas que era muito conhecido na década de 60, quando li sua obra. E acho que aquilo ficou, e só consegui entender ontem.

18/SET

15

A RESPIRAÇÃO D'OESPÍRITO

Como devem ter notado, estou fazendo comentários e considerações a respeito de Globalização, Era Global, Pós-Moderno, etc., sem entrar no conjunto de definições costumeiras a respeito desses temas. Isto porque existem dezenas de trabalhos a respeito. Vários estão na bibliografia que lhes forneci. Portanto, não estou tratando dessas definições.

Justamente na consideração da presente globalização, que vige no seio da chamada pós-modernidade (que também não consigo conceber), gostaria de fazer comentários a respeito de alguns efeitos do Simpósio sobre o mesmo tema deste Seminário que o *...etc.* – Estudos Transdisciplinares da Contemporaneidade, da UniverCidadeDeDeus, realizou na sexta e sábado passado. Sempre nos chegam alguns efeitos bastante engraçados, fora aqueles que são corriqueiros, da ordem da imprensa, etc.

Por exemplo, um analisando um tanto desrespeitoso, um tanto apedantado por suas incursões acadêmicas – o que é perfeitamente normal –, depois de participar do Simpósio, vem me perguntar: qual é a tua, cara? A pergunta se refere certamente à mistura heterogênea dos participantes do Simpósio, aos discursos os mais abstrusos que lá foram proferidos. Ele deve ter considerado uma mistura de cambulhada indevida. Certa vez, depois que Picasso pintou *Guernica*, sobre a guerra civil espanhola, que foi a maior indecência, os fascistas começaram a pressioná-lo sobre o porquê de ele ter feito aquilo. Ele disse: foram vocês que fizeram, eu só pinteí o quadro. É o caso de dizer aqui

também: não fui eu que fiz a pós-modernidade e a era global, só fiz um simpósio que, por motivo desse de resposta, mostrou exatamente o que é a pós-modernidade e a era global. É isso que acontece quando ficamos inteiramente sem parâmetros para dirigir um processo discursivo num sentido unitário. Poderíamos fazer um simpósio estritamente psicanalítico, ou neo-psicanalítico, sei lá o quê, como há simpósios lacanianos, mas que não significam coisíssima alguma a respeito desse tema, pois a situação presente do planeta não é essa. Achei interessante o tipo de reflexão, pois exhibe exatamente a situação e certa perplexidade das pessoas em relação a ela.

Outro acontecimento também importante para mim foi uma colega universitária bastante inteligente que fez um pequeno comentário sobre o que teria sido – sem usar o termo – o extremo narcisismo dos participantes do Simpósio. Dizia ela até com propriedade: engraçado, você faz um Simpósio sobre globalização e cada um só fala de si mesmo. É verdade, mas também iam falar o quê? Justamente o efeito “paradoxal” – como os autores gostam de chamar – da tal globalização é esse. Quando passa o vento de abstração, que chamo de Quarto Império, etc., por absoluta inadimplência das situações culturais no planeta inteiro, o que acontece é o recrudescimento das formações sintomáticas. Não pode não ser. Justo quando se vai falar de globalização, fica evidente que cada um está mais assustado do que o outro e cada um levanta uma bandeirinha para dizer que existe com determinada característica no seio desse troço. E isso tem vários sentidos. Outro analisando comentava comigo sobre certo programa ou artigo que ele teria visto ou lido a respeito do que chamo de “enterro da lambisgóia” – que é um fenômeno também pós-moderno da maior graça – e observava como as coisas se deslocaram, como temos uma família real perplexa diante do glamour internacional da nova Marilyn Monroe e um cantor pop cantando uma música que tivera feito para a outra dentro da Abadia de Westminster... É isso aí, essa coisa esquisita que está acontecendo por absoluta inadimplência referencial em nossa época.

Tudo isso são características inarredáveis do chamado pós-moderno e efeitos vigorosos do recrudescimento dos sintomas diante da lufada do vento

do Quarto Império, que estão chamando de globalização. De tal modo que o efeito de que falava a colega, dos narcisos discursivos, é o que acontece em todo lugar e ficamos dentro da situação engraçada de que a tal globalização, no que tenta abstrair o processo, acaba isolando os indivíduos. No pavor da ventania, cada um se agarra em seu próprio bastião. Mas o que está fazendo cada um desses que, justo quando vai falar de globalização, começa a se centrar em torno de seu próprio rabinho? Está tentando globalizar seu discurso, o que é óbvio. Já que guerra é guerra e a globalização permite essa disputa acirrada de mercado, cada um fica tentando globalizar sua própria produção. Então, vejam que acontece algo paradoxal, que é o egoísmo global: cada postura egóica querendo globalizar seu próprio ego. Mas o que as pessoas esquecem ao fazer esta crítica é que isto resulta necessariamente numa dissolução. Se você tenta globalizar seu ego, começa a dissolvê-lo imediatamente. A faca é de dois gumes. Será que poderíamos falar de altruísmo, não no sentido estóico, mas de qualquer tipo de truísmo em relação à alteridade? É engraçado como o vento de vocação de alteridade passa, produz efeitos sintomáticos egóicos imediatos e a vontade de globalização do ego produz dissoluções. Ou seja, a coisa está ficando cada vez mais complexa, multifária, e nem a vocação globalizante consegue se realizar como tal, nem o efeito contrário consegue se formular numa postura definitiva. Como já mencionei outro dia, basta lermos nos jornais o que está acontecendo, por exemplo, no Irã. O pessoal que estava vigorosamente no poder com vontade fundamentalista já está tendo que começar a ceder politicamente para uma posição mais abrandada. É o efeito “paradoxal” da coisa. Eles ficarão inteiramente bloqueados se insistirem no fundamentalismo. Isto ao mesmo tempo que a vontade de globalização faz reforçar a vontade islâmica de fundamentalização.

Em nosso simposiozinho, foi notado que houve uma verdadeira convergência das falas das pessoas. Alguns até perguntaram se estava combinado. Estava sim, estava combinado pela situação, embora algumas pessoas nem se conhecessem. O que está combinado é a situação. Aliás, esse tipo de consenso que começa a fluir espontaneamente pode ser interessante do ponto de vista

político de organização de uma situação qualquer, mas, por outro lado, é muito esquisito. Afinal, por que está todo mundo pensando na mesma direção? Deve haver alguma coisa errada. Fico me perguntando se a convergência suposta é uma convergência temática – e acho que não é – ou se é uma convergência de todos estarem exprimindo o que eu lá quis chamar de *A Alma desse Tempo*. Parece que a alma do tempo está se exprimindo nesse movimento, então, o que há para dizer é isso. O que é muito diferente da tentativa de se produzirem teorias que efetivamente possam fazer algum recorte mais preciso ou prometer algum relanceamento da situação. Simplesmente deixar que as pessoas compareçam diante de um público expondo suas posições exprime a aparência de consenso – e acho que não há bem consenso –, que deve ser a exposição da própria alma do tempo, do espírito do tempo.

Então, os efeitos esquisitos que situam esse tempo, efeitos de ventania de abstração, no sentido do que chamo Quarto Império, correspondentemente os efeitos de recrudescência sintomática, são as enantioses do espírito. Como se lembram, da vez anterior eu chamava de enantiose a relação de oposição dentro do Revirão. As enantioses do espírito, ou seja, os ventos do Quarto Império que tentam passar e situar o Quarto Império, são suscitadoras do movimento de oscilação rebarbativa entre os opostos: a tendência à dissolução e o efeito contrário de reforço das sintomáticas locais. Isto porque os Impérios anteriores estão em vigor, não desapareceram porque há uma tendência a mudar de referência. Já lhes disse que não estou considerando que a vigência de cada um dos Império seja sua hegemonia absoluta no sentido de desaparecimento dos outros. De modo algum, pelo contrário, os Impérios de base não somem, ficam lá. A tentativa é de mudança de referência hegemônica. A pergunta é: a que referencial vai-se emprestar hegemonia? Se tivéssemos a intenção de implantação eficaz do que chamo Quarto Império, d'Oespírito, a referência começaria a ultrapassar o regime do Secundário no sentido do Originário. O que esta ultrapassagem tem de especial é que ela desloca a referência estrita ao Secundário, que é o Terceiro Império. Mas esta referência não consegue existir sem as decantações, as metáforas, do Secundário, como é o caso, por

exemplo, do que exemplifico com o nome de Cristianismo. Aí temos que todos são filhos do mesmo pai, todos são irmãos, segundo determinada palavra, a do filho dileto, os outros não são irmãos. Então, há que seguir aquela metáfora para estar inteiramente inserido no Secundário. Isto é que é importante e situa, por exemplo, a obra mediana de Lacan. Sua noção de simbólico como estrutura de metáfora não é senão isto.

A ultrapassagem disto, o vento que está passando por aí, que não consegue de modo algum se instalar – não estou dizendo que consiga, não tem conseguido, tem é conseguido recair em metáforas piores até –, é no sentido de tentar ultrapassar a razão metafórica que é a razão do Terceiro Império. Ou seja, de que não é preciso mais nem mesmo designar um Pai, pois não se trata mais de ser Filho, e sim puramente do percurso do Espírito, ou seja, do jogo do Secundário no que se reconhece sempre tocado pelo Originário. Mas, como sabem, o Quarto Império é uma forma intermediária. Não é a instalação – que vejo extremamente remota – de um Quinto Império em que a referência dominante, hegemônica, ao Originário tornaria tudo isso uma bagatela. É um momento intermediário de extrema dificuldade de instauração e que, portanto, faz acontecer a coisa esquisitíssima que estamos vivendo. A maioria das pessoas que sabe algo a respeito do que está acontecendo está assustada e alguns pensam até num certo obscurantismo da época. Acho o contrário. Este é um momento extremamente fecundo, como foi, por exemplo, a resultante medieval no processo do Renascimento. Entre nós, temos a má informação, o mau hábito, de supor que o que aconteceu no chamado período renascentista, supostamente introdutório da modernidade prévia, antes do século XVII, é da ordem do Classicismo, sobretudo do Classicismo italiano, romano, coisa parecida, italiano em geral. Mas no bojo daquele movimento já estava se gerando o que mais tarde vai ser o Barroco e já estava se exercendo o que considero ser a característica de nossa época, que é o Maneirismo. Não importa que determinado Papa mandasse construir aquelas esculturas classicistas do Vaticano, por exemplo, pois lá na Capela Sistina está a pintura de Michelangelo, que é o maneirista por excelência, o exemplo *princeps* do maneirismo. Então, era meio turbilho-

nado também, e não a simplicidade de livro de escola secundária com que pensamos aquela época. O momento que estamos atravessando é fecundo. Precisávamos é aproveitar a chance de manter a suspensão, sobretudo porque, se considerarmos a Sexualidade que venho apresentando, a tônica maior de nossa época não é de vocação classicista, nem barroca, mas me parece maneirista, que é a capacidade de passagem de um lado para outro. A coisa, do ponto de vista da neurose, que é a estrutura dominante, fica na oscilação tomada estritamente com características de dubitação e torna o ambiente inteiramente obsessivo. É o reino, o império, dos obsessivos. Paciência!, é preciso fazer a oscilação entre os dois extremos da oposição para sustentar uma posição ‘maneira’ e se conseguir acrescentar algo no sentido do Quarto Império. Não que ele vá vigorar – não acredito –, é só uma ventania. Não há muito boa condição de sua instalação ainda.

Fazendo um parêntese, a instalação deste processo se dificulta até mesmo, como já disse no Seminário primeiro deste semestre, pelo que há de falso no processo de globalização. Se abrirem livros sobre o assunto, e já devem ter aberto alguns, verão que começam por definir a globalização como fenômeno do capitalismo. Sim, é o capitalismo que está arcando com o fenômeno, mas não é um fenômeno do capitalismo, e sim do processo humano. É uma tentativa de instalação dentro do que tenho colocado como creodo antrópico. O que acontece é que quem fagocitou os procedimentos foi o capitalismo. O que vai resultar em quê? Na globalização de **alguns** fenômenos, de **algumas** formações pregnantes dentro do capitalismo. Então, as coisas não se globalizam de modo algum. O que se globaliza é determinada vontade de formação capitalista com o respectivo entusiasmo pelo lucro puro e simples, sem interesse pelas formações gerais. Aí é que está o grande conflito. Há globalização sim, mas quase estrita aos movimentos do capital. Sobretudo, o capital financeiro, o qual vive com o pé no freio, se não degradingola essa porcária, as bolsas desabam e não é bom que isto aconteça, pois a gente vai junto. Mas não estou aqui para falar de economia. É apenas meu faro e o que ouço os economistas dizerem.

Como fica a situação de cada um dentro da respiração, da sístole e diástole que o vento do espírito está causando? Por um lado, a inspiração de globalização, de abstração dos processos, de suspensão das formações sintomáticas, por outro, o exercício pleno das formações sintomáticas, dos racismos, dos ódios, das guerras civis, da violência urbana. A coisa inspira para lá e expira para cá. Como disse, do ponto de vista genérico da formação vencedora, é a dubitação, a neurose obsessiva em ato. Acho que ninguém discordaria disto. Pode-se perguntar a alguém sobre um fenômeno de violência urbana qualquer. A mesma pessoa começa a conversar e, no que se vai dando corda, ela vai do entendimento abstraído e bem pensante a respeito da coisa, num espírito democrático e aberto, à indicação de que esse caras deviam ser exterminados. Isto no mesmo discurso e em todas as áreas. Há entendimento da situação do pobre coitado e, logo depois, “mata esse filho da mãe”. É só dar corda que dá a volta e vira ao contrário. Para com todas as minorias, por exemplo, temos o sentimento de que têm o absoluto direito de existir... mas que não valem nada. É só apertar um pouco o discursante que ele continua e dá a volta. Isto porque não são da patota dele, se fossem, valeriam.

Para além, então, da obsessividade da época temos algo mais grave ocorrendo por trás, que são dois fenômenos pelos quais a psicanálise se interessa com frequência em sua história. Um deles, sobretudo depois da derrocada da fé nos fundamentos, é a questão: que garantias tenho eu, quando estou falando com outro, a respeito da efetividade do que ficou combinado? Em suma, *a questão da palavra dada*. Como, no seio dessa zorra, a palavra dada será respeitada? E pior, não há senão a palavra dada. Encontramos por aí o pessoal que se preocupa com a ética dos comportamentos sempre metido com essas questões. Toda hora lemos no jornal alguém falando da ética do Betinho, da Dona Maria, do assaltante, do Papa contra o aborto, do aborto contra a ética ou a favor dela... Mas são posições estritamente políticas, apelidadas de éticas. O que acontece é que, no trato com o outro, a palavra dada seria a única garantia... ao passo que ela não está valendo nenhum tostão furado hoje. Por quê? Antigamente, as pessoas davam a palavra na suposição de que algum fundamento as

garantia. Isto ainda que fosse a existência de Deus olhando para elas de maneira acusatória, punitiva, o dia inteiro. Havia aquela menininha de colégio de freiras que tinha prisão de ventre porque sentava na privada e, atrás da porta, estava escrito “Deus te vê”. A eficácia devia ser contra a masturbação, mas acabou trancando o cuzinho das moças. Elas tinham terríveis prisões de ventre porque ficava meio sem graça fazer aquilo na frente do olhar divino. Como pode alguém sentar numa privada com Deus olhando? Mas era de uma eficácia muito grande, pois enquanto Deus os via, a palavra dada tinha como vigorar, já que Ele viu. Na medida em que os fundamentos foram para o bebelê, a única garantia da palavra dada é aquele que a deu garanti-la e, eventualmente, até morrer por ela, só porque precisa de um parâmetro. Isto está fora de moda, fora de situação. Sem garantir a palavra dada, não se pode ter confiabilidade nenhuma nas transações. E esta seria a única maneira de se produzir alguma confiabilidade. Como fazer, então? Alguém sabe a resposta?

Como sabem, no percurso de sua obra, Lacan deu importância à questão da palavra dada. Ele inventou um critério esquisito para a sustentação dessa palavra, que era a idéia de que pouco importava se a pessoa fosse cumprir ou não a palavra, porque ela teria, por ter dado a palavra, o estatuto de segurança da palavra. Ou seja, o estatuto de segurança a respeito da palavra é que ela foi dada, a pessoa cumprindo ou não. É muito bonito do ponto de vista da estrutura do significante. Se deu a palavra, segundo Lacan, você se situa como sujeito que pode assinar um contrato de garantia da sua palavra, mesmo que não tivesse tido a intenção de cumpri-la no momento em que a deu, pois você está se pondo à disposição dessa palavra até para ser mal considerado, punido, algo desta ordem. Uma vez dada a palavra, você não podia retirá-la nem que tivesse a intenção de não cumpri-la no momento em que a deu. Isto porque Lacan supunha que a palavra dada engajava o sujeito pelo fato de ela ser um ato absoluto. E a garantia deste ato, em Lacan, está em seu entendimento do que possa ser um sujeito como tal. Acontece que as pessoas acabaram por descobrir que essa história de sujeito é lorota e que é preciso um teorema desse tipo para segurar a subjetividade e lhe dar o estatuto de garantia da palavra. Como, então, situar

uma palavra dada e exigir seu cumprimento até no descumprimento, se, para alguém ou para além do Deus anterior, não situo nem mesmo o Sujeito? O que é interessante entender é que, no lugar do Deus onipresente que está visualizando tudo de maneira até acusatória e punitiva, o que veio foi o tal Sujeito, o qual não se garantiu como existente para alguém de alguma fé nele depositada. Também aí o fundamento depende de algum fundamentalismo, pois não há fundamento.

Vejam que situação difícil e a que comoções estamos dispostos em nossa época e daqui para a frente quando não se tem a garantia divina, nem mesmo a de algum Sujeito em que não se tenha fé. Eu, por exemplo, não tenho nenhuma fé nele. Acho que ele nem existe, é uma deliração, se não uma frescura francesa. O que reconheço são formações que chamo de Idioformações e posições sintomáticas decantadas que vão se estabelecendo por aí. Mas como, afinal de contas, para além das forças em ato, poder estabelecer aí alguma confiabilidade? Será que isto ainda vai ser possível? Será que alguma palavra dada pode prestar? No interregno da situação, pode parecer que cada um tem que lutar pela validade de sua palavra. Estou falando a respeito da absoluta falta de suporte para a palavra dada, tanto em algum Deus quanto, por exemplo, num efeito Descartes da divindade, que é o Sujeito ensandecido, delirante, que ele inventou e foi acolhido no seio da psicanálise com a vontade de transformá-lo numa brecha intersticial, mas que sofre da vocação cartesiana, em última instância. Como, sem essas referências, lidar com o processo e que suporte posso dar, alguma confiabilidade, a uma palavra dada para além ou para alguém de uma pressão de forças? Por exemplo, uma pressão policial? E precisamos lembrar que ainda temos a maioria sintomatizada segundo uma moral encaixada pelo Terceiro Império. É uma grande maioria domada, domesticada, moralizada, bem situada, por determinado aparelho sintomático, por determinada formação, que deixa as coisas funcionarem. Não é nem porque as pessoas põem determinado elemento como indicação de seu processo de referência, de palavra, mas sim porque a maioria está sintomatizada.

Acontece que o efeito mídia, como um dos exercícios mais poderosos de nossa época, é de mão dupla. Ainda há pouco tempo tínhamos Michel

Foucault, por exemplo, denunciando que a mídia, cada vez mais poderosa, estava tornando a humanidade inteira observada panopticamente, inteiramente dominada por seu olhar. Hoje em dia, temos autores importantes que chamam atenção para que esse efeito é de mão dupla. Ou seja, assim como pode parecer que se produz um grande *panopticon* sobre a humanidade, também a mídia, apresentando os casos, faz com que o olhar da massa se dobre sobre a própria massa. Há uma dobradura aí. O que acontece, então? Apesar da recrudescência dos movimentos de João Paulo, por exemplo, ou da recrudescência da boçalidade mercadologicamente instaurada das novas igrejas evangélicas dominando as pessoas por aí, não se pode fugir do fato de que a circulação das mensagens vai acabar destruindo esse aparelho de moralidade. As pessoas vão parar de acreditar no sintominha que carregam. A psicanálise quando apareceu, no final do século passado, não teve só o efeito que podia ter dentro dos consultórios. Sua divulgação, mesmo folclórica, deslocou uma porção de formações sintomáticas no seio da sociedade. Então, ainda estamos curtindo a situação de uma grande massa ainda sintomatizada segundo uma determinada formação moralista, e se continuar essa comunicação toda, isso vai acabar. Como é que se faz, então, depois, quando restar o jogo morfótico dos gozos distribuídos sobre o planeta e que a pessoa só tenha a referência da pressão policial, mais nenhuma?

Vejam o que está acontecendo num país como o nosso – e que pode acontecer em qualquer lugar – que não tem condições de manter presa a massa de delinquentes que a situação produz. Então, começam-se a inventar amenizações das leis. “Tal elemento é delinquent, mas não tanto, põe na rua”. Mesmo porque, se fizermos um cômputo, altos delinquentes internados em cadeias fedorentas não são mais delinquentes do que um perfumado que está, por exemplo, no poder. E as pessoas estão sabendo disso. Não é mais aquele tempo em que o rei fazia o que queria porque as pessoas nem sabiam o que ele fazia. Por exemplo, não fazia cocô. Já que falei em Deus, só Ele sabia disso, pois o povo achava que rei não faz essas coisas, nunca se via a merda real. Parece bobagem, mas é importante. A primeira vez que entrei no Louvre, fiquei

espantado com o penico de Napoleão, seu troninho, lá exposto. Ué, Napoleão fazia isso! É um ato tão extravagante que é parecido com o de Duchamp de pegar o mictório e colocar no museu. Este é, então, um dos problemas que estou colocando e que está na dependência da respiração, inspiração e expiração, desse processo. Ainda se estatuem relações sociais que deveriam ter referência a uma confiabilidade no lugar onde palavra não vale nada, a não ser que a polícia seja chamada. Está aí um fenômeno importante. E não me venham com a palavra Ética, pois antes de usá-la é preciso procurar saber como se dá algum fundamento a isso. Alguns podem fazer pactos entre si. Sim, e aqueles que não estavam no pacto e nem o assinaram? E aqueles que assinaram o pacto de mentira? Tudo isso já teve um respaldo externo que hoje não tem mais.

Na onda ainda da respiração d'Oespírito, como estou chamando, entramos num outro procedimento, que é grave e que também foi tomado pela psicanálise junto da questão da palavra dada, que é a estrutura mesma da Paranóia. Vejam que as coisas não ficam apenas no regimzinho de neurose obsessiva generalizada sobre nós, mas começam, tanto por causa do movimento de informação quanto por causa da falta de referencial, se instalando como um regime de paranóia. Não necessariamente no sentido de uma psicose paranóica, se é que podemos – e acho que podemos – fazer alguma distinção entre paranóia pura e simples e psicose paranóica. Psicose paranóica depende de hiper-recalque evidenciado. Falar pura e simplesmente em paranóia é no sentido da impostação rivalitária comparativa que começa a acontecer com muita violência na face do planeta. O engraçado é que poderíamos nos referir estritamente ao nosso campo, da psicanálise, para observar essas coisas. Se observarmos as chamadas instituições psicanalíticas, tanto cada uma isoladamente, quanto na relação, se é que isto existe, no atrito, entre essas instituições, o que temos é falta de palavra e paranóia. Isto é interessante, pois como estamos falando de uma instituição de psicanalistas, podemos generalizar para o mundo de maneira um pouco assustadora. Porque tenho de longa data a tentativa de sustentação de uma instituição psicanalítica, observo, por exemplo, como essas duas coisas que a psicanálise não só argüiria teoricamente como

tentara tomar como sustentáculos do laço social – a sustentação da palavra dada e a observação da paranóia no regime da produção do conhecimento e das relações de rivalidade – estão desenfreadas.

Como sabem, Lacan começou da loucura e do crime. A vocação da teoria lacaniana, sobretudo em seus primeiros e medianos passos, é inteiramente jurídicista. Tomou aquela coisa do estruturalismo, da interdição do incesto, Lévi-Strauss, estrutura de sociedade, a questão do Outro, da palavra, da ordem social, da família, sobre a qual escreveu um texto... Donde a famosa forclusão do Nome do Pai, que é um aparelho jurídico. Então, podemos dizer que Lacan começou a refletir a partir do crime – caso Aimée, as irmãs Papin – e a tentar instaurar a questão do crime no seio da linguagem, etc. Não vai dar para falar tudo hoje, mas posso continuar da próxima vez. Vamos entrar no terreno da paranóia, que é muito interessante. O que faz acontecer a falta de referência, a suspensão, a lufada abstrata, quando encontra a maioria das pessoas situada em formações sintomáticas? Estou dizendo que não preciso chamar de psicose paranóica um aparelho rivalitário como é o da paranóia. Entretanto, segundo meu teorema, poderíamos dizer que, no que a ventania passa e o sujeito se agarra ferrenhamente à sua formação sintomática, ele começa a dar características de hiper-recalque à formação em que ele se segura. Começa a se identificar excessivamente com aquela formação de maneira que ele parece ser aquilo. Ainda que não seja uma psicose individual, comum e que se observa nos consultórios e nas instituições psi, a coisa toma características de uma psicose.

Lacan, em 1932, antes ainda de ser psicanalista de verdade, um freudiano verdadeiro, começou com sua tese de doutorado sobre a psicose paranóica, o caso Aimée famoso, e inventou algo que engolimos, de acordo com a situação da época, mas que é um absurdo total. Ele resolveu inventar – e foi o que sacou da leitura dos textos da própria Aimée – que aconteceu quase que uma verdadeira cura da psicose na medida em que ela comete o crime e sobre ela recai a lei. Aquela coisa da lei, da ordem jurídica, que figura em seu pensamento. Fazia sentido e vai, depois, fazer também sentido com muita pro-

priedade dentro do encaminhamento que chegará ao conceito de foracclusão do Nome do Pai. Ou seja, foracclusão da lei. Continuamos no mesmo lugar, pois o famigerado Nome do Pai não é senão o significante que, no campo do Outro, significa o Outro enquanto lugar da lei. O pensamento de Lacan é estruturalista, jurídicista e secundarista, pois nele não entra nada de Primário: a estrutura é toda de Secundário e de relações jurídicas de uns com os outros. E vejam que coisa engraçada aconteceu naquela época. É como se um trabalho como o de Lévi-Strauss tivesse estatuído a lei de uma vez por todas, desse um fundamento à lei em cima, por exemplo, da necessidade lógica e pragmática de organização social da interdição do incesto como lei fundadora da cultura em contraposição à natureza. O aparelho é jurídico na fé de que a ciência estruturalista tivesse encontrado o fundamento da lei na passagem de natureza a cultura, diferentemente dos animais. Isso tudo, hoje em dia, é baboseira. Temos que reconhecer que esse aparelho lacaniano está comido por caruncho. É muito bonito, mas não deu. Temos que começar... novamente.

Retornemos ao caso Aimée. É muito bem bolado. Ela, completamente paranóica, vai, mete a faca na outra, etc., é presa e cai em si, ou cai da paranóia, despenca da psicose, porque o aparelho jurídico de estado brandiu a lei e ela desceu. Será mesmo? Tomemos o caso Schreber. Lacan mostrou aí a foracclusão do Nome do Pai, a não entrada da lei no campo justamente desse que foi presidente do Tribunal de Alçada, que fazia valer a lei e para quem não houve *Bejahung* suficiente para instaurar a lei. Já mostrei que não acho isto e que falo de hiper-recalque em cima da absoluta interdição vinda de seu pai, que era mais maluco do que ele. Leiam seus textos para ver o quanto é pirado e de uma violência, de um furor pedagógico, insuportável sobre a criança. No que determinou para Schreber uma posição sexual, a cabeça deste não tinha condição de supor ao menos uma pequena virada dentro da sexualidade sem se degradingolar inteiramente. Aquilo que o Secundário pode permitir de elasticidade na sexualidade, para ele estava como se fosse da ordem do Primário, intocável e intocado. Qualquer “escolha”, qualquer acontecimento, que situe determinada pessoa em certa pregnância sintomática que lhe dê uma escora e uma opressão

excessivas, vai pegar essa pessoa e situá-la como se determinada formação sintomática fosse da ordem da natureza, se não da ordem divina. Então, o que está mesmo embutido em Schreber – embora para Freud, por exemplo, fosse claramente a questão da homossexualidade impossível – é que seu ser, o que ele é enquanto Schreber, é um hiper-recalque, uma hipóstase de certo movimento da sexualidade. Ou seja, sua ontologia não lhe permitia determinado questionamento sobre a sexualidade. Não é o que podemos encontrar em Aimée. Se houver, não foi relatado. Não há no caso Aimée um relato que ponha, com clareza, pelo menos, um caso como esse na sexualidade. Há, sim, sua posição ontológica como lugar social, como paixão pela realeza. Me lembrei muito dela no enterro da lambisgóia, onde vimos o povo apaixonado pelo lugar da princesa. Ela também: tinha uma erotomania (não com a princesa, mas) com o Príncipe de Gales. Tudo isso desinstalando-a de seu lugar enquanto hipóstase no social, etc. Digamos que seu problema não fosse homossexual, mas homossocial. O de Schreber também era, em última instância. O hiper-recalque não incide ali sobre o sexo próprio com evidência, mas sobre *o ser* próprio, como na maioria das psicoses.

Quero dizer que, quando Aimée tenta matar a moça, não é – estou mexendo com casa de marimbondo, mas vale a pena – porque tivesse feito um ato que invocou a presença da lei, o que a fez decantar-se de seu processo de psicose, segundo a teoria de Lacan. O que fez foi a prática psicótica da tentativa de assassinato do outro. No quê? Na realização de seu processo de criminalidade, em última instância, ela consegue fazer não uma psicose de autopunição como Lacan chama, mas sim de auto–afirmação. Ficou esquisito, não é? Eu não disse que ia mexer em casa de marimbondo? Foi a instauração da lei em sua vida que permitiu que ela se afastasse tanto de seu aparelho psicótico, ou, ao contrário, foi a possibilidade de, vencendo a estrutura de hipóstase, vencendo de alguma maneira o hiper-recalque, ela forçar a barra do que lhe ocorreu ser contra o ser que ela tinha obrigação de sustentar? Pode parecer complicado, mas é simples o que acabei de dizer. Tomemos em Schreber que dá para entender. Se ele tivesse inventado alguma maneira de des-hiposta-

siar sua sexualidade, teria imposto contra a hipóstase a vocação imaginativa do Secundário. Sim ou não? Ele nunca conseguiu, pois estava hipostasiado. Então, digo que uma Aimée é aquela que não pode passar, pois (não o sexo próprio, mas) o ser próprio está hipostasiado como se fosse primário. Assim como Schreber pensava: “como seria bom ser uma mulher sendo trepada”, ela pensava: “como seria bom ser uma princesa mulher do príncipe de Gales” – isto é o delírio –, mas chega um momento em que ela se afirma numa equivocação com um alter ego que parecia maravilhoso. Ou seja, no que vai e investe contra esse outro, ela afirma sua possibilidade de viver essa fantasia, essa imaginação. Então, é como se ela tivesse suspenso o hiper-recalque. Não é a polícia, mas sim que ela fez uma psicose de auto-afirmação e, ao tentar matar a outra, ...

• Pergunta – *Onde entra a lei aí?*

Isto é problema de Lacan, não meu. Se for a lei, é ALEI, Haver desejo de não-Haver. É o ato que ela fez de afirmação: ela foi à luta. Mas vejam que foi à luta escolhendo rivalitariamente alguém que nada tem a ver com o pato.

Então, ainda dentro dessa respiração, o que acontece em nosso mundo, hoje, que está ficando cada vez pior? Uma tremenda paranóia de auto-afirmação. Mikkel Borch-Jacobsen tem um livro interessante – *Lacan: le Maître Absolu* (Paris: Flammarion, 1990) –, no qual, página 41, justamente quando trata da psicose e do caso Aimée, diz uma frase que me parece típica da paranóia humana e exacerbada hoje em dia: “*Ce qui commence dans l’admiration, finit dans le meurtre*”, “o que começa na admiração termina no assassinato”. Isto é a definição da paranóia. Não estamos falando de esquizofrenia. E qual é a definição pragmática mais clara de uma neurose? O que é um neurótico? Insisto nisto de vez em quando com as pessoas. O neurótico é alguém que não sabe ter nenhuma relação direta com o mundo. Todas as suas relações são mediadas por alguém. Isto qualifica uma neurose. Neurótico enche o saco da gente dia e noite por quê? Porque não sabe tomar um troço, ficar na dele, fazer aquilo, gozar por aqui, fazer por ali... Isto, mesmo considerando os outros, pois não precisa ser um morfótico. É o que ele não consegue fazer, pois fica mediando

tudo através dos outros. No caso da paranóia, essa mediação é absolutamente rivalitária. Ser rivalitário não é apenas mediar o mundo através do outro, mas sim você mediar através do outro sempre visualizando-o como ocupante do lugar que supõe que devia ser seu. Este é um dos fenômenos dos mais disseminados em nosso momento em contraposição, em respiração, em relação, ao processo de abstração, de soltura, que seria a intervenção do Quarto Império. Justo quando se tenta cada vez maior abstração, maior soltura, está-se vivendo cada vez mais relações inter-pessoais, de grupo, de sociedade, de paranóia e rivalidade.

Fica, então, difícil estabelecer qualquer eixo de articulação de determinado processo, pois imediatamente surgem os movimentos de rivalização. Não são diferenças apresentadas, o que seria perfeitamente natural. Está-se numa situação qualquer, existe determinado eixo em torno do qual se pode fazer todo um processo de produção, e existem algumas posições contrárias ou discordantes. Aliás, o que seria um processo de franca abertura como o processo de globalização, por exemplo, ou de instauração de Quarto Império? Seria justamente de franca dialogação e contestação. Toda vez que alguém disser algo que eu, em contraposição, tenha algo tão válido quanto, entramos em diálogo. Mas não é o que está acontecendo com mais frequência. Isto fica sendo a tese mediante a qual se pratica o quê? A mera rivalidade, a qual não tem tese. Se tenho uma tese e você tem outra, dialogamos, discutimos, trabalhamos. Pode, por exemplo, haver uma equipe de cientistas trabalhando a mesma coisa num processo de dialogação de teses. O que nada tem a ver com um processo de rivalização, pois rivalização não apresenta tese. Se estou discutindo com alguém porque tenho determinada tese e ele tem outra, isto não é rivalidade, e sim polêmica. Não é assim que funciona a paranóia do rivalitário. Quando apresenta algo, e ao apresentar você instala um lugar onde está assentado, ele não tem outra tese, não tem nada. Ele simplesmente quer seu lugar. É a isto que estou chamando de paranóia.

- P – *É um sintoma contra uma tese?*

É sintoma no sentido de uma psicose paranóica, mesmo que não o seja. Senão vejamos, de maneira democrática você até poderia apresentar seu sintoma contra minha tese, pois minha tese, em última instância, não é menos sintoma do que a sua. Você poderia dizer: o mito da minha tribo é mais importante do que sua tese. Tudo bem, então vamos discutir, pois não posso provar que minha tese seja menos mítica do que a tese do seu mito. Não é bem isto que ocorre, e sim que, quando olho para outro e vejo que se sentou num lugar que está instalado por ele ou por alguém, sem pôr meu sintoma, sem pôr nada, eu simplesmente quero aquele lugar. Não vou construir um para mim, quero é aquele. É só este o problema da paranóia. E isto está carcomendo nossa época. Fazendo um parêntese – apenas uma declaração de ordem política –, quero dizer que custei a entender este fenômeno. Comecei a sofrer isso demais no seio dos meus, dentro da instituição psicanalítica. Eu me perguntava: essa pessoa está me agredindo, por quê? Eu lhe pedia que escrevesse um artigo, que fizesse uma conferência, pois não estava entendendo qual era a divergência. Não havia divergência. O cara queria meu lugar. E não há divergência para isto. É rivalitário, e não, divergente. Acontece que isto está permeando a sociedade com muita força.

• P – *Você tem uma idéia do porquê disso? É uma coisa dos tempos atuais?*

É uma coisa humana. Quando Lacan fala do conhecimento paranóico é porque suspeita que, em toda diatribe, mesmo teórica, exista uma disputa de lugares. Mas a coisa se qualifica como paranóia clara quando se vê que alguém está invectivando outro só porque quer ser considerado naquele lugar, e nada tem para constituir um lugar. Então, primeiro, falei da palavra dada enquanto questão fundamental quando não se tem fundamentos. Dentro de uma relação social, não tenho outra maneira de garantir confiabilidade senão porque quero sustentar minha palavra. Nada garante que vá sustentar, eu é que quero, e isto não pode ser obrigado a ninguém. Este é um primeiro problema que deixei em suspenso. Outro, é a disseminação da rivalidade paranóica no seio da sociedade contemporânea. O homem sempre foi assim. Se, antigamente, havia um argumento de autoridade baseado num fundamento que não foi derrubado por ninguém, ele servia para suspender as rivalidades apontando para Deus, para a

ciência. Então, não adiantava ser rivalitário, pois ou se entrava em determinado campo e, segundo esse fundamento, apresentava-se o discurso adequado, ou todo mundo via que era paranóia, rivalidade pura. Mas, hoje, se não há fundamentos, se isto está suspenso, se a fundamentação está cada vez mais precária, estamos dando muita chance a uma espécie de cara-de-pau, o que se queira, que, por falta de parâmetros, de referencial, fica na disputa só paranóica pelo lugar dizendo sandices absolutamente incompreensíveis e não há diferença. O regime é puramente paranóico, rivalitário, e não dialogal. E estamos cada vez mais sem parâmetros para coibir esse tipo de coisa.

Em vinte anos de tentativa de suporte institucional, verifiquei como estes dois sintomas estão produzindo uma impossibilidade de sustentação de qualquer tipo de instituição, seja casamento, seja o que for. Palavra dada e merda são a mesma coisa. Não se pode dizer para o outro “você combinou comigo, deu a palavra de que ia por aqui” que ele responde “mudou, tudo muda, fundamentos não existem”. Então, não se tem mais com quem lidar. Não sei resolver este problema. Outro problema. O sujeito começa a invectivar e você lhe diz que ele tem toda razão, que escreva um artigo sobre aquilo, pois você não é o dono do saber. Não!, ele não tem nada para dizer, só quer meu lugar. Ora, faça um para você, cara! Às vezes, a coisa se explodiu e até fizeram um lugar... estritamente político. “Pego minha patota e faço outra instituição!” Sim, mas para dizer o quê, se não conseguiu dizer aqui? Estou apenas tomando um exemplo vivido, mas isto está na situação geral da política, da sociedade.

Só queria, hoje, colocar essa respiração estranha entre os dois pólos e a questão enorme da situação contemporânea, da palavra dada e da rivalidade.

18/SET

16

SOLITARIEDADES I

Depois de uma greve e uma festa pontifícia, estamos aqui de novo. Da vez anterior, eu refletia um pouco sobre dois temas que interessam à situação da psicanálise, sobretudo no que diz respeito ao que estamos tratando com o título de Era Global: a questão da paranóia, ou seja, da exacerbação da rivalidade em nossa época e no seio das instituições de modo geral; e a questão da palavra dada e do impasse que decorre de sua impossibilidade de esteio nalgum fundamento que a garantisse.

Continuando nesse caminho, em que ainda talvez devamos prosseguir por algum tempo, começo lembrando de minha Aimée Sélamor, ou seja, da vocação que tem o Haver para a requisição do não-Haver e o reflexo que há disto em nós, na requisição permanente de uma morte que não há, mas que mesmo assim é sempre requerida. Na página 775 de suas Obras Reunidas, Cioran diz uma frase que tem sido bastante repetida e que repetirei mais uma vez: “*Sans l'idée du suicide, je me serais tué depuis toujours*”, que, numa tradução mais ou menos à vontade, seria: “Sem a idéia do suicídio, eu já teria me matado há muito tempo”. Um pouco mais adiante, p. 777, diz ele: “*Le désir de mourir fut mon seul et unique souci; je lui ai tout sacrifié, même la mort*”. Estou lendo em francês porque prefiro que a tradução seja sempre solta: “O desejo de morrer foi tão somente o meu único cuidado; a ele eu sacrifiquei tudo, até a própria morte”. São duas frases de aparência paradoxal mas que são precisas do ponto de vista de nossa postura teórica. Ele está

dizendo que, ao contrário do que se pensa, a idéia de matar-se, de poder eventualmente não escapar – a verdade é esta –, mas encerrar o assunto, é o que sustenta a paciência de estar lá. E o que garante essa paciência é a segunda frase, que parece uma frase da Nova Psicanálise. Ou seja, o reconhecimento da ALEI, Haver desejo de não-Haver, faz com que o dado supremo seja o reconhecimento do desejo de morrer, que, no entanto, sacrifica a própria morte porque ela não há justo por isso. Em não havendo o não-Haver, a morte não há. As duas frases são, portanto, a explicitação pura e simples do construto da ALEI, que, proferida ao contrário, daria naquilo que está no Édipo, de Colona, “*mé funai*”, tão já utilizado pelos teóricos da psicanálise: “Era preferível não ter jamais existido”. Só não tendo jamais existido – e é impossível alguém não ter jamais existido – é que se poderia ficar livre da falta de morte que há como condenação absoluta ao Haver. Com tudo isso que poderia parecer paradoxal a idéia de suicídio como garantidora da paciência e a sustentação do desejo de morrer que está escrito na ALEI e que elimina a própria morte –, podemos dizer que não há paradoxo algum aí, como tampouco há no preferir jamais ter existido de Édipo. São a construção mesma da ALEI, Haver desejo de não-Haver, de um não-Haver que não há, que elimina a morte e que aprisiona no Haver e na vida sem recurso de espécie alguma. Mesmo matar-se não é escapar de nada, pois não se pode gozar o escape. Pode-se apenas ter na mão o poder de estancar o processo para os outros sem que se venha a ter benefício algum com isto.

Depois, retornarei com mais calma às questões da palavra dada e da paranóia de rivalização. Hoje, prefiro ficar no que acontece no limite do Haver, à beira do não-precipício que chamei de Cais Absoluto, onde todas as reflexões e decisões, no nível da requisição impossível da morte, remetem cada uma à ordem do Solitário e remetem seus atos ao sentido do que estou chamando de Solitiedades. Estamos numa época em que está na moda falar em solidariedades, que justamente é impossível definir, a não ser pelas vinculações que venho lhes mostrando: vínculos primários, autossomáticos e etossomáticos; vínculos secundários; e, sobretudo, o Vínculo Originário, que faz vinculação, mas não indica conteúdo algum. As vinculações de nível mais baixo, secundárias

e primárias, como já mostrei, não podem constituir mais do que partidos, do que grupos associados em torno de determinada formação. Enquanto os fundamentos das solidariedades forem parciais e partidários desse modo, não é possível não haver polêmica, luta, se não mesmo racismo, fundamentalismo, etc. No limite, na última instância, no Cais Absoluto, até mesmo no referido ao Vínculo Absoluto, a vinculação sendo absoluta e sem rosto designa que todos aqueles supostamente vinculados segundo essa originariedade podem ter um referencial nessa vinculação, mas, na hora da ação, como tornar universal toda e qualquer afirmação? Isto seria praticamente impossível, a não ser, como dizia Lacan, enquanto meta absoluta da psicanálise, no nível da santidade. Só que isto não acontece, fica apenas no horizonte. No Cais Absoluto, segundo o Vínculo Absoluto, estamos no regime do Solitário, então, como pensar, entre pares, a Solitariedade que há entre eles? Estou perguntando algo que parece inteiramente paradoxal, mas que acho ser a única maneira de pensar. No Cais Absoluto não há solidariedade, há solitariedades. E este termo, que não se usa, é justamente no sentido de dizer que estamos vinculados segundo essa solitariedade. Talvez possamos dizer que somos todos iguais enquanto solitários e que a vinculação deva ser feita ali. Qualquer coisa abaixo disso é da ordem da melecagem psíquica: fica incomodando, é preciso meter o dedo no nariz da alma e arrancá-la.

Entramos de novo no sério problema de encontrar algum assentamento, já que não se pode falar em fundamento, para nossa reflexão no campo da psicanálise no que diz respeito à possibilidade de transa segundo um transe comum, de maneira que pudéssemos suspender as rivalidades paranóides e arranjar um modo qualquer de sustentar uma palavra dada. Como vêem, estou falando de algo praticamente impossível, mas temos que caminhar por aí. Este século não está encontrando nenhum ponto de chegada. Os autores continuam produzindo centenas e milhares de livros, pensando, refletindo, mas não chegando a ponto algum de convergência sobre esta questão. Todos têm a boca cheia de éticas. Ainda fico muito perplexo, pois mesmo quando estou diante de pessoas brilhantes, bem situadas do ponto de vista intelectual, nas academias, etc., de repente, alguém diz: “Isto não é ético!” Fico assustado, quase que em pânico,

confesso: se esta bandeira é levantada, já me sinto debaixo de um “teje preso!”, pois justamente é o que ninguém sabe situar de modo algum. Então, se acho que o outro – e agora usarei termos de maneira estritamente técnica, científica é um bom filho-da-puta (que é como se diz nas análises), estou situando segundo uma perspectiva que não posso universalizar, embora seja vigorosa, embora possa passar o resto da vida defendendo o ponto de vista da filhadaputice de alguém. A questão é que não há como designar um universal, mesmo quando determinado discurso, no sentido comum do termo, evolui na direção de apontar sua própria concepção do ético e esbarra no fato de que ninguém é obrigado a seguir os movimentos desse discurso.

Como sabem, Lacan apresentou o que teria sido, para ele, a ética da psicanálise: não abrir mão de seu desejo. Ele foi muito preciso, não disse que era uma ética para o mundo, a ética do homem, e sim que era a ética da psicanálise. Digo eu: esta era a ética da psicanálise *de Lacan*. A minha não é esta, pois não acredito que ninguém abra mão de seu desejo. Isto simplesmente é impossível, portanto, não faz ética alguma. Até enunciei para vocês que fazia a suposição de que, segundo o discurso que estava armando, poderia dizer que nossa ética seria a de condução ao Cais Absoluto. Mas vejam que, segundo essa própria perspectiva psicanalítica, nada obriga ninguém a isto. Não existe um *imperativo*. Disse que esta era a ética de certo discurso que enunciou isto como sendo o máximo da concepção. É só o que posso fazer. Não posso nem querer supor que, para qualquer um, a ética fosse esta, pois reconheço que nada obriga. No entanto, segundo alguns achados e alguns construtos que consegui organizar, digo que posso aspirar – nada mais do que isto – por uma ética do encaminhamento progressivo para o Cais Absoluto. Encaminhamento este para o qual nada obriga. Como vêem, nossa situação é precária, mas, pelo menos, não é canalha, nem imbecil. Não é canalha porque reconheço que é o encaminhamento que posso pedir a determinada construção discursiva. Não é imbecil porque deixa em suspenso toda e qualquer suposição de universalidade. Coisa que não acontece em três lugares. Dois dos quais foram encarecidos pela ética do que chamo a penúltima psicanálise, que é a de Lacan.

Ele falava da ética da psicanálise como um dever imposto pela existência mesma do discurso psicanalítico, até designado pelo mestre por ele indicado, Freud, na famosa frase *Wo Es war soll Ich werden*. Lacan a traduziu, da maneira que vocês conhecem, que seria reconquistar o lugar do sujeito. Havia uma obrigação de o eu, *Ich*, dever, *soll*, ir aonde estava *Es*, que foi traduzido como se fosse uma letra, *S*: devo ir ao lugar de Sujeito. Como podemos nos segurar nisso? Como sabem, ele arrumou muito bem construído um modo de defesa dessa tese do dever ir ao lugar de sujeito sobre, por exemplo, a denúncia da co-nivência, ou pelo menos co-incidência, de Kant com Sade. Não abrir mão do seu desejo, como ética fundamental da psicanálise. Aliás, os debilóides pós-enunciados de Lacan – coisa comuníssima nas ditas instituições lacanianas (no Brasil então é quase uma piada para quem pode escutar) –, esse pessoal dito analista, de instituição lacaniana, fica procurando o desejo do analisando, o desejo de fazer filosofia, o desejo de comer não sei quem... Isso não é desejo de coisa nenhuma. Não há isso em Lacan. Quando ele designa o desejo de um sujeito, é aquele de última instância. Toda vez que se aponta *qual* é seu desejo, está-se no regime da demanda. Não há que escutar desejo de fazer não sei o quê de não sei quem. Justamente, na estagnação da indicação de um objeto de desejo nomeado, abriu-se já mão do desejo. Isto segundo o próprio Lacan, se forem fundo em seu percurso. O bobajal que se ouve por aí é coisa do ignorantismo pós Escola de Paris. Não é por aí que critico Lacan, pois isto nada tem a ver com ele. O não abrir mão de seu desejo é sustentado pela exigência, pelo dever, de ir ao lugar do Sujeito. Então, isto é lá no cume da reflexão lacaniana, e não é apontar objetos desejados. Ou seja, ele apontou para o mesmo vértice que estou apontando. A indicação do vértice é que é diferente. Assim, antes ainda de refletirmos um pouco sobre a questão do dever segundo as éticas, seja de Sade ou de Kant, é preciso lembrar que esse Sujeito está em jogo. Como sabem, já me desfiz dele, portanto, não posso reclamá-lo para instaurar novamente uma postura ética qualquer.

Aconselho que assistam à refilmagem da peça *As Bruxas de Salém*, de Arthur Miller. É sobre um fato ocorrido na América no século XVII. Não é bem americano aquilo, pois americano naquele século é índio, e sim inglês que

está lá dentro. E é herança direta de um percurso que não deixa de passar pelas instaurações do sujeito no corpo da Europa. Procurem na geografia ou na história, sei lá onde, que encontrarão o famoso René Descartes constituindo o mesmo Sujeito, de que Lacan fala, da mesma maneira como se constituiu o diabo para as bruxas de Salém. São as mesmas garantias com que, em nome de Deus, se constituiu um demônio que era preciso exorcizar e se instalou todo tipo de barbárie. Temos lá um juiz inteiramente morfótico, uma menininha inteiramente histórica, uma espécie de Madre Joana dos Anjos... (Aliás, muito comum hoje em dia, embora não vejam mais diabo nem dêem chilique, mas são destrutivas do mesmo modo. Se puderem, arrancam nossa cabeça, não tenho a menor dúvida). Quando assistia ao filme, não fiquei me lembrando muito daquela situação, mas de Descartes. Não foi assim mesmo que ele constituiu o tal sujeito? Não foi um ato de terrorismo? A garantia do sujeito não era outra senão aquele mesmo Deus que era capaz de dar substrato àquela perversidade e àquela experiência. Não há diferença alguma, basta fazer uma aproximação das duas coisas: leiam René Descartes vendo *As Bruxas de Salém*. Mas isto é para pensarmos depois.

A tentativa de sustentação de alguma ética, em Lacan, passa pelo menos pela crítica da formulação kantiana do imperativo categórico, e pela comparação desta formulação com o Marquês de Sade. Lacan faz a aproximação dos dois e ficamos com a impressão de que: é Kant que é sádico – no sentido de texto de Sade, e não no do Sr. Marquês, que era uma pessoa bastante decente perversista, morfótico, na sua instauração do universal ético, universal categórico, moral, ou é Sade que é kantiano, isto é, que pode garantir os movimentos da sua vontade de explicitação da sevícia e da perversidade humanas em cima do discurso de Kant? Tenho em mãos, porque achei interessante certos questionamentos que faz a autora, o livro *A Loucura na Razão Pura*, de Monique David-Ménard. Ela trata da invasão da loucura de Swedenborg na constituição da filosofia de Kant. A vontade de Kant parece que era a de ser uma espécie de Sir Isaac Newton da filosofia: constituir a lei da gravitação moral. Isto está explícito em sua obra: constituir uma lei férrea que mostrasse como se poderia estabelecer uma ética para a humanidade. É justamente o que

estamos sofrendo hoje e não sabemos o que fazer. Nem mesmo a lei da gravitação de Newton está valendo tanto, pois já estamos depois de Einstein e depois até de Prigogine. Simplesmente não sabemos onde situar a referência a alguma força – compatível com a força de gravitação para os astros – de coesão, de atração, no campo dos fundamentos humanos. Minha gravitação fica sendo ao redor e no sentido do não-Haver, e ela não me deu até hoje nenhum conteúdo explícito.

Kant, por três vezes sucessivas, tentou enunciar como funcionaria sua idéia de centro de gravitação moral, que resulta no que chamamos hoje de imperativo categórico kantiano. Na primeira, disse: “Age como se a máxima de tua ação devesse ser erigida por tua vontade em lei universal da natureza”. Vejam como se formulava o imperativo categórico, onde temos nitidamente o rosto de Newton e da lei de gravitação universal por trás. É claro que ele coloca o “por tua vontade”, mas o imperativo é categórico para todos. Todos devem aplicar a sua vontade de maneira a fazer com que a máxima que dirige suas ações seja erigida em lei universal da natureza. De outra feita, ele formula dizendo: “Age de tal forma que trates a humanidade tanto na tua pessoa quanto na pessoa de qualquer outro sempre ao mesmo tempo como um fim e nunca simplesmente como um meio”. No nível de situar a mim mesmo e o outro, é agir sobre mim e sobre o outro como um fim e não como um meio. Isto põe uma última instância que derroga todos os direitos de eu agir sobre mim ou sobre o outro segundo determinado enunciado que faça sentido local, sentido modal. Não posso agir com ninguém senão como última instância. É como se dissesse em termos lacanianos, por exemplo: considera o outro como Sujeito. Em termos meus: considera o outro como referido à hiperdeterminação, como capaz de frequentar o Cais Absoluto, etc. Terceira feita, diz ele: “Age segundo máximas que possam tomar-se ao mesmo tempo elas próprias por objeto como leis universais da natureza”. Vejam que isto se engraza perfeitamente com a segunda e a primeira. As máximas que eu utilizar em minha ação dentro do mundo devem apenas ser aceitas enquanto capazes de funcionar como leis universais da natureza, então, estaríamos todos perfeitamente corretos do ponto de vista ético.

Interessante no livro de David-Ménard é ela mostrar que há um erro grave no acoplamento que Lacan faz entre Sade e Kant. Qual é a máxima do Marquês de Sade (que não é a do Sr. Marquês, mas a que pretendeu mostrar estar funcionando no mundo perverso que ele entendia)? Como sabem, para mim, desde o Seminário “*Psychopathia Sexualis*”, tomo o Marquês de Sade não como um perverso, mas como um cientista da perversidade, da morfose, como aquele que entendeu como funciona a morfose e que há a franca tendência humana para a morfose. E mais, entendeu que todo e qualquer processo de legiferação é necessariamente perverso e de vontade morfótica. Ele, então, colocou sua máxima pelo avesso da de Kant. “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode me dizer quem quer que seja” – vejam que não está nem falando a respeito do outro, pois qualquer um pode lhe dizer isto, logo pode dizer isto a qualquer um –, “e este direito exercerei sem qualquer limite que me interrompa no capricho de minhas exações, as quais tenho gosto em satisfazer”. Ou seja, o imperativo categórico do Marquês de Sade é: qualquer um pode me dizer e posso dizer a qualquer um que tenho o direito de gozar de seu corpo segundo meus caprichos, os quais quero satisfazer. É o contrário do que teria dito Kant: tome o outro sempre como fim, não como meio. Além de que sua ação deve ser movida por uma máxima que possa ser tomada como lei universal da natureza.

Lacan, em *Kant com Sade*, lembra que o Marquês de Sade, também como Kant, invoca a natureza como garantidora disto, mas de maneira bastante mais empírica. Sade reconhece que a natureza, por onde ele passa, sempre é a tremenda de uma sacana, parece que sempre foi darwinista: pega, mata, come, destrói e vence. David-Ménard chama atenção para o fato de que Lacan comete um erro grave de não perceber que o Marquês de Sade denuncia uma pelotiquice do pensamento de Kant – não entrarei aqui em discussões filosóficas, pois só me interessa mostrar esse pedacinho – que esconde que a coisa não funciona do mesmo jeito quando tomo o outro como fim e quando o tomo como meio. A dor não é a mesma, diz ela. E o Marquês de Sade vem denunciar que há essa pelotiquice no pensamento de Kant. Simplesmente remeter à natureza um princípio de universalidade dizendo que ele põe que eu deva agir tomando o outro sempre como fim e não como meio, isto esconde determinada reflexão.

Lerei para vocês, página 217: “Recordemos, com efeito, a segunda formulação do imperativo nos *Fundamentos da metafísica dos costumes*, que na descrição do agir faz aparecerem, por um lado, o agente e o objeto, por outro, os fins e os meios: ‘Age de tal forma que trates a humanidade, tanto em tua pessoa quanto na pessoa de qualquer outro, sempre ao mesmo tempo como um fim, e nunca simplesmente como um meio’. Aqui, a equivalência entre os sujeitos é aquela entre pessoas, porque não é nenhum Sujeito” – ela está garantindo a questão do Sujeito –, “mas a própria lei que realiza a enunciação. Lacan teria portanto errado ao fazer sobre a lei kantiana o sabido comentário, autorizando-se desde o ‘ao mesmo tempo’ ou do ‘nunca simplesmente como um meio’ que ainda assim implicam que o outro, qualquer outro, seja um meio para o agir do sujeito”. Necessariamente, a postura lacaniana implica que o outro é um meio para o agir do sujeito, então, não há como escapar. Não confundindo pessoa com sujeito e não confundindo fim com meio, no que Lacan considera os dois da mesma índole, nessa confusão, ele faz parecer que a dor em Kant e em Sade é da mesma natureza, que não há distinção entre o Sujeito e o objeto, entre o fim e o meio. Na medida em que um Sujeito não pode agir senão colocando o outro como meio, objetivando o outro, então, não há como fazer o acoplamento que Lacan pretendeu fazer. O que Sade faz é denunciar *avant la lettre* que há um erro de Lacan que pode fazer evidenciar-se que a máxima em Kant é falsa, pois não houve estabelecimento nítido de distinção entre sujeito e objeto, fins e meios.

Ela diz mais, página 219: “O agir humano não é o mesmo conforme os homens aí sejam uns para os outros meios ou fins”. Isto é óbvio. “Sade indica, pela ironia de sua formulação, a dissimetria que, no imperativo moral, de modo algum aparece numa primeira leitura”. É o que venho denunciando mesmo antes do Seminário “*Psychopathia Sexualis*”, que algo grave em Lacan é esquecer que Sade trabalha sobre a ironia. Ele não está pregando determinada coisa, não está garantindo determinada ética, e sim ironizando a humanidade debaixo de seus imperativos categóricos. Está ironizando que quando se toma esse imperativo moral de saída, não se percebe que há uma mistura de categorias, de tal forma que Kant afirma algo que simplesmente está cruzado em seu

pensamento: Sujeito, objeto, meio e fim. Deixemos isto um pouco de lado e pensemos de maneira mais simples. Como agirei de maneira – e agora em termos lacanianos – que considere sempre o outro como Sujeito se não posso exercer nenhuma ação a não ser me colocando como Sujeito e objetificando o outro? É impossível. É aí que Kant quebra a cara. E é aí que Lacan se ferra, na medida em que toma Kant, mistura com Sade e Sade está fazendo o contrário, está denunciando essa pelotiquice.

Digo eu agora: você não poderá, a não ser em nível de Cais Absoluto e Vínculo Absoluto, me tratar senão como objeto. Posso ter o referencial de que o outro para mim é sujeito, nos termos de Lacan, de que é da minha espécie, portador de Revirão, hiperdeterminável, em meus termos, mas, no que ajo no mundo, imediatamente desloco a relação Sujeito/objeto. O que Lacan faz é denunciar o enunciado de Sade como construto perverso (perversista, morfótico, em meus termos), que, segundo uma lei natural, atribui a ele mesmo sobre os outros e aos outros sobre ele mesmo o direito de agir conforme seus tesões num momento dado. Ou seja, o direito de impor sua vontade de gozo aqui e agora a qualquer outro e qualquer outro impor sobre ele no sentido do que digo que é o momento de legiferação, que é inteiramente perverso. Momento este que Lacan, em algum lugar, teve que reconhecer como fazendo parte da constituição do próprio Nome do Pai, *la Père Version*. Ou seja, quando alguma lei se exara, como diz David-Ménard, aquilo é um enunciado legal, não foi colhido na natureza. Queira-se ou não, é um ato perverso e com vocação perversista, morfótica, no momento em que se vai universalizá-lo. Foi assim que defini pregressamente, há tempo, o que chamo de morfose, no caso, perversista. Lacan faz o acoplamento dessas duas coisas, o que absolutamente não é verdade. Quando relemos os enunciados kantianos não mais segundo a vontade de Lacan, mas segundo o que venho explicitando como psicose, etc., vemos que não estou necessariamente misturando a produção do enunciado legal, moral, de última instância com a formação perversa de uma lei. Ou seja, não estou misturando Nome do Pai com psicose como faz Lacan: faltou Nome do Pai, é psicose; tem Nome do Pai, é perversão – não há saída.

Estou colocando que toda e qualquer produção de enunciado legal é decadente, não pode dizer nada no nível do silêncio do Cais Absoluto. No que é decadente, impôs um enunciado que é de vocação perversa. Universalizou e obrigou a esse enunciado, entramos na vontade morfótica – não há saída, isso não tem cura. Só preciso saber que é assim, pois no que sei que é assim posso tentar instaurar isso que gostam de chamar democracia. Como sabem, não acredito muito em democracia, mas posso talvez instaurar uma Diferocracia. Ou seja, podemos lidar com a imposição de um enunciado legal, mas não esquecer jamais que é de índole perversista. E é assim, paciência. Não diria jamais que o conteúdo dos enunciados legais produzidos pelo velho Kant – porque ele os produziu na construção de seu imperativo categórico, segundo as três versões que li para vocês –, tal como é o do Marquês de Sade, indica uma aplicação perversa da lei (embora, em sua produção, sejam de fundamento perverso, pois são enunciados legais). Em Sade, o enunciado legal, por sê-lo, é de ordem perversa, e indica que sua aplicação é morfose. No caso de Kant, algo fica escamoteado e faz parecer ser a mesma coisa, mas o conteúdo do que diz é: age como se a máxima de tua ação devesse ser erigida por tua vontade – e agora vem o que é grave – em lei universal da natureza. Isto quer dizer: age como se a máxima que rege os movimentos de tua vontade seja uma hipótese da lei. Portanto, o imperativo moral é: seja psicótico! Estou querendo dizer que o imperativo categórico do velho Kant é uma ordem de que você se instaure na lei, na moral e na ética como psicótico.

• Pergunta – *Por que não seria morfótico, já que há universalização?*

Segundo os teoremas que apresentei, quando invento um enunciado legal, posso fingir que é a palavra de Deus e tirar o meu da reta. Vocês viram, o bicho “Papão” esteve aí assustando todo mundo dizendo: “A palavra de Deus...” Eu não a escutei. Deus não falou comigo, deve ter falado com ele. Então, quando digo “esta é a palavra de Deus”, fiz um enunciado legal, disse que tem que ser imperativo para todos, e isto é um ato morfótico. Ou seja, quando digo isto, é só perverso, pois estou mentindo, mas quando tiro até Deus

da reta e digo “erigida por tua vontade em lei universal da natureza”, estou dizendo que, por sua vontade, você vai universalizar o enunciado como se fosse a lei da gravitação universal de Newton ou a lei de Einstein, algo assim, que já são meras leis de papel, mesmo que funcionem em laboratório. Estou dizendo, então, que, ao agir no mundo, você deve tomar uma máxima, um enunciado legal qualquer, como universal. Quer dizer: seja um perversista! E mais: peça garantia ao psicótico, peça-lhe que isso seja uma lei universal da natureza. Toda a questão vai desembocar na relação de poder. Não é só que se funde o enunciado, de maneira progressiva, como um enunciado perverso, um tesão qualquer, mas que se garanta essa lei como um hiper-recalque. Ou seja, se estou no poder, ouço a palavra de Deus, do diabo, sei lá de quem vocês acreditem que deva mandar, tomo um tesão meu e digo que deve-se fazer assim. Isso é universal, é para mim, para vocês, para todos. Então, introduzi uma postura de início perversa – porque tomei uma formação progressiva minha e apresentei como enunciado legal –, depois, fui à vontade morfótica do perversista de instaurar isso como lei universal, pedi que você acreditasse e ainda lutasse para que se convença a todos e a você mesmo de que é uma coisa da natureza. Não que, em Sade, não esteja também a invocação da natureza, mas ele cita as leis da natureza porque as encontrou lá. Sua citação é irônica: já que a natureza é assim, então tá. Em Kant, o vetor é ao contrário. Ele diz: faça disso natureza. Vejam, por exemplo, não foi nem João Paulo, mas o moço daqui, o Eugênio – coisa grave, alguém chamar-se Eu-gênio, é muito perigoso –, que, falando sobre o aborto, invocou de novo a natureza e a lei natural. Ele, todo paramentado dos pés a cabeça, nem tirou a roupa para dizer isso. Fica pelado, cara, vamos à natureza! Não era assim que estava quando chegamos? É, portanto, uma pelotiquice indecente, que serve para a massa. Mas não percebemos as pelotiquices nas construções refinadíssimas dos filósofos, etc. Na verdade, a vocação é de legiferação – e, agora, falando de maneira um pouco mais grave de fundamentar morfoticamente a lei e depois refundamentá-la psicoticamente.

- P – *O artista, às vezes, fica confundido com o psicótico porque tenta tomar um tesão seu e transformar numa lei universal da natureza. Só que ele finge fazer isso, é um processo de farsa. Você concorda?*

O artista que tem um mínimo de visão sobre o que está fazendo, sabe que age no regime da perversão, sabe que o regime é perverso. Mas não me parece que ele esteja tentando produzir uma lei universal, e sim uma prótese, o que é sempre uma formação modal, uma coisa no mundo. E nem por tê-la produzido, ele achará que todos devem gozar segundo ela. É muito diferente eu oferecer um barato a mais do que eu dizer que você tem que se submeter a esse barato. Toda e qualquer produção de prótese participa do regime do perverso, mas, no caso do artista, é uma oferta, não tem que ser legiferante sobre mim.

• P – *O método de Sade visa atingir um estado de apatia. No encaminhamento do imperativo categórico de Kant, essa lei desinteressada, teríamos que agir também no sentido desse estado. Não se estabelece aí uma correlação?*

Sade promete que, através de um desbragamento radical da sua vontade de gozo, você pode chegar a uma ataraxia, a uma apatia. No Seminário sobre “*Psychopathia Sexualis*” defendi que, realmente, a via erótica, como mostrou Bataille, pode desembocar no mesmo lugar que a via mística, como prática. O que Kant faz com isso? Ele precisa também de uma ordenação e propõe que o homem moral, que, para ele, é o homem de princípios – aquele que toma para si essas máximas e as coloca em nível de princípios inarredáveis, de vontade universalizante e naturalizante –, no que age estrita e rigorosamente segundo princípios, em última instância, irá ocupar o lugar do melancólico. Então, quando o sujeito chega lá nas grimpas, o Marquês de Sade é até mais simpático, pois acha que ele vai entrar em ataraxia, indiferença, como um santo. Kant coloca lá o homem inteiramente desiludido, que vê tudo segundo máximas aplicáveis. Mas não só desiludido, pois ele entra em estado de melancolia. É capaz de agir no mundo, etc., mas porta aquela tristeza. Não é por nada que Espinosa diz que o homem triste é um covarde. Ele tem endereço certo, está falando de Kant. Não importam as datas. Ou pensamos que Kant só existiu quando nasceu? Estava cheio de Kants no mundo. Todos os momentos em que determinada ação política se instaura como ação moral e fornece um

mandamento, precisamos analisar. Tome-se, por exemplo, sem querer implicar diretamente com posições religiosas de ninguém, a escuta divina de Moisés e a instauração de determinado conjunto de mandamentos. Aquilo tem origem no Egito, não nasceu ali, tudo isso que sabemos. Há a instauração perversa de determinado encaminhamento, há a vontade de universalização, mas não se fala em natureza, e sim em Deus, um transcendente que está colocando as coisas cá para baixo. Então, não há hipóstase. O delírio – pode ser tapeação, também, tanto faz – já vem pronto. Se imaginarmos, como faz Kant – e muitos imaginam isto a respeito do meu Pleroma, o que é um erro –, que aquele que vai às grimpas da indiferenciação, vai com o rabo preso, na nostalgia, na pena, no sofrimento de perder as ilusões, ele é um melancólico. É isto que Kant visualizava, que o homem estritamente moral não pode não ser melancólico.

Há, portanto, que denunciar na melancolia do homem moral de Kant uma espécie de produção de solidão sem solitiedades – que é o tema que estamos tratando hoje. Quero dizer que, no lugar do melancólico, Kant reconhecia um homem que se tornava autônomo, ou seja, capaz de agir sem levar em conta a opinião de qualquer outro homem. O homem de temperamento melancólico é absolutamente autônomo e não se ocupa do juízo dos outros homens. Ele não precisa, pois é absolutamente psicótico e perverso. Ele é rigoroso psicoticamente quanto aos princípios e goza absolutamente também segundo esses princípios, pouco se incomodando com o que você sinta ou não. Então, ele é melancólico e sozinho. Só obedece àqueles princípios e vai em frente, feito um autômato. Essa vontade não coincide com o conceito de ataraxia e aqui não estou falando de Sade –, que não é uma indiferença aos acontecimentos, e sim uma possibilidade de suspensão. E coincide menos ainda com o que diversas vezes me perguntam, pois se preconizo uma referência à hiperdeterminação, à chegada junto ao Cais Absoluto, isto não é melancolia?

- P – *Isto é por causa do Vínculo Absoluto que você coloca.*

Por causa do Vínculo Absoluto e porque a referência à hiperdeterminação não é habitação da hiperdeterminação. Isto não faz um princípio, uma máxima, a qual eu possa me referir com conteúdo o tempo todo. Esta é a

diferença: a vinculação absoluta não produz uma máxima imperativa, mas desfaz todas as máximas, deixa-me na indiferença e, no retorno, tendo que lidar com as diferenças, com as dores diferentes, só que com a referência de suspensão. Posso tentar produzir suspensão e convidar o outro também a ser suspensivo, referencialmente, e não ser melancólico, que, este, é o trouxa que chega no Cais, fica olhando para o não-Haver que não há, cheio de saudades das porcarias que deixou para trás e achando que não pode voltar a elas porque suas máximas proíbem. Não se trata de melancolia, e sim de fazer referência à hiperdeterminação, voltar, gozar das coisas, sempre fazendo o movimento de ida e volta para que a suspensão mantenha mesmo os princípios perversos em suspensão, reconhecidos como perversos que são. Não se vai, portanto, tratar a lei como um imperativo que cai na cabeça, e sim como uma acomodação momentânea, que está dando certo, mas sobre a qual podemos conversar: ela pode sair do lugar, deslocar-se com o tempo, haver uma polêmica e, além do mais, posso gozar com as coisas cá de baixo também. São um monte de porcarias, mas tão interessantes. Não é preciso ser melancólico. Como lá não se vive e aqui se chafurda, então, podemos ser capazes de dançar entre a hiperdeterminação e a sobredeterminação.

Se considerarmos as posições que coloquei, poderíamos fazer a pequena brincadeira de perguntar se **Jacques de Sade, le Marquis de Lakant**, não é o que sobra para ser criticado nesta penúltima psicanálise. Estou colocando que, se essas críticas podem e devem ser colocadas, o que estou chamando de Nova Psicanálise tenta pensar solitariedades, sem nenhum imperativo categórico, pois o único imperativo que existe para a espécie é a quebra de simetria, que Freud quis chamar de castração. Esta há, não tem saída, para a Nova Psicanálise. Há quebra de simetria, não se pode atingir o não-Haver, isso ressoa dentro do Haver, tenho que abrir mão de certos pedaços que me serão tomados, etc., mas posso produzir solitariedades. Ou seja, posso reconhecer minha posição absolutamente solitária, mas reconhecer que sou absolutamente vinculado por essa solidão a todos os solitários deste mundo. O que não retira as polêmicas, as lutas, mas me permite alguma suspensão.

- P – *Você pode falar mais sobre a relação entre o sistema de Descartes e o de Kant, do método completamente psicótico que Descartes inventou e a herança kantiana? Descartes já traz um delírio pronto...*

Do meu ponto de vista, a fundação do sujeito em Descartes me parece delirante, mas não sei se podemos dizer que ele está invocando um princípio psicótico para a fundação da coisa. Ele não deixa de invocar uma palavra divina, mas isto é delirante. Pego-o delirando, como peguei outro dia o Eugênio, que estava com um delírio já vendido, que todos já compraram. Não é preciso nem ser delírio próprio, pois já virou *gadget*, uma prótese. Então, no que Descartes coloca, é perversamente que o faz, mas ele pede uma garantia e, a não ser que eu esteja cometendo algum erro, não me parece que esteja indicando uma hipóstase, e sim um delírio. Ele não enuncia uma necessidade de hipóstase. Ele enuncia perversamente, mas pede a garantia de um delírio. Delirantemente, pede essa garantia. Kant, não. Ele diz: produza-se a si mesmo como psicótico que terá uma garantia moral, tornar-se-á um bom melancólico e ficará chorando à beira do Cais Absoluto, no entanto estará independente de todo mundo. Aí as pessoas ficam danadas comigo quando chamo o homem de o punheteiro de Königsberg. É uma situação terrível: um melancólico com certezas psicóticas, independente de todo mundo porque é um homem de princípios, completamente correto, logo não precisa fazer referencial nenhum, e vivendo triste à beira do Cais.

- P – *Seria um autômato não espiritual. Em Espinosa, o autômato espiritual é noutro sentido. Você fechou o homem moral kantiano como aquele para quem o juízo alheio não importa, na medida em que está de posse da máxima universalizante que garante sua ação, justamente porque a garante como universal.*

E como natural.

- P – *A gravidade é esta. Na medida em que é invocado um princípio para garantir o automatismo que comparece como alguma coisa que lhe dá garantia e que não é produzida pela ação mesma. Quando a ação mesma é causa de si, ela não reivindica nenhum princípio exterior a ela para se*

garantir. Se ela se reconhece como causa de si, talvez esteja mais próxima de se reconhecer como tendo vontade morfótica, mas que não impõe ao outro que a siga.

É mera perversão, produção de prótese. No caso do artista, ele oferece a você: quer?, goza. Não quer, tudo bem. É a minha *Bandeja do Herói*. Prefiro dizer: está aqui, vocês querem?, façam bom proveito. Não querem, me esqueçam.

- P – *O autômato espiritual é causa sui. O autômato kantiano não.*

É como preciso colocar o meu Haver. Ele é *causa sui*, autômato espiritual. A diferença é que ele deseja o não-Haver que não há, o que não está em Espinosa.

- P – *Gostaria de retomar a famosa dissociação entre experiência afetiva e experiência intelectual, de que falava Freud. Uma análise só produz algum resultado quando a experiência é vivida no nível afetivo. Quando você chamou Kant de punheteiro de Königsberg e falou do projeto melancólico, ocorreu-me que é exatamente essa dissociação. É como se o melancólico imaginasse ser possível fazer alguma suspensão sem suspender o rabo preso. Isto porque a suspensão é do rabo preso, nem que seja um momento parcial. Se não suspender o rabo, é só intelectual.*

Com o quê, você está dizendo que, ao invés de a melancolia definir o homem moral de Kant, é o homem moral de Kant que define a melancolia. O modo de produzir o seu homem moral, em Kant, produz o conceito do melancólico. Ele funciona segundo máximas que o desconectam, no sentido freudiano de antanho, do afetivo, e fica psicoticamente ligado a determinadas frases, automaticamente, sem espírito porque sem carne, então, fica com uma nostalgia, uma saudade, que coça seu rabito, que está preso e ele nem sabe onde. Se está olhando para a máxima, como vai saber onde lhe coça o rabo? Há que pensar no rabo para saber. Este é o afetivo de Freud, em regime menor. Como sabem, coloquei o afetivo como o lugar mesmo do Cais Absoluto, de afetação total, de angústia total. Em nível menor, ao invés de neuroticamente pensar na repetição de uma frase e estar sentindo outra coisa, posso fazer a conexão do que estou

sentindo com a frase. É isto que Freud pedia. Quando você puder conectar o que conseguiu entender com o que está efetivamente sentindo, então, você entendeu.

- P – *Descartes tentou fazer essa reconexão do intelectual e do afetivo, só que, como supunha a existência de transcendência, psicotizou, delirou.*

Não. Acho que ele delirou porque o ambiente era delirante. Ele é filho de seu tempo. Delirava-se assim naquela época. “A palavra de Deus...” – isso já vinha de muito tempo.

- P – *Mas o sujeito veio substituir.*

É o que estou dizendo. O tal sujeito não é senão o representante daquela representação, se quiserem brincar assim.

- P – *No início, você sugeriu uma ética facultativa, que não inclui nenhuma lei universal, mas tem um mandamento, Haver desejo de não-Haver, que é uma lei e que é universalizante.*

Que é, portanto, perverso e a teoria se torna psicótica. Já avisei isto há muito tempo.

- P – *Como, então, articular uma ética facultativa com um imperativo?*

Não é um imperativo categórico. É uma suposição de co-naturalidade, isto podemos dizer. Então, é um fator psicótico, o que é o axioma de qualquer teoria, como já denunciei. Não é possível estruturar um aparelho teórico sem axiomatizar e, portanto, produzir um fator psicótico. No caso, é um fator psicótico porque estou dizendo: o Haver – tirei a palavra natureza, mas pode-se colocá-la aí – funciona assim, mas denuncio imediatamente que isto é um axioma. Digo, então: se quiser, ofereço um aparelho segundo o qual você pode pensar assim. Jamais diria: age como se a lei da natureza fosse Haver desejo de não-Haver. Isto seria coisa de maluco. Não pensem que acredito na minha teoria, apenas a uso.

09/OUT

17

SOLITARIEDADES II

Ficarei ainda um pouco nas minhas Solitariedades. As antigas questões da palavra dada e da paranóia permanecem sem solução, no sentido societário, pela carência de fundamentos. A não ser que se faça uma grande propaganda ideológica e que, pelo menos, a maioria se aglomere em torno de alguma palavra de ordem, nossa época descobre cada vez mais que é praticamente impossível sustentar uma palavra ou uma relação não rivalitária, justo por falta dessa indicação suprema. Temos sérios problemas com isto, pois a própria intervenção analítica não só tem dificuldades de indicar para o mundo algum fundamento mais ou menos substantivo, como também ela própria não tem como sustentá-lo para si mesma, para sua própria fundação. Como a maioria dos discursos, ela resta apenas na possibilidade de indicar o que, para ela, possa funcionar como fundamento aplicável e fazer concordância entre seus pares.

Da vez anterior, coloquei a questão da imposição kantiana do imperativo categórico me perguntando se a própria orientação lacaniana de uma possível ética não estaria, apesar de Lacan, mais ou menos ligada a isso, assim como também o ditame do Marquês de Sade como fundamento, como explicação do que se fundamenta numa invenção, necessariamente perversa, de toda indicação legal, de toda legiferação, e mesmo a vocação morfótica, perversista e/ou fóbica da instauração universalizante dessa indicação perversa. Nossa questão é saber, no mundo contemporâneo, na tal aldeia global, o que fazer com isso, sobretudo do ponto de vista da teoria psicanalítica. Não adianta ficar repetindo

coisas que já disseram como se fossem uma reza. “A ética da psicanálise...” – isto não funciona a não ser para aqueles que são os beatos da religião instaurada. A coisa não tem como se sustentar, a não ser por opção, por escolha, mas não fundamenta nada. Temos que manter a questão de pé. O terrorismo generalizado em torno de tudo isso geralmente se resume no uso absolutamente intempestivo, se não de araque, da palavra *ética*, que é brandida a todo momento em que alguma insegurança aparece, ou da maneira mais egóica possível. Quando não gostamos do comportamento de outro, dizemos que é “falta de ética”, perguntamos “onde está a ética”. Isto é perigoso, pois essa palavra, como todas as facas, é de dois gumes. Mais frequentemente, alguém pode brandi-la no sentido inteiramente opressivo, auto-centrado, auto-referente. E continuamos a falar nisso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Neste momento, não estou pensando em como estatuir uma ética para a psicanálise ou para o mundo, e sim na validade ou não de pôr esta questão e a de como funciona a psicanálise no meio disso tudo.

Terminei o Seminário passado com a brincadeira: **Jacques de Sade, le Marquis de Lakant** – sobre a qual temos que refletir, pois quando Lacan destaca o *soll*, dever, do *soll Ich werden*, e faz ao *werden* uma adscrição ética, é sobre o *wo Es war soll Ich werden* que pensa poder estatuir o fundamento da psicanálise como ético. Ou seja, ele retira esse fundamento não só dos aparelhos teóricos que construiu, e que indicam o lugar a ser atingido por qualquer um, o lugar de seu *S* barrado, de sujeito, mas também de que é um dever e que essa palavra de ordem – no caso, é isto o que é – está inscrita no dito freudiano *wo Es war soll Ich werden*. Ele o traduz do jeito que quer: onde estava isso, o eu deve chegar. Fica para nós uma questão. Gostaria, aliás, que alguém mostrasse que a indicação desse slogan se demonstra como necessária em algum lugar da obra de Lacan, e não como mera referência a uma palavra de ordem de Freud. Dito assim, sem encontrar nenhuma necessidade teórica, podemos nos perguntar, mesmo que não saibamos responder em detalhes, se o *soll*, o dever, que Lacan coloca, até com certa brutalidade, como palavra de ordem tirada de Freud, não pode de algum modo ser o filho bastardo do

imperativo categórico de Kant. Filho direto não é, pois Lacan não quer que seja, não transa assim tão diretamente com Kant. Mas, de algum modo, não podemos pensar nesse dever como filho bastardo do imperativo categórico ou, pelo menos, como algo da mesma cepa, da mesma índole? Por exemplo, é o *wo Es war soll Ich werden* que sustenta o imperativo ético de não abrir mão do seu desejo? Isto é meio misturado no pensamento de Lacan. Como sabem, o resultado de sua operação ética, no seminário fatídico sobre *A Ética da Psicanálise*, é que esta diz que o sujeito não deve abrir mão do seu desejo. Este resultado, não abrir mão do seu desejo, é correspondente ao dever do *wo Es war soll Ich werden*. Ele dizia, então, que sente-se culpado aquele que abre mão do seu desejo, do qual não **devia**, do verbo dever, abrir mão, segundo o mandamento freudiano *wo Es war soll Ich werden*.

Isto tem se prestado a todo tipo de mal-entendido e banalidades pseudo-analíticas e até pseudolacanianas, de que Lacan não tem culpa. Quando diz que não se deve abrir mão do seu desejo, todos os baixinhos da “ordem psicanalítica” ficam pensando que o negócio é fazer birra: eu quero porque quero. Virou essa bobagem no seio da psicanálise. Ouvimos pessoas supostamente se preparando para serem analistas, ou pensando que são, que, em supervisão, em análise, comentam a respeito de seus analisandos, ou sei-lá-do-quê, querendo saber qual é o desejo deles. Desde Lacan, desejo só há um. Agora, há vários? Tudo que Lacan proibiu que se fizesse quanto a isso, ou seja, transformar a noção de desejo, por ele colocada, em demanda, pedido, é justamente o que todos fazem. Na obra de Lacan, como em meu Pleroma, desejo é um só, o resto é tudo falsificação. Quando diz não abrir mão do seu desejo, é não abrir mão de continuar na meta sem possibilidade de encontro. Isto em Lacan não é diferente do que está em meu processo, mas os baixinhos resolveram que precisam descobrir qual é o desejo do analisando. Então, se há mais de um desejo, há duas espécies de humanidade. Outra coisa, é saber quais são as formações sintomais ao redor do movimento do desejo. Em meu sentido, quais são as resistências a que ficam apegadas as moções desejantes? Qual é, pois, o desejo de tal sujeito? O mesmo de todo sujeito, que eu saiba. O resto é função de demanda, de pedido, é encosto.

Eu perguntava: o *wo Es war* é cúmplice de não abrir mão do seu desejo? Parece que sim. Se o movimento do desejo vai no sentido da subjetivação como quer Lacan, o *wo Es war*, traduzido por ele como foi, indica aonde deve ir o sujeito. Então, nele, as duas coisas estão perfeitamente encaixadas uma na outra. De nosso ponto de vista, **não existe possibilidade alguma de alguém abrir mão do seu desejo**. Em Lacan, sim, pois, se existe um dever de chegar a algum lugar, é como se houvesse a certeza, mesmo dentro do sujeito, de que é o lugar aonde se tem que chegar. É uma verdadeira imantação, atração. Muito parecida aliás com o imperativo categórico de Kant, que, como sabem, tomou seu modelo da teoria da gravitação de Newton. Quando este inventa a grande teoria da gravitação universal, aquilo fica muito arrumado em função dos grandes atratores que obrigam determinado movimento, de queda, por exemplo, todos ficam impressionados e procurando algo na ordem moral de mesma positividade, de mesmo império. Kant, então, brilhantemente inventa a lei da gravitação universal da moral. Chama-se imperativo categórico. O que, em Newton, era força gravitacional tornou-se, na moral, imperativo categórico. Existiria no seio da moral, marcada em algum lugar da humanidade, uma física, ou se não uma metafísica da gravitação. Quando Lacan diz esse dever, está indicando, de alguma maneira, que, se há um dever, deve estar inscrito dentro de cada sujeito, deve ser reconhecido pelo sujeito e talvez já seja até sabido. Ele não pede que o sujeito venha a conhecê-lo, e sim a reconhecer. O quê? Que há essa atração, essa força de gravidade, esse dever. E isto é parente bastante próximo do imperativo categórico.

Mas será que alguém pode abrir mão do seu desejo? O movimento pulsional, em nosso sentido, que empuxa o Haver por inteiro, não pára de funcionar nunca. Se alguma situação ou algum indivíduo humano está preso a determinada nomeação, a determinado desenho do movimento desejante, é por uma questão de resistência, de apego a uma formação. Apego este que não é necessariamente volitivo. E se está funcionando ali, o indivíduo está desejando algo e indicando esse algo, e não abriu mão de desejo algum, só o aplicou de modo diferente. Se abrir mão do desejo, no mínimo é defunto. Uma pessoa viva

não abre mão do desejo, ela o aplica. Posso eu, e ela mesma pode, achar que está aplicando errado e procurar novas aplicações. Então, não é questão de abrir mão do desejo.

Da vez anterior, chamei atenção para o fato de que o famoso Nome do Pai, de Lacan, por ele mesmo nomeado *la Père Version*, indica claramente a instauração, primeiro, perversa e, depois, perversista da lei. Então, temos bastante claro que, conforme a visão crítica e irônica mesmo do Marquês de Sade, podemos perceber o fundamento morfótico da lei, no sentido da lei exarada aqui entre nós. Qualquer lei exarada, seu fundamento não pode não ser, primeiro, perverso e, depois, de vocação morfótica. Tanto é que as leis, os ditames, as palavras de ordem, facilmente são tomadas como feitiço, como *fétiche*, se quiserem o termo francês. No processo de legiferação, no sentido de universalização dessa palavra de ordem, passa a ser universalização de uma vontade que foi exarada num enunciado legal. Não pode não ser, alguém tem que ter dito, mesmo que diga que tomou as tábuas da lei diretamente de Deus. É como o bicho Papão, na última viagem que fez aqui, dizia: “a palavra de Deus...” – alguém disse. Acredite quem quiser que ele é o atravessador da palavra divina. Então, é preciso desse elemento de crença numa aposta de que fulano é representante de Deus e, além do mais, é preciso apostar que existe em algum lugar esse Deus inteiramente transcendental, que dita as regras, etc. Se isso não está posto assim, há que reconhecer – e há este reconhecimento na fala de Lacan – que introduzir a lei, e mesmo a idéia de lei, não pode ser entendido senão como o elemento de determinada posição que alguém emite e que é colocada, em seu enunciado, como sendo a vertente perversa de determinada legiferação. O tal Nome do Pai, por exemplo, não é senão a metáfora, e não precisa ser metáfora paterna, que sustenta o reconhecimento de lei dentro do campo, de que há lei. É claro que todos poderão dizer que Lacan está falando no nível do simbólico; que, para além do enunciado legal, há essa abstração, essa simbolização, esse processo de metaforização, que significa a instauração **de** lei, seja qual for o enunciado, mas tentem falar em instauração de lei sem falar em enunciado. Este que acabei de dizer: instauração de lei... Se fazemos a crítica da crítica, a

coisa esbarra num muro que não se pode ultrapassar. Não podemos nos esquecer de que quando certo autor chamado Jacques Lacan está dizendo que não se trata de enunciado legal, embora a lei se exprima mediante um enunciado legal, que necessariamente tem valor de *Père Version*, de versão paterna, é ele quem está dizendo isto. É ele quem está chamando atenção para o fato de que tal metáfora é instauradora da ordem da lei, que ele quer chamar de Nome do Pai. Isto é enunciado por ele. Antes dele, ninguém disse assim. E quem disse, disse de outro modo.

Mesmo na instauração da lei como tal, já estamos diante de um processo de enunciação que se decanta em enunciado. Estamos em produção de metáfora, e este é um momento de excelência, pois, para que um da espécie humana viesse a enunciar a fundação da lei, onde quer que ela tenha aparecido, é, naquele momento, um ato poético, é hiperdeterminado. É como se dissesse: Oba, bolei um troço, um grande poema, chama-se A Lei. O ato poético foi causa eficiente dessa enunciação e da produção desse enunciado, mas a partir do momento que é dito, que se instaura e se instala, estão lá o fetiche e a fundação perversa da legiferação, ainda que se refira ao mais abstrato da lei. O fundamento morfótico da lei não é difícil de entender, mas há outro problema que é mais difícil: o fundamento psicótico da lei. Será que a lei funciona como hiper-recalque? Isto é, como um enunciado jurídico hipostasiado ao natural? Será que poderíamos dizer que, de algum modo, o Nome do Pai, de Lacan, funciona como se fosse do registro do etossoma, ou seja, como se fosse primário? Se pudermos suspeitar em seu funcionamento algo da ordem de uma hipóstase, então, para além de sua criação perversa e de sua instalação morfótica, a lei começará a se garantir de maneira psicótica. Lacan evita qualquer compromisso da lei com o Primário e a coloca na ordem estrita do simbólico. É sua maneira de se safar de qualquer questão a esse respeito: o imaginário e o real lhe são heterogêneos. Mas ela tem efeitos no real, no Primário, em todo lugar. Quando isso se instala no Secundário, se se instalasse e funcionasse estritamente no nível do simbólico, era mais macio, *soft*, para se computar, para se incluir nos discursos, mas, para além da mera neurose relativa à lei, da mera formação de

aparelhos repressores que garantam seu funcionamento, começa a funcionar como uma hipóstase.

Não adianta apenas **dizer** o enunciado legal. Quando alguém o coloca, é preciso que, num nível bastante diferente desse enunciado e dessa enunciação, algumas forças compareçam dizendo que o garantem. Essa força, de modo geral, como via Hegel com toda clareza quando dizia que *o estado é a polícia*, é policial. É preciso convencer algumas pessoas, pagando-as, no caso dos mercenários, ou formando para elas uma ideologia, uma coisa qualquer, de que, quando alguém sai da lei, esta lei deve ser cumprida mediante porrada. **Sem porrada, não há garantia de funcionamento da lei.** Então, se for verdade que a lei de Newton é compatível com a natureza, e ela o foi mais ou menos, segundo alguns autores, ou seja, se uma lei da física fosse simplesmente o enunciado do real que se passa, não seria preciso coerção alguma. Mas as leis morais, da ordem jurídica, não têm a menor garantia em nenhuma formação natural, embora o pessoal se vire para constituir um direito natural. Então, é preciso criar algo que se pareça com o natural, que se chama porrada, e algo parecido com a resistência da natureza, chamado polícia, para fazer aquilo funcionar. Outra coisa, é pensarmos como caímos nesse conto, que é o mesmo que pensar o problema fundamental de todas as épocas e ainda não solucionado no campo da filosofia ou em qualquer outro lugar: por que as pessoas adoram ser escravizadas e tomar o partido do opressor? A psicanálise devia tentar alguma explicação.

Retornemos ao fundamento psicótico da lei. A partir do momento em que o chamado Nome do Pai e a legislação que propicia começam a funcionar como hipóstase, estamos num regime psicótico, num registro que parece primário, etossomático. Por isso, fiz a brincadeira e preciso discuti-la, pois não é tão fácil: **Jacques de Sade, le Marquis de Lakant.** Para Lacan, a lei é de instauração morfótica, e não há como dizer que não, segundo a *Père Version*, e suspeito de que tenha um estatuto psicótico, de uma hipóstase. Podemos, então, perguntar se o dever, o *soll*, que Lacan encontra, não está programado aí como se fosse etologicamente posto. Que dever pode advir de um mero enunciado

que tenta introduzir um programa legal? Nenhum. Ou vem pela instauração sintomática, do con-vencimento, *le con-vaincu*, como dizia Lacan, do babaca vencido; ou é por convencimento sintomático, o indivíduo é um neurótico, e, não se sabe por que, fez a associação de uma coisa com a outra e colou (vemos isto todo dia, é verdade, mas está no nível da neurose, e não da lei); ou foi delegado a um movimento repressivo, policial, de força física, de gravitação da borracha. O importante é: se isso se instaura na porrada, não se instaurou e há uma equipe com interesse em defender; e se isso se instaura sintomaticamente, de maneira neurótica, já é um forte grau de reificação. Falei em **três graus de reificação**: a mera analogia; o recalque, no nível do recalque; e o hiper-recalque. Ora, quando isso se instaura como se devesse funcionar assim, ou seja, se suspeito uma obrigação de funcionamento por si mesmo, sem polícia e sem me referir a um mero dever local, a um grupo de neuróticos universalizando isso, estou tomando aquele ditame morfótico e o hipostasiando. O ditame morfótico, que é progressivo, é tomado como se fosse algo da ordem da natureza, algo kantiano, isto é, newtoniano, como se fosse lei da gravitação natural. Quando isto ocorre, estou dizendo que a lei começa a se constituir psicoticamente.

Quando Freud tenta fundamentar a lei – que, para ele, é lei de castração, como o é em Lacan e na Nova Psicanálise, embora a palavra não seja muito boa –, começa com o crime, o linchamento do Oranotango, do pai. Lacan também começa com crime, aliás. Da vez anterior, eu lembrava que Freud teve condições de abandonar isso quando, em 1920, recorrendo à física de sua época, à segunda lei da termodinâmica, pensa a Pulsão de Morte e conclui que todas as pulsões têm essa vocação de desaparecimento. Se supõe que todas as pulsões são assim – e, em seu caso, a pulsão era algo mítico entre o psíquico e o somático, portanto, carregando o somático e se fundamentando numa lei, da termodinâmica, que pensava que o universo funcionava assim –, isto é pensar que se pode atribuir à natureza, à *physis*, esse ditame legal. Ou seja, o modo de produção e de invenção do conceito de Pulsão de Morte não está livre de nos permitir pensar que, baseado no discurso da física de sua época, por exemplo, Freud estava colocando que o fundamento da lei era natural.

Ele não estava dizendo que colocou determinado enunciado e depois o hipostasiou, e sim que tomou um discurso de fora, chamado discurso da física, da termodinâmica, de sua época, que supunha ter achado isso no seio da natureza e legislado sobre isso. Legislado tem dois sentidos: ou o físico está delirando e inventando uma lei, o que é fato, mas uma lei que tem certa adequação com a realidade, com o real; ou ele está lendo no real determinado funcionamento. Sabemos que, hoje, tudo isso está em periclitação. Mas quem sabe se Freud até evitou jogar fora os primórdios de sua instauração de lei sobre o crime, o linchamento do Orangotango, para colocar direto sobre a Pulsão de Morte e a psicanálise não ficar na dependência da física? No primeiro caso, é uma relação de amor e ódio. No segundo, de supor que a lei é física, estarei não hipostasiando um dito meu, mas o de outro cientista, do físico. No primeiro caso, não estou hipostasiando o que estou pensando que seja uma imposição legal de nível secundário, mas, sem hipostasiar isso, que garantia tenho de algum dever? Entenderam a jogada? Parece que não, mas de qualquer modo há hipóstase.

Estou tentando expor que há modo de criação perverso, instauração perversista e, depois, funcionamento hipostático, psicótico. E que, a partir do momento em que faço a denúncia, reconheço e sustento ao mesmo tempo. Quando posso denunciar, pelo menos para mim, que há fundação morfótica e psicótica no estatuto de uma lei, mediante essa denúncia, ao mesmo tempo estou suspendendo a hipóstase e a afirmação perversa. O fato de reconhecer já me põe em suspeição, se quisermos usar o termo de Hegel, em *Aufhebung*, melhor dizendo, em *epoché*, em suspensão em relação à coisa. A Nova Psicanálise toma ALEI como constitucional da *physis*, mas não como produção secundária depois hipostasiada ao Primário. Quando digo que está escrito no Haver que ALEI é *Haver desejo de não-Haver*, estou dizendo descaradamente que faço a suposição de que, partindo do achado freudiano da Pulsão de Morte, visto pela física de sua época como lei de entropia, revisto pela física e a cosmologia de nossa época como processo de ida e volta, de inflação e deflação, digamos até de eterno retorno do Haver sobre si mesmo, **o discurso da Nova Psicanálise parte do pressuposto de que a ALEI é do Haver.**

Isto não está sendo escamoteado, nem estou jogando a lei apenas no Secundário ou fingindo que não há hipóstase. Descaradamente, estou dizendo que não há fundação de lei sem morfose e sem psicose. A ALEI também é assim. O que se pode é pegar ou largar, mas não discutir este assunto. Não estou, portanto, produzindo uma hipóstase, enunciando uma coisa e, depois, mandando que se tome como natural.

Para a Nova Psicanálise não há heterogeneidade entre Natura e Cultura – a qual, aliás, é a salvação de Lacan: quando põe a heterogeneidade entre Real, Simbólico e Imaginário, ele fica no Simbólico e este pode se nodular, mas não vaza para o Imaginário ou para o Real –, então, é preciso que, em algum ponto, se encontre uma passagem. Por isso, estou dizendo que ou bem a ALEI está inscrita no Haver ou se não é falsa. De algum modo, ela tem que estar inscrita no Haver, pois não há heterogeneidade entre os registros possíveis, Primário, Secundário e Originário. Há, sim, barreiras, cadeados, *locks*, entre formações. O enunciado da ALEI, Haver desejo de não-Haver, não inscreve nenhum conteúdo determinante do comportamento, mas passa a ser um modo de isso haver: é assim – o que, para além disso, não determina conteúdo comportamental algum. É o que repito frequentemente: nada obriga. O funcionamento é nesse sentido, mas nada obriga que funcionemos assim. Acontece, de vez em quando, esse funcionamento. Não há nenhuma prescrição ética, portanto. O que há de imperativo na ALEI é pura quebra de simetria. Em algum lugar a simetria será quebrada, que é o que se chama *castração* na tradição freudolacaniana. Em função disso é possível pensar um Vínculo Absoluto, absolutamente sem conteúdo disciplinar, mas tão somente como referência disponível a essa vinculação em branco (neutra, indiferente às enantioses “internas” ao Haver). Posso pensar na utilização de haver Vínculo Absoluto, mas ele não me *determina* nada, apenas me *propicia*.

É claro que, aí, ficamos diante de um dilema e esta é a questão fundamental: 1) se em Lacan podemos suspeitar haver hipóstase do Nome do Pai, do contrário, tudo resta apenas no Secundário (aliás, como ele quer, tudo no regime do simbólico, do que discordamos porque dizemos que há homogeneidade do

campo); 2) para a Nova Psicanálise, ALEI é axiomáticamente inscrita no Primário (do Haver), donde: se, do ponto de vista da aplicação do teorema da Nova Psicanálise, não há aí hipóstase d'ALEI, por outro lado, do ponto de vista da instauração do axioma, há sim suspeita de hipóstase (pois foi um autor que afirmou que ALEI está inscrita no Primário). Não há saída: quando aplico, não estou fazendo hipóstase, mas quando fundo estou hipostasiando. É um dilema. No caso de Lacan, ele finge que não há possibilidade alguma de hipóstase porque seu Secundário, o simbólico, é heterogêneo em relação ao Primário. Então, aquilo é estritamente no nível do simbólico, mas não deixará de funcionar e de entrar em nossa vida nos regimes do imaginário e do real (dele), e, para ser garantido, não tem como não ser hipostasiado segundo um *soll*, um dever que universaliza em nível morfótico e, por essa obrigação, naturaliza em nível psicótico.

Entretanto, nosso dilema tem que ser suspenso em alguns pontos. A afirmação que faz a Nova Psicanálise é axiomática para sua teoria e foi tomada: 1) do conceito de Pulsão de Morte, de Freud; 2) de proposições da física do tempo de Freud (segunda lei da termodinâmica) e da cosmologia contemporânea (deflação e inflação do Universo). Onde: 1) ou se dá crédito a essas proposições “científicas” – e dar crédito é apenas aposta –; 2) ou apenas se transfere para elas a hipóstase. Isto, igual ao caso de Freud que transfere a hipóstase para o campo da outra ciência. Além disso, a ética fundamental da Nova Psicanálise foi anunciada como sendo a possível aproximação do Cais Absoluto. Não falei que há um dever, e sim que é possível, que está disponível, vai quem pode. Mas supondo-se que eu preze essa aproximação, que ache que há uma tendência, como já disse até que há um creodo que leva nesse sentido, nada obriga. Então, se valorizo essa aproximação, posso olhar para os que não querem e não conseguem se aproximar e achar que estão um pouco deficientes. Mas isto não encontra garantia em dever algum. A ética fundamental da Nova Psicanálise, portanto, não apresenta conteúdo algum de índole primária ou secundária como existe no caso de Lacan e de Freud. E também não impõe nenhum imperativo (e menos ainda Categórico, isto é, nem hipotético nem disjuntivo, ou

seja, sem condição ou alternativa), uma vez que o que pode fazer e faz é disponibilizar sem obrigação. Não existe maneira mais terrível de se viver e é isto que nossa época está entendendo. *You may* não é de modo algum *you must* (é difícil separar isto na língua portuguesa).

Quando se faz a denúncia de morfose e psicose na instauração e utilização d'ALEI, ao mesmo tempo se reconhece e suspende isso, pois quem está reconhecendo não vai ele próprio tomá-lo nem como estofo neurótico nem como estofo psicótico. Vai dizer: paciência, é assim. E ao fazer esse reconhecimento e essa suspensão posso pensar que é a maneira mais lúcida, no entanto a mais difícil, de se viver no mundo. Ou seja: está disponível para qualquer um de nós, mas nada obriga. Esta é a dificuldade extrema da psicanálise, pela facilidade que tem de recaída na mão do canalha, do psicótico e do perverso. Entretanto, seria ainda muito mais canalha se sustentássemos posições, até tidas anteriormente, que escamoteiam essa fundação. Ficaria do mesmo nível que dizer que falei com Deus e que Ele mandou dizer que vocês têm que acreditar na Nova Psicanálise porque foi o que Ele quis. Não há diferença alguma de uma coisa para a outra. A fundação de um imperativo categórico, a instauração de um dever ético e a instauração do fundamento da psicanálise como ético são da mesma natureza. Por isso, disse e repito que a psicanálise até o final do pensamento de Lacan jamais conseguiu sair do Terceiro Império, e com vocação teísta, mesmo que pareça não ser. Isto porque há que conseguir conviver no regime de suspensão, o que é praticamente impossível.

De qualquer modo, o que a Nova Psicanálise pode propor – na sua referência ao Cais Absoluto – é o jogo das solitiedades. A primeira delas e mais conhecida chama-se, em Freud, *Hilflosigkeit*, abandono, derrelição. Estamos todos em solitiedades diante disso, ou seja, absolutamente sozinhos e absolutamente vinculados. A segunda, é o próprio reconhecimento do Vínculo Absoluto, que não tem conteúdo, mas podemos reconhecê-lo. E lembrar que, abaixo dele, tudo resulta em compromissos primária ou secundariamente assinados. Então, a luta é estritamente política, e não ética. Por isso, como puderam acompanhar, fiz um pequeno esforço de retirar a psicanálise do suposto

fundamento ético que Lacan colocou para situá-la num fundamento místico. Não é babaquice de misticismo, e sim no sentido de fundamentar-se no afastamento radical em relação ao Secundário e ao Primário e referenciar-se ao Originário, à hiperdeterminação. O fundamento é nesse afastamento, onde se pode ver tudo com crueza e não havendo nenhuma fundamentação ética.

Assim, o Novo Psicanalista (por sua experiência de indiferenciação e de hiperdeterminação) sabe que lida quase sempre com formações etológicas e formações neo-etológicas, mesmo quando lida com Idioformações (as quais freqüentemente estão aprisionadas a formações etológicas e neo-etológicas) – e o que pode fazer é sugerir e oferecer, mas sem nenhuma garantia de um imperativo que o apóie em sua intervenção. É a pior de todas as tarefas. Até um médico tem mais poder, pois seu poder está no Primário e no Secundário. Não podemos dizer a ninguém: se quer ficar bom, tem que operar. Só dizemos: você quer?, está à disposição; não quer, dane-se. Por isso, falei na Bandeja do Herói. O Novo Psicanalista pode apenas contar com o não-Haver como atrator, mas não há aqui nenhuma lei da gravitação que obrigue a pedra a cair: atrator que vencerá ou não as forças da resistência à hiperdeterminação. Não sabemos se o atrator, aqui e agora, será mais forte que as resistências. É um atrator, mas nunca se sabe quem vencerá. Estou dizendo que o Novo Psicanalista, na clínica, pode apenas contar com o Princípio de Catoptria, que pode suspender, indiferenciar e rememorar o não-Haver. Só isto, mais nada. Posso contar com o fato de que suspeito que aquele outro é da minha espécie e, portanto, tem nele essa disponibilidade, mas nada obriga.

Daí, o fracasso tão freqüente na prática da psicanálise. As pessoas reclamam que psicanálise demora muito, que é preciso de algo mais rápido, uma injeção... Seria ótimo, também concordo, mas não existe. Virá a existir algum dia? Não sei. A psicanálise não só é uma coisa difícil, impossível de termo, como diziam Freud e Lacan, como às vezes tem que ser a ginástica do cotidiano. Na esquina da minha rua há uma academia. Vejo lá as mesmas caras há anos e ninguém reclama. Podiam parar e ficar com o corpo como está. Seria o caso de perguntar: você está fazendo isso há quantos anos?, e quando

é que vai ficar bom? No caso da psicanálise, o sujeito reclama e quer ficar bom. Pois faça o favor de fazer ginástica todo dia... e não vai ficar bom. Para ficar mais ou menos, tem que malhar. Alguns podem até parar de malhar na academia, ou seja, no consultório, e malhar em casa, mas terão que malhar. Eu malho até hoje, nunca vou parar, se não, estraga. Existem pessoas que dão graças a Deus de passar a vida inteira indo ao analista – se é que podem pagar ou que o analista receba o que querem dar –, pois não conseguem atinar com um processo de suspensão, de domínio. Assim como há pessoas que ou fazem ginástica o resto da vida ou nem se levantam mais da cama.

A psicanálise é um processo de preparação do Inconsciente, se acreditarmos, com a linhagem que passa por Freud, por Nietzsche, Espinosa, gente parecida conosco em algum lugar, que o que de Inconsciente nos produz é noventa por cento, com dez por cento disso que querem chamar de consciência. Sabiam que Inconsciente se prepara? Igual a preparar os dedos para se tocar um instrumento. Há que prepará-lo para disponibilizá-lo para reviramentos. Agora, precisamos lembrar que há gente que tem talento e gente que não tem. Isso tem compromissos primários, secundários. Então, é preciso parar com a bobagem de dizer que a psicanálise está em crise porque demora demais. O resto é que demora de menos, porque não vai a lugar algum. São alternativas paliativas, pois as pessoas também têm que voltar. A psicanálise, com uma experiência de cem anos, parece que mostra que, se malhar direitinho, você é até capaz de dar grandes pulinhos, não fica tão preso ao chão. E aí daqueles que precisarão ir o resto da vida ao analista. Vão que viverão melhor!

• Pergunta – *Diante do que você coloca hoje, como lemos toda a neotologia, essa formação que não se move? Não haveria aí uma pregnância também de hiper-recalque, de hipóstase?*

Lacan já dizia que não se consegue produzir nenhuma estabilidade de formações no Secundário sem metáfora. Segundo a minha perspectiva, ele está dizendo que todas as formações secundárias que se decantam são formações do mesmo estatuto da neurose. Estou dizendo mais, que isso se decanta

com tanta força que vai se hipostasiando. Como não penso em heterogeneidade, mas em continuidade, onde fica a fronteira entre o que é meramente metafórico e o que é hipóstase? Não sei. Sempre é um jogo de forças. Tenho que pensar o aqui-e-agora da situação, as forças e os poderes de cada um, do meio ambiente, da decantação neurótica de alguém... Não se pode jamais fazer essas partições. A Nova Psicanálise é absolutamente contra essa cisão que é emprestada à psicanálise lacaniana, por exemplo, pela noção de discreção do significante. Se o significante é discreto, tudo fica funcionando partido. A Nova Psicanálise não acha isso, e sim que as formações podem fazer bloqueios, fechamentos, fingirem discreção, mas que o campo não é efetivamente discreto. Por exemplo, fecho a porta desta sala e digo que não entra mais ninguém. Preciso ter poderes para isto, se não, alguém arromba a porta e entra. Este é o pensamento da Nova Psicanálise, e não que seja discreto e heterogêneo. Há que pensar o campo inteiro desse modo para entendermos não que seja assim, mas que, funcionalmente, é assim. São poderes que vão se instalando. Quando posso fazer a análise da situação e fazer uma denúncia como essa, já estou colocando logo em suspeição. Então, é menos canalha, menos psicótico, menos perverso. Sei que proponho uma teoria, que ela não pode não ser uma indicação perversa, de vocação perversista, ou seja, de interesse morfótico e até mesmo fóbico, e que, no que isso vai se decantando, funcionará de maneira psicótica. Estou avisando isto, o que é diferente de escamotear. Como disse, ficaria igual a dizer: falei com Deus e Ele disse para acreditarem que a Nova Psicanálise é a salvação do mundo.

• P – *Isto coloca um problema para a clínica. Seu conceito de hiper-recalque como fundamento das psicoses, enquanto mecanismo que fixa, como um arrebite, o indivíduo ou uma cultura num enunciado legal qualquer, impede a passagem para um regime de suspensão. Se tomamos a formação cultural, neo-etológica, que se decanta com possibilidades de funcionar como hiper-recalque – e o que você vem trazendo com relação à paranóia é um exemplo claro disso, pois a rivalidade pode funcionar de forma paranóica –, até que ponto, num tratamento, não estamos diante de*

algo que é um hiper-recalque, no sentido da hipóstase que é um arrebite, e que temos que ter extremo cuidado em mexer, e até que ponto não estamos diante de um funcionamento apenas hipostático e que temos que pressionar para sair do lugar?

A questão é saber se há diferença. Acho que não. O que há é gradação, força. Tomemos uma situação qualquer, uma crença genérica, que todos hipostasiam. Por exemplo, todos andam de roupa na rua, ninguém anda pelado. Se alguém tirar a roupa, o pessoal dirá que é maluco, e não que é louca uma sociedade em que todos têm que andar de roupa. Não estou dizendo que o maluco que tirou a roupa não o seja, pois, para tirar a roupa diante de todos os cães que podem vir pegá-lo, deve ser meio doido. Mas muitos malucos fizeram isto: Freud, Lacan, Nietzsche, Espinosa... Um por um, todos tiraram a roupa. Basta tomarmos esse exemplo, em que se está dentro de uma situação em que todos são absolutamente loucos e não sabem disso, nem ninguém denuncia. Então, no trato da coisa, sempre vai-se ter que dançar, nos dois sentidos: primeiro, você dança porque perde um pouco a situação, e, segundo, se não dançar, você dança. Isto é da ordem do balé, do judô. Não se deve dizer é ou não é, e sim sempre suspeitar de que aquilo é muito doido.

Para terminar o raciocínio que apresentei hoje, é preciso lembrar que não temos nenhuma garantia de nada, que o que temos são disponibilidades – por isso, voltei a falar na Bandeja do Herói que se oferece –, então, qual é a única (não garantia, mas) referência que temos? Há a referência teórica, digamos, mental, da hiperdeterminação, do Cais Absoluto, mas, na prática, infelizmente só temos uma referência: o analista. Será que ele é, e até que ponto, capaz de sustentar esse lugar? Às vezes, correndo perigos gravíssimos? A única referência que temos é esta e é exemplar. É o que falei do Pró-moderno e do mestre exemplar. Vejamos uma situação difícil em psicanálise: se acompanho a neura da minha instituição, até me dou bem, mas aí é a psicanálise que dança. Se ela dança, então o que estou fazendo aí? Às vezes, durante algum tempo, acompanho, pois é um jogo e se não o fizer sucumbirei, mas há horas em que digo *não*, que se a transforme em partido político, e aí não será mais

Solitariedades II

psicanálise. E esse momento se aproxima da psicose, pois você pode sucumbir junto com o ódio do outro. Aliás, já convidei várias vezes as pessoas a fazerem um bordel, qualquer coisa, mas instituição “psicanalítica” com a cara que estavam forçando, não. Alguém tem que dar o exemplo, ainda que seja no papel.

16/OUT

18

“BRASIL, MOSTRA TUA CARA” I

Vocês devem se lembrar de *Navio Negreiro*, texto mais famoso de Castro Alves, jovem poeta baiano:

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra,
As promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra
Antes houvesse roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!...

E agora, como é que faz? Justamente nesta época de globalização, como se diz, em que começa o declínio dos estados nacionais, é impossível isto não acontecer. Como controlar os interesses da nação com a invasão globalizante, até mesmo pela via eletrônica? Ainda outro dia, na televisão, alguém comentava sobre o jogo, os cassinos, via internet, que são proibidos no Brasil. Como é assim, não é possível, aqui, cobrar-se uma dívida de jogo, a não ser ameaçando o devedor. De qualquer forma, a lei interna está abalada: as pessoas vão jogar à vontade via internet, o cassino podendo estar em Acapulco, em Miami... Por outro lado, juntamente com o declínio do estado nacional, como comentei de vezes anteriores, o vento de Quarto Império que tenta passar, tenha ou não

compromisso estrito com os jogos do capitalismo (embora atualmente tenha), faz imediatamente recrudescerem as formações sintomáticas menores. Toda espécie de nacionalismo, de fundamentalismo, de importância religiosa, e os pequenos sintomas individuais, grupais, nacionais, etc., começam a recrudescer porque as pessoas têm muito medo de se perder no vendaval da globalização. Como ficamos nós? Agora, final do Seminário, já está na hora de conversarmos um pouco sobre a situação nossa chamada Brasil. Há grande quantidade de estudos em todas as áreas sobre essa questão. Já tive mesmo ocasião de participar de um workshop no Palácio do Planalto sobre a questão cultural. Eram vários workshops e levaram meses sendo realizados sobre a questão econômica, política, etc. Então, do ponto de vista do que pode nos interessar, dado tudo que tenho colocado durante este ano, seria de nos perguntarmos um pouco como fica aí o tal Brasil? O que pode acontecer?

As lufadas de movimento de Quarto Império estão criando problemas gravíssimos na face do planeta. Tenho em mãos a revista *Foreign Affairs*, setembro/outubro 97, número comemorativo de seus setenta e cinco anos. Uma das coisas que mais se discute aí é o que fazer com isso. Por exemplo, a democracia vai agüentar esse rojão, essa ventania? Os fenômenos que acontecem do lado oriental, que são claramente de vontade totalitária, e seu confronto com a suposta vontade de democracia, continuarão assim? O Brasil já é um país que não é lá muito chegado à democracia do ponto de vista de posições de governança, então, que tipo de coisa, nesse âmbito, é possível permanecer? As condições eletrônicas para uma democracia absoluta *ad hoc*, aqui agora, consultiva, já existem. Só que é extremamente difícil e perigoso se, a cada passo do governo, ao invés de se fazer uma mera pesquisa de opinião, aplicar-se o voto das pessoas como se fosse a TV votando se você acha que as mulheres são mais isso ou mais aquilo. Isto porque as pessoas viveriam ao sabor de seu chilique sintomático do momento, e não se pode governar assim. Por outro lado, as invasões de capital e de ideologias ligadas a isso, também balançam a estrutura inteira do país e do governo. Engraçado é que, no momento em que isto acontece, o que recrudesce é o conjunto dos sintomas, digamos de modo menos abrangente,

culturais: os sentimentos nacionais, de língua, de modo de vida, de organização social, etc. Há pouco vimos João Paulo chegar e fazer uma grande propaganda da família, o que tem um sabor de retrocesso, de fundamentalismo católico, como se estivesse preconizando um reforço do Primário. Aliás, como frequentemente algumas perguntas que as pessoas me fazem dão a impressão de estarem achando que o Primário se refere sobretudo ao autossomático, quero lembrar que ele inclui também o etossomático, do qual nos esquecemos e do qual não sabemos quase nada. Nesse regime é que digo que a recrudescência da tal família, no discurso do Papa dos católicos, é uma aposta no Primário. É claro que a família é algo da ordem do autossomático, da reprodução organizada, mas é também, e muito, da ordem do etossomático, do que diz respeito, por exemplo, à suposta espontaneidade ou naturalidade de certos comportamentos que se reconhece nos parentes próximos, etc.

O espantoso é, então, justamente, que, quando se tem a chance de caminhar para a frente no que diz respeito ao que aponte como creodo cultural, isto é, encaminhar-se para estratos mais abstratos e tomá-los como referência – não que se possa abandonar os outros estratos, isto é impossível, pois se desaparecessem estragavam todo o processo –, justo quando há condições de possibilidade de se avançar na referência para um estrato mais abstraído, há recrudescência dos estratos anteriores. Não adianta brandir nenhum capitalismo como se fosse avançado no nível da abstração, porque não é. O apelido de “selvagem” que ele carrega de vez em quando é no sentido de apontar que está absolutamente preso a estratos inferiores. O que há de horroroso é a recrudescência do Primário no nível etológico. Vemos isto em todos os lugares, em toda parte, sempre foi uma dificuldade extrema da cultura humana superar este estrato. Então, quando há essa lufada, a possibilidade de avanço, recrudescer a pressão do Primário, sobretudo no nível etológico. Não percebemos isto muito bem e não queremos nos dar conta, talvez até porque os discursos que nos oferecem para operar isso fingem estar sempre operando no nível secundário, o que absolutamente não é verdade. É só prestarmos mais atenção que nos daremos conta de que o darwinismo larvar de todas as maquinações humanas

no campo da sociedade não é senão recrudescência do Primário em sua vertente etológica, que chamo de etossomática. Isto é o que dificulta toda e qualquer abordagem e toda e qualquer tentativa de melhorar a aparência e a operação do campo.

- Pergunta – *O pessoal da psicologia cognitiva, por exemplo, embora pareça estar avançando, não estaria recrudescendo demais?*

Acho que não.

- P – *Eles são tão darwinistas...*

A tendência darwinista é que é meio boçal. Mas é preciso suspendermos um pouco o juízo e observar a coisa. Estamos saindo de um momento, em que viveu Lacan, por exemplo, e vários outros, esse momento estruturalista europeu, em que se apostou exageradamente no Secundário como se o Primário fosse capaz de ser substituído plenamente em suas funções por uma postura secundarizante, simbolizante, como queriam eles. Agora, está vindo o retorno do recalcado. É assim mesmo. António Damásio, o pessoal da psicologia cognitiva, etc., estão se dando conta de que há uma série de aparelhos no nível primário que efetivamente estão em jogo.

- P – *Mas eles radicalizam absolutamente.*

É a tendência. Quando o pessoal estruturalista radicalizou para o lado do Secundário e embarcamos, tolamente talvez, porque a época era aquela, ninguém se lembrou muito da falta que fazia o Primário nessa conjuntura. E também, quando se prepara determinado campo de trabalho, é preciso certa concentração e eliminação de concorrências de pensamentos para aquilo se desenvolver plenamente, e mesmo fracassar plenamente. É claro que esses estão contra a pressão enorme dos secundaristas, como eu diria, investindo no Primário e querendo resolver por aí. É o que acontece na psiquiatria contemporânea, por exemplo. É o chamado rigor. Assim como Lacan tinha seu rigor secundarista, esses têm o rigor primarista. Acho que as duas posições deveriam ser pensadas hoje como capengas e inadimplentes, mas não podemos atirar numa só, pois as duas me parecem inteiramente idiotas, no sentido técnico do

termo. São auto-referenciadas demais, pois é preciso reconhecer que uma série bastante grande de emergências primárias intervém o tempo todo na vida da gente e com embates no nível secundário. Precisamos, sim, conhecê-las direito e saber até que ponto é válido acompanhar esses movimentos.

Se faço um forte investimento no Primário da etologia, no que for do campo que chamo de etossomático, se quero fazer as coisas funcionarem segundo esse aparelho etossomático, etológico, tenho dois problemas sérios. Primeiro, é um campo bastante desconhecido em todas as espécies e, sobretudo, na espécie humana. A quantidade de volumes que se produz é enorme, mas quando esprememos não sai quase nada de dentro. Há conjecturas e conjecturas, uma ou outra coisinha e nenhum achado efetivo muito válido. Os que estão deslumbrados com isso confundem a grossura dos volumes com o peso dos conhecimentos. O conhecimento é quase zero, os volumes e a falação é que são grandes. Quando o autor é efetivamente sério, é capaz de escrever um livro para dizer que não disse as besteiras que estão dizendo que disse. Disse apenas issozinho, que é apenas um fator, um ingrediente do processo. Mas estou indo um pouco mais longe. Digo que quando reconhecemos o Primário, acho que ele é mesmo de rosto darwinista. Tenho a impressão de que quando um Darwin olhou a bicharada, reconheceu as formações autossomática e etossomática, mesmo que em processo, e, sobretudo, reconheceu o *struggle for life*, a agonística de ver quem chega primeiro para comer a moça, qual espermatozóide não é manco, qual universitário vai ganhar o prêmio, aquele que entrará para a academia, etc. Precisamos, nós, reconhecer que é tudo coisa de bicho, de animal. Vejam que as investidas do Terceiro Império na, digamos, “pureza” de exposição de seu pensamento – e não essa coisa que está aí supostamente representativa da Igreja, por exemplo, que também é darwinista, a mesma bicharada –, ele se apresenta tentando mudar de registro. Isto, ao invés, por exemplo, de fazer uma corrida para ver quem ganha o prêmio, quem é o atleta, qual a lagartixa que anda mais de cabeça para baixo no teto, essa vocação de Olimpíada que existe em todas as formações da bicharada. Olimpíada, aliás, é coisa de bicho. Com isso, não estou desvalorizando bicho ou

Olimpíada, mas dizendo que é preciso reconhecer que é da ordem do Primário, que, nesse nível, talvez Darwin esteja certo. Isto não significa fazer dessa corrida o modelo de todos os processos, pois esse modelo é primário.

Como eu dizia, mesmo na tentativa de introdução do Terceiro Império, que está vigorando por aí meio esculhambado, misturado com os outros, uma de suas principais colocações foi buscar suspender o mais possível a vocação de virtude primária. O reino do amor, reconhecer o próximo mesmo com defeito, até o inimigo, é uma tentativa vigorosa de suspender num nível mais abstrato, que nunca deu certo, é óbvio, pois nunca se apresentou com a lucidez suficiente para poder manejar essa coisa. Estou, então, querendo dizer que a recrudescência de movimentos de caráter primário bate de frente com as possibilidades de abstração e de criação de outro aparelho social. Um capitalismo – e Deleuze chegou a pensar isso, de modo diferente do meu – abstratíssimo pode ser uma função libertadora, mas, quando temos um aparelho de capitalismo junto com o etológico, fica tudo darwinista. A coisa é de um nível de selvageria tal que não difere nem um pouco das formações de característica selvagem que estamos vendo por aí. Nessas horas, ficamos em dificuldade de pensar. A situação, por exemplo, de determinados aparelhos que têm bastante vocação primária – e é claro que têm, se não, não estariam em dificuldade diante dessa lufada – como a nacionalidade, que não é meramente secundária como pode supor um Lacan, de apenas assinar um papel como se alguém fosse cidadão de um país, um estado, que está sustentando sua situação nacional. Há toda a aparelhagem primária que encontramos nos livros de direito, sociologia, etc., que situam sintomaticamente não a mera cidadania, mas a nacionalidade de uma pessoa. O sujeito nasceu ali e foi sintomatizado dentro de certa língua, com determinado sotaque nessa língua, com determinada paisagem, clima, relações com o ambiente, etc. Esta sintomática entre Primário e Secundário é que funda o aparelho terrível que retorna com violência quando se faz um processo de abstração e se quer soltá-lo. Já expliquei que é igual ao que acontece com qualquer neurótico em análise. Quando se solavanca o sintoma, ele fecha, não quer mexer nele porque supõe perder sua identidade. Ele prefere ser neurótico a ser meramente referenciado.

O Brasil, então, coitadinho, é o tipo do país que perdeu a vez. Por isso, recitei aquele trecho do poema de Castro Alves. Vai virar pano de cobrir cadáver essa bandeira? O país, ou nunca teve boa chance, ou não soube aproveitar a chance de se impor culturalmente e, dentro dessa situação cultural, encontra a ventania de globalização. O que tem acontecido, e não sei se alguém já chamou atenção para isto, é que os sintomas começam a recrudescer, mas estão recrudesendo em nível muito baixo. Basta abrir os jornais, ligar a televisão, para vermos as pessoas se agarrando, por exemplo, à bunda da Carla Perez (virou bandeira nacional), ao rebolado de não sei quem... São elementos interessantes de nossa ordem sintomática, podem até ser preservados, mas, do ponto de vista geral da cultura, são essas as coisas que estão se tornando prenhas. Nos últimos cinco anos, pelo menos, o nível está baixando. No que a ventania parece desenraizar as pessoas, elas se agarram ao mais baixo da cultura. Mesmo porque a maioria já não estava muito preparada para sondar, em seu campo cultural, algo mais refinado, um pouco menos primário. Ao passo que, quer me parecer – e é uma questão que não posso provar, posso apenas indiciar, indicar –, por causa de sua história, seu estilo, seu modo de existir, seu modo de haver, há certa formação genérica demais, que poderíamos chamar de formação brasileira, cultura brasileira, que nos coloca na situação de estarmos num país que tem sintomas propícios a um forte e rápido crescimento. Temos certos sintomas – ou melhor, falemos em formações culturais, que é mais genérico – que são propícios a um rápido desenvolvimento, a serem até vencedores num processo de mundialização, de globalização, intensivo. Ao mesmo tempo que essas mesmas formações têm servido muito bem para serem aprisionadas pelos processos de recalcamento dentro do próprio país. É uma situação insustentável. Não é um paradoxo, pois brotam certas coisinhas típicas nossas, que outros países acham muito esquisitas, mas que, se bem positivadas, seriam formações sintomáticas bastante rentáveis para a cultura brasileira, mas elas estão frequentemente compromissadas com a vocação recalcante. Ou seja, apresentam-se mais facilmente de maneira neurótica do que de maneira espontânea. No entanto, sacamos que funciona.

Não adianta ficarmos reclamando de certas intervenções de outrem. Podemos não permitir que abusem de nós, mas, às vezes, a intervenção externa é estritamente diagnóstica. Vimos Bill Clinton – aliás, estamos recebendo cada visita: João Paulo e agora esse – pedir desculpas porque o embaixador americano disse que, no Brasil, a corrupção é endêmica. E todos sabem que é verdade. É melhor tomarmos essas coisas como diagnóstico, não da coisa ruim, mas da situação. Efetivamente, neste país, temos tudo para ter o direito de ter uma corrupção endêmica. É isto que as pessoas não querem notar. Querem, como o analisando freqüentemente faz quando recebe uma pequena tocada, denegar isso. Sou contra não aceitarmos esse diagnóstico absolutamente correto de que no Brasil há uma corrupção endêmica. É, sim, uma endemia cultural brasileira. Ao invés de xingarmos aquele que disse, devemos perguntar por que há isso aqui. Há fartas razões para isso. Por exemplo, tenho aqui um artigo do Jornal do Brasil de ontem, no qual Emir Sader lembra que, no Brasil, um por cento da população detém mais de cinquenta por cento do dinheiro e a classe média é de vinte por cento, quando em qualquer país vagabundo é de setenta por cento. Isto quer dizer que não há mobilidade social, financeira ou cultural em geral. Para alguém que se encaminhe dentro de um país desses, só há uma saída: a qualquer competência que sinta para dar um passo, terá que roubar, subornar, corromper de algum modo. É o jeito, pois as paredes estão fechadas de maneira drástica. Então, como a corrupção não seria endêmica? Falemos o termo técnico: por que não seria endêmica a putaria no Brasil? Precisamos nos perguntar por que e como a distribuição da renda fica anquilosada desse modo? Um garoto que nasce numa favela, se for menos burro que os outros, perceberá que é uma situação inarredável a médio prazo. Até o dia que morrer, ele não terá jeito. Então, pega o revólver e vai tomar o dinheiro dos outros. É a saída que ele vê, porque não é burro. Se for burro, vai ser escravo normal, como todos nós. Se for um pouquinho inteligente, vai ser escravo marginal. Todos são escravos.

- P – *Ou escreve um livro.*

O Xangô de Baker Street, por exemplo, ou Bida...

- P – *Não, é* Cidade de Deus.

É a mesma coisa. Qual a diferença?

Mas precisamos entender o processo, como essas formações se dão, aceitar um pouco os diagnósticos e ver o que fazer com eles. Gostaria, então, de retomar os Estratos que lhes apresentei e pensar algumas coisas a respeito da cultura brasileira a partir deles.

O primeiro é o Estrato Pulsão, que me daria como consequência a possibilidade de pensar Quatro Sexos para o Haver. O sexo chamado Morte, que simplesmente não funciona a não ser como atrator do movimento pulsional. O chamado Terceiro Sexo, que, na verdade, é o primeiro e único que funciona, também chamado de Falanjo. É simplesmente a sexualidade resistente, persistente, que insiste, e que se desdobra nas duas sexualidades chamadas Consistente e Inconsistente. Como sabem, fiz uma conexão entre essas sexualidades e certos estilos, no sentido mais genérico da palavra, certos modos de produzir discurso. O Sexo da Morte, que não há, mas que atrai assim mesmo, coloquei em relação com o estilo que chamei de Tanático: a tentativa de apresentar um processo discursivo – aliás, tiremos esta palavra que está suja demais pelo passado recente da cultura e falemos em processo expressivo de produção –, que consideraria o desaparecimento. Apresentei alguns artistas que suponho próximos disso, o mais exemplar sendo Rothko na pintura. Falei do Sexo Insistente, do Falanjo, o sexo persistente, e de seu desdobramento no que costumam chamar de masculino e feminino na estilística. Acho isto uma besteira, pois masculino e feminino dependem de muita coisa, de Primário, de Secundário, etc. Esta sexuação, que chamo Terceiro Sexo, mas que é o primeiro, é bem representada expressivamente pelo que se chamou, de maneira mais ou menos errônea e se interpretou pior ainda, com o nome de Maneirismo. Felizmente alguns autores mais recentes, sobretudo na história das artes plásticas, onde o Maneirismo é mais evidente, embora também exista na literatura, etc., conseguiram tirar do limbo o conceito de Maneirismo.

Já lhes expliquei por várias vezes a posição do Maneirismo junto com o Renascimento e junto com o surgimento do Barroco, a ebulição que é Clássico,

Barroco e Maneirismo no século XV, XVI e invadindo o século XVII, com Velázquez, por exemplo. Algumas pessoas com quem tenho conversado, pessoas gradadas, importantes, embora não escrevam artigos ou apresentem teses sobre isso, concordam comigo que o Brasil não é um país de característica barroca, e sim maneirista. Acho que o Brasil é tão maneirista que não consegue situar-se direito e ficou esse apelido de barroco, que veio da situação externa. Deleuze, por exemplo, faz uma grande confusão e continua, em *Le Pli*, a chamar de Maneirismo o modo de comportamento do Barroco. É uma bobagem, ele devia ter se informado melhor sobre o que estava acontecendo no campo das artes, pois é só nos autores mais antigos que há a confusão de supor que o Maneirismo não tem características próprias, que há Classicismo no Barroco e que o Maneirismo é uma espécie de indecisão entre Clássico e Barroco, ou se não, certa região do Barroco.

Hoje, temos condições de apostar cada vez mais numa distinção clara da posição maneirista. Antes, não havia muita vez para isto aparecer na teoria, embora, como se demonstra através da história da arte, da literatura, tenha sempre percorrido a história da humanidade, desde a pré-história até hoje. O Brasil me parece um país evidentemente maneirista, um país de Terceiro Sexo: a resistência primeira como indiferenciação, entre Consistência e Inconsistência. Acho que uma das maneiras de o Brasil ser mal visto é justamente porque funciona dando a impressão de que oscila, que está em cima do muro. Não se percebe que é uma maneira outra, terceira, como é o estilo maneiro nas artes, de funcionar. Como é a sexualidade pura e simples do movimento pulsional, que insiste em sua própria movimentação, e que coloco nas fórmulas que lhes apresentei: pode até haver limitação à função fálica, mas não seu extermínio. É o lugar onde vale tudo, inclusive a vocação nitidamente (com o aval de Sigmund Freud:) bissexual do brasileiro. Ele esconde o jogo, mas se espalhamos a coisa e ouvimos no divã, vemos que há uma forte vocação bissexual no país, que, aliás, não é nada de bissexual, é: tanto faz. Não estou dizendo que seja nenhuma maravilha, e sim que o Brasil é um país nitidamente maneirista, com a vocação de terceiro lugar, que não é mistura do primeiro com o segundo, e nem é estar

no meio, entre os dois. É algo que tem construtura radicalmente diferente de Consistência e Inconsistência. É mera Resistência. E mais, isso é herdado da Península Ibérica. Qualquer um que fizer uma pesquisa sobre o Brasil e a Península Ibérica em sua história acabará mostrando fartamente que a Península Ibérica tem forte vocação maneirista contemporânea do surgimento do Maneirismo na história mais recente do Ocidente, séculos XIV e XV, e da descoberta do Brasil.

Onde cabe tudo que conhecemos sobre o jeitinho brasileiro? É a vocação maneirista mal percebida, mal montada e mal trabalhada por nós. Isto vem, é tomado e cercado por posições neuróticas de recalcamento. As maiores obras espanholas e portuguesas são maneiristas, na literatura e nas artes em geral. Até mesmo o descobrimento do Brasil é tipicamente maneirista: o cara se perdeu... pouco importa que a história seja falsa ou verdadeira, mas a expressão da coisa é maneirista. Nossa vocação não é estritamente Latina, e sim Ibérica, com postura maneirista. Aliás, todos os descobrimentos têm essa vocação. Algum estudioso de literatura podia, por exemplo, tomar a carta de Pero Vaz de Caminha e ver que diabo é aquilo, se não é maneirista. Mas não adianta ficarmos nos vangloriando disso porque não se faz, no Brasil, com raras exceções como o movimento de 1922, um esforço de assumir e positivar essa posição. Isto é contado como se fosse anedota de brasileiro, como se conta em Lisboa. É uma coisa meio aconchavada, que, na verdade, é uma formação sintomática da melhor qualidade para o que está por vir. Talvez no passado, no tempo em que as pessoas tinham caráter – embora isto não funcione mais, pois Macunaíma já veio demonstrar que não se trata mais de ter caráter –, essa coisa meio aconchavada parecia um defeito gravíssimo. Mas como postura para o que está por vir, é um sintoma da melhor qualidade, por exemplo, assumir-se o maneirismo brasileiro. Já que estamos na recrudescência de sintomas locais, por que não podemos entrar na globalização com a cara que temos? Ao invés de fazermos isto, a questão maneirista brasileira funciona como se fosse da ordem da piada e, na hora de funcionar com as coisas, queremos fazer de conta

que esse sintoma pode ser posto de lado e imitamos o estrangeiro, o que já é outro nível de sintoma, outro Estrato, de que falarei depois.

Gostaria, nestas últimas sessões do Seminário, de endereçar o que pode ser a nossa posição, em vários Estratos. Como podemos ter um diagnóstico e, depois, uma intervenção clínica? Isto para que as pessoas comecem a se esforçar para, clinicamente, assumir uma postura que é uma formação sintomática nossa desde a fundação deste país como tal pelos descobrimentos. Todos esses elementos sintomáticos estão aí funcionando como se fossem defeito nos interstícios do que é permitido fazer e funcionar. São coisas gravíssimas pelas quais passamos todos os dias.

23/OUT

19

“BRASIL, MOSTRA TUA CARA” II

Da vez anterior, retomei questões da cultura brasileira a partir dos Estratos que apresentei. Quando falei do Estrato Pulsão, no seio do qual inseri as quatro formulações – Sexos Desistente, Resistente, Consistente e Inconsistente – que escrevi para designar os movimentos da sexualidade, falei do Maneirismo, do Brasil Maneiro, ou seja, da tendência de base que suponho existir na cultura brasileira para acompanhar essa formulação estilística, que, aliás, é o que pode nos delegar a própria cultura ibérica, de onde temos origem mais direta. Costumo adscrever o Maneiro à sexualidade terceira, se não for à primeira, que é a pura e simples afirmação da Pulsão, a pura e simples Resistência no que diz respeito ao empuxo da Pulsão. Algumas pessoas ficam um pouco mal impressionadas porque, em certas ocasiões, falo como se estivesse denunciando uma verdadeira impossibilidade de movimento, uma esclerose neurótica na cultura brasileira, que tem deixado o Brasil fora de circuito durante toda sua história, e ao mesmo tempo digo que há o sintoma, a formação de base que me parece da melhor qualidade, que é a tendência maneirista que se coaduna perfeitamente com nossa posição em movimento, com a posição cultural do futuro. Segundo essa vertente estilística, o Brasil estaria bem situado para seu processamento futuro. Então, qual das duas posições é verdadeira? As duas o são, embora contraditórias. O que tento apontar é que, se tivéssemos condição de suspender algumas forças recalcantes que são enormes em nossa cultura, veríamos que há por baixo desse processo de recalcamento certas construções

sintomáticas, certas formações nacionais, digamos, que podem ser muito úteis em nossa contemporaneidade. A vocação maneira, por exemplo, é inteiramente recalcada por uma série enorme de formações contrárias, sobretudo no que tem a ver com os outros estratos, que veremos em seguida.

Do ponto de vista do Estrato Recalque (Recalques Originário, Primário e Secundário), que resultou no que apresentei como os Cinco Impérios: AMÃE, OPAI, OFILHO, OESPÍRITO e AMÉM, diria que posso suspeitar que, dadas certas facilidades em outras áreas, outros pontos, outros sintomas, e até mesmo por certa falta de formação, certa inadimplência cultural típica nossa, o Brasil tem uma tendência bastante forte para ser capaz de aceitar uma vigência de Quarto Império. Estou apresentando suspeições sintomáticas, e não demonstrando nada, pois é preciso fazer um trabalho de campo com todas as formações literárias, artísticas, comportamentais, sociológicas, discursivas, costumeiras no país para se ter um levantamento disso. Tampouco estou dizendo que isso possa ser possível porque sejamos melhores, e sim que certas fundações de Terceiro Império, certas aparências de estruturação cultural, no Brasil são inteiramente falsas, não funcionam muito bem, não são perfeitamente engastadas no processo individual de cada um ou mesmo no processo de grupos. Um exemplo bastante forte disso é o que chamamos de sincretismo religioso. O Brasil não é um país que tenha uma forte e única convicção cristã. É uma espécie de vale-tudo: o sujeito é mais ou menos cristão, católico, protestante, macumbeiro. Isto, segundo a vocação do Império em extinção, seria um grave defeito, pois não se tem um rosto religioso típico. Mas, do ponto de vista do Quarto Império, esse comportamento dissoluto, no sentido etimológico do termo, no seio das crenças é a vocação para passear pelas formações discursivas com certa facilidade, certa leveza de pregnância. Isto não é uma convicção, é o resultado de uma inadimplência cultural da melhor qualidade. A cultura brasileira precisava contar com sua própria inadimplência cultural, votar com ela, apostar nela. Em outras regiões do mundo, por uma extrema coagulação cultural, a mobilidade fica difícil, justamente porque as pessoas são cultas, no sentido forte do termo, e ficam formatadas demais por certa cultura de determinada época.

No Brasil é o contrário. Toda pregnancy é difícil. Fazer algum aparelho cultural funcionar a pleno vapor, com toda responsabilidade, é difícil. É mais fácil a coisa ficar frouxa, correr solta. Há certo deboche cultural no brasileiro: ele goza com a cara de tudo, o que é saudável, pois não dá para ser muito paranóico, não dá para ser Jacques Lacan aqui, graças a Deus. Já tivemos exemplos de tentativa de escutar de algum modo, teórica e literariamente, essa vocação que estou apontando para o Quarto Império. O mais famoso, e que deve sempre ser retomado porque foi uma intuição precisa, é a idéia de Macunaísmo, como prefiro chamar, posta por Mario de Andrade. O desenho que ele tentou fazer da brasilidade: o herói sem nenhum caráter, o homem sem qualidades. Quando se diz “homem sem qualidades” parece mais chique, fica com um som alemão, mas o herói sem nenhum caráter é mais preciso. É a possibilidade de se caminhar por dentro das formações com certa soltura, sem viscosidade em relação a elas, embora podendo conhecê-las para fazer uso adequado. O desenho do Macunaíma tem sido bastante vilipendiado pelas forças neurotizantes do país. Quando algum artista, alguma pessoa com sensibilidade, percebe um sintoma que pode ser de boa qualidade para nosso desenvolvimento se investíssemos nele, imediatamente a turma da neura, que supõe que vai constituir os valores em cima de atitudes demarcadas e desenhadas, começa a produzir um processo de recalcamento.

Retomando o que dizia da vez anterior sobre o mau tratamento que se dá à noção de jeitinho brasileiro, quero colocar que, ao contrário, é outra característica da maior importância para designar a vocação para o Quarto Império que há na cultura brasileira. O aparelho do jeitinho funciona mesmo diante do enunciado legal. Confundimos a convencionalidade e a aplicação da lei com certa vocação imperativa da legiferação. Quando a lei fica acima dos fatos, isto se chama perversidade. A lei não pode estar acima dos fatos. Os fatos devem equivocar a lei. Por isso mesmo existe a jurisprudência. Temos até países, como a Inglaterra, por exemplo, que funcionam bastante na base do direito consuetudinário, que não se escreve necessariamente como lei exarada, mas que anota os costumes e os casos para fazer uma farta jurisprudência. A

Inglaterra tem essa virtude, só que a jurisprudência lá é muito velha, não sei se vai até o Império Romano, aqui é mais recente. O jeitinho é a noção de que a vida, a realidade, não pode ser absolutamente regrada, de que as regras existem para se começar a conversar, e não para se terminar uma conversa. Esta mentalidade está no trejeito, na função sintomática do brasileiro, mas quando se questiona ou se pergunta a cada um sobre isto, imediatamente se faz referência à função repressiva, recalcante. Ninguém se lembra de que o jeitinho é uma coisa ótima, que pode manter uma estrutura cultural e social de equivocação e de ajuste permanente. É como se pudéssemos ter uma legislação *ad hoc*, o que seria bom para nossa função futura. Pelo contrário, o jeitinho é confundido com safadeza, com aquela corrupção endêmica, que é verdadeira. A questão não é se, para coibir a corrupção deslavada, deve-se eliminar o jeitinho, e sim: como produzir uma cultura onde o jeitinho possa funcionar com certa organização de critérios?

A corrupção existe no mundo inteiro, não é um fato brasileiro, mas quando o embaixador do Bill Clinton diz que há certa endemia da corrupção no Brasil, tenho a impressão de que é isso mesmo. Ou seja, a falta de reconhecimento de que há a formação sintomática até boa de certa elasticidade em relação a qualquer coisa faz com que só se possa equivocar os acontecimentos e as pressões na base da corrupção. Isto, quando podia ser na base da conversa e devia ser uma função cultural mais explicitamente posta e melhormente aproveitada de que se trata de uma cultura onde as funções são apresentadas e as regras são postas, mas tudo pode ter certa elasticidade. Quando se apresenta uma rigidez excessiva do ponto de vista legal e há pessoas cuja estrutura sintomática é de elasticidade, que conversa existe entre a rigidez absoluta e alguma elasticidade? A corrupção. É a guerra da neura contra a possibilidade de funcionamento, igual ao caso do Estrato Pulsão. Qualquer estrangeiro de país mais velho, mais sintomatizado, que vem ao Brasil ou que nos conheça nas estranhas, nota o maneirismo brasileiro, que o brasileiro é meio escorregadio, meio elástico na moral, nos comportamentos, que tem certa elasticidade, certo deixa para lá, deixa disso, tanto faz. Mas é só tocar nisso que as pessoas se

vêm diante de algum superego cobrando delas que não devem ser assim, então, partem imediatamente para a postura contrária, neurótica, de começar a querer substituir sua própria estilística por outra. Do ponto de vista do que podemos escutar psicanaliticamente, quer me parecer que deveria ser o contrário. Deveríamos apostar no maneirismo, mas com lucidez, sabendo que é assim e buscando como pode funcionar de maneira branda, sem grandes conflitos. Apostar na vocação de Quarto Império, no Macunaísmo, no jeitinho e fazer disto elemento do estilo Maneiro que temos. Do ponto de vista sintomático, a vocação espontânea é para isso; do ponto de vista da organização social, diante do superego, usamos outro aparelho de juízo. São dois aparelhos incompatíveis. Não nos acostumamos a entender, junto com Mario, com Oswald, com tanta gente que pensou isso, que temos que constituir os modos de operação dentro da cultura segundo essa vocação estilística que nada tem a ver com a origem de nossos papéis, com projetos legislativos todos copiados de uma ordem que não é bem a nossa e que não combinam com nossa vocação cultural. É preciso fazer estudos, teses, dissertações para demonstrar isto, para que venhamos a assumir outra postura diante disso tudo.

Felizmente, aqueles que refletem sobre as ordens sistêmicas, na física, na biologia, na sociologia, etc., verificam cada vez mais que todas as formações têm certos pontos de indiferenciação. E há também na espontaneidade do comportamento do brasileiro certa tendência para um rápido aproveitamento de qualquer ponto de indiferenciação dentro da cultura. Há certo gosto pelo aproveitamento rápido de indefinições. Eu tinha um amigo que dizia que, no Brasil, se você tentar convencer uma pessoa a fazer alguma coisa, ela não quer, mas se disser que é só de sacanagem, ela vai: – Vamos ali tomar um café? – Não estou a fim. – Só de sacanagem. – Então, vamos. Isto descreve com muita clareza o espírito do povo brasileiro. Ou seja, não se quer um compromisso muito forte de fazer isso ou aquilo. Não é que se vá fazer tudo só de sacanagem, mas podendo fazer só de sacanagem alguma coisa, já funciona. Ou seja, é uma disponibilidade para percorrer as formações desde que não se tenha que ficar aprisionado a elas.

É claro que estas coisas que estou apontando como formações sintomáticas de base e que poderiam ser explicitadas, assumidas e aproveitadas de maneira brilhante, apresentam duas faces: uma neurótica e outra perversa. Como não se assume com clareza a formação sintomática, que pode não ser para sempre, mas, dada nossa situação atual, pode ser de grande eficácia no mundo que vem aí, isso sofre algum impasse como tentativa de coibir essa vocação. No modo neurótico de funcionar, é o próprio cidadão brasileiro que, espontaneamente, uma vez que algo o aborrece ou lhe chama a atenção, imediatamente moraliza para o lado contrário, segundo regras que não são as de sua instituição sintomática. O modo meio perversinho é aproveitar-se dessa sintomática para o que o pessoal chamou de corrupção endêmica, de esculhambação de tudo, de não assumir compromissos de modo algum...

• Pergunta – *Seria a “lei de Gerson”?*

Ligávamos a televisão antigamente e víamos o Gerson dizendo, segundo um cigarro que vendia muito bem e portanto era autoridade, que devíamos aprender que temos que levar vantagem em tudo. Depois, veio: vamos consertar o Brasil. Consertar o Brasil estúpida e imbecilmente era não entender isto, dizer que é falta de caráter. Estou plenamente com o Gerson. O que uma pessoa da humanidade inteira quer senão levar vantagem em tudo? Desde Freud, isto ficou claro. Lacan chegou a dizer algo que parece monstruoso, que o inconsciente é capitalista, pois sabemos muito bem que os movimentos pulsionais de cada um de nós conduzem à tentativa de levar vantagem em tudo. Como isto é óbvio, por que, de uma vez por todas, não chegar a um acordo em torno disto? Qualquer pessoa mais ou menos saudável pretende levar vantagem em tudo. Esta seria a vertente nietzscheana da frase, saudável, mas, diante de uma pressão moralizante, que é repressiva e recalcante, vira defeito de caráter. Por exemplo, dizemos a alguém: – Você não acha que está sendo egoísta? A resposta deveria ser: – Não acho, tenho certeza, acho que estou sendo é pouco egoísta, pois deveria ser muito mais para ter um mínimo de respeito pelo egoísmo do outro. Se não tenho um egoísmo suficiente, não tenho

respeito pelo egoísmo do outro. Tenho que reconhecer que o outro é como eu, egoísta também. É preciso ter clareza sobre essas posições, pois isto recolocaria nossas funções sintomáticas de outro modo dentro da cultura.

Do ponto de vista perverso, não precisamos nem ir muito longe, basta ver o que aconteceu esta semana. Justamente, da vez anterior eu falava da selvageria da globalização, e o que vimos foi que duas ou três pessoas resolveram deslocar seu pacote financeiro daqui para ali, porque aqui paga um pouco mais do que ali, e ocorreu uma comoção. Quantos infartos não foram promovidos esta semana? Se a coisa tivesse descambado sem que a turma do deixa disso globalizante segurasse, iria haver muito suicídio, muita morte, muita falência. Se o pessoal não começar a ajustar esses movimentos – que nada têm a ver com países, estados, pois funcionam à revelia das organizações estatais –, a fazer algum consenso a respeito de como manipular a economia, isso pode dar um resultado violento muito difícil de segurar. Então, as pessoas que manipulam as regras de movimento do dinheiro, por exemplo, devem achar ótimo que se faça uma propaganda contra a vontade de se levar vantagem. Isto para que elas sozinhas possam levar vantagem em tudo. Ou seja, para que possam entrar na perversidade social e fazer as maiores barbaridades: – Queremos que todos entendam que é muito feio querer levar vantagem em tudo porque, segundo um sistema que se diz honesto e correto de movimentos de finanças (tanto é que é permitido fazer), só nós é que podemos colocar o mundo numa crise que talvez não tenha volta. Estamos aí diante da situação daquelas lufadas de vento de Quarto Império. O capital financeiro é absolutamente solto, não tem o que Deleuze chamou de territorialização, não tem decantação, não tem pegadas em Impérios anteriores. As pegadas no Primário estão ficando cada vez mais soltas. Mas ter como referência estratos cada vez mais abstratos é diferente de não se levar em conta os estratos inferiores. O movimento do capital financeiro funciona como se os outros estratos não estivessem aí. O fluxo, a ventania é absolutamente de Quarto Império, mas se esquece de que há milhões de pessoas assentadas em estados e territórios. A coisa não é discutida, armada e nem funciona no regime de uma referência de abstração, mas também de se levar

em conta os estratos anteriores. É a mesma coisa que alguém pensar sua vida em níveis inteiramente abstratos e esquecer que tem um corpo que precisa ser alimentado, etc.

Maria da Conceição Tavares disse que o que aconteceu foi uma espécie de El Niño: esquentou no Pacífico e explodiu aqui. É verdade, estamos convivendo com situações cada vez mais parecidas com a ordem climática: as regras não seguram o clima. Outro disse que era o mesmo que a AIDS financeira. E é, pois os sistemas imunológicos dos países e estados não funcionam diante da virulência do movimento abstrato do capital. Já lhes disse que o vírus da AIDS desmoralizou inteiramente a psicanálise porque ela é que devia funcionar como ele. Não deviam ser a economia nem a biologia a sofrer esse impacto. Freud falou em trazer a peste, pois não sabia que o nome era AIDS Psíquica. Ele, aliás, quebrou a cara, sua peste era só uma gripe. Mas se a análise é um processo permanente de preparação, de malhação, é preciso eu viver me preparando para, no nível de minha reflexão e de minhas articulações mentais, ficar cada vez mais abstraído, isto é, ser capaz de deslocar com maior facilidade as formações reativas, diminuir a força do sistema imunológico do psiquismo. É o psiquismo que devia, sim, ter imunologia zero. É meio difícil, não se vai conseguir, mas nossa meta, o que chamo chegar à referência de hiperdeterminação, de Cais Absoluto, é **imunologia zero**: o que quer que apareça, posso assimilar, aceitar. Isto não significa nenhuma morte, e sim que posso estar livre para montar e desmontar fronteiras dentro da minha estrutura psíquica à vontade. Agora, em nível dos estratos mais baixos, isto não é possível, pois não posso governar meu corpo do mesmo modo que governo meu psiquismo. O *valetudo* latino, da saúde mental, não é o mesmo da saúde corporal. Sem as arrumações imunológicas, o corpo não agüenta, sucumbe. As sociedades e as economias locais também não agüentam. Só é preciso pensar na abstração do capital desvairado, ou seja, na abstração do psiquismo liberto, o mais abstrato possível, para se ficar livre, solto, em relação a como lidar com as outras formações, mas se não se respeitam as conjunturas momentâneas, isso explode, vai para o beleléu. É preciso pensar até em regime de Quinto Império (se fosse

possível), mas entendendo que o Primário não é tão disponível e que o Secundário é disponível *modus in rebus*.

Então, quando se toma uma frase como “querer levar vantagem em tudo”, ou se moraliza neuroticamente ou se pensa que é o vai da valsa sem a menor referência aos processos de sustentação do que é preciso agoraqui ser sustentado para a manutenção do próprio processo. A psicanálise pode ajudar a pensar que desfazer os contornos neuróticos das formações repressivas não é o mesmo que esculhambação generalizada. É preciso disponibilidade em referência a estratos cada vez mais abstratos justamente para se lidar com situações até mais delicadas. Às vezes, é necessário sustentar o cinturão imunológico de determinada formação por determinado tempo para que tenha condições de transformação. É o que chamei de Trans-formática: não só transformação, mas transa entre as formações. Ou seja, é uma regência difícil e que exige o talento de uma orquestra cheia de sonoridades que, para fazerem música, têm que ser forçadas ao mesmo tempo que se tem que ter certo respeito pelas proporções harmônicas da coisa.

Do ponto de vista do Estrato Alter/Ego, há essa coisa esquisita na cultura brasileira, designada com mais clareza por Oswald de Andrade com seu conceito de antropofagia, que é a relação esquisita entre o próprio e o outro. Desenvolverei mais da próxima vez, mas adianto que aí também temos uma boa formação sintomática de base da cultura brasileira: a possibilidade de estar aberto à inclusão do que quer que pintar. Há anos, chamei-a de Heterofagia, mas que também se vê prejudicada por uma vertente neurótica e por uma vertente morfótica.

Prefiro que, agora, possamos ainda conversar sobre o Estrato Pulsão e o Estrato Recalque.

- P – *Só conseguimos suspender formações de ordem secundária, as formações primárias são extremamente difíceis, só no nível de próteses...*

Cuidado para não nos perdermos aí. Toda e qualquer produção primária e secundária é sempre protética. Não podemos esquecer que o Primário que apresentei é composto de autossoma e etossoma. Não é tão difícil produzir próteses capazes de deslocar o etossoma. Já o autossoma é mais difícil. Nesse

ponto é que faço certa crítica à psicanálise até hoje, pois ela ficou ligada demais, senão mesmo reduzida, à ordem secundária sem refletir sobre emergências etossomáticas que estejam entrando em conflito com construtos secundários. Deu-se pouco valor a esta possibilidade de emergência que é muito forte. Quanto mais tivermos lucidez a respeito de emergências etossomáticas, que são primárias, mais poderemos compará-las e administrar seu conflito com as formações secundárias. Não é muito difícil mexer aí, simplesmente não se leva em conta e o que não se leva em conta não se mexe. Já no nível do Primário também não é impossível, mas custa muito caro. Levantar vôo num avião custou milênios, mas foi possível. Portanto, não podemos esquecer que prótese é tudo, e não apenas o que substitui o autossomático. Uma produção secundária também é uma prótese que pode intervir em outra produção secundária. Tudo é protético.

• P – *Você pode falar mais sobre por que se tem tanto medo da violência do capital? É só porque o capital não é uma entidade apenas abstrata, mas sim manipulado por pessoas que se esquecem que existem formações e Impérios anteriores e que há que respeitá-los?*

Esquecem no sentido de seu interesse momentâneo. Do ponto de vista do ato financeiro ou econômico que tal sujeito vai exercer, onde brota o conflito pior? O conflito perigoso, selvagem, não está no fato de o capital não ter rosto. Muito pelo contrário, está em se dar rosto a ele. Não adianta ficar acusando-o de ser sem caráter, pois ele não tem o menor caráter. O dinheiro foi feito para a prostituição universal, como Marx denunciou. Uma denúncia que, aliás, não serve para nada, pois dinheiro é um valor absolutamente abstrato, cuja função é a prostituição universal, isto significando que os valores ficam todos zerados em função dos preços. Ou seja, significando que todo mundo tem seu preço. A corrupção é inata, ela é o processo. Mas não vamos discutir isto, e sim **como** se faz isso. Muitos pensadores contemporâneos ficam buscando reencontrar um fundamento para poder eliminar a função corrupção, mas isto não é possível, pois é assim. O capital é neutro, absolutamente hígido, não sofre de nada, vai na dele. Quando acontece um ato selvagem do capitalismo como esse que acabamos de ver, não foi o capital que, por ser neutro e capaz de correr o

mundo, fez isso. O que faz o ato é o próprio ato de o capitalista dar rosto ao capital. Um rosto que, num certo momento, desequilibrou todos os rostos que estão em jogo. Por não entenderem isto, as pessoas ficam raciocinando de maneira idiota.

• P – *Quem dá rosto ao capital?*

Dar rosto ao capital é **onde** se o coloca. É a mesma coisa com a Pulsão, que é solta. Onde está investido seu tesão? Deu-se um rosto a ele! Não é o fato de a Pulsão ser abstrata, solta, que é o perigo. Ler assim é ler no lugar errado. O capital ser uma coisa abstrata é ótimo para quem quer um futuro de Quarto Império, pois pode contar com um aparelho que não tem nenhum caráter. Igual a Macunaíma, igual ao Tesão. O **teu** tesão, o **meu** tesão têm caráter, foram capturados, estão ligados a outra sintomática que tem valores primários, secundários, etc. A Pulsão foi enviscada por alguns sintomas. Quando o capital é enviscado, aí sim está o problema. Ou seja, o que há de selvagem é que quando se dá caráter a uma função abstrata, teríamos que perguntar quais são os efeitos. Tome-se, por exemplo, um sujeito que tem um tesão desvairado por assassinar mulheres. Não há crime algum, só tesão: ele tem uma função erótica, pulsional, desenhada em cima de certa ordem sintomática. Mas se ele sair matando, não pode. Então, como vamos conversar isso? Há que inventar processos artísticos, sublimatórios, alguma coisa, para ele não ficar tão frustrado, mas também não matar ninguém. Se não, voltaremos para o Segundo e para o Primeiro Impérios, vamos culpabilizar as forças eróticas em Tóquio pelo fato de elas se decantarem aqui e ali em determinadas formações que estão sendo prejudiciais. Há certa vocação do Terceiro Império em querer exorcizar o Tesão enquanto tal, em dizer que é um pecado, aliás, original, mas isto é mentira. O Quarto Império não pensa assim, sabe que o capital é livre, não tem moral, é limpo.

• P – *Então o capital é irrecalcável?*

Ele não pode ser eliminado. Produzir recalques, pode. Assim como se pode produzir recalques no próprio Tesão. O que é isso que chamam de economia e que ninguém sabe o que é? É a psicanálise concreta. Acho que psicaná-

lista devia estudar economia a fundo. E os economistas, se quiserem entender aquela porcaria, têm que estudar psicanálise. Que fundamento tem uma economia? Nenhum. Aquilo é um tesão chamado dinheiro correndo por aí. São movimentos desejantes e o economista o tempo todo sentado na mesa com suas parafernálias vendo para onde correm os tesões e que bloqueios e atos pode fazer para segurar a barra. Se a economia tivesse fundamento, estava tudo organizado. Por que tal coisa vale tanto? Por nada, porque há uma série de ocorrências primárias, secundárias, que determinam valores e preços que, às vezes, nada têm a ver com os valores. A economia libidinal – nome dado por Lyotard num livro antigo – é o cerne do que estudamos. Vocês pensam que se vai curar a economia, que chegará o dia em que não precisaremos mais de ministro do planejamento, da fazenda? Também não existe isto para nós. Precisamos enfiar na cabeça que o psicanalista tem que ser o economista libidinal. Além de ter a academia de malhação, tem que ser o consultor da economia libidinal do mundo. São a mesma coisa, também não têm fundamentos, e também não vão curar coisa alguma. Já imaginaram um economista cheio de escrúpulos? Só fará besteira. Uma empresa irá à falência em suas mãos, pois ele não pode pensar abstratamente o capital e as circunstâncias. Aliás, economista cheio de escrúpulos é o que mais tem, seja para o bem ou para o mal. Mas há que não ter escrúpulo algum, pensar abstratamente, conversar e ver o que é menos prejudicial.

Não podemos pensar a economia, seja financeira, seja libidinal, sem entender que é sem caráter por natureza e que isto não é pecado nem virtude. Simplesmente, é. Como podemos ter um psicólogo (e é só o que tem) e mesmo um psicanalista (e é o que mais tem) que, ao abordar os funcionamentos libidinais de uma pessoa, têm noção do que é certo e do que é errado? Como sabem, não saber o que é certo e o que é errado é algo que qualifica a posição do analista. Às vezes, ele entra no jogo sintomático da situação, mas, se partir do princípio de que sabe, ferrou-se, não enxergará onde há um problema acontecendo, pois a lente já está suja. Ou seja, não se pode estar escutando analiticamente sem o *valetudo* da escuta. Estou falando em escuta, e não em intervenção do analista.

Às vezes, diante do indivíduo que está ali falando, sua escuta pode ser absolutamente neutra em relação ao que está dizendo, mas ele não está solto no mundo, está metido numa situação em que não se pode deixar de fazer intervenções drásticas até para despertá-lo em relação à sua própria situação. Então, não vamos confundir a escuta com a intervenção nem no nível da cultura, do social, nem do consultório. A escuta é neutra, mas a intervenção não pode ser, nem que se faça uma intervenção de não-intervenção. Isto não existe, pois mesmo que o analista não diga e não faça nada vai ressoar como algo, e não como nada.

• P – *E a equivocação?*

É uma intervenção. Pretende-se produzir uma equivocação localizada. Não existe intervenção neutra. Existe o ato do analista de correr o risco de escolher intervir com a intenção de que isso mexa aqui ou ali. Não se pode, por ser neutro em relação às moralidades, etc., deixar de fazer certas intervenções para rearrumar ou deslocar o campo do analisando. Não se estará fazendo juízo, moral ou qualquer outro, do que a pessoa disse de si ou de outrem. Estar-se-á intervindo no sentido de recompor, deslocar até que ele aprenda também, sozinho, a recompor, deslocar, sair da escrupulosidade de sua neura, de saber as coisas como devem ser. Por isso, as atitudes do analista, quando o é, como falam de Lacan, parecerem estapafúrdias: fazer uma intervenção aqui, e o contrário ali. Se fizesse a mesma intervenção em todo lugar, seria doente. Sua lente é sempre a mesma?

• P – *O psicanalista aponta para o fato de que podemos manejar as fronteiras, mas há limites. O medo que comparece em relação ao capital, por exemplo, não seria por falta de experiência com o limite?*

Não há fundamento algum para o traçado de fronteira alguma, mas as formações têm seus próprios fechamentos e há que saber manejar, como se abre aqui, como se mexe ali.

• P – *É isso o que você diz que seria o limite do próprio corpo, não o corpo físico, mas o mental?*

Assim como temos um aparelho autossomático e etossomático, o neotológico é muito pesado, no qual não se pode sair mexendo assim. Precisamos de pessoas com formação suficiente para neutralizar, saltar fora e retornar. Isto seria um analista – que quase não existe, se é que existe, mas tende-se a querer isto. Suponho eu que, se o processo se desenvolver cada vez mais, é o que será necessário para o homem comum de um futuro medianamente remoto. Se não, não dá, vai ficar essa macaquice que está aí. Como lidar com isso? Se alguém mexer em Hong Kong, nos ferramos. Estão todos sentados sobre brasas na Bolsa. A bunda cheia de ffs e rrs, como diz João Cabral.

• P – *Efetivamente existiria a instauração do Quarto Império ou ele está fadado sempre a ser vento?*

É um problema seriíssimo porque não se tem essa experiência. Como posso jurar que se instaurará? Não posso. Suponho justamente que não tem instauração possível sem a referência ao Quinto Império. É muito difícil, pois o Quarto Império fica um pouco no meio, é parecido com o Segundo e, se não se conseguir, o que é muito remoto, uma referência direta ao Quinto Império, não se instala. Como pragmática, o Quarto talvez seja o último Império possível, pois o Quinto é só referencial. No momento, não temos condição e nem formação para instaurar um aparelho social sobre o planeta, fora as questões que possam vir a existir entre planetas no futuro, em que se mantenha a referência a todos os aparelhos abstrantes – o movimento pulsional, a função capital, a função estética em abstração total – e se os aplique circunspectamente: olha-se ao redor de cada aplicação porque é preciso segurar o processo numa equibração constante. É muito difícil. Não acho que seja impossível, mas não temos formação para isso.

• P – *O Quarto Império poderia ser a própria desestabilização do Terceiro?*

Não é apenas a desestabilização do Terceiro, mas necessariamente o desestabiliza. Enquanto precisarmos das referências do Terceiro Império, não conseguiremos nos movimentar. Como nos movimentar dentro da zorra que aí está sem a maleabilidade a que estou me referindo? Primeiro, é preciso assumir a verdade das abstrações concretas – como dinheiro, como pulsão –, ou

seja, que são absolutamente sem caráter. Segundo, é preciso entender a sintomática de sua estada no mundo, dentro de um país. Depois, há a sintomática dentro de seu grupo. Depois ainda, há sua própria sintomática dentro do grupo. Há que assumir tudo. Esta seria a função da psicanálise: fazer as leituras. Em última instância, há, de um lado, a abstração e, de outro, a possibilidade de se hiperdeterminar, de ficar jogando dentro da situação. Mas os aparelhos velhos estão inteiramente desgastados, sobretudo porque não funcionam, como podemos ver nos artigos de jornal, nos livros, em que os autores ficam culpando a abstração do capital globalizante por nossos perigos. Isto não adianta, pois se o capital desembesta, se tem futuro, é abstrato. Até quando um Fernando Henrique diz – e pensam que ele está enganando a todos (é claro que está, mas não neste sentido) – que a globalização não é uma questão de querermos ou não, pois está funcionando, isto é verdade. Não adianta culpar o processo. Se o fizermos, só haverá uma saída: dar para trás. Mas o processo está deslanchado. É a situação da família típica do Terceiro Império, em que a moça não é mais virgem e todos se desesperam. Agora é tarde. Só resta ver como ela vai dar e para quem.

30/NOV

20

“BRASIL, MOSTRA TUA CARA” III

Entrarei, hoje, nos comentários sobre o Estrato Alter/Ego. Trata-se de considerar as relações de exclusão e inclusão de toda e qualquer formação e inter-formações. Como já comentei antes sobre a relação dentro/fora, inclusão/exclusão, nos termos que, imitando da antropofagia de Oswald, chamei de heterofagia o princípio de assimilação, de inclusão, das formações culturais em sentido mais genérico, poderíamos falar também de homofagia junto com heterofagia, assim como de homoemia e heteroemia, do verbo *eméo* que, em grego, significa *vomit*ar.

Novamente, faço questão de chamar atenção para o fato de que, quando peço uma formação sintomática no seio de nossa cultura, ou de qualquer outra, uma formação típica de comportamento dessa cultura, estou querendo indicar um modo de operação que efetivamente pode não ser nem positivo nem negativo, mas é simplesmente o modo de formação com que aquilo comparece, sua modalidade, sua configuração. Certamente que essas formações sintomáticas têm valores positivos e negativos, como é o caso de toda e qualquer formação que venho apontando desse modo. E no que diz respeito à relação inclusão/exclusão entre formações, há anos já chamei atenção para o que me parece um fato sintomático e que, como disse há pouco, tomando de Oswald, chamei de heterofagia. Como não é proibido falar de maneira sensível a respeito de um fenômeno sintomático, digo que parece que a cultura brasileira porta mesmo o sintoma indicado por Oswald. Ou seja, a falta de caráter do Macunaísmo, que

apontei da vez anterior, a qual não é nem positiva nem negativa e pode ser aproveitada positivamente da melhor maneira, essa mesma falta de caráter preciso – a sintomática de não se apegar definitivamente a nenhuma construção caracterológica – tem permitido à nossa cultura ser devoradora das diferenças e ser extremamente importadora. Não é à toa, mas sim, também, por causa da sintomática brasileira de achar que tudo de fora é que é bom, que Fernando Henrique está em palpos de aranha e comendo todo nosso dinheiro. Parece que a cultura não reconhece nada que tenha dentro, tudo é de fora. Para quem não tem nenhuma marca, ou supõe não se apegar a marca alguma, parece que tudo é externo, então, tudo é devorado com essa visão de externalidade, que não é bem o caso, pois, justamente, se o sintoma de devoração é uma característica da presença de falta de caráter da cultura brasileira, esta vontade de comer o outro – que é uma forma típica de enunciação do tesão – não deixa de ser um caráter. O que não sabemos é como organizar isto dentro da ordem cultural.

A formação sintomática de heterofagia, que não consegue ser aproveitada positivamente, tem sua contrapartida negativa, se quisermos dizer assim, que chamo de Síndrome do Mazombo. Quem insistia neste termo, como já lhes disse, era meu mestre Anísio Teixeira, que vivia apontando, em conversas comigo e em textos, o caráter que chamava de mazombista do brasileiro. Mazombo, durante o período de nossa formação cultural, era o filho do português que tinha se transportado para o Brasil e que o pai mandava estudar em Coimbra, pois não ia ficar a estudar as bobagens que se ensinavam cá neste país idiota. Ele ficava numa situação afetada do ponto de vista de sua situação nacional, afetiva, em relação a esses países. Tinha passado a infância inteira no Brasil, tinha grandes apegos afetivos, era transportado para Coimbra, onde se dava conta de uma cultura européia e ficava numa situação típica de obsessivo: quando em Coimbra, morria de saudades do Brasil e reclamava de estar em Portugal; quando chegava ao Brasil, morria de saudades de Coimbra porque isto aqui não era civilizado. Estava sempre na casa em frente. É uma das características doentes do Brasil essa situação de mazombo, que parece ter ficado transplantada

em nossa cultura em função do longo período de acomodação cultural em que as pessoas ficavam entre Brasil e Portugal. Vocês devem saber, através de gente como Gilberto Freyre e outros, que a coisa era tão esquisita que, quando tinham dinheiro, até mesmo na Amazônia, no ciclo da borracha, por exemplo, já bem mais recentemente, as pessoas mandavam de navio lavar a roupa em Portugal. Isto entra na sintomática de tal maneira que gente da mesma estirpe cultural, que saiu do interior do estado do Rio, por exemplo, para vir morar no Rio de Janeiro, suas famílias mandavam buscar a roupa para lavar em casa. Vi isto de perto em minha família. Parece uma bobagem, mas este sintoma de deslocamento, quando fica assentado dentro da sintomática cultural, tem reflexos em vários funcionamentos da cultura.

Nossa sintomática heterofágica tem o aspecto positivo de não se apegar a nenhuma formação cultural, de não ter aderência neurótica excessiva (é claro que se a tem, mas o sintoma de devoração do outro suspende um pouco essa aderência a formações sintomáticas muito graves), de ficar mais ou menos neutro e de poder ir assimilando e devorando as formações culturais, venham de onde vierem (e isto aparece freqüentemente na cultura, com assimilações de línguas estrangeiras, de vários sintomas culturais, etc.). Mas ela também tem uma face negativa grave, que é o Síndrome do Mazombo. É grave, pois tem características obsessivas seriíssimas. Podemos reduzi-lo ao seguinte dilema: *o outro mais distante é que é o mesmo*. O que é o problema grave do obsessivo: o outro, quanto mais distante, mais é o mesmo. Então, só me identifico com o outro que está muito longe. Quando está perto, não vale nada. É também o que poderíamos chamar de marxismo da linha *Groucho: clube que me aceita não presta*. Se, por exemplo, alguém, nalgum momento, está em posição um pouco eminente, as pessoas se aproximam interessadas, de maneira às vezes subserviente, como é típico do brasileiro, e se esse alguém lhes dá a mão e acolhe, não presta. Se prestasse, não iria acolher um insignificante feito eu. É um raciocínio típico de obsessivo, muito próprio de nossa cultura e que inclui nesse síndrome do mazombo. Basta receber a menor receptividade de alguma situação que está em nível mais elevado para, imediatamente, você achar que

aquilo não vale nada. Se valesse, não o acolheria. Então, se alguém, por um acaso raro, não participa desse síndrome e acolhe as pessoas, até ajudando em seu crescimento, elas não entendem assim e, logo que tenham a menor condição, começam a detratar, destruir, trair, esculhambar. O outro mais distante é o mesmo e, quando se aproxima, passa a ser de uma alteridade que deve ser dejetada de algum modo.

Isto positivado num sintoma produtivo, seria simplesmente não haver o processo de desvalorização e ter-se a competência – e parece que temos e não usamos direito – de assimilar, por exemplo, o know-how que está no mundo, de sermos capazes de abolir a autoria. Não no sentido de roubo, como acontece muito no Brasil, mas sem a crença na dissolução da autoria, ou seja, roubando-se a autoria para torná-la própria. Ficar com o know-how e desfazer a autoria seria um passo adiante, mas não é assim o síndrome do mazombo, terrível, que há na cultura brasileira. Ele tem a vertente obsessiva de sempre trair os comparsas com o partido oposto, como vemos na política. Luta-se durante décadas para instaurar a fidelidade partidária, mas a sem-vergonhice local não permite. Basta olharmos para o Congresso Nacional: as pessoas ganham a eleição com um programa, o que dá a impressão de que estão mais ou menos sintomaticamente aderidas a determinada formação política, mas, depois, ficam pulando para o partido que estiver pagando mais no momento. Este símbolo da prostituição generalizada é até interessante, mas tinha que ser assumido. Ou se dissolvem as ordens ideológicas e se fará uma política sem partidos – quem sabe, é possível –, ou há que instaurar um mínimo de fidelidade partidária, nem que seja estritamente formal. Isto é tão generalizado que vemos acontecer dentro da universidade, das patotas universitárias, um troca-troca que dá a impressão de que as pessoas não têm posturas. Nossa Escola aqui, a ECO, até que tem sido mais ou menos razoável quanto a isto. Sabe que fulano tem determinada postura intelectual, trabalha com determinado aspecto teórico. Isto é raro, pois a maioria está interessada em qual teoria está na moda, fazendo mais sucesso, e salta rapidamente de uma para outra sem nenhum processo evolutivo. Não é que tenham entrado em determinada *trip* intelectual, esgotado

e passado para outra com ascendência e descendência aí dentro, e sim que não podem pagar nenhum sacrifício momentâneo por estarem metidas numa situação que não esteja na crista da onda. Nos dias de hoje, aliás, vão todos quebrar a cara.

Isto faz parte da falta de caráter, mas no sentido negativo, pois é possível ser descompromissado sintomaticamente de caracteres, de aderência neurótica, mas ter investido em determinada situação e permanecer com seu investimento para que aquilo tenha começo, meio e fim. Do contrário, não é coisa alguma, fica-se saltando daqui para ali, como é típico do síndrome do mazombo: por não estar aderido neuroticamente, sintomaticamente, a determinada formação cultural, entra-se na esculhambação. Não se vota num campo, aposta-se num princípio teórico, político ou partidário e se leva às últimas consequências, até para saber se funciona ou não. Nessa coisa chamada instituição psicanalítica, então, é de morrer de rir. É uma vergonha total. Não se vê aposta duradoura num princípio. Ficam observando o que está dando mais na Bolsa no momento. É um puxa-saquismo horroroso, e não uma disponibilidade para o que der e vier. Quando se está disponível, faz-se uma aposta e se a defende até suas consequências, ainda que não sejam as últimas, pois, como não se está aderido de maneira neurótica, sabe-se que, sem esse investimento e essa aposta, não há resultado possível. Onde se deterioram mais as relações é que temos clareza plena de que essas pessoas não estão, nem minimamente, apostando em nada. Portanto, é tudo falso, tudo frouxo e, de saída, sabe-se que o que fazem não vai a lugar algum. Os investimentos são idênticos ao que está acontecendo agora com a Bolsa de Valores, em que os capitais são voadores. Não é à toa que nossas bolsas estejam sofrendo as piores consequências no mundo. Merecemos, pois é típico do caráter neurótico do brasileiro não poder investir num determinado princípio, em determinada formação, e saber que tem altos e baixos, que há períodos em que se tem sucesso e períodos em que se atravessam durezas. Pintou dureza, pula-se para onde está o sucesso do momento. Consequência: é falso. Não por uma questão moral, porque o sujeito pulou, mas porque cada um dos investimentos não é investimento algum. Não é possível

alguém hoje estar desenhado de um modo e amanhã de outro. Isto leva tempo, há que passar por percalços, etc. Então, a canalhice é ampla, geral e irrestrita e o campo da psicanálise está minado por essa vertente obsessiva.

Há também a vertente histórica do mazombismo, que é da pior espécie. É o mau hábito de estar sempre serrando o galho onde se está sentado. É semelhante à vertente obsessiva nas suas conseqüências, mas o desenho é diferente. Monta-se um aparelho, seja intelectual, político, religioso, etc., e imediatamente, porque o de fora é que é o bom, ao invés de se organizar no sentido de todos investirem ali onde se está instalado, começa-se a derribar o aparelho por dentro. Aliás, notem uma coisa cultural que está acontecendo e é bastante grave: os movimentos evangélicos estão conseguindo não fazer isto. Vão vencer todo mundo. Vocês que gostam de psicanálise, deveriam ir lá estudar como conseguiram substituir o mazombismo por uma neurose mais ou menos americana. Aquilo não é muito brasileiro. Era preciso ver como conseguiram suspender a sintomática nacional e funcionar como se fossem de outra sintomática e vencer (no nível da guerra que lhes interessa, é claro). O que é típico do Brasil é a exagerada valorização dos feitos do estrangeiro, desde que permaneça estrangeiro, pois se virar nacional já não presta. E mais, qualquer juízo de valor sobre qualquer produção, intelectual, artística, poética, filosófica, empresarial, etc., que não tenha endosso estrangeiro, não sabemos avaliar. Não vamos fingir que as pessoas agem como agem porque são contra uma posição tomada. Não, elas **não sabem avaliar**. Se você não for lá fora e receber algum endosso, não estará dizendo ou fazendo nada. Eu, ainda consegui ser um pouco escutado porque estive com Lacan. Se não, há muito tempo estava no Pinel, alguém me trancafiava lá. Mas como na estranja certas pessoas me olharam pelo menos com estranheza, achando que eu podia até nem ser brasileiro, me deram algumas possibilidades de aproximação... Falam mal de mim. Não fariam isto se eu não valesse nada. Ninguém fica falando mal daquele que não viu no jornal nem nos livros. Então, deve ter alguma coisa boa e não deixa de ser um aval. Estão me esculhambando em Paris por quê? Mas sem o aval não há juízo válido. Vejam, por exemplo, o maior músico brasileiro, que, como sabem, devia

ser Heitor Villa-Lobos – embora a cultura de massa pense que seja Tom Jobim – que tive o prazer de conhecer um pouco. O poder tem certa autoridade no Brasil e, se não é Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, não haveria Villa-Lobos, Santa Rosa, nem Portinari, aliás, embora este me pareça medíocre, mas, para o Brasil era muita coisa. Esses artistas que brotaram naquela ocasião são fruto de um ditador que disse “quero promover os artistas brasileiros”, se não, teriam sido todos decapitados. Consta que Getúlio, certa vez, ofereceu a Villa-Lobos uma bolsa para ir a Paris e este lhe perguntou: para ensinar o quê lá? É uma atitude bacana, pois ele não precisava de França alguma para fazer sua música. A não ser para vendê-la, receber o aval e os brasileiros acharem que ele era músico. Para isto, precisava, mas como tinha Getúlio, ele **era** músico. Getúlio mandou ser, e acabou. É outra canalhice nossa: parece que sem ditador não funcionamos.

Outro aspecto terrível do síndrome do mazombo é a excessiva inveja e o excessivo ciúme dos feitos do próximo. Não que não tenhamos inveja. É claro que temos, em qualquer parte do mundo, mas é excessivo em nossa cultura. E não fica apenas em sentir ciúmes e inveja. Imediatamente, cria-se um processo coletivo de ter que derrubar de qualquer maneira, ou, pelo menos, diminuir os valores daquele que realizou. Ao invés de, como acontece em outros lugares onde o sintoma é ao contrário, onde há um orgulho nacional quando se vê alguém fazendo algo e todos dão a maior força, pois têm a impressão de que o inimigo está do lado de fora, é de outro país, de outra cultura, aqui o inimigo é interno. Isto porque, como disse, o outro mais distante é que é o mesmo. O ciúme e a inveja, que são perfeitamente normais diante de qualquer sucesso, aqui se tornam um processo organizado de linchamento. Todos que tiveram um pouco de eminência neste país reclamaram, nem que fosse entre os íntimos, de se sentirem literalmente perseguidos. Essas coisas todas destroem qualquer possibilidade de nossa cultura constituir-se como algo. É claro que heterofagia e mazombismo não são sintomas exclusivamente brasileiros. Há em toda parte, mas, em nossa cultura, parece que constituem uma única formação prenhe. Não são sintominhas isolados. Tudo se organiza num grande síndrome que destrói nossa cultura e que acaba por designar **o caráter nosológico nacional**.

• Pergunta – *Essa falta de orgulho estaria dentro da vertente histórica?*

O síndrome por inteiro abole toda e qualquer possibilidade de se fundar um orgulho nacional. Há nele duas vertentes fundamentais, a obsessiva e a histórica, mas é ele que especifica o caráter nosológico de nossa cultura. Outras culturas da mesma idade que a nossa, a americana, por exemplo, em momentos pregressos, no tempo do nosso Império, estiveram até em situação pior, econômica e culturalmente, mas, hoje, estão mandando em todo mundo, inclusive em nós. Não conseguimos organizar um projeto sintomático. Uma cultura, como uma língua, é um projeto sintomático. Isto sem necessidade de aderência nosológica, nem neurose, morfose ou psicose, apenas por aderência sintomática perversa mais comum. Por exemplo, pode-se investir em suas formações culturais, ter certo orgulho do modo como se existe e querer impor ao mercado do mundo. É justamente o que não há em nossa cultura, que, digamos, sofre de um sintoma genérico de heterofagia, mas que não é usado porque, imediatamente, sofre também do síndrome neurótico do mazombo que aqui é mais grave, mais pesado e destrói tudo por dentro. Não precisamos de inimigos, pois o próprio vizinho já nos destrói. Fazemos vista grossa à sintomática brasileira. Vemos movimentos artísticos, políticos, etc., proclamando: agora o Brasil vai. Não vai não, pois nunca se investe no reconhecimento de nossa sintomática, de estudá-la com afinco, de destacá-la e, depois, fazer alguma intervenção. É preciso fazer algo para deslocar o mesmo sintoma de sua posição de síndrome. Não é preciso tirá-lo, mas apenas deslocá-lo da neura com que se apresenta, que é negativa para os nossos interesses. Temos, então, a impressão de que nada neste país chegará a termo, de que não se vai a lugar algum, pois essas doenças funcionam automaticamente. Outras doenças – não menos doenças, se quiserem – são pelo menos mais práticas. A doença francesa: os franceses se acham o máximo, que o povo estrangeiro é um bosta e que o que não é francês não presta. É claro que têm que vencer, embora sejam tão doentes quanto nós. Nosso tipo de síndrome é que não presta para nenhum desenvolvimento eficaz.

Não confundam, portanto, a minha posição. Ao mesmo tempo que temos formações sintomáticas que são da melhor qualidade para o século futuro, para o que está vindo aí como possibilidade, por exemplo, de Quarto Império – a sintomática de base é ótima para isto, melhor do que em qualquer país do mundo essa sintomática está compromissada por um sistema neurótico que estou chamando de síndrome do mazombo, que tem uma vertente histérica e outra obsessiva. Qualquer um que tentar fazer algo sentirá imediatamente na pele que estará impossibilitado e o processo de destruição começa a vir com firmeza, com volume, mas virá sobretudo nos interstícios, nas pequenas sacanagens. É uma doença contra seu próprio enriquecimento. O país não consegue enriquecer cultural ou financeiramente, pois destrói a si mesmo o tempo todo.

• P – *Em função do que você disse, podemos também pensar o porquê de o mercado psicanalítico ser tão eficaz no país. Houve uma época em que vieram para cá os argentinos e, depois, os franceses. Parece que as pessoas precisam encontrar alguém na intimidade que possa escutá-las, pois isso não é comum entre brasileiros.*

Além do fato do próprio síndrome. Se é argentino ou francês, logo é melhor. Pode ser uma besta quadrada, mas como tem sotaque, deve ser melhor. Ninguém assumiu, por exemplo, a vocação do cineasta de *Como Era Gostoso o Meu Francês*. Podíamos matá-los todos a paulada e fazer feijoada...

• P – *Há aqui uma demanda psicanalítica que é decorrente desse sintoma. Na medida em que nada vai para a frente e o mais próximo está sempre sacaneando, as pessoas só encontram alguma possibilidade de movimento dentro de um setting analítico...*

Não faria esse diagnóstico. Não acho que seja por que se encontre escuta aí. É subserviência mesmo. Ninguém está procurando escuta. Se estivesse, achava, pois está solta por aí. Fui lá fora, para falar com um cara chamado Jacques Lacan. Por dentro, estou me lixando para essas formações culturais externas, mas se encontrasse um cara, fosse Nietzsche, Lacan, de qualquer nacionalidade, e tivesse a chance de me aproximar, dados seu vulto,

independência, brilho, saúde... Não tive a sorte de conhecer Nietzsche. Seria uma maravilha conhecê-lo, como pessoa e não como alemão. Quando era mais jovem, tinha muita vontade de conhecer Picasso. Nunca consegui. Podia fazer análise com ele, também era bom, era um grande analista. Era só ficar em seu ateliê alguns meses, que já sairia totalmente enrabado, portanto, mais ou menos curado. Mas fui a Lacan buscar isso, e não prometer que iria ser escravo de francês. Fernando Pessoa diz: “*não me dêem conselhos, sei errar sozinho*”. É uma lição que não deveríamos esquecer nunca. Por que vou cometer o erro dos outros? Cometo os meus. É uma coisa que brasileiro não sabe, que pode cometer os próprios erros, fazer as próprias merdas. Por que a dos outros? Isto é uma das coisas mais graves. Na história cultural do Brasil, vimos várias pessoas de personalidade forte lutando desesperadamente por isso e sendo demolidas: Villa-Lobos, Glauber... Não é preciso achar que o saber vem de fora. Não vem. Se o pessoal lá acumulou é porque estava fazendo. Se começarmos a fazer, também acumularemos. Isto não entra na cabeça do brasileiro, pois tem certa subserviência, certa infantilidade em relação aos demais. E se alguém, no interior da cultura, se revolta quanto a isso e se arvora em alguma independência, será prejudicado.

• P – *Você tem mostrado que a idéia de cultura, independentemente de ser ou não brasileira, sempre está ligada a cristalização e a recalque. Então, a cada gênio que invente, a cultura sempre irá cristalizar e amarrar. Assim, o sintoma que você está percebendo no Brasil fica muito difícil de ser positivado, justamente porque a cultura é isso.*

Há um deslize enorme de conceituação no que você apresentou. Ter uma sintomática de base, ela ter a tendência a se nosologizar, a tornar-se um aparelho neurótico, todas as culturas têm, mas não é isto que faz um sintoma destrutivo. Em qualquer cultura, algo é criado e ela o fagocitará e transformará num novo aparelho neurótico, mas isto faz apenas um sintoma de paralisação, de estagnação, em alguns momentos. Minha pergunta é: qual é a vantagem? Há que ter alguma vantagem em ser neurótico. Não se deixará nunca de ser, o que precisamos é saber administrar a neura e procurar que vantagem se leva

com ela ou se ela só prejudica. Há as neuroses especialistas em sacanear os outros e as especialistas em se sacanear. Uma que sacaneia os outros é mais produtiva para o próprio do que a que sacaneia o próprio. Não é, por exemplo, de se reconhecer na cultura francesa um sintoma heterofágico. Pelo contrário, são contra tudo que não é deles. É uma dificuldade que têm de assimilar o que não é deles. Em compensação, produzem por dentro, não ficam destruindo seus franceses e faturam em cima. Isto anquilosa a cultura do mesmo modo, mas não destrói a produção. Nossa cultura tem facilidade de assimilação, gosta de devorar o externo, mas – e já não por via de sua sintomática específica, mas por via da neurotização de seu sintoma – destrói as formações internas. Então, só leva a pior. Uma cultura que fica olhando para fora, valorizando o de fora e destruindo o de dentro, vai virar o quê? Não estou dizendo que outras culturas são menos doentes, e sim que a nossa tem a doença errada. É preciso fazer alguma coisa, dar um tranco nesse neurótico para ver se ele arranja pelo menos uma a seu favor.

• P – *A doença certa para este sintoma da falta de caráter, eu, pessimistamente, só vejo, como laivos individuais dos gênios. Na cultura francesa é fácil sustentar alguma coisa e não olhar para fora. Mas como pedir isto de uma cultura que tem o sintoma de querer absorver tudo?*

Aí Oswald é mais analista do que muitos, pois percebe que esse sintoma pode ser exercido enquanto heterofagia. Quando se mata o bispo Sardinha ou se come o francês que era gostoso, não os comemos de fato, mas os deixamos entrar como vírus capaz de destruir a nós mesmos. O que é diferente de devorar, assimilar e dizer, por exemplo: quem inventou a psicanálise fui eu, agora é nossa. Em cima do quê? Daquela tropa toda que veio lá de fora, Freud, Lacan, etc. Essa atitude que outros têm, nós não sustentamos. Parece-me que você está fazendo a suposição de que, se o sintoma é heterofágico, não tem jeito. Tem jeito sim. Pode ser um sintoma bom para o próximo milênio. A globalização pode tender a deixar de ser estritamente econômica, então, é o sintoma de pegar tudo. Mas é possível também localizar essa devoração. Os processos de assimilação são de transformação do que é externo num modo próprio de

operação. Vemos isto acontecer aqui e ali, mas é preciso que, primeiro, tenhamos noção disto e não queiramos denegar a cultura e fingir que não é assim. É assim mesmo. Segundo, que se possa fazer uma grande campanha curativa de começar a deslocar nas pessoas com quem convivemos esses pequenos sintomas que destroem tudo. Não se pode reunir dez pessoas numa festa sem, imediatamente, aquilo se transformar num princípio de linchamento permanente. Eu, que estou batalhando há mais de vinte anos na produção de instituição psicanalítica, etc., tenho clara noção disto. Os processos destrutivos são muitas vezes superiores aos construtivos. Se fosse o contrário, já se teriam feito grandes coisas.

• P – *Um bom exemplo desta situação é quanto ao modo brasileiro de falar. O ensino na universidade e nas escolas opera como se o Brasil inteiro falasse errado e houvesse um grupinho certo numa luta permanente de fazer a língua voltar a determinada posição que teria tido anteriormente. Parece que vivemos numa espécie de mazombismo lingüístico que empata o ensino, a escrita, o discurso.*

Isto é notório. Lembro-me de Guimarães Rosa quando não estava genericamente famoso ainda. Como era maltratado nas escolas, xingado pelos professores, pois “só faz neologismos”. Não há neologismo algum nele. Depois que lhe encheram o saco, produziu uns três ou quatro e dentro de uma estorinha só para sacanear os críticos, “hipotréllico” ou “minerol infante”, por exemplo. O resto são os usos da língua, seus modos de usar. Se tomarmos uma língua mais ou menos envelhecida, no sentido de um uísque ou de um vinho, como o francês e o inglês que se permitiram fazer incluir lentamente o que emerge das dicas populares, veremos que está cheia de coisas vulgares no nível erudito. É, aliás, algo pelo que luto. Misturo os níveis de língua num Seminário dentro da universidade. De propósito, vou do palavrão ao texto erudito. Não sei por que motivo não assimilar todas essas palavras no nível da significação genérica da língua. Esquecemo-nos, por exemplo, quando usamos o verbo *ocupar*, que ele já foi tido como feio e significava: colocar o cu em cima. Francês diz com a maior banalidade *en cul de sac* e ninguém acha feio porque assimilou de níveis

diferentes da língua. Na minha terra, o povo fala algo que acho brilhante: *as casa é branca*. É perfeito, pois por que tanto plural redundante? É preciso repetir toda hora que são várias casas? Eles falam com uma correção popular da melhor qualidade.

• P – *Todo sintoma só é passível de exigir intervenção na medida em que cause um mal-estar tal que se torne insuportável. Você acha que existe esse mal-estar no Brasil?*

Com a primeira parte, não sei se concordo plenamente. Não acredito que seja verdade que o sintoma só consiga receber intervenção quando é insuportável. Acho que não consegue receber **nunca**. Alguém vai ao analista dizendo que o está procurando por ter um sintoma insuportável, mas ele quer tudo, menos que se mexa no sintoma.

• P – *O sintoma já vai mal de algum modo...*

Vemos no velho Freud sua dificuldade em mostrar para o debilóide do analisando que o ir mal dele exigia que se mexessem em certos lugares que ele não queria de jeito nenhum que fossem mexidos. Então, isto não faz muita diferença. Mas a segunda parte de sua pergunta é importante. Mal-estar é algo permanente, todos estão em mal-estar. Não é possível que não se esteja em mal-estar diante, por exemplo, disso que se chama violência urbana contemporânea, ou em relação ao que está acontecendo com nossa economia. E mesmo que achem que não há mal-estar, por que não o criamos? O que faziam essas pessoas que, como dizia o Chacrinha, vieram para incomodar? O vigoroso em Glauber era enxergar um sintoma que ninguém enxergava e criar um mal-estar para todos. Mas, além disso, há condições de remanejamento. Por exemplo, no sentido de aproveitar o mal-estar já disponível, de aproveitar o desejo de mais gozo. As pessoas pedem, vivem demandando coisas. Então, é preciso, às vezes, aproveitar não o mal-estar, mas a demanda, o tesão, sobretudo quando as pessoas estão com tesão em coisas que não estão disponíveis.

Minha questão principal em tudo que estou dizendo hoje é que não há a menor condição de se fazer nada, até por aquilo que as pessoas acham que têm mal-estar e demandam intervenção, sem passar pelo reconhecimento de coisas

como as que estou colocando, ou seja, sem **atravessar a denegação**. Foi, aliás, o que eu disse, final do ano passado, quando, junto com outros, fui chamado ao Palácio do Planalto, pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, para, depois que já haviam feito um perfil das questões difíceis do Brasil até o ano 2020, na economia, na ciência, etc., falar sobre cultura. Digo isto para chamar atenção para o fato de que, se um setor do governo, em nível de ministério, está preocupado com isto é porque o incômodo existe. Se não, estavam pouco se lixando.

- P – *Uma vez assumida, reconhecida e positivada essa sintomática, uma vez “curado” o mazombismo, não se dissolve imediatamente a idéia de nação, território e cultura brasileiras?*

Não vamos misturar os níveis. O mazombismo é a neura em cima de uma formação sintomática que é heterofágica. A formação heterofágica é parecida com aquilo em que o mundo parece que vai entrar. Chama-se “globalização”, desde que não seja estritamente de caráter financeiro. Suponhamos que a globalização, a planetarização, como se dizia na década de 60, comece a funcionar logo. Podemos tirar o cavalinho da chuva, pois a tendência de todo processo de dissolução de fronteira é recrudescer as fronteiras. As duas coisas funcionarão e não há paradoxo algum aí. Todos que escrevem sobre globalização, em algum momento, dizem que o processo de globalização faz recrudescerem as formações sintomáticas. Então, ao mesmo tempo que se globaliza, a tendência do nacionalismo cresce. Estou dizendo que o sintoma brasileiro de facilitação das transações é ótimo, muito bom e é preciso reconhecê-lo como sintoma próprio. É preciso que se faça o processo de devoração como assimilação para cá, embutido em **nostros** interesses sintomáticos e culturais de nação. A globalização não terminará com isto. Então, ao contrário, se, ao invés do que é típico do sintoma nacional, ela facilitar o recrudescimento da neurose de mazombo, estaremos ferrados. Os outros lugares conseguirão participar da “globalização”, e o farão com estilo sintomático próprio, e nós continuaremos de fora por manter os sintomatinhas de destruição interna. Minha suposição é que, dado que Oswald e Mario têm razão, que a base de tudo é

que o herói sem nenhum caráter é a heterofagia, é preciso fazer disso um sintoma eficaz. Coisa que nunca fizemos, pois só temos seu reflexo em outras regiões como sintoma neurótico. Ao invés de bancarmos o Zeca do Sarney que passou seu tempo de Presidência esculhambando e dizendo que é preciso acabar com o **jeitinho** brasileiro, precisamos, sim, fazer uma grande campanha para todos assumirem o **jeitinho** brasileiro. Isto, no modo de legislar, de transar politicamente, eroticamente, artisticamente. Quando um brasileiro sabe transar isso sem ficar repleto de neura, pode até se dar mal junto a seus vizinhos, mas produz, mete a mão, vai assimilando e morre de rir da estranja, pois sabe que ela está aí para usarmos.

• P – *E o Japão, que, no pós-guerra, foi forçado a se abrir para a cultura exterior? Parece que lá não houve esse processo de auto-sabotagem.*

É uma cultura milenar. Toda a arte dita moderna do Ocidente é de importação japonesa. Agora é que estão engolindo hot dog, etc., mas não deixam de ser japoneses por isto.

13/NOV

21

“BRASIL, MOSTRA TUA CARA” IV

Vimos o Estrato Recalque e o Estrato Alter/Ego, em que poderiam ser situadas as nossas mazelas nacionais. Gostaria, hoje, de fazer algumas considerações sobre o Estrato Nosologia ou Nosológico. Serão poucas, pois não dá para desenvolver longamente e seria necessário um Seminário inteiro sobre a nosologia na cultura. Prefiro, então, reservar a maior parte do tempo para discutirmos o que foi trazido até agora para esclarecer nosso percurso.

Do ponto de vista da nosologia, como sabem, coloquei três grandes formações que poderiam ser chamadas de nosológicas no campo da psicanálise: neurose, morfose e psicose. Isto, justo porque prefiro não confundir com a loucura humana, que é ampla, geral e irrestrita. **O modo de funcionar humano é a própria loucura.** Não vejo de outro modo essa coisa permanentemente substitutiva de uma não-identidade pré-dada que constitui a chamada loucura humana. Portanto, não é mérito nem desmérito estarmos mergulhados no aparelho da loucura cotidiana de nossa espécie. Outra coisa, é, dentro dessa loucura genérica, haver certas formações que – ao contrário do movimento de exacerbação que acaba por ser o movimento de exceção, do excessivo – são restritivas, são estases. São formações que chamo de nosológicas porque me parecem estasiadas e limitadoras dos movimentos do psiquismo. Ao mesmo tempo que não seria possível um funcionamento mais ou menos adequado às realidades ao redor sem algumas estases, algumas localizações. Mas essas localizações, esses assentamentos de formações secundárias, essas decanta-

ções de formações mais ou menos estagnadas no nível do Secundário – e esta nosologia, para ser estritamente psicanalítica, é pensada no nível secundário –, só são nosológicas na medida em que não podem ser dialetizadas pela situação do indivíduo ou do grupo que esteja submetido à sua pressão. Não é possível de modo algum funcionar sem referência a formações mais ou menos pregnantes, mas há uma diferença bastante grande entre referências a formações pregnantes e assentáveis e a impossibilidade de dialetizá-las.

Uma formação deve ser chamada de neurótica, por exemplo, quando se tratar de uma formação com seus limites desenhados, portanto, uma formação recalcante que tenta recalcar as que não são compatíveis com ela. É recalcante, mas não necessariamente vencedora. Toda formação que está no pleno exercício de seus poderes agoraqui é uma formação recalcante, o que não significa que necessariamente recalque. Seu esforço é no sentido de calar outras e, por isso, a chamo de recalcante, mas posso ter como referência uma formação que tenha as características de uma formação neurótica e ela não funcionar neuroticamente. Ou seja, uso-a como referencial, como um aparelho que posso aplicar, mas não estou impossibilitado de dialetizá-la, de sair dela. Este seria o caso da melhor hipótese, que chamo de juízo forclusivo (*Urteilsverwerfung*, em Freud). É quando posso tomar uma formação qualquer como referencial para determinada situação política, por exemplo, e que, no entanto, não esteja impossibilitado de deslocar: estou simplesmente resolvido a me referenciar àquela formação. Não é assim que as pessoas funcionam na maioria das vezes. Muito pelo contrário, a neurose é mais freqüentemente vencedora: as pessoas estão submetidas a determinadas formações repetitivas, recalcanes, que conseguiram recalcar outras formações. Isto as impossibilita de manejar, de dialetizar as formações que utilizam como referência. Ou seja, não são meras referências, e sim verdadeiras imposições. É quando as formações secundárias começam a funcionar como se fossem primárias, como se fossem dados brutos dos quais as pessoas não têm possibilidade de escapar.

É a mesma coisa no caso da morfose, termo com que venho substituir perversão e fobia, no sentido antigo. Prefiro chamar de morfose positiva e

negativa, perversidade e fobia propriamente dita. Algo delicado, difícil, de se pensar é que uma pequena base sintomática, seja ela possível de ser adscrita a neurose, morfose ou psicose, existe em qualquer um de nós indefectivelmente. Se não, não teríamos nos estatuído como um elemento da espécie capaz de produzir seu pleno movimento. Isto é estatuído de saída na infância e tem heranças do Primário. Vemos muitos autores colocarem que é impossível não haver uma neurose de base indefectível, não haver uma perversão de base, e não haver um pequeno jogo psicótico. Pelo menos, a neurose é garantida pela maioria deles, pois não deixará de existir. Então, nesse lugar aí, a coisa fica ambígua e difícil de ser pensada porque algum sintoma de base lá está, qualquer um. Como foi ele constituído? Certamente como é constituído um aparelho, mesmo do Primário, que exclui determinadas coisas. Não estou solto diante das coisas. Devo considerar essa formação de base como um núcleo neurótico inicial? Por exemplo, quando digo que é perfeitamente normal que haja uma fundação perversa – e não perversista –, até mesmo propiciada pelo Primário. Isto no sentido da oposição que faço entre o progressivo da morfose e da neurose e o regressivo da psicose. Como já desenvolvi no Seminário *Pedagogia Freudiana*, há a progressão de determinadas formações que acabam constituindo um núcleo perverso muito vivo a que ele tem direito. Se esse núcleo está constituído, alguma coisa é recalcada com isso. Mesmo se quisermos pensar com Freud que a neurose é o avesso da perversão – e não precisa ser avesso se um pequeno aparelho perverso funda a formação de um indivíduo, ele excluiu alguma coisa. Então, alguma coisa pode ser considerada núcleo neurótico em oposição a essa formação perversa, nada impede. Toda a questão e toda a ambigüidade ficam sobre se devemos considerar isto uma neurose de base ou não. Tem toda a cara. A maioria dos autores acha que sim, inclusive os lacanianos.

Acho que não. Posso supor que determinado indivíduo com determinada formação perversa que garante seu gozo – e essa formação para se fundar (se não excluiu, pelo menos) afastou algumas outras formações –, ele, embora preferencialmente possa gozar por ali, não é incapaz de dialetizar essa forma de gozo. É possível alguém ter fundações sintomáticas que não instau-

ram necessariamente um aparelho nosológico. Isto faz parte da loucura humana. Se tive que instalar determinadas formações perversas para minhas funções de gozo – que, com muita frequência, são aliadas de funções primárias –, e se, para além dessa preferência de gozo, sou capaz também de passear por outras zonas, mesmo que seja com conexão – no sentido do metrô, do avião – através daquela formação preferencial, isto é possível de ser dialetizado, portanto não devo considerar como da ordem da nosologia. Diferentemente, uma formação morfótica não é mera instalação perversa, pois não permite diálogo: ela rege com lei férrea os movimentos de gozo do indivíduo em todos os sentidos. Do mesmo modo, uma formação neurótica, que foi excluída por um processo efetivo de recalque, não é dialetizável. Mas ela pode ter vários modos de retorno: por retorno do recalcado, por vias transversas, por formações sintomáticas de segundo grau... Então, é dialetizável. Há formações recalcadas preferenciais, mas que não são imperativas do ponto de vista desse recalque. Não chamaria isto de neurose, e sim diria que há formações sintomáticas de base que podem até ter a tendência de carrear para si as grandes massas recalcantes, as maiores massas de tendência morfótica e psicótica, mas que, enquanto tais, são fundações sobre as quais o indivíduo se movimenta e são mais facilmente dialetizadas. Se eventualmente são assim, o indivíduo até saberá fazer o comentário daquilo, tanto do ponto de vista intelectual como afetivo, no sentido freudiano, e não será algo impositivo. Quem já se deparou com uma pressão impositiva, por exemplo, o caráter morfótico de uma tendência libidinal, de gozo, sabe que aquilo é de absoluta compulsão. Às vezes, é melhor procurarmos exemplo em algo que pareça mais banal do que em certas narrativas de perversidade que estão claramente ligadas à sexualidade, pois será mais evidente. Há anos, conheci um sujeito – não era meu analisando – que vivia subdito a uma imposição morfótica que não sabia desvendar. Aquilo era compulsivo. Estivesse onde estivesse, se começasse a chover, lhe dava um tesão tal que tinha que transar com alguém imediatamente, pois ficava desesperado. Uma masturbaçãozinha não servia. Era um desespero e um incômodo em sua vida. É uma formação morfótica, que não é dialetizável. Não é que ele prefira, mas dá para esperar, e

até dá para fingir que está ou não chovendo. Não dá. Há um imperativo. Seus amigos já sabiam, pois ele tinha que falar, entrava em desespero. É diferente o indivíduo ter uma preferência, um lugar por onde goza, e que pode dialetizar no tempo, no espaço, fazer conexões, etc.

Esta distinção é importante justamente por causa do que venho falando sobre a sintomática brasileira. É uma sintomática de qualquer pessoa. Qualquer instalação humana tem essas bases, perversas, recalcantes, que não designam necessariamente alguma formação nosológica, nem neurose, nem morfose, nem psicose. Sem elas, o indivíduo não tem característica de espécie alguma, pois, como estou supondo, do ponto de vista do Originário, as características são zero, a coisa é zerada. Do ponto de vista do Primário, as características são enormes, muito pesadas, e se misturam com as vivências, com a história de cada um para fundar as características secundárias. Às vezes, até de maneira nosológica, quase que imediatamente. Então, em primeiríssima instância, essas são fundações preferenciais. Todos têm uma fundação perversa não perversista, não morfótica –, uma fundação sintomática de base, que é sua perversão de base, que é sua força recalcante de base, que recalca o que não é daquela ordem, e que, ao mesmo tempo, também pode propiciar-lhe a formação de um hiper-recalque, mas não o é. Sem entendimento dessa pequena diferença, não poderemos acompanhar o que venho dizendo sobre podermos farejar uma sintomática de base da cultura brasileira, perscrutar isto em nossa história, em nossos comportamentos, através do tempo, etc., mas que não são formações nosológicas, e sim o que caracteriza um assentamento. Isto do mesmo modo que uma pessoa qualquer tem suas características de assentamento. Há tanto entulho em cima delas que o indivíduo terá que fazer um longo trabalho para se dar conta de quais são.

São estes assentamentos sintomáticos que digo que podem ser utilizados positiva ou negativamente, como no caso de nossa cultura. Se há preferência brasileira pela heterofagia, isto é apenas um assentamento sintomático de base de nossa história, e se há uma tendência ao que viria a formar um mazombismo, a essa vocação de gosto pelo que é outro (que está perfeitamen-

te de acordo com a heterofagia), é também sintomática de base. Este assentamento de base podia ser considerado para a cultura como neutro, mas é a base sintomática que funcionará em aparelhos que podemos chamar de nosológicos. Quando falo em síndrome do mazombo, já estamos entrando numa tendência perversista, ou neurótica, e, às vezes, mesmo psicótica desse sintoma. Funcionará em épocas, em momentos, em situações, de maneira claramente doente, nosológica, e o grande engodo é que, quando as pessoas fazem a crítica desses fenômenos que parecem doentios em nossa cultura, ao invés de criticarem o aparelho nosológico montado em cima da base sintomática, criticam a base sintomática e querem destituí-la. Isto como se pudesse existir uma pessoa, comunidade ou povo sem base sintomática. Não é possível. Se criticássemos o desenvolvimento nosológico de nossa cultura, poderíamos sustentar com vigor a base sintomática e até, porque não absolutamente exclusiva, porque capaz de dialetização, fazê-la funcionar de maneira produtiva. Há países, regiões do mundo, onde as pessoas, sabe-se lá como, conseguiram de certa forma fazer funcionar sintomas de base – que, às vezes, estranhemos demais porque não são os nossos – de maneiras muito produtivas. Tomemos um exemplo de nossa história. Herdamos da Península Ibérica, sobretudo de Portugal, que é nossa origem sintomática maior, primeiro, a grande vocação maneirista, que me parece um típico sintoma nosso. O Maneiro, como sabem, é a formação sexual que chamo de Terceiro Sexo (ou primeiro sexo absolutamente). Então, qual é a formação sexual mais típica do comportamento do brasileiro? Não é o que ele diz ou quando banca o machista ou o idiota, mas quando se comporta distraidamente. Aí ele é tipicamente maneirista. Como a Península Ibérica também o foi e parece que ainda é, diferentemente de outras partes da Europa, que não têm vocação maneirista mesmo. Talvez no período gótico estivesse espalhada certa vocação maneirista na França, na Alemanha, mas não é freqüente. A Península Ibérica é descaradamente maneirista, mesmo quando repete as maiores baboseiras de outra ordem. Essa vocação para com o outro é responsável, num momento bastante fecundo da história do mundo, e da nossa em particular, tanto na Espanha quanto em Portugal, pelos grandes movimentos de desco-

brimento. É a vocação de invadir o grande Outro, no sentido lacaniano, que, naquela época, era o mar, e não o céu ou o espaço sideral como hoje. Eles queriam ir embora, queriam o outro lado, o outro mundo, o novo mundo. E ninguém fez isto melhor do que a Península Ibérica. E quer me parecer que foi pela positivação de uma base sintomática típica. Depois, eles ficaram nostálgicos, não sabendo mais o que fazer. Podemos ver isto na obra de Fernando Pessoa: a nostalgia do momento em que acharam como invadir a alteridade. Hoje, afinal de contas, em outro nível, essa vocação está nos Estados Unidos, mas por outra via.

Na abordagem cultural que estou propondo é preciso considerar determinada formação como sintoma de base e tomá-lo como o mediador dos movimentos, como o ponto de conexão de todas as rotas pulsionais, mas que pode ser dialetizado, compreendido, até afetivamente comentado e ridicularizado pelo próprio portador do sintoma, etc., no entanto, lá está como fundação. E pode também vir a funcionar como base neurótica, morfótica ou psicótica. Por isso, vemos que acaba por funcionar assim. Então, quando fizermos a crítica de nossa cultura, teremos que verificar quando, onde e como essas bases sintomáticas estão funcionando de maneira nosológica, e não como pura base sintomática. Podemos até descobrir que, por falta de reconhecimento, de aceitação e de afirmação da base sintomática, mais freqüentemente ela funciona como instalação nosológica. É o caso do famoso jeitinho, que é tipicamente uma base sintomática. As pessoas não entendem que podem abandonar o nome jeitinho, pois chama-se maneirismo brasileiro. É o Maneiro nosso. O brasileiro, às vezes, é acusado, até por estrangeiros que não têm o direito de fazê-lo, e fica envergonhado da existência do tal jeitinho, porque é uma base sintomática sua não reconhecida, não assumida em seu maneirismo e que, por isso, começa a funcionar sempre com cara de trambique, de pouca-vergonha, quando não o é necessariamente. **O jeitinho é uma característica que não é nem barroca, nem clássica, e sim maneirista.** Quando surge um problema, não se acha que ele esteja circunscrito classicamente a determinadas formações, ou que se tenha que, imediatamente, partir para um desvario radical de tipo abarrocado.

Trata-se de dar um jeito: de manter a situação como prenante, mas dando-se um jeito de passar para um outro lado. E isto é uma das coisas mais brilhantes que já apareceram na humanidade. Por exemplo, quando se está, de fato, numa situação difícil – não do ponto de vista legal, se não, pensarão que é trambique, mas mesmo nessas horas –, não ter muita dureza em relação à lei me parece uma boa saúde. A lei está aí para funcionar, mas não tem que ser sempre, noventa por cento está bom. Quando se tem a vocação para o funcionamento cem por cento da lei, isto também é perversidade, é morfose. A lei é para organizar, mas tem hora que não é para funcionar. Se não fosse assim, não existiria o juiz, haveria uma ficha qualquer que se incluía na situação e acabou, aplique-se a lei. Mas há que haver comentário, interpretação, etc., porque a lei é elástica. Se não o for, estaremos debaixo da legiferação morfótica, debaixo de doença.

A idéia do jeitinho é verificada com mais frequência fora do princípio jurídico, quando se está, por exemplo, diante de uma falha mecânica. Lembro-me de certa vez, quando fiz um estágio nos Estados Unidos, que me ofereceram um emprego pagando muito bem para a época. Como achei engraçado, perguntei se estava sobrando emprego lá. Era uma empresa de grande porte e o administrador chefe, numa mesa-redonda, me respondeu que tinham vários empregados sul-americanos e, de preferência, brasileiros. O primeiro motivo era cínico, pois, como as leis não funcionavam igualmente para os dois, era mais barato ter este tipo de funcionário. O segundo motivo era que os sul-americanos, sobretudo os brasileiros, nunca ficavam exigindo os limites de suas funções. Sabiam quais eram os limites, mas sempre davam um jeito. Ele não usou a palavra, mas disse em inglês o que significava isto. Se fosse preciso fazer algo além, o americano dizia que não era sua função, que, por exemplo, deveriam chamar um engenheiro... e o brasileiro ia lá e resolvia. É uma disposição mental, e não uma questão de competência. Vou ficar sempre delegando? Ora, isso podia ser disseminado em todas as funções, inclusive no Congresso Nacional.

- Pergunta – *Você está querendo demais.*

Estou querendo que, ao invés de darem jeitões, dessem jeitinhos. O jeitinho ficou mal falado e o jeitão, que é na base do tapa e da esculhambação, este, o pessoal dá mesmo. Mas por que nosso Congresso tem que funcionar como o americano ou o francês? O jeito de funcionar deveria ser outro, de acordo com a sintomática nacional. Nossa processualística congressual está errada, pois não é compatível com nosso sintoma de base. Ela é imitada, não é própria, constituída dentro de um sueto, de um consuetudinário típico de nossa cultura. E isto em nossa cultura é uma neurose de mazombo. Por não entender sua própria maneira de funcionar, as pessoas aplicam o mazombismo neurótico e copiam a processualística dos países estrangeiros. Duvido que algum jurista demonstre que há uma processualística nacional. Isto é que faz a diferença e dá a impressão de que estou falando duas coisas opostas ao mesmo tempo. Uma coisa é considerar os movimentos em seu assentamento. São sintomas de base que, no entanto, são reconhecíveis, dialetizáveis, conversáveis, etc. Outra, é quando o sintoma de base é apropriado por uma formação nosológica – neurose, morbose ou psicose – e encontramos na cultura nítidos surgimentos dessas vocações nosológicas. Por exemplo, o que chamei de perversidade social. A coisa fica tão bloqueada, tão sem dialética, entre grupos sociais, ou entre relações como professor e aluno, diretor de prisão e preso, que a perversidade social surge imediatamente. O que resulta no excesso de violência de que se fala hoje. Não que não haja em outros lugares, mas, no Brasil, é excessiva: violência econômica, física, etc. É a não dialetização das posições, dos lugares. Isto não precisa ser demonstrado, basta abrirmos o anuário do IBGE e ler como é a distribuição de renda no Brasil, qual é a percentagem de ricos em relação à de miseráveis. É a falta de uso adequado das fundações sintomáticas que vão comparecer.

Isto, para mim, é psicose. Embora chame de perversidade social – pois é perversista em sua fundação: é uma imposição de funcionamento não só dos comportamentos como das leis que causam isto –, acontece que, no nível do funcionamento social, essa máquina vira hiper-recalque. É uma psicose social

total, onde todos ficam mergulhados. Estamos numa situação em que uma percentagem mínima de extremamente ricos domina a imensa maior parte do capital e a massa enorme na miséria. Se essa massa por inteiro aceitasse a formação neurótica com facilidade, estaria tudo bem. O Brasil viveu séculos assim. Bastava alguém passar a certo nível econômico que podia tratar o pessoal de baixo a sopapo e todos abaixavam a cabeça. Mas nem todos são imbecis, mesmo lá alguns nascem inteligentes e dão a resposta. Então, enlouquecem os ricos, que estão ficando paranóicos porque ameaçados de seqüestro, etc. A psicose agora está correndo de um lado para outro. De um lado, a psicose forjada que funda uma miséria de esquizofrênico de hospício. Aquilo fede, é igual a hospício antigo. De outro, o pessoal apavorado com o retorno do recalcado do lado de lá, o tempo todo em pânico, cercado de grades, gastando uma fortuna com segurança, e nem assim conseguindo um mínimo de paz. Isto é psicose instalada num grupo social. A parana está solta. É a parana entre ação e reação, pois a grande massa que não reage vive na esquizofrenia social. Aquilo e merda é a mesma coisa, a não ser em dia de eleição, quando valem alguma coisa. Por isso, votam. Se tivessem um pouco mais de noção, nem isto fariam.

Em nossa cultura, no esforço de reconhecimento de suas *razões* – o nome é este mesmo – sintomáticas e seu aproveitamento positivo, começaria a desfazer-se a grande doença cultural que vivemos em nível de neurose, morfose e psicose. O único aparelho que até hoje funcionou um pouco dentro dessa relação perversa e psicótica que é a relação econômica no Brasil, foi outra neurose obsessiva chamada religião cristã. Mediante tarefas de *caritas*, de caridade, ela se instalou como um modo de atenuar – muito pouco – a distância social e essa guerra. Mas isto enquanto, no nível dos pobres, eles eram suficientemente neuróticos para não terem seus bandidos marcados. Estes eram muito poucos. Logo eram destruídos e, pronto, voltava tudo à ordem neurótica da distribuição caritativa. Hoje, não está dando mais. Ora, então, pergunto: se temos a vocação heterofágica, por que não se comem uns aos outros? Se positivássemos a vocação heterofágica, sem nenhuma necessidade de religião ou caridade, se providenciariam os meios. Betinho levantou a bandeira da soli-

dariedade, mas aquilo era meio copiado de fora e não cola. Acho que é mais a bandeira da esfregação cultural, da zona sul no baile funk, por aí... Nosso pequeno momento de ruptura e de mistura é o carnaval, em que todos são maneiros, vão à escola de samba, a madame do lado do negão... Mas negão, como sabem, serve para a cama e para a cozinha. Para o social, só entra no carnaval... Então, é trabalho de longo fôlego: seriam quinhentos outros Seminários como este, quinhentas teses, para tomar as formações e discernir quando estão instaladas de maneira nosológica e quando são sintomas de base. Sou a favor de grandes investimentos – e é difícil enfiar isto na cabeça do Governo – na defesa da positivação de nosso sintoma de base: **Viva o jeitinho brasileiro!**, vamos aplicá-lo direito, para valer, na economia e na sociedade. Dá um jeitinho, a coisa não pode ficar assim... Repito, é uma tarefa enorme, só me sinto com forças para indicar o caminho.

• P – *Essa referência ao povo brasileiro de certa maneira evoca o próprio sintoma do humano, que é o sintoma para uma abertura, para a indiferença...*

Não acredito nisto. A espécie humana, aqui e ali, se abre para o outro, etc., mas não me parece, em outras regiões, ser algo sintomático que propicie isto. O contrário é o mais freqüente. O povo francês, por exemplo, não tem essa coisa imediata de se abrir sintomaticamente para o outro. Ele se fecha, sua relação com o outro é de fechamento. O brasileiro vai logo se abrindo, querendo o do outro. Isto é ótimo.

• P – *Quando você fala em clínica como o processo de Revirão, de suspensão, isto não é parecido com o sintoma de base do Brasil?*

A coisa é sintomática, está no nível de uma instalação, e não no de estar propícia ao reviramento. O caso que acho mais preciso para se apostar, investir, pensar, é o Maneirismo da questão, que é uma vocação sexual, no sentido em que coloco a sexualidade (os Quatro Sexos). Ao contrário do que dizem, que o Brasil é barroco, acho que não. Brasileiro gosta de barroquismos enquanto enfeite, mas tem como base o sintoma maneirista. Há uma diferença muito grande entre ter uma estilística barroca típica e ter qualquer estilística e

gostar de coisas rebarbativas. A maioria dos críticos, dos autores, acredita que o barroquismo está nesse rebarbativo, que acaba dando em efeito rococó, mas não é isto. Lembrem-se que estou me referindo a classicismo, barroquismo e maneirismo no sentido em que coloquei, das lógicas de fechamento, abertura e oito-interior.

- P – *Então, como você associou o Terceiro Sexo com o maneirismo, colocou o brasileiro com essa vocação e colocou o Terceiro como a vocação sexual humana, dá para pensar o sintoma brasileiro evocando a vocação sexual humana.*

Neste sentido, a vocação sexual humana é essa. Acho até mesmo, em termos de crítica e de história da arte, que, se tomarmos todo o Classicismo e o Barroco, de qualquer naipe, e não apenas esses assim especificamente qualificados, mas tudo que pudéssemos, segundo meu *design*, incluir em Barroco e em Clássico, veremos que, no fundo, têm um eco maneirista. Estou dizendo que, em nossa cultura, a escolha principal parece recair sobre o Maneirismo. Coisa que não achamos nas outras, que são nitidamente clássicas ou barrocas. Sobre tudo, a Península Ibérica e o Brasil – pode ser até que haja mais por aí, teremos que pesquisar – me parecem ter essa vocação nitidamente maneirista, que é de onde vêm o jeitinho e a heterofagia. Tudo se resume nesse lugarzinho aí, que precisávamos reconhecer e retomar de outro modo. Então, se o sexo típico da humanidade é este, tanto melhor, quer dizer que temos ótimas condições. Mas isto é instalado sintomaticamente para nós.

- P – *É uma vocação para a saúde?*

Há gente aí fora que até diz que é, que há uma vocação para a alegria que não é bem aproveitada. Escrevem até que o Brasil pode ser a típica cultura exemplar do século XXI. Também acho. Parecemos meio esquisitos, meio sem-vergonha, porque nos adaptamos mal. Se minha sintomática é maneirista e querem impor o classicismo, não dará certo, sempre parecerá que estou escorregando diante dele. O classicista, então, dirá que não tenho caráter. Não tenho mesmo. Essa sintomática de base tem retirado até o caráter nacional. Caráter, no sentido clássico. Querem que tenhamos caráter no sentido deles.

Não, temos que tê-lo em *nosso* sentido. Podemos muito bem lhes dizer quanto a isto: Vão à merda! – que, aliás, é de onde vieram. Ou não?

• P – *Podemos reconhecer o eco do que você diz em outros autores. Sergio Buarque, por exemplo, começa seu livro falando da Península Ibérica como território-ponte entre a Europa e outros mundos. Por outro lado, parece que não dá para reconhecer essa vocação maneirista em outros países da América Latina, o que é estranho, pois também são filhos da Península Ibérica. Por que será? Faltou crioulo?*

Quero dizer que nós herdamos o sintoma ibérico. Talvez os outros não o tenham herdado. Talvez tenham tido alguma outra influência. Acho a Argentina, por exemplo, a cara do norte da Europa, nada tendo a ver com a Península Ibérica. O que aconteceu lá? Isto é para ser estudado. Mas nós outros, aqui, herdamos e mantemos o sintoma ibérico, graças a Deus! Outros não o fizeram. Quem sabe, não precisavam de uma percentagem de sangue africano para equilibrar? Logo depois dos descobrimentos, do grande movimento maneirista que houve na Península Ibérica – Camões, Cervantes, a pintura espanhola com sua enorme vocação maneirista... Velázquez, mesmo quando finge que é clássico, podemos observar que está desviando do seu classicismo. Ele, aliás, inventou algo melhor do que Descartes, mesmo sendo mais ou menos seu contemporâneo. Mas, logo após esse grande ataque de maneirismo na face do planeta, as forças vencedoras passaram a ser outras. Aí vem um grande recalque. Por exemplo, a depressão do português, como Fernando Pessoa denuncia. Eles ficam olhando para o mar... As forças vencedoras – revolução industrial, etc. – foram no sentido de uma vocação classicista, machistinha típica, que não era nem barroca, o que sufocou as outras forças. Nosso país, há séculos, toda vez que vai se justificar culturalmente, quer fazê-lo perante a imposição da verdade que vem de fora com essa vocação classicista. Dizem que brasileiro não gosta de trabalhar. Não gosta mesmo. Trabalho foi feito para burro. Trabalhamos porque precisamos, e não porque amamos isto. Quem ama o trabalho é débil mental. Já viram nobre trabalhar? Ele é qualificado por ser aquele que não coloca as mãos nessas coisas. Toda vez que elogiamos a criação humana é porque alguém

inventou algo que elimina o trabalho. Acho que o Brasil tinha a obrigação moral de ser o primeiro país do mundo a fazer a revolução contra o trabalho. É preciso. Se não, todos vão morrer de fome, pois não há trabalho, não há emprego. Isto, se quisermos fazer reforma que preste, e não para francês e inglês verem. Vamos distribuir o trabalho melhor e todos trabalharão menos. Aí é uma revolução maneira. É impossível? Não creio.

• P – *Pelo que você falou, dá a impressão de que a base sintomática do brasileiro pode ser descrita com certa vocação de neutralidade, espanto, perplexidade...*

Talvez de certa indiferença. Quando discutimos com pessoas que não são muito neuróticas, depois de certo ponto, alguém certamente dirá que tanto faz e aí esculhamba com a discussão toda. Isto é brilhante, pois dá-se um jeito na conversa. Odeia-se muito alguém, mas se conversar bastante periga de ser levado no papo. Então, acho que devemos assumir o que somos como exemplo do que vem aí. O Brasil é o país do futuro e deveria assumir isto.

• P – *O negro teve algum papel na vocação maneira?*

Tenho a impressão de que, embora a Península Ibérica tenha a vocação maneirista e a tenha demonstrado na carne, a Espanha não a tem tanto quanto Portugal, que a exerceu freqüentemente em seu cotidiano. Talvez seja este um dos motivos de o negro aqui valer e não valer lá. Ele tem um valor erótico enorme. Temos preconceito como todo mundo, mas bota crioulo na jogada que todos ficam com tesão. Observem esse negócio de *Tchan* que está na moda. O grande tesão é que tem a loirinha e o negão. Os dois juntos, aquilo pega fogo.

20/NOV

22

CONCLUSÃO

Estamos encerrando hoje o Seminário de 1997. Já não é sem tempo, antes ainda que o calor nos destrua...

Durante este ano, tentei colocar algumas questões e posições dizendo respeito à nossa era dita de globalização. Começamos sob a égide da Dolly, que inaugurou as notícias do ano com a deliciosa possibilidade da clonagem, humana inclusive, embora as pessoas tenham muito medo. Depois, sobretudo por causa dos que não estavam acostumados com nosso discurso, fiz um resumo da teoria para introduzir a questão. Reapresentei nossa concepção de Primário, Secundário e Originário, e o que chamei de Creodo Cultural, ou Creodo Antrópico, para situar Cinco Impérios como escalonadores das formações culturais: Amãe, Opai, Ofilho, Oespírito e o Amém. Teci considerações desses Impérios em relação a algumas posturas teóricas contemporâneas e depois tornei a introduzir o que chamei de Estratos das formações culturais, entre os quais estão as formações do creodo cultural, o Estrato Pulsão, que qualifica posições que chamei de sexuais, e também o Estrato Nosológico, que qualifica as formações consideradas pela nosologia. Em seguida, tratei do Estrato Alter/Ego para fazer considerações sobre as relações culturais, sobretudo dentro do Brasil. Depois, comecei a tratar especificamente da idéia de globalização tentando mostrar, até comentando alguns autores, que essa globalização é falsa e parciária. Ela diz respeito ao mundo financeiro e não funciona plenamente, universalmente, em todas as ordens da cultura. Tentei também mostrar que não é possível

construir uma sociedade inclusiva sem que pudéssemos passar realmente a uma modernidade, que só se estatuiria a partir do Quarto Império. Em setembro, fizemos um Simpósio com o mesmo título do Seminário – Comunicação e Cultura na Era Global – procurando dialogar com outros discursos, os mais díspares. Alguns acharam estranho o tipo de gente convidada, mas justamente foram convidados para criar essa disparidade e mostrar que faz parte do espírito da globalização e da chamada modernidade a zorra discursiva com a qual temos que conviver.

Mais para o final do ano, considerei um pouco a idéia de paranóia dentro da cultura, os surtos que dela advêm e os assassinatos culturais que resultam dessa postura rivalitária típica da neura brasileira. Depois, com o título de *Solitariedades*, abordei a posição de disponibilidade, ou de disponibilização, sem obrigação, que existe no pensamento da Nova Psicanálise, e lembrei que a função dos registros da Nova Psicanálise repõe a questão da retomada, na própria transa psicanalítica, do que são valores do Primário assim como do Secundário, e não só deste. Finalmente, gastei algumas seções tentando mostrar um pouco o que me parece ser a cara do Brasil: suas fundações sintomáticas e as formulações propriamente nosológicas que podem funcionar em cima delas. Então, tive a intenção de tratar as formações da cultura brasileira segundo os Estratos que apresentei: Pulsão, Recalque, Alter/Ego e Nosologia. Hoje, quero apenas encerrar o Seminário e deixar a maior parte do tempo para que as pessoas, retomando as idéias que acabei de arrolar e as apresentadas durante o percurso, possam situar suas questões e fechar seus raciocínios no que diz respeito ao Seminário deste ano.

Ultimamente, os jornais têm publicado que os homens de ciência, sobretudo no que diz respeito às chamadas ciências da vida, estão descobrindo coisas incríveis, que acabam por afetar necessariamente nossas reflexões. Quero ressaltar alguns desses achados que colhi nos próprios jornais. Se lá estavam, é porque algo parecido deve ter ocorrido. Segundo descoberta muito recente, publicada há cerca de um mês nos Estados Unidos, a produção de algumas formas de câncer, como o de mama e o de cólon, e também a produção do

diabetes é determinada por via para-tireoidal. Descobriram determinada função secundária de um hormônio que seria o responsável por essas formas cancerígenas e também pelo diabetes. Quem sabe, com o tempo, não viremos a descobrir que todas as formações cancerosas não passem de efeitos colaterais dos chilikos de nossas glândulas? Seria bom para nossa pesquisa, na medida em que muitos suspeitam que certas formações cancerosas, por exemplo, podem ser psicossomáticas. Mas, como se pensava em termos estritamente de ADN ou de formações das hélices reprodutivas, ficava difícil entender que algo tão estabilizado do ponto de vista biológico pudesse sofrer influências diretas do psiquismo. Se a perspectiva muda, é possível entender que as formações cancerosas e outras doenças sejam provocadas psicossomaticamente e até como são provocadas. São relações de comunicação entre os registros Primário e Secundário, que, como sabem, a meu ver, são de uma ordem de homogeneidade. Por essa via fica, então, mais fácil entender que certas pressões psíquicas possam efetivamente mudar funcionamentos corporais e que estresses e outras pressões possam fazer essa mutação. Assim, poderemos entender melhor o funcionamento chamado psicossomático e até propiciar a leitura das interferências entre os dois registros. Diferentemente da psicanálise anterior – de Lacan, por exemplo –, onde os registros são heterogêneos, ressalto e repito que são homogêneos, que é possível a transação entre formações primárias e secundárias e mesmo, seja por via indireta e até direta, transas que dependem de intervenções do registro Originário. Isto tudo faz parte da questão trazida ano passado, e retomada um pouco este ano, do que chamei de **Transformática**, que será o tema do Seminário do próximo ano. Tema genérico no sentido de pensar por duas vias, por vetores opostos, a questão *psicanálise e comunicação*. Não apenas que uma teoria completa da comunicação não pode não ser uma teoria psicanalítica, mas que a psicanálise não é senão uma teoria plena da comunicação. Trata-se de retirar a psicanálise do seio da ciência, da filosofia, etc., e compreendê-la como uma teoria genérica e generalizada da comunicação, assim como de entender a teoria mais generalizada da comunicação como teoria psicanalítica.

Outra coisa que os cientistas descobriram, e foi publicada n' *O Globo*, é que os meninos preferem a companhia do mesmo sexo. Todos já sabiam do Clube do Bolinha, mas agora teria sido comprovado por pesquisa de laboratório. A Universidade de Tübingen revelou que, a partir dos três meses de idade, os bebês do sexo masculino já mostram preferência pela companhia do mesmo sexo. Lacan achava que os homens, no sentido em que os escreve, são homossexuais de saída. Eles fundariam uma vasta homossexualidade, que não é necessariamente trepação, mas uma homogeneização do discurso, que acaba também em certa preferência erótica. A interdição da cópula nada tem a ver com as preferências eróticas das masturbações futebolísticas, da grande masturbação recíproca que os meninos vivem a urdir na face do planeta. Suspeitava Lacan que fosse uma decorrência do processo psíquico da castração. Acho interessantíssimo que se demonstre que não é, que é da ordem do etológico e até do autossomático. A psicanálise precisa parar de pôr todas as funções humanas na conta do psiquismo e precisa entender rapidamente que muitas funções provenientes diretamente do Primário, enquanto autossoma e etossoma, vão se refletir no Secundário. E é preciso dar conta desta ressonância sem querer forçar a barra dizendo que tem nascimento no Secundário. Parece que as meninas, por uma menor taxa de testosterona, são meio indiferentes sexualmente. Os meninos, não, eles são homossexuais mesmo. O Clube do Bolinha não é uma ficção. Estamos nos encaminhando, rapidamente talvez, para uma teoria generalizada da comunicação no sentido em que estou falando. A força dos hormônios nesse processo de significação, de comunicação, de produção de doenças, etc., e o cruzamento que pode ter com o psiquismo, com as formações secundárias, cada vez mais nos indicam que deve haver um vasto campo comunicacional que não pode ser entendido sem a correção de todas essas áreas. Como disse, quero suspeitar que a psicanálise é a teoria genérica desse processo comunicacional do Primário, do Secundário e do Originário. No tempo de Freud, ela estava mais perto disso. Depois, perdeu um pouco as estribeiras.

Melhor de todas, a mais primorosa, parece que assentada em fortes resultados de pesquisa, é a descoberta de que, antes ainda de os dinossauros

habitarem o planeta – dos quais agora os cientistas têm certeza de que não descendemos –, há cerca de 250 milhões de anos viveu sobre este planeta o primeiro ancestral de todos os mamíferos: o Listrossauro. É um grande porco tarraqueta, de perninhas curtas, recém saído do mar para resultar, a longo prazo, em nossa orgulhosíssima espécie. A espécie humana pode descender diretamente dos macacos – que, antigamente, eram distantes, mas agora são parentes bem próximos –, porém ancestralmente descende dos porcos. Não é à toa que, tão freqüentemente, nos comportamos como nos comportamos. E que certas religiões proíbem terminantemente comer a carne do primeiro e primevo antepassado: a mãe ou o pai da mixorda primitiva. Deve ser por isso. Fazendo um parêntese na porcaria, outro dia vi na televisão a pesquisa de um cientista americano garantindo que, em teste de QI em seus laboratórios, os porcos ultrapassaram os cães, que pensávamos serem os mais inteligentes. Aliás, agora vamos até dizer que realmente os porcos são mais inteligentes, se não, os descendentes dos cachorros vão tomar o planeta... Mas, retornando, isto pode mudar um bocado o *Totem e Tabu* do velho Freud. Há tempo, para ser bem brasileiro, eu já o havia substituído por *Botem um Tatu* –, mas agora temos que pensar no PAI NOSSO PORCÃO assim na terra como no céu das churrascarias. O Nome do Pai ficou um pouco sujo ultimamente...

Como vêem, o final do século está urdindo e urgindo uma quantidade bastante grande de afirmações que nos obriga a repensar as coisas todas. Não é à toa que ficamos um pouco angustiados e, às vezes, até nos antecipamos a essas conclusões espantosas. É por causa disso tudo que estou no caminho por onde venho conduzindo minha reflexão. Próximo ano, como disse, vamos ver se conseguimos arrolar isto numa vasta concepção de teoria da comunicação como psicanálise e psicanálise como teoria da comunicação.

Deixei este último tempo para conversarmos sobre as coisas ditas durante o ano.

- Pergunta – *Quando falou de paranóia de auto-afirmação, você disse que ela não se deveria ao mesmo tipo de hiper-recalque encontrado na psicose habitual, e tampouco a uma postura homossexual, mas sim a*

uma postura homosocial. Você pode falar mais sobre a diferença entre estas duas posturas e sobre a percepção das relações sociais nesse tipo de paranóia?

Houve uma tendência em Freud, no caso Schreber, e em vários autores depois dele, que levava a conceber a paranóia como adscrita à homossexualidade, de preferência masculina. Lacan, embora colocando que todo e qualquer pensamento conduz a essa postura homossexualizante, de tipo masculino, segundo ele, veio retirar isso e acabou por adscriver a paranóia ao Secundário, à ordem simbólica, por falta de inscrição de determinado significante que, como sabem, é o Nome do Pai. Não é por aí que quero me encaminhar. Com homosocial, quero me referir à constituição rivalizante, rivalitária, da paranóia. Freud disse o que disse de Schreber porque parece mesmo haver nele uma absoluta incapacidade de se referenciar homossexualmente a suas transações sexuais e ele vai precisar fazer um salto pelo Primário. Como não há condições secundárias de dialetizar a sexualidade, terá que fazer a suposição de uma transformação corporal. Não quero entender que o procedimento de homossexualização que Freud encontra em Schreber seja algo que tenha a ver diretamente com algum construto para todo e qualquer indivíduo na referência à sua entrada na ordem da sexualidade. Não acredito nisto, naquele tipo de Édipo, etc. Acredito sim que, em função das pressões secundárias – e basta ver como funcionava o pai de Schreber como pedagogo –, em função da excessiva pressão social, há um fechamento discursivo em torno de determinado tema. É a isto que estou chamando de homosocial. O processo rivalitário nasce da incompetência para a dinamização, para a viabilização desses fechamentos. A psicanálise nasceu ontem. Freud tratou de casinhos de gente que vinha do século XIX e o que tinha que brotar era o esgoto local mesmo. Seria muito diferente se pudéssemos fazer uma pesquisa para atrás no processo de entendimento da questão. Se abordássemos, por exemplo, as culturas grega clássica e a romana, veríamos que tinham outras posturas em relação à questão da sexualidade.

• P – *O que você chama de homosocial não dá idéia de que essas coisas são no nível secundário. Se o conceito de hiper-recalque é a retroação do*

Secundário sobre o Primário, na medida em que teríamos um fechamento social no Secundário, como isso se encarnaria, retroagiria, para o Primário?

Aí é o conceito de hiper-recalque, não há outro. São formações recalcentes excessivas. E o excessivo não está do lado nem do recalcante nem do recalcado, não se sabe onde é. Podemos sondar o acontecimento e perguntar onde foi o excesso. Foi excesso de pressão ou de fraqueza? Por exemplo, o recalcado se apresenta diante de uma formação excessivamente fraca, então o processo repressivo nem é tão violento, mas cola ali. Ou o processo é excessivamente violento e causa a coagulação, a solidificação, de um recalque que chamo de hiper-recalque, e então passa a funcionar como do regime do Primário: instala-se como do regime do Primário sem dialetização possível no Secundário. É algo muito interessante para ser estudado no regime da psicossomática. Eu me pergunto: certas formações hiper-recalcentes não podem transudar para dentro do biológico, do biótico? O que há de semelhança entre o psicossomático e o quadro psicótico? Um vaza e outro não. Um fica no regime da loucura de cabeça e outro no da loucura do corpo. Quando vemos Freud e Lacan morrerem de câncer, faço a suspeita de que, quanto mais se sabe lidar com o Secundário, mais fica-se disponível para as invasões psicossomáticas.

- P – *Dá a impressão de que ficam mais vulneráveis.*

Fica-se fisicamente mais vulnerável. Tomem, por exemplo, uma psicose terrível, virulenta, e verão que não vaza. Muito pelo contrário, é famoso que pessoas com uma psicose grave têm uma resistência física colossal, uma resistência às piores intempéries. O que também aconteceu com alguns pirados da ordem mística, alguns santos, que têm uma resistência física radical. Acho que é uma questão de verbalização: quem opera para cá, vai bater lá no corpo. Não temos como não enlouquecer, é só saber para que lado preferimos. Quem enlouquece na cabeça, o corpo segura. Quem segura o tranco na mente, geralmente é o corpo que paga. É um estudo que precisávamos fazer.

- P – *Pensando para o lado do assassinato cultural, na medida em que essas formações podem envolver um grupo, uma comunidade...*

Pode haver um ataque de psicose social.

- P – *Você falava do estresse, que diminui a imunidade do sistema imunológico...*

O sistema imunológico talvez seja a grande e a melhor metáfora para o entendimento geral dos pensamentos sobre comunicação e psicanálise.

- P – *Já existe comprovação de que essa fragilidade do sistema imunológico está relacionada ao aparecimento de câncer.*

E também ao degradingolamento de funções hormonais. Talvez a coisa não seja direta e só por baixa de taxa de imunidade. Pode haver um degradingolamento de muitas outras funções.

- P – *Mas são as funções hormonais que prejudicam o funcionamento do sistema imunológico. O estresse altera uma série de hormônios e daí vem o degradingolamento da função.*

Mas devem existir outras maneiras para esse degradingolamento. Não deve ser apenas por via hormonal. Pelo menos, é a teoria do descobridor do estresse, Hans Selye publicado em português na década de 60, e que ninguém mais lê. O mais interessante, para meu ponto de vista, é que algo se mostra como modo de passagem. Não há heterogeneidade entre os registros: por algum lugar, alguma porta, há sempre continuidade possível entre uma coisa e outra. Não vamos pensar em magia, que determinada função entrou diretamente numa célula, e sim que somos assolados por via psíquica por grandes fantasmagorias pressionantes e que, nessa pressão, vamos pagar com o quê? **A fonte está no corpo. Pensamos com um pedaço de corpo, e não com computador. As coisas funcionam aqui mesmo, não há outro lugar. Temos, portanto, que repensar essa continuidade e não podemos pensar a psicanálise sem ela.**

- P – *Você falou sobre o Estrato Recalque e fez uma analogia com o sistema imunológico. No psiquismo, teríamos uma liberdade enorme que não te-*

ríamos no físico. Agora, você traz essa mexida em termos de Secundário e a questão biológica, do vazamento. Me pareceu um pouco exagerada a analogia com o sistema imunológico.

Pode parecer exagerada no momento em que coloco, mas se incluírmos no escopo geral da teoria veremos que não o é. O que tenho apresentado é um processo sintomático possante em que não se pode destruir o boneco de repente, se não nada mais funciona. O interesse da metáfora do sistema imunológico é apontar a vetorização inversa desses dois processos. A psicanálise – e nenhum discurso antes dela tomou isto como foco de atenção em sua prática e em sua reflexão – veio no sentido de romper essa imunidade. Lá em seu comecinho, quando Freud inventou o conceito de recalque, tratava-se de eliminá-lo, de trazê-lo à consciência, etc. Isto é o quê? Tirar a imunidade. Ou seja, o trabalho da psicanálise é, no Secundário, eliminar as imunidades, porque elas trancam o discurso. Eu, podendo passear à vontade no Secundário, tenho mais condição de manejo das formações. É justamente o contrário no campo do Primário, onde, se rompermos o fechamento das formações, estaremos cometendo sua morte. No Secundário, a abertura de uma formação não é necessariamente sua morte, pois podemos mantê-la como memória e recorrer a ela como arquivo. No Primário, não temos maleabilidade corporal. Se nosso corpo acompanhasse nossa cabeça, teríamos uma habilidade protéica radical.

Como coloquei antes, será possível demonstrar que pessoas que conseguem operar suas mentes de maneira a terem cada vez mais fácil transa e percurso dentro do Secundário espantosamente morrem de câncer, por exemplo? Temos que lembrar que a maior liberdade de locomoção no Secundário permite que se criem vários anteparos sociais e até no campo do real, mas acontece que os embates do mundo não mudarão por causa disso. O sujeito está aplicando essa liberdade em sua postura psíquica, mas não está conseguindo no mundo como um todo – no social, nas formações primárias, etc. – nenhuma modificação, e, por mais que seja capaz de grande movimentação no Secundário, não tem nenhum recurso, até mesmo por falta de investimento dos outros para testar o que ele aponta, para lutar com aquilo. Então, aquilo cai

sobre ele e seu único recurso é agüentar o rojão mesmo. Observem a quantidade de pessoas que são exemplares no mundo e como, do ponto de vista vital, sucumbem até cedo. Um sujeito muito burro ou muito neurótico agüenta melhor o tranco. Uma neurose não deixa de ser um processo de adaptação à realidade. Se você não se adapta à realidade e continua batendo de frente com ela, você vai sofrer onde?

- P – *Podemos dizer que as pessoas que são, digamos, felizes têm uma relação melhor com a neurose?*

É o que chamo de neo-etologia. Quando um animal tem todas as condições favoráveis para sua existência sintomática, ele é feliz. Infeliz é a espécie humana ou o animal quando as condições não lhe são adequadas. Como diz Fernando Pessoa: “se me cassasse com a filha da minha lavadeira, talvez eu fosse feliz...” Se tivesse tido competência para casar com a filha da lavadeira, talvez não morresse aos 47 e não escrevesse nada do que escreveu. É isto que precisamos conceber de uma vez por todas. Um animal bem instalado, em boas condições climáticas, longe das intempéries, fica satisfeito. Às vezes, até por certa escassez de alimento, come menos, não engorda e vive mais. Precisamos entender que é um conjunto enorme de condições primárias que é capaz de fazer um bicho ficar satisfeito. É a mesma coisa em nossa neo-etologia. Quantas pessoas não estão absolutamente bem instaladas na cultura? Desculpem a incorreção política que me caracteriza, mas sempre disse que tenho séria desconfiança das tribos indígenas. Por que são tão felizes? Não hoje que estão aporrinhando suas vidas, mas viveram séculos e séculos debaixo daquelas cabanas sem reclamar. Os europeus, que são mais infelizes, foram lá e os destruíram. Então, o que fazer? Como construir uma felicidade junto com a lucidez?

- P – *Em sua obra, você sempre aponta para a possibilidade de saúde e quicá de alegria para o humano. Não gostaria que você abrisse mão disso.*

Não abro mão.

- P – *O discurso que você está fazendo é um alívio para os tristes e uma boa idéia.*

Conclusão

O fato de eu supor que se possa possuir uma saúde e uma alegria não é uma visão nietzscheana. Acho Nietzsche vitalista demais para meu gosto. Mas, na medida em que se possa cada vez mais aproximar do que chamo de Cais Absoluto, na dissolução, ter uma vida dissoluta, ela será mais alegre e mais saudável. Acontece que as condições presentes não são essas. Posso achar muito prazeroso fazer cada vez mais análise e ficar cada vez mais solto, mas isto não impede que as forças externas venham me prejudicar e me adoecer. É preciso que a cura que a psicanálise anuncia possa ser cada vez mais abrangente. Se não, teremos pequenos bolsões de crescimento sufocados por grandes massas recalcantes. Por isso, falo em Clínica Geral. Sem uma política de transformação, sem uma guerra de transformação, não se vai a lugar algum. Pode-se criar a sociedade dos homens felizes, sadicamente se quisermos, se tivermos recursos, em todos os sentidos: financeiros, de saúde, etc. Fecha-se um grupo e o resto que se dane. Eles serão um pouco mais felizes, mas não por completo, pois estarão sujeitos aos ataques da horda externa. O capitalismo desvairado está tentando produzir isto, já notaram? Bolsões fechados de felicidade do capital, e o resto que morra. Esta é a mentalidade contemporânea. Só quero ver se vai dar certo, pois quando o resto tem a mínima inteligência de perceber que querem que morram, eles avançam e agredem. É a tal violência urbana que vivemos. Tem mais gente inteligente na periferia. Quando lhes dizem “quero que se danem”, eles dizem a mesma coisa. Aí começa a guerra.

- P – *Em pesquisas que estamos fazendo nas favelas, temos verificado que é uma cidade só, uma polis só, é a mesma sociedade de certa maneira, há um contínuo entre todos...*

Há um contínuo, mas há também os *locks* de separação.

- P – *...mas a que atribuir o fechamento que eles próprios parecem não só produzir como aceitar? Há uma aceitação, uma evidente animalização e petrificação desse sistema. A impressão é que há aí uma forma de loucura pacífica. No meio do tiroteio, existe a aceitação, e não o revide.*

Há pessoas que escolhem o caminho da neurose para sobreviver. Vamos fazer o quê?

- P – *É neurose? É do nível Secundário?*

E, quem sabe, de uma farta parcela de Primário pesado. É preciso pesquisar. Não devemos, à revelia da observação, sair nomeando coisas, pois seria cretinice, mas podemos desconfiar que haja mesmo, até por questão de pressão social do passado, uma redundância genética. Isto é possível. Do mesmo modo que fico espantado com os índios, que permaneceram naquela palhoça felizes da vida. Isto é genético? É excesso de incesto? A biologia populacional pensa essas questões. Se imaginarmos uma pequena tribo indígena em que até hoje ninguém conseguiu chegar, ela deve estar há séculos e séculos sem a menor miscigenação, é tudo irmão.

- P – *Será que essa neurose seria provocada pela perversidade social? A pressão recalcante da perversidade social induziria essa neurose ou a coisa já vem etologicamente do Primário?*

Acho perigosíssimo pensar por esse lado porque tem um cheiro de racismo espontâneo. Não gosto do odor de racismo que há na atribuição imediata ao Primário. É melhor precisar o outro lado. Vive-se numa cultura de diferenças extremas, de minorias, pequenas demais e pedantes demais, aí, rapidamente, uma criança, que nasce com todas as arrogâncias da espécie, desde o dia em que nasce, vai sendo solapada no nível de ter que aceitar imposições criadas estritamente no nível do Secundário. Aí vai bater no Primário, mas não num nível que se possa chamar de racista ou de deformação genética. Por estudos feitos até hoje, é evidente que, se certos desenvolvimentos não são promovidos até certa idade, acabam-se as chances. Aí sim, encostou no Primário porque não se mexeu no Secundário a tempo. Mas isto não é racismo, é verificação de mutilação das pessoas. Por exemplo, lidamos com pessoas de nível sócio-econômico mais baixo – empregadas domésticas, etc. – e vemos que aquilo não tem mais jeito, acabou. Não é que se vá largar de mão, podemos continuar forçando o processo de aprendizagem, mas – desculpem o mau jeito – não é muito diferente de macaquinho de circo, pois a aprendizagem é por justaposição, e não por assimilação: vai-se colando coisas por cima, mas não há a assimilação de transformar o campo. Por quê? Passou da idade. E isto é um processo de

Conclusão

destruição e mutilação. Cada cultura tem seu modo de produção de escravos. Se tirarmos os escravos, quem fará as coisas para eles? E os escravos, a partir daí, não são situados estritamente no nível do discurso: são escravos carnalmente instalados. Esse negócio de abolição da escravatura, uma ova, o que houve foi ebulição da escravatura: hoje temos escravos em todos os lugares e em todos os ramos.

• P – *Retomando a questão do Brasil, quando você pensa em Península Ibérica, está considerando o Maneirismo árabe?*

Sim, mas de modo algum por via do pensamento islâmico. Já falei em Seminário que nos esquecemos de que o termo xiita se refere a um dos pensamentos mais refinados do mundo árabe. É só tomarmos, por exemplo, Avicena, Averróis e a vocação xiita ao redor deles. Hoje, transformou-se num fundamentalismo doente. Mas é importante, justo porque a Península Ibérica teve excesso de cruzamentos. Daí Darcy Ribeiro ter toda razão a respeito do Brasil, pois, quanto mais aquilo se misturou, mais ficou com a disponibilidade maneirista. Ela é recalcada, mas, quando vem à tona, funciona muito bem.

27/NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de novamente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aouta Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante a sair).

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*.
Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*
Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est'Ética da Psicanálise* (Introdução)
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*
Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente
Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise* (Parte 2)
Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente
Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*
Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio
de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*
Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio
de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*
Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de
Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro:
NovaMente Editora, 2000. 286 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

22. 1996: *“Psychopathia Sexualis”*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: *“Arte da Fuga”*

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo*.

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

Impressão e Acabamento

Gráfica

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

408

Tiragem

500 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g